UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

TERESA CRISTINA TELES

Nzambi ikale ni enhe!
Histórias de vida de imigrantes angolanos em São Paulo

São Paulo
2013

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

TERESA CRISTINA TELES

Nzambi ikale ni enhe!¹
Histórias de vida de imigrantes angolanos em São Paulo

Dissertação apresentada ao
Departamento de História da
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas, da Universidade
de São Paulo, para obtenção do título
de Mestre em História Social.

Orientadora: Profa. Dra. Zilda Márcia Grícoli Iokoi

São Paulo
2013

¹ Expressão de despedida - Que Deus lhe acompanhe, na língua kimbundu

Aos meus pais, minhas irmãs e meu filho Cauê Teles

- Estórias de antigamente é assim que já foram há muito tempo?

- Sim Filho.

- Então antigamente é um tempo, Avó?

- Antigamente é um lugar

- Um lugar assim longe?

- Um lugar assim dentro.

(Avó Dezanove e o segredo do soviético, Ondjaki)

Agradecimentos

Com o término deste trabalho, sinto-me não obrigada, mas sim com a necessidade de agradecer a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para sua execução. A lista é extensa: são professores, familiares, amigos e colegas que, de um lado, entenderam as ausências e, de outro, contribuíram com indicações bibliográficas, leituras críticas, correções e discussões todas muito bemvindas.

Em primeiro lugar quero agradecer ao meu filho Cauê que, desde criança, teve que conviver com uma mãe *workaholic*, mas que sempre me compreendeu e me deu forças para trilhar meu caminho na vida e na academia. À minha mãe Maria Beatriz, mulher forte e guerreira, ao meu pai José Eustáquio que com sua simplicidade e honestidade sempre foi, para mim, um exemplo a ser seguido. À minha irmã Patrícia e meu sobrinho Vinícius, à minha irmãzinha Rita, eterna amiga e companheira, às minhas primas-irmãs Ednéia, Elaine, Edna, Priscila, Mônica e Cláudia (*in memoriam*) agradeço o carinho e a preocupação que sempre tiveram por mim, especialmente nos momentos finais da redação deste trabalho.

Não poderia deixar de citar o apoio de queridos amigos, que contribuíram de maneira significativa desde a pesquisa até a finalização deste trabalho: Prof. José Carlos Sebe Bom Meihy, Sandra Regina Chaves Nunes, Cláudia Moraes de Souza, Julia Spiguel Favaretto, Maurício Cardoso e Profa. Rita Chaves. Ainda aos meus queridos Thais Lima dos Reis, Edgar Correa, Fabiana Nogueira, Lucineide Santos, Fernanda Moraes, Teresa Gutierrez, Rita Luvisotto, Marcelo José de Lima, Frederico Padial de Jesus, pela grande amizade iniciada nos tempos da graduação e que se mantém fortemente até os dias de hoje, e à minha eterna amiga Priscilla Garcia Cager Lammenta.

Aos meus amigos de trabalho que, além do estímulo, auxiliaram na parte técnica da pesquisa: Assad Abdalla Ghazal, que fez a edição de todas as entrevistas, Michelle Odete dos Santos que, com seu vasto conhecimento, foi fundamental no auxílio para organização dos dados constantes nas tabelas e gráficos e Marcelo Gonçalves, que com seu jeito calmo em tratar as coisas, sempre me transmitiu muita tranquilidade. À Marcel Diego Tonini pelo empenho na revisão e correção dos textos das entrevistas e Luiza Olivato pela revisão do texto final desta dissertação.

Devo agradecer também os pesquisadores do Diversitas – Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos, que torceram por mim e sempre se revelaram preocupados em saber sobre o andamento da pesquisa. Incluo também a Profa. Leila Maria Gonçalves Leite Hernandez e o Prof. Carlos Serrano, agradeço pelas críticas e sugestões feitas no exame de qualificação em julho de 2012.

Não poderia deixar de citar todos aqueles que confiaram a mim suas histórias de vida, sem as quais essa dissertação não existiria. Deixo aqui registrada minha eterna gratidão para: Agostinho Francisco Martinho, Álvaro Silva Pereira Bastos, Alexandrino Nunes Mpanza, Ema Cândida Branco Fernandes, Luís Amâncio da Silva Bastos, Maria Fernanda Pereira Pascoal, Marseu Sebastião de Carvalho, Moisés Alves, Neves e Paulina Hilária Alfredo.

O financiamento do CNPq ao projeto “Imigrações contemporâneas em cidades globais” (2010-2011) e “Fronteiras em Movimento: deslocamentos e outras dimensões do vivido” (2011-2013), que possibilitou a viagem à Luanda e a apresentação de trabalhos decorrentes dessa pesquisa em Seminários fora de São Paulo. À Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pró-Reitoria de Graduação pelas informações sobre os estudantes angolanos na Universidade de São Paulo.

Por fim, expresso meus profundos agradecimentos a minha orientadora, querida amiga e companheira Profa. Zilda Márcia Grícoli Iokoi pela confiança e que, desde a graduação, tornou-se para mim um exemplo de vida a ser seguido em todos os sentidos: como mãe de seus filhos e, muitas vezes, de seus alunos; professora dedicada à formação de vida e acadêmica de seus alunos; cidadã preocupada com as questões sociais; a energia incondicional e seriedade que se envolve nos trabalhos, enfim, nossa convivência faz com que eu me torne uma pessoa melhor a cada dia.

Resumo

Os fluxos migratórios, num contexto de globalização, é um fenômeno da contemporaneidade e entendê-lo, a partir da memória e da história de vida dos sujeitos que viveram e vivem esse processo, é permitir a escrita de uma história que ainda não está registrada. O presente trabalho é o resultado da pesquisa sobre o deslocamento de imigrantes angolanos para a cidade de São Paulo, ocorrido nas primeiras décadas do século XXI. Por meio da História Oral, registramos histórias de vida desses sujeitos para compreender como experimentaram a vivência de sair de seu país, a chegada ao Brasil, os dilemas de pertencimento na sociedade de destino, a reconfiguração e ressignificação dos espaços e das relações cotidianas nesse novo contexto.

Palavras chave: imigração angolana, história oral, guerra civil em Angola, refugiados

Abstract

The migration, in the context of globalization, is a phenomenon of contemporaneity and understand it from the memory and history of life of individuals, who have lived and live this process is to allow writing a story that is not yet registered. This work is the result of research on the displacement of Angolan immigrants to the city of São Paulo, which occurred in the first decades of the twenty-first century. Through oral history, we recorded the life histories of these subjects to understand how they experience the leaving their country, the arrival in Brazil, the dilemmas of belonging in the society of destination, reconfiguration and redefinition of spaces and everyday relations in this new context.

Keywords: Angolan immigration, oral history, the civil war in Angola, refugees

Lista de Tabelas, Gráficos e Mapas

Tabelas

Tabela 1 - Informações básicas sobre os entrevistados do projeto	27
Tabela 2 – Empresas e País – Concessão de exploração do petróleo em Angola	80
Tabela 3 - Perfil dos alunos de Graduação – USP	118
Tabela 4 - Perfil dos alunos de Pós-Graduação – USP	120

Gráficos

Gráfico 1 – Total oil production in Africa, 2011	79
Gráfico 2 - Produto Interno Bruto (PIB) (bilhões \$)	79
Gráfico 3 – Distribuição de alunos angolanos por curso – USP	119
Gráfico 4 – Distribuição dos alunos de pós-graduandos por Programa/Área	121

Mapas

Mapa 1 – “Portugal não é um País Pequeno”	64
Mapa 2 – Divisão política de Angola	69
Mapa 3 – Distribuição étnico-cultural de Angola	70
Mapa 4 - Concessão de extração das áreas petrolíferas	81

Índice das Imagens

Escola para jovens que escaparam do recrutamento forçado no sul do Sudão, no campo de refugiados em Kakuma - Norte do Quênia, 1993.....	24
Agostinho Neto, Holden Roberto e Jonas Savimbi. Acordo de Alvor	71
Imagens da Guerra Civil em Angola	85 a 87
Imagens de Luanda – novembro/2011	88 a 90
Centro empresarial Bela Business	115
Projeto Kalunga	123 a 125
“Luciano de volta a Luanda. Dia da Amizade Angola-Brasil”	126
Mercado Roque Santeiro	127
Divulgação da Festa “Um dia a La Banda”	161
Cartaz de divulgação da “Mobilização Zulmira Somos Nós”	163
Ato no Pátio do Colégio	164 e 165

Sumário

Resumo	vi
Abstract.....	vii
Listas de Tabelas, Gráficos e Mapas	viii
Índice das Imagens	ix
 1. Questões introdutórias	 11
1.1 História do Tempo Presente e História Oral como aportes metodológicos	14
1.2 Migrações contemporâneas em tempos de globalização	30
 Capítulo 1. Vidas em tempos de guerra	 37
 Capítulo 2. Vidas que migram	 91
 Capítulo 3. Negros em terras de brancos?	 131
 4. Considerações Finais	 168
 5. Apêndice - Outras histórias.	 174
 Bibliografia	 296

1. Questões introdutórias

Nesta pesquisa de mestrado, desenvolvida no período de 2010 a 2013, objetivei estudar o deslocamento de imigrantes angolanos para a cidade de São Paulo ocorrida nas primeiras décadas do século XXI por diferentes motivos e necessidades. Interessou-me traçar, a partir da história de vida desses sujeitos, o caminho percorrido desde a saída de Angola até a chegada ao Brasil, além dos impactos da chegada a um país já identificado como lugar de acolhimento na memória de muitos angolanos e nas representações criadas pela mídia local. Um desses pontos foi muito desafiador para esses migrantes lidarem com os desencantos na chegada e perceberem os dilemas do viver no país de destino. Tratava-se de ser negro num país que se considerava uma democracia racial. Considerando essa questão, surgiram as necessidades do reconfigurar e ressignificar suas identidades, muitas vezes marcadas por valores étnicos e culturais tradicionais. Esses imigrantes rapidamente tiveram consciência das dificuldades do ser estrangeiro.

Além disso, busco refletir sobre o significado de ser imigrante africano no Brasil para esses sujeitos, uma vez que essa imigração é carregada de estereótipos e preconceitos como pela representação de África centrada na miséria, nas guerras e doenças e também por ser, muitas vezes, associada e identificada ao tráfico internacional de drogas. Outra questão trata do preconceito racial no Brasil evidenciado pela homogeneidade na representação do continente, os estigmas oriundos da escravidão e da eugenia recorrentes na configuração da sociedade brasileira sobre esses recém-chegados. Portanto, o interesse pelo estudo desse tema também partiu da necessidade pessoal de conhecer e aprofundar os estudos sobre África, ainda tão incipiente na produção acadêmica brasileira.

Uma das perguntas centrais desta pesquisa é: Por que estudar a comunidade angolana na cidade de São Paulo? Para isso, é necessário ressaltar alguns pontos históricos por meio dos quais, desde a década de 1990 houve um crescente fluxo migratório desse grupo para o Brasil devido à situação conflituosa em Angola desde a sua independência. Nesse período, muitos solicitaram visto de estudante na Embaixada Brasileira em Angola, uma das únicas que ainda concedia vistos e, quando aqui chegavam, requeriam a condição de refugiados. Ainda que com o fim da guerra civil decretado, muitos permaneceram e se estruturaram na região do Brás para atender um

novo fluxo migratório de mulheres angolanas, pejorativamente denominadas sacoleiras, que viajam para São Paulo para adquirir mercadorias a serem vendidas em Angola.

O bairro do Brás para os angolanos é hoje considerado um “pedaço de Angola” na cidade de São Paulo, pois é onde reside grande parte desses imigrantes, muitos deles donos de pequeno comércio e restaurantes que servem comidas típicas. Além disso, é o local onde se socializam, reúnem e festejam. Ao andar pelas ruas do bairro, é possível observar mulheres e homens negros, falando um português diferente do nosso e é interessante destacar que as mulheres, geralmente, estão com sacolas cheias de roupas e artigos femininos que, posteriormente, serão revendidos em seu país. Também se pode observar outro grupo de angolanos que se encontra em São Paulo, o de estudantes, que buscam no Brasil a oportunidade de fazer um curso superior, ou mesmo complementar seus estudos em nível de pós-graduação. Nesse sentido, meu objetivo em entrevistar esses imigrantes foi o de compreender como se deu esse fluxo migratório, ainda em curso, desde a acolhida na cidade pelos brasileiros e os dilemas de ser estrangeiro.

Iniciei a pesquisa no Centro de Estudos Migratórios consultando o banco de dados e as fichas de registros de todos os imigrantes que foram atendidos pela Pastoral e pela Casa do Migrante¹ desde a década de 1980 até os dias atuais. Encontrei nesse acervo uma expressiva quantidade de dados de deslocados angolanos, tanto solicitantes de refúgio, como imigrantes temporários, vindos para realizar estudos ou trabalhos ligados às atividades comerciais.

A partir desse resultado, entrei em contato com alguns angolanos refugiados e que se recusaram falar desse período de suas vidas. Notei que, para eles, o tema da guerra civil em Angola, por ainda estar muito vivo em suas memórias, é algo que deve ser mantido em silêncio, visto que a guerra teve seu fim há apenas 12 anos. Dos indivíduos que contatei e que viveram a condição de refugiado, apenas uma me concedeu a entrevista, mas pediu que seu nome verdadeiro não fosse revelado. A justificativa que todos me deram foi que em Angola não há mais guerra desde 2002 e que hoje não são mais considerados refugiados. Alguns, inclusive, trouxeram suas famílias de Angola, ao passo que, outros constituíram família aqui e obtiveram permanência definitiva.

¹ O Centro de Estudos Migratórios, a Casa do Migrante e o Centro Pastoral do Migrante fazem parte de um complexo criado em torno da Igreja Nossa Senhora da Paz, no bairro do Glicério, denominado “Missão Paz”. Nesse espaço desenvolvem-se um conjunto de trabalhos coordenados pelos missionários scalabrinianos, com o intuito de acolher e apoiar os migrantes, imigrantes e refugiados em suas necessidades.

Minha aproximação com o grupo de estudantes foi por meio do I Encontro Brasil-África, ocorrido em 30 de abril de 2011, iniciativa organizada pelo Diversitas – Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerância e Conflitos, núcleo de pesquisas ao qual faço parte. A ideia do encontro foi iniciar um projeto para entrevistar estudantes de origem africana que estivessem na Universidade de São Paulo realizando ou complementando seus estudos, seja na graduação ou pós-graduação, com apoio de acordos de cooperação educacional entre o Brasil e os países africanos de língua portuguesa (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe).

A primeira rede de entrevistas foi estabelecida com os estudantes que estivessem no *campus* Cidade Universitária da Universidade de São Paulo, que resultou em quatro entrevistas para esse trabalho. A segunda parte se deu a partir da minha aproximação com membros da União dos Estudantes Angolanos em São Paulo – UNEA, grupo que é formado fundamentalmente por estudantes de universidades privadas que vieram para o Brasil estudar com recursos próprios, que também concederam cinco entrevistas.

As histórias de vida desses imigrantes revelaram experiências e perspectivas de vida muito ricas que mereciam ser analisadas, visto que eles nos contaram suas histórias desde a infância, a fase escolar até o período da guerra e as razões que os motivaram a virem para o Brasil. Busquei ainda saber qual era a ideia que tinham da cidade de São Paulo antes da chegada, como se deu a adaptação e a vida na cidade, como se organizaram e reinventaram suas identidades, como veem seu país estando na condição de estrangeiro e, por fim, a expectativa ou não de retorno.

As histórias de vida desses sujeitos compuseram um conjunto de narrativas sobre a comunidade angolana na cidade de São Paulo. Por meio de suas experiências pudemos analisar e compreender o deslocamento e as reconfigurações identitárias, privilegiando os sujeitos envolvidos nesse processo, de forma a buscar a dimensão subjetiva das migrações internacionais na contemporaneidade.

Para compreender o fenômeno das migrações, utilizamo-nos dos estudos de Abdelmalek Sayad (1998), que define a imigração como um fato social completo, na medida em que para compreendê-la se deve considerar o cruzamento e o encontro das várias disciplinas das ciências sociais (história, geografia, economia, direito, demografia, sociologia, antropologia, entre outras) e, sendo assim, revelar a importância da interdisciplinaridade para entender o processo. Para Sayad a imigração é, primeiramente, um deslocamento das pessoas no espaço, espaço este que não é apenas

físico, mas também social, econômico e cultural. O autor busca compreendê-la numa relação dialética entre as duas dimensões que a compõem – a emigração e a imigração. Por esta razão, o fenômeno migratório se configura num “fato social total” em duas perspectivas: na medida em que para entender a imigração temos que fazer primeiro um estudo das condições sociais que a engendraram, pois esta é o ato inicial do processo migratório. Segundo os escritos de Sayad (1998):

De fato, o imigrante só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa seu território; o imigrante “nasce” nesse dia para a sociedade que assim o designa. (Sayad, 1998, p.16)

Além do fato de que se deve analisar os múltiplos aspectos envolvidos no processo, como relações de gênero, representações sociais, discursos e interpretações dos próprios indivíduos sobre a sua condição de emigrante/imigrante. Para entender esse fenômeno em sua complexidade, recorreremos à metodologia da História Oral e buscamos ouvir essas histórias.

1.1. História do Tempo Presente e História Oral como aportes metodológicos

Num contexto de mudanças na economia global, os fluxos migratórios representam um fenômeno da contemporaneidade e entendê-los, a partir da memória e da história de vida dos sujeitos que viveram e vivem esse processo, é permitir a escrita de uma história que ainda não está registrada. Isso significa trazer à tona variadas formas da experiência do vivido na sociedade e legitimar o papel do sujeito na história. Este é o desafio do historiador contemporâneo, dialogar com outras áreas do conhecimento que o possibilite compreender e (re)escrever outras histórias.

A ideia de escrever a história de seu próprio tempo sempre foi vista com desconfiança entre os historiadores, uma vez que muitos acreditam que a história se define pela distância temporal entre o historiador e seu objeto de análise.

A partir da década de 1980, transformações centrais nas formas e nos conteúdos epistemológicos da disciplina levaram os historiadores a se apropriarem de novos métodos em que as análises qualitativas foram valorizadas, assim como as experiências individuais. Marieta Ferreira (2002) destaca nesse processo a formação de redes, dos sistemas de posição para as situações vividas e singulares.

Para Agnes Chauveau e Philippe Tétart (1999), três fatores contribuíram para a afirmação e expansão do estudo da história no presente: o retorno de uma história renovada do político, que permitiu ao historiador se apresentar como um agente aglutinador e dinamizador; o impacto de uma geração, uma vez que o ímpeto dos acontecimentos do século XX provocou o desejo de reagir e explicar o presente; e, por fim, a demanda social, já que após 1945, a sociedade necessitava de esclarecimentos que somados ao aumento e aceleração da comunicação e da elevação dos engajamentos ideológicos dos anos de 1950-1960, tiveram um papel determinante na denominada *Nova História*. Segundo eles:

Vista como objeto, a história do imediato é testemunho. Este é seu valor intrínseco. Esses testemunhos podem tomar forma de uma análise que, hierarquizando pela primeira vez as questões, os fatos, fornecem conjuntamente arquivos, depoimentos, pistas de pesquisa e esboços de interpretação (Chauveau, 1999, p.24).

A história do tempo presente mostra como nosso olhar é construído socialmente e que, mesmo diante da proximidade dos acontecimentos, não podemos deixar de analisá-los. Indagando sobre verdade e objetividade, busca-se suas validações no fazer histórico sem perder de vista o compromisso do historiador com seus métodos e objeto. Assim, a história do tempo presente ainda se encontra num espaço de lutas e debates para se afirmar como uma possibilidade de interpretação da história, já que a presença do historiador em seu tempo se transforma em função da própria história. Sobre o tema, é importante assinalar as reflexões de Sirinelli (1999):

...esse historiador, qualquer que seja sua especialidade cronológica, bebe em seu presente e, longe de pensar que “é de nenhum tempo e de país nenhum”, ele sabe que está ligado por múltiplas fibras a seu tempo e à comunidade à qual pertence. (Sirinelli, 1999, p.78)

Robert Frank (1999), ao discutir o tema, trata da multiplicidade de fontes documentais produzidas no tempo atual que estão à disposição dos historiadores: audiovisual, imagem, som, fontes orais. O autor se detém especialmente na questão do uso da memória como fonte para o historiador e alerta que a primeira reflexão que deve ser feita, para tentar reconstituir os fatos, é a de saber até que ponto ela é ou não confiável. Para Frank, a memória, mesmo com suas verdades e mentiras, seus

problemas e suas certezas também deve se apresentar ao historiador como um objeto de estudo.

A partir dessa perspectiva, a coleta de depoimentos orais, mediante a utilização do gravador, iniciou-se na década de 1940 com o jornalista Allan Nevins e privilegiou a atuação dos grupos dominantes norte-americanos. A partir dos anos de 1960 e 1970, a história oral ganhou outra dimensão e passou a privilegiar os depoimentos dos excluídos socialmente, transformando-se num instrumento de construção de identidades de grupos e de possibilidade para transformação social.

O livro de Paul Thompson (1978) *A voz do passado* aborda a importância da história oral e demonstra como essa fonte pode ser utilizada, juntamente com os recursos investigativos tradicionais, na construção de uma memória mais consciente e democrática do passado. Para o autor, o desafio da história oral tem uma finalidade social essencial: dar voz aos sujeitos. Segundo Marieta Ferreira (2002), o livro de Paul Thompson:

... radicalizou a ideia de que a história oral tem por função *devolver a história* do povo, promover a democratização da história em si mesma. A história oral deveria se afirmar como uma contra história, operando uma inversão radical nos métodos e objetos consagrados. Deveria ser uma história militante e politicamente engajada. (Ferreira, 2002, p. 323)

Neste sentido, a história oral assume uma função do conhecimento social e atua numa linha que questiona a tradição historiográfica centrada nos documentos oficiais. Para o historiador José Carlos Sebe Bom Meihy (2002), a história oral é sempre uma história do tempo presente, também reconhecida como história viva.

Michael Pollak (1992) trata do tema a partir da concepção da ligação entre memória individual e identidade social. Para o autor, a memória, a princípio, parece algo íntimo do indivíduo, entretanto, na sua complexidade pode ser entendida como um fenômeno coletivo e social ou até mesmo um fenômeno construído coletivamente para compreender aspectos de uma dada sociedade. Segundo Pollak (1992):

Podemos, portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (Pollak, 1992, p. 5)

Outro ponto que mostra a importância da história oral é sua configuração como um aporte metodológico essencial para os historiadores que se desafiam a compreender a história de seu tempo, uma vez que releva um potencial epistemológico, já que se propõe a produzir outros conhecimentos e revelar saberes, marginalizados pelo pensamento moderno. Neste sentido, destacamos os trabalhos de Silvia Rivera Cusicanqui, socióloga boliviana e do sociólogo português Boaventura de Souza Santos. A reflexão de Cusicanqui está centrada na ideia de que a descolonização do saber permite reconhecer o outro como sujeito e seu entendimento do mundo faz com que possamos ampliar e superar a noção eurocêntrica de que o moderno é ontologicamente superior e os demais conhecimentos arcaicos e superados. Para a autora a história oral:

... es, por eso, mucho más que una metodología “participativa” o de “acción” es un ejercicio colectivo de desalienación, tanto para el investigador como para su interlocutor. Si en este proceso se conjugan esfuerzos de interacción consciente entre distintos sectores, y si la base del ejercicio es el mutuo reconocimiento y la honestidad en cuanto al lugar que se ocupa en la “cadena colonial”, los resultados serán tanto más ricos [...] Por ello, al recuperar el estatuto cognoscitivo de la experiencia humana, el proceso de sistematización asume la forma de una síntesis dialéctica entre dos (o más) polos *activos* de reflexión y conceptualización, ya no entre un “ego cognoscente” y un “otro pasivo”, sino entre dos sujetos que reflexionan juntos sobre su experiencia y sobre la visión que cada uno tiene del otro (*Apud* MIGNOLO, 2002, p. 206).

Nesta perspectiva, a história oral é mais do que uma metodologia, é um exercício capaz de desalienar os sujeitos, inclusive quanto ao pesquisador como o interlocutor, pois reordena a relação sujeito do conhecimento - sujeito a conhecer – e, assim, permite compreender novas experiências.

Em consonância com o pensamento de Cusicanqui, Zilda Iokoi (2008) reforça o potencial epistemológico da história oral na medida em que a relação entre os sujeitos envolvidos no processo não é definida pela hierarquia do saber acadêmico sobre o tradicional, mas sim numa relação dialética entre saberes que se complementam e produzem um novo conhecimento. Segundo a autora:

Ao recuperar a experiência humana, o processo de sistematização da narrativa assume a forma de uma síntese dialética entre dois ou mais pólos ativos da reflexão e da conceituação, não mais entre ego cognoscente e um outro passivo, mais entre dois sujeitos que refletem juntos sobre as experiências e sobre a visão que cada um tem do outro. A história e a experiência histórica dos sujeitos, relacionadas por estruturas de poder e,

neste caso, pela colonialidade do poder, ao suplantando a dimensão dos sujeitos de conhecimento constituem nova modalidade de sujeitos a conhecer ou a compreender. Assim, a tradição oral não é apenas fonte, ela mesma é produção de conhecimento. (Iokoi, 2008)

Para Boaventura de Souza Santos (2009), o pensamento moderno ocidental deve ser superado por um conhecimento conceituado por “ecologia de saberes” ou “epistemologia do sul” (Santos, 2009, p.20). A proposta de Boaventura visa recuperar práticas e saberes de grupos sociais diversos que, em função do capitalismo e dos processos coloniais, ao longo do tempo foram sendo colocados social e historicamente em uma posição de meros objetos ou ainda de matéria-prima dos saberes (científico ocidental). Além de serem considerados como a única verdade ou os únicos saberes válidos por muitos séculos. Para o autor, a “ecologia dos saberes” se fundamenta no reconhecimento e na valorização de todos os conhecimentos, tornando possível uma compreensão mais ampla do mundo e uma complementariedade entre os conhecimentos científicos e não científicos, com isso, abriam-se possibilidades de se reinventar a emancipação social.

Considerando como base esses dois conceitos, encontramos na história oral um aporte metodológico e teórico-epistemológico importante para compreender o tempo presente, como espaços de reconstrução das trajetórias individuais e coletivas e a inserção desses indivíduos no novo, além das afirmações e/ou (re)construção de identidades. Esses são desafios que põem à prova a capacidade de reflexão e de pesquisa, ao mesmo tempo em que permite propor e viabilizar novas abordagens e novos conhecimentos.

Nesta pesquisa propus reconstituir, pela metodologia da História Oral, os relatos das histórias de vida dos imigrantes angolanos, ao inserir um campo para que esses indivíduos expliquem as dimensões não registradas nas fontes escritas e, nos permitam reconfigurar representações sobre os que se deslocam em busca de alternativas para o vivido no novo lugar. Pretende-se ainda, a partir dos relatos, encontrar pontos em comum entre a memória, a história e a identidade cultural, sendo assim, procurando criar espaços para o registro acerca dos dilemas da organização social, cultural e política destes sujeitos no ir e vir do mercado mundial flexível e no refazer dos liames sociais em movimento.

Como método, utilizei-me dos procedimentos desenvolvidos no NEHO – Núcleo de Estudos em História Oral, da Universidade de São Paulo, em que os conceitos se baseiam na extensa obra do historiador José Carlos Sebe Meihy. Após a elaboração do projeto e estabelecer as partes de organização, realizei uma pré-entrevista com os indivíduos, momento em que apresentei o projeto de pesquisa lhes explicando os procedimentos, a importância de seus testemunhos e a necessidade de utilização dos equipamentos de gravação em áudio visual. Todos os estudantes que entrevistei se dispuseram imediatamente a contar suas histórias e, inclusive, compreenderam a importância desse estudo, uma vez que os conhecimentos e aprendizados dos costumes e culturas de seus povos são passados pelos mais velhos por meio da oralidade. Quanto aos imigrantes, tive muitas dificuldades em conseguir depoimentos.

Após a gravação da entrevista, realizamos a *transcrição*, processo pelo qual o registro oral é transferido para o escrito, inclusive com possíveis falhas gramaticais e repetições que fazem parte da oralidade. Em seguida, realizamos a *textualização*, em que procuramos dar um caráter mais fluido ao texto, incorporando as perguntas na narrativa. Depois foi realizada a *transcrição*, que consiste na fase final da construção do texto. Nela se vislumbra não apenas as palavras do entrevistado, mas também os sentidos e significados que assumem seus gestos, pausas e emoções, sugerindo sua subjetividade como aspecto de interesse e análise por parte do pesquisador. A transcrição traz em seu bojo três outros fundamentos: a *colaboração*, a *mediação* e a *devolução*. Por *colaboração* se entende a relação estabelecida entre o pesquisador e o entrevistado, em que o segundo age em *co-labor-ação* ao entrevistador, ou seja, mais que prestando informações, ele acompanha o processo de formatação da pesquisa. Assim, o pesquisador assume o papel de mediador, possibilitando condições favoráveis à narração, estimulando o diálogo com perguntas abertas e anotando informações relevantes. O trabalho de colaboração é visto como coautoria, mas tendo o pesquisador as responsabilidades sobre o projeto. Por fim, o produto deste trabalho é a *devolução*, a entrega ao entrevistado do vídeo e do texto final da entrevista, o que resulta, segundo Meihy (2011), em que a experiência da história oral atravesse a academia em direção à coletividade e garantindo seu caráter público.

Com exceção de duas entrevistas, cujos narradores não quiseram sua imagem e nomes revelados, os relatos foram colhidos por meio do registro em audiovisual. Optou-se por esta técnica porque acreditamos que o vídeo capta a linguagem corporal, os

silêncios, os esquecimentos, as emoções, isto é, aspectos que, muitas vezes, complementam a narrativa e revelam subjetividades que não são explicitadas na fala.

Os testemunhos, inseridos num contexto histórico de fenômenos da atualidade, nos deram possibilidades de abordar a fala de cada um dos entrevistados, bem como suas impressões e narrativas que sublinham desejos, traumas, memórias contextualizadas e datadas historicamente sem questionários ou perguntas diretas, respeitando-os como produtores e narradores de suas próprias histórias.

No mês de outubro de 2011, juntamente com a equipe de pesquisadores do LEI, hoje Diversitas, viajei para Luanda. Angola passou por um processo de luta de independência sob os ideais socialistas, entretanto, hoje é um país com uma gritante desigualdade social, onde um pequeno grupo dirigente detém e explora toda a riqueza do país que se concentra na extração de petróleo e diamante. Grande parte da exploração do petróleo está nas mãos de duas grandes potências econômica mundiais: China e Estados Unidos e grande parte dessa renda é utilizada na contratação de empreiteiras, principalmente brasileiras, para a construção de grandes edifícios residenciais e comerciais para abrigar empresas multinacionais. Neste cenário, é possível observar arranhas céus que refletem em seus espelhos a pobreza dos musseques numa cidade sem estrutura urbanística e onde contrastam miséria e riqueza num mesmo espaço. Além disso, Angola vive uma “ditadura”, haja vista que o mesmo presidente está no poder há 37 anos que reprime quaisquer formas de manifestações civis que critiquem o *status quo*.

Ao longo da pesquisa foram realizadas onze entrevistas, oito com estudantes, duas com imigrantes, sendo que um deles viveu a condição de refugiado e outra com um jovem angolano que reside em Luanda. A primeira entrevista foi com Alexandrino Nunes Mpanza, que nasceu em 1985 na cidade de Luanda. Cabe destacar que, quando tinha entre 16 e 17 anos, seu pai foi assassinado e, como possuía sete irmãos, o que representava uma grande dificuldade para sua mãe cuidar de todos, foi morar com o tio paterno na cidade de Cunene, uma província ao sul de Angola. Nessa região, concluiu o ensino médio em Administração Pública e trabalhou durante dois anos e meio no governo provincial. Em 2008 chegou ao Brasil para cursar Jornalismo por meio do Programa de Estudantes e Convênio de Graduação (PEC-G), onde conheceu Carllile, de São Tomé e Príncipe, mãe de seu filho Alexandrino Junior.

Durante minha estadia em Luanda realizei uma entrevista com um jovem que pediu para não ter a identidade revelada. Nascido em Angola, ele é engenheiro ambiental e naquela altura trabalhava numa empresa norte-americana ligada à extração de petróleo. O jovem é filho de pai branco, colonizador, e mãe “preta” africana, que era a empregada e, portanto, não se casaram. Quando o seu pai faleceu, deixou todas as propriedades em nome de sua mãe, o que lhe deu condições de estudar em escolas privadas e cursar o ensino superior. Em sua entrevista é revelado aspectos fundamentais para refletir sobre os problemas políticos, econômicos e sociais sofridos pelas camadas populares de Angola.

O terceiro entrevistado foi Moisés Alves que tive o primeiro contato quando cursei a disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: Diálogos Interdisciplinares, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. A entrevista foi realizada no dia 06 de dezembro de 2011 na sede do antigo LEI. Moisés nasceu na década de 1960, na cidade de Negage, província de Uíge, norte de Angola. Seu pai era fazendeiro, dono de fazenda de café, e a mãe doméstica. Apesar de todo preconceito contra os *filhos da terra* (angolanos), durante o período colonial pôde frequentar a escola com os meninos brancos. O entrevistado vivenciou todas as transformações políticas em Angola desde período colonial até a guerra civil. Como formação acadêmica, fez graduação em Antropologia e Teologia na Itália e Mestrado em Literatura em Luanda. É professor em sua província e veio para São Paulo realizar doutorado no Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada. Preocupado com as questões raciais e multirraciais, pretende analisar em sua tese as personagens Sara, do romance *A geração da utopia*, de Pepetela e Sonia do romance *Quarup*, de Antonio Calado.

A quarta entrevista foi com Ema Cândida Branco Fernandes em 09 de dezembro de 2011. Nosso contato com Ema se deu por meio de uma reportagem do Jornal da USP sobre sua dissertação de Mestrado defendida na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, cujo estudo é sobre a desnutrição infantil na Comuna Bom Jesus, localizada a 40 km de Luanda. Entramos em contato e a entrevistada veio de Ribeirão Preto a São Paulo para nos contar sua história. Ema nasceu na cidade de Gabela, província do Kwanza Sul em Angola. Caçula de oito irmãos foi criada apenas pela mãe após a morte de seu pai. Estudou em escolas públicas e se formou em Medicina na Universidade Agostinho Neto, na qual é professora do Departamento de Saúde Pública. Ema está no Brasil desde

2009 com seus dois filhos, que também cursam o ensino superior e está desenvolvendo pesquisa de Doutorado na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. A intenção da pesquisadora é retornar ao seu país e, a partir do seu estudo, propor políticas públicas para a diminuição da desnutrição infantil na comunidade estudada e em outras, pois, segunda ela, esse é um problema que atinge grande parte do seu país.

Nossa quinta entrevista foi com Paulina Hilária Alfredo, apresentada a mim por Moisés. Paulina nasceu em 1963 na província de Uíge. Formada em História, é professora na cidade de Luanda. Em sua entrevista, Paulina descreve aspectos tradicionais da cultura do povo banto, com ênfase no grupo kimbundo, tema que pretende estudar em sua pesquisa de Mestrado na Universidade de São Paulo. Além disso, faz uma análise do lugar da mulher na sociedade angolana baseada na superioridade e na poligamia masculina. Tal situação, inclusive, foi vivida por ela mesma, pois seu pai teve duas esposas e ela foi a primeira das três mulheres de seu ex-marido.

A sexta entrevista foi realizada com Neves em 14 de janeiro de 2012. Conheci-o num seminário sobre refugiados no SESC Consolação e se dispôs a conceder a entrevista apenas em áudio e com a garantia que não teria seu nome verdadeiro revelado. Ele nasceu na década de 1970 na província de Uíge, mas ainda criança, na época da guerra, foi com a família para Luanda. A mãe faleceu, o pai viajou e ele ficou sozinho com os seus quatro irmãos. Foi nessa época que Neves iniciou sua carreira de artista plástico e começou a pintar quadros, segundo ele, dom herdado do pai. Para não ser recrutado pelo exército do MPLA, decidiu sair de Angola em 2001 quando desembarcou no aeroporto do Rio de Janeiro e não conhecia ninguém. No aeroporto conheceu um africano que o colocou num ônibus para São Paulo, onde procurou a Cáritas e logo solicitou a condição de refugiado. Na cidade, ficou no albergue Arsenal da Esperança durante sete meses. Para Neves, esse foi o pior período de sua vida, porque, de acordo com o entrevistado, no albergue convivia com moradores de rua, “malucos”, bandidos. Com a ajuda de amigos, que lhe compraram materiais, começou a pintar seus quadros e a vendê-los na Praça da República. Com isso, juntou dinheiro e depois de sete anos trouxe para São Paulo sua esposa, filhos, um de seus irmãos e a cunhada. Com o fim da guerra civil em 2002, Neves não é mais considerado refugiado e hoje é um imigrante que vive no bairro do Brás com sua família.

A sétima entrevista foi com Maria Fernanda Pereira Pascoal. Conheci Fernanda num seminário organizado pela Missão Paz São Paulo no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP), quando participava de uma mesa redonda relatando sobre as dificuldades enfrentadas pelos estudantes angolanos que vêm para São Paulo estudar com recursos próprios. Esse foi o meu primeiro contato com esse grupo de estudantes que estão cursando o ensino superior em universidades privadas e, a partir desse momento, estabeleci uma rede de entrevistas com esses imigrantes que vivem uma condição totalmente diversa daquela vivida pelos estudantes da Universidade de São Paulo.

Maria Fernanda nasceu em Huambo e, por consequência da guerra, migrou com sua família para Luanda ainda criança. Concluiu grande parte de seus estudos em escola pública e nos contou como as condições estruturais da escola eram precárias, como no relato em que não havia salas e as aulas eram no pátio embaixo das árvores. Além disso, não havia carteiras, cada aluno levava um banco ou lata de Leite Nino para se sentarem e apoiavam os cadernos no colo para escrever.

Após concluir o Ensino Técnico Médio em Mecânica, decidiu vir para o Brasil cursar Psicologia. Sabendo que seu pai era contrário a essa ideia, preparou sua viagem em sigilo e só o avisou que viria prestar o vestibular no Brasil dois dias antes do embarque. Atualmente, Fernanda cursa o segundo ano de Psicologia na Faculdade Metropolitanas Unidas – FMU e mora no bairro da Liberdade, próximo à faculdade. No final da entrevista, levei Fernanda à sala de reuniões do Diversitas e lhe mostrei uma fotografia de Sebastião Salgado que fez parte da exposição Êxodos realizada em 2000, no SESC Pompéia. Sebastião Salgado fotografou uma escola para jovens que escaparam do recrutamento forçado no sul do Sudão, no campo de refugiados em Kakuma - Norte do Quênia, 1993, muito semelhante à cena descrita por Fernanda de como era sua escola. Quando lhe mostrei a imagem, ela olhou atentamente o quadro por alguns segundos e, muito emocionada disse: “É isso Teresa, minha escola era assim...!” Eufórica, apontava e comentava cada detalhe da imagem.

O oitavo entrevistado foi Álvaro Silva Pereira Bastos. Nascido em Luanda em 11 de março de 1988. Assim como Fernanda, conheci-o no mesmo Seminário. Em sua entrevista, Álvaro relembra com muitas saudades e emoção os momentos de sua infância: as brincadeiras, os carrinhos de latas feitas pelas próprias crianças, a bola de trapos, as pipas, dentre outras memórias. Além disso, nos contou como foi viver a poligamia dentro de casa, uma vez que seu pai tinha duas esposas. Outros pontos interessantes de destacar na entrevista envolvem as mudanças no seu bairro provocadas pela migração de angolanos do interior para a capital durante a guerra civil, a experiência de trabalhar com brasileiros na Odebrecht em Luanda, as circunstâncias da sua vinda para o Brasil e a atuação da União dos Estudantes Angolanos em São Paulo - UNEA. Atualmente, Álvaro está cursando Direito na Universidade Paulista – UNIP e mora no bairro do Cangaíba, Zona Leste de São Paulo, com seu irmão, cunhada e duas sobrinhas.

A nona entrevista foi com Agostinho Martinho Francisco, conhecido por Maninho, apelido que traz desde sua infância. Meu primeiro contato com Agostinho ocorreu na casa de Solange, uma estudante angolana que nos ofereceu um almoço típico: funghi com kalulu. Marcamos uma data e a entrevista foi realizada em sua residência no bairro da Vila Maria. Um jovem muito descontraído e divertido, Agostinho me fez dar muitas risadas contando suas histórias.

O entrevistado nasceu em 05 de junho de 1995 em Luanda, no bairro do Rangel, próximo a um mercado a céu aberto chamado Tunga Ngo e que, segundo ele, na língua

kikongo significa “confusão”. Em sua entrevista nos conta das dificuldades enfrentadas pela mãe para sustentar os filhos, bem como do período escolar e da corrupção nas escolas em Luanda, pois os alunos necessitavam pagar a *gasosa*, termo utilizado para designar o suborno, ao professor e foi reprovado. Agostinho também nos relata como ocorreu a morte da estudante angolana Zulmira Cardoso, além da aproximação da UNEA com os grupos dos movimentos negro em São Paulo e toda a luta para cobrar dos órgãos públicos, brasileiro e angolano, a solução do caso. Atualmente Agostinho estuda Arquitetura na UNINOVE e é professor voluntário da Educafro, e de outros cursinhos pré-vestibular populares.

A décima entrevista foi realizada com Luís Amâncio da Silva Bastos, o Luisão como é chamado pelas pessoas mais próximas, irmão de Álvaro. A entrevista foi realizada em sua residência no bairro do Cangaíba e tive oportunidade de conhecer sua esposa, Fátima, e suas filhas Lufânia e Maitê. Luís nasceu em 24 de janeiro de 1981 e sempre estudou em escolas públicas. Aos 19 anos foi morar em Cape Town na África do Sul, onde ficou por dois anos trabalhando e, quando regressou a Angola, conheceu Fátima e se casaram. Luís contou-me como foi a cerimônia de seu casamento tradicional, o alambamento.

Posteriormente, ele e sua esposa migraram por motivo de saúde, pois sua esposa engravidara duas vezes, mas os bebês nasceram com problemas respiratórios e, por falta de estrutura nos hospitais em Luanda, faleciam. Por meio de um amigo, Luís soube que em São Paulo a medicina era avançada, portanto, o casal juntou dinheiro e vieram ao Brasil quando sua esposa estava grávida de quatro meses. A primeira filha, Lufânia, nasceu com o mesmo problema dos outros, mas ficou na incubadora e hoje é uma criança saudável. Como o casal encontrou maiores oportunidades de trabalho e estudo, resolveram ficar. Luís fez o curso de Tecnólogo em Radiologia na Faculdade Método de São Paulo (FAMESP) e sua esposa concluiu o Ensino Médio. Atualmente, o entrevistado faz o curso de Técnico em Segurança do Trabalho e trabalha como azulejista na empresa Unida Cardoso.

A última entrevista foi com Marseu de Carvalho. O nome de Marseu foi citado nas entrevistas de Maria Fernanda, Agostinho e Álvaro como sendo o idealizador da UNEA e achei que seria muito interessante entrevistá-lo. Marseu nasceu em 02 de abril de 1992 e, atualmente, faz o curso de Administração na Universidade Paulista (UNIP). Em sua entrevista, Marseu fala da tradição de seu grupo étnico-cultural, da sua

formação escolar, das circunstâncias que o fizeram vir estudar no Brasil, além da formação da UNEA, de como se deu a aproximação desse grupo com o movimento negro em São Paulo após as mobilizações da morte de Zulmira Cardoso, bem como de seu crescimento pessoal após seu engajamento nos movimentos sociais e suas expectativas para o futuro.

Os registros das narrativas desses sujeitos foram tomados nesse estudo como uma amostra, sendo assim, não podendo ser generalizada à totalidade desse grupo na cidade devido às particularidades de cada história de vida. Entretanto, paralelamente, serviu como fonte para análise dos aspectos que envolvem a imigração, seja ela temporária, forçada ou permanente, inclusive com os dilemas e as dificuldades de ser estrangeiro. O longo período de guerra civil, a grande desigualdade social e a oportunidade de complementar os estudos fora do país aparecem nas entrevistas como motivações para justificar a emigração.

Mais do que dar voz a esses sujeitos, me permiti ouvi-los, ou seja, deixei que cada um falasse livremente o que achasse importante expor de suas memórias, fazendo pequenas interrupções para alguns esclarecimentos se surgissem. O resultado foi um conjunto de histórias de vida que revelaram como se estabeleciam as relações cotidianas no período colonial, a expectativa das lutas pela independência, as tristezas da guerra civil, a esperança de reconstrução do país, a motivação de sair do seu lugar, a expectativa da chegada e as relações cotidianas no novo lugar. Enfim, relatos que nos dão outra perspectiva dos processos históricos e que revelam aspectos dessa imigração contemporânea num tempo em que o fluxo internacional de pessoas e a mundialização dos mercados causa nos indivíduos a busca de oportunidades e melhores condições de vida em outras terras.

Apresento abaixo uma tabela sistemática com informações resumidas sobre os entrevistados:

Tabela 1 - Informações básicas sobre os entrevistados do projeto

Nome	Idade	Província de origem	Grupo étnico-cultural	Razões da imigração	Ocupação	Quando chegou ao Brasil	Bairro onde reside	Data da entrevista
Alexandrino Nunes Mpanza	28	Luanda	Kimbundo	Cursar Jornalismo na USP, por meio de de convênio PEC-G	Funcionário público	2008	CRUSP – Butantã	10/06/2011
Jovem angolano	29	Luanda	Kimbundo	xxxxxx	Engenheiro ambiental	xxxxxx	xxxxx	06/11/2011
Moisés Alves		Uíge	Kimbundo	Ingressar como aluno especial para conseguir entrar no doutorado em Literatura Comparada na USP	Professor	2011, mas ficou apenas dois meses. Retornou em 2013	Bela Vista	06/12/2011
Ema Cândida Branco Fernandes		Kwanza-sul	Kimbundo	Fazer Mestrado na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP. Concluiu o Mestrado e hoje continua na mesma instituição fazendo o Doutorado	Professora universitária na Universidade Agostinho Neto	2008	Ribeirão Preto	09/12/2011

Paulina Hilária Alfredo	50	Uíge	Kimbundo	Fazer Mestrado em História na USP, mas até o presente não ingressou.	Professora de História	2011	xxxxx	13/11/2011
Neves	Não informo u	Uíge, mas com a guerra migra para Luanda	Bakongo	Refúgio	Artista plástico	2001	Brás	14/01/2012
Maria Fernanda Pereira Pascoal	23	Huambo, mas desde pequena mora em Luanda	Ovimbundo	Cursar Psicologia – FMU	Estudante	2011	Liberdade	17/01/2013
Álvaro Silva Pereira Bastos	25	Luanda	Kimbundo	Cursar Direito – UNIP	Ajudante de eletricista	2009	Cangaíba	27/01 e 03/02/2013
Agostinho Francisco Martinho		Luanda	Kimbundo	Cursar Arquitetura - UNINOVE	Funcionário público	2009	Vila Maria	1º e 16/02/2013
Luís Amâncio da Silva Bastos	32	Luanda	Kimbundo	Procura de hospitais para nascimento do filho, pois havia perdido dois recém-nascidos em Luanda.	Azulejista	2008	Cangaíba	12/02/2013
Marseu Sebastião de Carvalho	20	Luanda	Kimbundo	Primeiro veio cursar Sistemas de Informação na	Estudante	2010	Vila Carrão	21/02/2013

				FACOL, em Lençóis Paulista. Logo no primeiro semestre, desistiu do curso (ver entrevista). Hoje cursa Administração na UNIP				
--	--	--	--	---	--	--	--	--

1.2. Migrações contemporâneas em tempos de globalização

As migrações constituem uma área de estudo privilegiada para as análises dos diversos processos que caracterizam a modernidade. Temas como o trabalho, desenvolvimento econômico, globalização e construção identitária se encontram profundamente vinculados e é inevitável inter-relacioná-los para compreensão das transformações ocorridas no fim do século XX e início do XXI.

Não apenas no Brasil, mas também em vários países, as migrações, nas suas mais diferentes expressões, representam uma questão crucial que precisa ser entendida e analisada com base nas mudanças ocorridas ao longo dos tempos. Profundas transformações econômicas, sociais, políticas, demográficas, culturais e ideológicas marcam o mundo contemporâneo e, por meio desses fatores, os movimentos migratórios internacionais vêm tomando cada vez mais importância nesse contexto. As desigualdades regionais acentuadas e crescentes, a manifestação de conflitos localizados e a busca de melhores condições de vida constituem o pano de fundo desses deslocamentos e inseridos nesse espaço vemos refugiados de guerras, trabalhadores ilegais, indivíduos das mais diversas origens nacionais e étnicas, classes sociais ou religiões que compõem uma rede de migrações complexa, multifacetada e de amplitude variada.

Atentando-se para o estudo do tema da imigração contemporânea, Abdelmalek Sayad (1998) analisa a imigração de argelinos para a França e sua pesquisa compreende a imigração internacional como um fenômeno. Segundo o autor, para entender a imigração, deve-se levar em conta as condições sociais que engendraram a emigração, pois é o ato inicial do processo migratório. Portanto, o imigrante só existe a partir do momento que cruza a fronteira e é nesse momento que nasce a figura do imigrante na sociedade de destino.

Luiz Bassegio (2008), ao discorrer sobre o tema, considera mais relevante nas migrações, não o número absoluto de migrantes e nem o volume das remessas, mas sim o seu conteúdo político. As migrações, ao mesmo tempo em que denunciam as políticas econômicas dos países, que não geram oportunidades de trabalho, também são anúncio de que outro mundo é possível e necessário. Com isso, o fato de milhões de indivíduos deixarem seus países aponta para a necessidade de mudanças profundas, não só nas

políticas públicas de cada país, mas também nas relações internacionais e nas políticas que geram dependência dos países pobres para com os ricos.

Para Stuart Hall (2006) o que existe é uma interdependência global que atua em ambos os sentidos, pois o movimento para fora (de mercadorias, de imagens, de estilos ocidentais e de identidades consumistas) tem correspondência num enorme movimento de pessoas das periferias para o centro. Impulsionadas pela pobreza, seca, fome, pelo subdesenvolvimento econômico, pelas guerras civis e distúrbios políticos, pelo conflito regional e mudanças arbitrárias de regimes políticos, pela dívida externa acumulada de seus governos para com os bancos ocidentais, os indivíduos mais pobres, em grande número, acabam por acreditar na “mensagem” do consumismo global e se mudam para os locais de origens desses “bens”, pois é onde as chances da sobrevivência são maiores.

O termo globalização surge para designar esse fenômeno de alcance mundial, evocado, na maioria das vezes, para celebrar as mudanças trazidas nesse processo. Pode-se destacar, entre elas ascensão econômica de países periféricos (que, entretanto, mantém as mais elevadas taxas de desigualdades sociais), o desenvolvimento de meios de comunicação e o início de uma fase de aceleração do sistema capitalista. Essa aceleração que culminou numa mudança no modo capitalista de produção e numa nova ordem global de trocas econômicas, em que o capital ultrapassa as fronteiras nacionais e os Estados-nação vão perdendo, cada vez mais o poder de regular suas próprias economias, é caracterizado por Michel Hardt e Antonio Negri (2010) como a constituição de um novo Império. Não se trata, neste caso, do velho imperialismo de dominância europeia e norte-americana, mas sim de uma nova soberania composta por uma série de organismos nacionais e supranacionais unidos por uma regra única. Segundo os autores,

em contraste com o imperialismo, o Império não estabelece um centro territorial de poder, nem se baseia em fronteiras ou barreiras fixas. É um aparelho de descentralização e desterritorialização do geral que incorpora gradualmente o mundo inteiro dentro de suas fronteiras abertas e em expansão. (Hardt e Negri, 2010, p.12)

Para Milton Santos (1997), a globalização é perversa na medida em que a humanidade durante dois séculos sonhou com a possibilidade de uma ciência a serviço de todos os homens, e quando isso se tornou possível, esse objetivo é deixado de lado

para que essa globalização sirva apenas um número extremamente limitado, não só de pessoas, mas também um número limitado de empresas e de instituições.

A busca incessante por trabalho e oportunidades de melhores condições de vida, nesse contexto de globalização, faz com que milhões de trabalhadores cruzem fronteiras, arrisquem suas vidas e vivem sob as piores condições de trabalho, sujeitando-se à situações análogas à escravidão.

Se por um lado existe a necessidade de muitos emigrarem de seus países a procura de melhores condições de vida, por outro existe o fechamento de fronteiras dos países mais procurados, migrações seletivas, expulsões de trabalhadores indocumentados e o crescimento de atitudes xenofóbicas contra estrangeiros. Este embate faz com que de um polo se criam estruturas ilegais de ultrapassagem das fronteiras e, de outro, países que utilizam os mais variados e sofisticados mecanismos de patrulha e controle de suas fronteiras. Octanio Ianni (1996), ao analisar a questão das migrações transnacionais, atenta para o fato de que essas migrações provocam fortes reações que são, em geral, preconceituosas ou mesmo agressivas nos países mais ricos ou dominantes, tais como os Estados Unidos e os que compõem a Europa Ocidental:

Apelam às tradições nacionais, aos valores morais, às identidades ou aos seus fundamentalismos culturais para barrar, tutelar, submeter, controlar ou expulsar asiáticos, escravos, árabes, africanos, caribenhos e outros. Falam em xenofobias e etnicismos, quando praticam fundamentalismos e racismos. (Ianni, 1996, p. 155)

Para Fausto Brito (1995) as migrações internacionais fazem parte do atual cenário internacional, assim como fizeram há cem anos. Entretanto, as migrações ocorridas no final do século XIX e princípio do XX tendiam a ser permanentes, em grande parte familiar e os migrantes se integravam econômica e socialmente nos países de destino, diferente do que ocorre na atualidade, vez que:

...a realidade migratória é distinta: fruto da internacionalização do mercado de trabalho e da profunda desigualdade entre as nações, a maioria das migrações tendem a ser cada vez mais temporárias e os migrantes, meros trabalhadores que circulam internacionalmente (...). Hoje eles são como atores convidados a desempenhar um papel secundário no mercado de trabalho, por um tempo determinado. E, logo após, são convidados a se 'desfazer' da América, da Europa ou do Japão. (Brito, 1995, p. 31-32)

Nos países de destino, os imigrantes produzem mercadorias, estabelecem formas de vida diversificadas, influem sobre a produção do espaço e da paisagem urbana, além de compor o mosaico cultural dos lugares em que passam a viver. Michael Hardt e Antonio Negri (2010) referem que os fluxos migratórios podem se transformar na grande potencialidade dos sujeitos contra o Império, pois, ao circular, a multidão se re-apropria de espaços e se constitui como sujeito ativo.

Para os autores, em toda parte a que chegam e ao longo de seus caminhos tais movimentos determinam novas formas de cooperação, ou seja, em todo lugar, os sujeitos criam essa riqueza que, de outra forma, o capitalismo pós-moderno parasitário não saberia explorar do proletariado, porque hoje, cada vez mais, a produção tem lugar em movimento e cooperação, em outras palavras, em êxodo e comunidade. No caso brasileiro, por exemplo, as mercadorias produzidas pelos migrantes bolivianos nas oficinas de costuras, cujos donos em sua maioria são coreanos, são adquiridas pelas sacoleiras angolanas, que atravessam o Atlântico e desembarcam em São Paulo à procura de produtos para serem revendidos em seu país.

Constata-se que, se as migrações se tornaram imprescindíveis para a produção do capital mundial, pois o sujeito que migra carrega consigo uma valor cultural que também é apropriado pelo capital, é necessário que esses sujeitos tenham plenos direitos de cidadania no país onde vivem e trabalham. Trata-se de estabelecer e garantir mecanismos de efetivação de direitos econômicos, sociais e culturais. Para Hardt e Negri (2010), essa é uma luta que já começou. Os sujeitos (multidão) são portadores da força impulsionadora que contestará e subverterá o Império na busca de construir uma alternativa real de luta. Para isso, os autores acreditam que a tarefa da multidão é criar um programa político com três demandas de direitos: “cidadania global”, “salário social”, “reapropriação”.

A definição de cidadania global se refere ao poder do povo em se reapropriar do controle sobre o espaço e, assim, desenhar a nova cartografia (Hardt e Negri, 2010, p.424). O significado de salário social é a renda garantida a todos os cidadãos, porque a multidão inteira produz e sua produção é necessária do ponto de vista de todo o capital social (*Idem*, p. 424); Por fim o conceito de direito à reapropriação é o poder da multidão de se reapropriar dos meios de produção, ou seja, ter acesso a, e controle de,

conhecimento, informação, comunicação e afetos, pois esses são alguns dos meios primários de produção biopolítica (*Idem*, p. 430).²

Tendo em vista essas definições, a proposta de Michel Hardt e Alberto Negri (2010) é claramente um programa revolucionário radical para esse tempo em que o capital determina as esferas políticas, econômicas, sociais e culturais das sociedades, mas que abre caminhos para se pensar uma cidadania global.

A partir do debate acadêmico sobre a nova ordem mundial, podemos considerar os fluxos migratórios como produto das formas de desenvolvimento da sociedade como um todo e, por essa razão, a integração dos migrantes é parte das disputas pelo direito à cidade, memória e cultura material que produz e reproduz no vivido. Assim, o migrante que se desloca traz consigo toda uma bagagem cultural que ressignifica o perfil das metrópoles e, ao mesmo tempo, ressignifica a si mesmo.

Os questionamentos de Stuart Hall (2006) em como se pensar a relação da terra de origem, a identidade nacional e o pertencimento em experiências de diáspora podem ser extensivos aos deslocamentos contemporâneos como um todo. O fato de estar em outro país, não significa desligar-se de suas raízes, pois os elos permanecem firmes, no sentido de que se mantendo no exílio um forte senso do que é “a terra de origem” como uma tentativa de preservação de identidade cultural. Apesar da identificação com as culturas de origem, estas não representam a única fonte de identidade. Na situação da diáspora, como afirma Hall (2006), “as identidades se tornam múltiplas”.

Vários aspectos da identidade dos grupos que migram são reconfigurados para dar origem a uma nova identidade reconstruída, hibridizada e negociada. Na nova terra, os imigrantes desenvolvem mecanismos de ajuda mútua ou de solidariedade entre os seus para se protegerem de alguma maneira da sociedade que o vê como o “outro” e o “diferente”.

A história do Brasil é marcada por processos migratórios especialmente no fim do século XIX. O sistema de produção da modernidade brasileira pode ser

² Os autores definem produção biopolítica como a produção da própria vida social, na qual o econômico, o político e o cultural cada vez mais se sobrepõem e se completam um ao outro. A biopolítica é o terreno das lutas e das resistências produtivas frente às tentativas do biopoder, conforme conceituado por Foucault, de modular e neutralizar as redes de cooperação. Para Negri e Hardt, a multidão é a entidade (bio)política principal de uma sociedade que se caracteriza pela organização em redes, pela produção cooperativa – uma produção que coordena singularidades em busca de um objetivo comum. É a multidão que trava as lutas biopolíticas, que resiste, e também que produz independentemente da sua relação com o capital.

compreendido em três fases distintas cada qual associada a um fluxo migratório específico como forma de solucionar o problema da oferta de mão de obra.

Na primeira fase, que compreende o período das décadas de 1890 até 1930, temos a massiva imigração de europeus e asiáticos, principais agentes do processo de produção manufatureira do Brasil³. O segundo momento está relacionado à migração interna de mineiros e nordestinos nas décadas de 1930 a 1990, época que a modernização se consolida e se caracteriza pela adoção de padrões inicialmente fordistas e depois da década de 1970 pós-fordista de organização da produção, caracterizada pelo exercício do controle e da divisão de trabalho mais intensa. A terceira, posterior a 1990, é caracterizada pela redução da participação do setor industrial, pelo crescimento do setor de serviços e do trabalho informal, que corresponde com a imigração de latino-americanos e africanos, conforme os estudos de Nóbrega (2008).

As relações entre esses três grupos migrantes (europeus e asiáticos, mineiros e nordestinos e latino-americanos e africanos) e a sociedade brasileira têm sido, desde o início, notadamente diferenciada e hierarquizada a partir da proximidade do padrão civilizatório europeu, o qual inclui o ideal da raça branca, isso significa afirmar que, quanto mais próximo a esse padrão, maior o *status* social do grupo e mais positiva sua representação no imaginário social. Isso se reflete, por exemplo, na construção da identidade paulista que valorizou os imigrantes brancos e àqueles que ascenderam socialmente como principais formadores dessa identidade. Se na primeira fase desse processo ocorre uma intensa promoção do Estado que apoiava a imigração de núcleos familiares vislumbrando a possibilidade de branqueamento da sociedade brasileira, hoje ocorre uma imigração individual, muitas vezes de forma ilegal por meio de altos pagamentos aos *coiotes* que facilitam a travessia nas fronteiras.

No caso dos angolanos, o fluxo migratório para o Brasil se deu principalmente a partir da década de 1990 e ocorreu fundamentalmente por dois motivos: o primeiro pelo recrudescimento da guerra civil e a chegada de angolanos solicitantes de refúgio e o segundo pela assinatura do acordo de cooperação cultural e científica⁴ entre o governo

³ Vale lembrar que no início da modernidade, imigrantes foram os portugueses colonizadores, que sazonalmente chegavam ou retornavam ao Brasil, os africanos deslocados pelo tráfico de escravos, movimento contínuo até o século XIX, desconsiderados pela historiografia clássica sobre o processo de imigração para o Brasil.

⁴ O Acordo de Cooperação Cultural e Científica celebrado entre Brasil e Angola foi promulgado através do Decreto nº 99.558, de 05 de outubro de 1990.

brasileiro e angolano, o que possibilitou a vinda de estudantes para cursar graduação e pós-graduação em universidades públicas e privadas. Esse fluxo imigratório ainda é recente, mas cresce a cada dia. A cidade de São Paulo acaba sendo atrativa porque já existe uma comunidade consolidada desde os anos de 1990 que garante proteção e ajuda aos que chegam, fortalecendo, dessa forma, os elos de solidariedade dentro do próprio grupo. Vejamos, através das histórias de vida dos sujeitos que vivem o processo imigratório, como isso se dá.

Capítulo 1. Vidas em tempos de guerra

Neste capítulo abordarei as razões históricas dos períodos de independência e guerra civil em Angola para entender a imigração angolana, pois, como propõe Sayad (1998), para compreender a imigração temos que fazer primeiro um estudo das condições sociais que engendraram a emigração, pois esta é o ato inicial do processo migratório. Para tratar do tema, apresentarei a história de vida de Moisés Alves, que quando criança viveu o período colonial e o processo de independência e quando jovem vivenciou os tristes episódios de uma longa guerra civil. Em sua narrativa Moisés faz uma análise desse processo e da atual situação econômica e social de um país que concentra toda a riqueza na mãos de uma minoria, enquanto que a maioria da população vive em condições de extrema pobreza.

Moisés Alves

...fomos convencidos que éramos inferiores aos brancos

Eu sou Moisés Alves, angolano, nascido no Norte de Angola, na província de Uíge, no município do Negage.

Angola está dividida em 18 províncias, a minha é a terceira. Começa com Cabinda, depois a província do Zaire e depois a de Uíge. Eu nasci na década de 1960, no período colonial, mas já era uma época com certa sensibilidade ao respeito aos negros, porque nós fomos admitidos a ir à escola com os meninos brancos e partilharmos as mesmas carteiras. Antigamente, isso não acontecia.

O engraçado é a comparação desses dois sistemas escolares, eu estudei no sistema colonial e no sistema pós-colonial. Por exemplo: a história ensinada no sistema colonial nunca falava da escravatura e muito menos do colonialismo, e quando víamos o Pelé perguntávamos: “Mas como ele é negro e está lá?”. E, de fato, essa pergunta era muito embaraçante, e a professora não explicava porque explicar a origem do Pelé significava dizer que houve negros vendidos para o Brasil. Perguntar como eles foram vendidos era despertar em nós a curiosidade do nacionalismo angolano. Portanto, passavam-nos a informação de que nós éramos todos portugueses, que Portugal era algo

multirracial, que começava em Portugal e ia até a Ásia. Até me recordo de uma poesia que recitei:

*Eu sou ainda pequenino
Mas já valente e real
Quero ser soldado e defender Portugal
Portugal, a terra de Santa Maria
Os teus filhos sendo teus
Mas também são de Portugal*

Também tínhamos o uniforme da mocidade portuguesa. A mentalidade que nos inculciam na escola é de que todos nós éramos portugueses.

Entre nós e as crianças brancas, não havia problemas; o problema era mais com a polícia. No Negage, o jardim que está atrás da igreja era um parque infantil e, quando um negro lá fosse, aparecia logo a polícia a agarrá-lo. Nisso começou a ver uma discrepância. Do lado desse mesmo jardim, havia uma escola só para branquinhos e atrás da igreja era que havia essa escola mista que estudávamos nós e os branquitos.

E depois nós, claro, habituados como os índios ao farejo da terra, tínhamos lá nossa lagoa, uma espécie de mar, porque estávamos muito no interior, onde fazíamos os mergulhos, os banhos, e contávamos aos nossos colegas brancos. Quando eles lá iam tomar banho conosco, vinha a polícia e nós éramos espancados. Às vezes, levávamos chapadas sem saber por quê. Diziam que nós é que estávamos a perverter os branquitos a irem lambuzar-se nas águas dos pretos e com os pretos.

Os meninos brancos tinham a merenda, suas mães preparavam merendas muito sofisticadas. Nós levávamos a banana, os nossos produtos tradicionais. Eles, às vezes, esqueciam o pão e vinham comer conosco a banana, a jinguba⁵ e tantos outros frutos africanos. As mães deles continuavam com a mesma tônica de estarmos a perverter os miúdos brancos na escola. Entre os miúdos havia aquela inocência natural, a malícia estava mais nos adultos.

A escola era pública e contava com ajuda da Igreja Católica. Lá fiz até a quarta classe. Essa era praticamente a última classe para os negros. Depois de terminada, o

⁵ Amendoim.

sistema colonial dificilmente deixava continuar os estudos, pois ditavam muitos critérios que serviam de impasse para o acesso.

Nem todos os brancos eram maus. Eu recordo-me muito bem da minha santa professora, a professora Euzélia. Ela era branca e fazia festas conosco, nos ensinava a fazer bolitos... À tarde, nós íamos procurá-la na vilinha e preparávamos bolinhos, ela nos ensinava a fazer as coisinhas, era muito divertido! Por uma estima, mandei localizá-la em Portugal, mas não sei se vive ainda... Apesar disso, a situação colonial revela-se sempre numa memória muito lastimável...

Os negros que estudavam nas escolas públicas com os brancos não eram considerados assimilados. O assimilado é o negro que, por exceção, havia estudado até o Liceu, tinha o domínio da língua portuguesa, trabalhava como funcionário público do sistema colonial, tinha o bilhete de identidade e a cidadania portuguesa, e vivia à moda portuguesa. Quer dizer, era um preto distinto! Eu nunca fui assimilado porque eu vivia na comunidade negra como todos os outros meninos negros, ia à escola e voltava. Na escola, cruzávamos com os filhos dos negros assimilados.

Nós éramos seis irmãos, morreram os três mais velhos, ficamos eu e mais duas irmãs. O meu pai era pedreiro de profissão. Na altura, trabalhou na construção da vilinha no Negage. Como essa região é cafeicultora, o meu pai foi comprando fazendas de café e se tornou fazendeiro, trocou a profissão de pedreiro por fazendeiro. A minha mãe era doméstica e o meu pai dedicava-se pura e simplesmente à fazenda.

Tive que pedir aos meus pais que queria ir à escola, mas meu pai dizia que o café dava mais lucro, porque na altura o grande investimento colonial na minha região era o café. Eu era muito miudinho e ia colher o café. O café é muito exigente, só dá uma vez por ano, mas é preciso limpar, podar, colher, secar e vender, serviço que envolvia toda a família.

O meu pai não me deixava ir à escola porque ir à escola significava libertar-me do café. Indo à escola, me tornaria professor e não teria mais nada mais a ver com a fazenda de café. Eu era um dos rapazitos que o meu pai gostava e queria que eu herdasse a fazenda.

O café era a maior riqueza de Angola na altura, porque ainda não se explorava o petróleo e os diamantes só se ouviam falar. O próprio colono investia mais no café, que era o “ouro negro”. Na época tudo que tivesse a ver com café não havia declínio, não havia fracasso. Bastava fazer a colheita e, quando chegava o momento de vender,

vendia e tinha o dinheiro. O meu pai reclamava que era aldrabado, pois o café vendido pelo branco tinha um preço e o café vendido por um preto tinha outro. E também tinha que pagar os impostos. Havia um imposto anual que cada pessoa adulta deveria pagar e muitos não tinham dinheiro. Então, o meu pai pagava o imposto para eles e depois eles iam trabalhar na fazenda que aumentava cada vez mais.

Libertei-me muito cedo do preconceito tribal

Eu nasci num tempo e numa zona multiétnica, porque a minha região fica na fronteira entre duas etnias: nós, os quimbundos, e os kikongos. E recebíamos outras etnias como os umbundos, que eram tirados do Sul e de outras regiões de Angola para trabalharem nas fazendas de café. Nessa altura, a república vizinha do Congo já estava livre, e o colono tinha medo de contratar pessoas do Norte porque poderiam fugir para o Congo e engrossar a guerrilha. As casas nas aldeias eram enumeradas e as famílias controladas. Então, começou a haver certo receio para com o homem do Norte. Isso veio, posteriormente, a criar algumas fricções entre nós e os do Sul, que acharam que foram sempre mais escravizados do que os refinões do Norte.

Já naquela altura, por exemplo, eu aprendi a lidar com o plurilinguismo: o quimbundo como língua materna, o português como língua escolar, o kikongo e o umbundo como línguas dos vizinhos, de maneira que aprendi praticamente a viver num sistema multiétnico e tenho amigos de todos os grupos étnicos do país. Eu conheço quase toda Angola, de norte a sul, só não fui a Cabinda. Libertei-me muito cedo do preconceito tribal e consigo analisar Angola como um todo.

No Norte de Angola, temos a província de Cabinda, que fala o ibinda. Depois vem a província do Zaire e a maior parte da minha província, Uíge, que falam kikongo. Depois começa o quimbundo, que ocupa uma grande parte da província do Kwanza Norte, todo o Malange, Luanda e algumas comunidades do Kwanza Sul. Do outro lado, começa as Lundas com o kiogo. Abaixo do Kwanza Sul, começa o grupo umbundo, que ocupa uma parte do Kwanza Sul, preenche a província de Bengala, ocupa toda a província do Bié, toda a província de Huambo, uma parte do norte da província da Huíla, algumas partes da província Kwandokubango e outras partes da província de Moxico. Depois mais ao sudoeste do país, temos os nganguelas. Descendo na província da Huíla, vamos encontrar, então, os khoisan. Temos também a mistura dos hereros e,

descendo, temos os mukubás e kwanhamas. Esse é mais ou menos o mosaico étnico linguístico de Angola, não excluindo os seus subgrupos.

A estrutura étnico-linguística foi tentada a ser atizada para ser usada como fenômeno de discórdia, aproveitando-se dessas tribos que falavam línguas diversas para contrapô-las umas às outras. Mas, graças ao senso do povo e da clarividência de certos nacionalistas, temos as nossas línguas como um fenômeno de conservação da nossa cultura e, ao mesmo tempo, como manutenção das nossas tradições culturais tão diversas e variadas de toda e uma Angola.

Vendo a história dos povos, a própria França e a Itália eram povos diversos. Os italianos não falam a mesma língua, são pequenos grupos que se uniram e adotaram o italiano como língua nacional. Eu estive na Itália e admiro isso. Na própria formação de Portugal, não há uma coesão linguística, nem todos falam português, há o mirandês, que não é português, mas formaram uma comunidade. Quer dizer, bem ou mal a história foi feita assim. Mas é o que existe hoje.

Agora, o que nós devemos fazer nesse momento é pegar essa diversidade étnico-cultural e usá-la positivamente. Essa diversidade sempre esteve à margem dos sistemas acadêmicos dos nossos tempos. Isso é o que me deixa muito angustiado porque ainda não foi dada ao menino negro a capacidade de um encontro total com a ciência para poder explorar as suas capacidades, pois sempre foi considerado um marginal. Hoje a África é quase apenas um reduto de consumo e não de produção.

Eu sou católico de religião, apesar de muita crítica que se faz hoje ao catolicismo. Mas naquela altura era um pouco mais moderada. Nós recebemos o cristianismo num momento de grandes contradições, porque os mesmos que nos evangelizavam traziam consigo a cizânia do colonialismo e da escravatura, que é um dos crimes mais nauseabundos e desumanos da história. Muitos de nós, africanos, não entendíamos o problema religioso colonial, por isso que o cristianismo em África deu origem a muitas seitas, no sentido de interpretar a caridade de Cristo em relação ao próximo, caridade essa que era negada diametralmente pelo sistema colonial, que falava de caridade e ao mesmo tempo discriminava, vendia e matava as pessoas. Somos cristãos a nossa maneira e não da maneira portuguesa ou colonial, porque o cristianismo

é uma opção radical, ou você aceita a pessoa como teu próximo ou deixa de ser cristão, não há meio termo.

Também havia uma integração com as práticas religiosas locais porque os valores que há na religião tradicional coincidem muito com os valores que há no cristianismo, com exceção de alguns, entre estes a poligamia. O cristianismo diz: “Ame o teu próximo como a ti mesmo.”, e também nas nossas práticas da religião tradicional a aceitação da pessoa é um valor absoluto que se transforma em realidade na hospitalidade gratuita. Por exemplo: se encontrar a irmã do outro na rua, ela é tua irmã; se encontrar o pai do outro, é teu pai.

Em África, os povos estavam divididos em reinos e cada reino correspondia a uma língua e estava ligada a um território sob a égide de um chefe. Com a colonização, houve a abolição da chefia autóctone e a nomeação de chefes tradicionais que passaram a desempenhar a dupla função: representar o Estado português dentro daquela comunidade e, ao mesmo tempo, manter a sua autoridade tradicional.

Os chefes tradicionais, pobrezitos, mal sabiam ler, eram aldrabados... Eu gostaria de fazer um livro, se eu um dia for escritor, para pensar: se nós vendemos escravos, onde é que metemos o dinheiro da venda? Qual o chefe africano que ficou rico? Esse dinheiro era para quê? Essas pessoas viviam lá e mal sabiam usar o tal dinheiro, onde é que meteram? São falácias! Esses chefes, analfabetos que eram, tinham que executar as ordens porque, se não as executassem, recebiam palmadas. Eu vi muitos chefes serem castigados porque havia desaparecido alguém da sua comunidade.

Como estávamos na zona da guerrilha, as casas eram enumeradas, as pessoas eram contadas anualmente. Quando chegava na hora do recenseamento e das vacinas, nós recebíamos vacinas – eu tenho cá as marcas –, havia uma chamada de toda aldeia, pessoa por pessoa, e se alguém não aparecia o soba tinha problema. Ele tinha que dar conta das pessoas, onde é que foram, quem nasceu, quem morreu...

As pessoas que estavam na idade de ir para a tropa, com esse recenseamento que se fazia, não precisavam apresentar-se, o próprio colono vinha lá com o carro militar para dizer que fulano e fulano tinham que ir para a tropa, porque eles tinham os registros daquele povo. Até havia pessoas que foram dadas por mortas, tinham que cavar uma campa e fazer um óbito disfarçado dizendo que fulano morreu, mas não tinha morrido, tinha ido para o lado da guerrilha que tinha sede no Congo.

As pessoas não se moviam muito porque o colono não deixava. Para você se mover, o soba tinha que saber onde é que você ia, porque quando chegava o tempo da vistoria da aldeia, do recenseamento e das vacinas ele tinha que apresentar as pessoas e justificar onde é que foram. Na minha aldeia, tinham mais ou menos 5 a 6 mil pessoas. Quando nasciam ou morriam, as pessoas eram registradas. Enfim, não era fácil justificar um desaparecimento.

O Negage é uma região que estava bem esguarnecida, tinha muita tropa. Essa foi uma zona de guerrilha muito intensa porque tem muitas matas e tinha muito café, e os movimentos de libertação tinham que atacar essas fazendas para boicotar os interesses econômicos dos portugueses. Entretanto, os portugueses eram muito mais organizados, mais fortes e com campanhas de patrulha muito intensa. Muitas vezes havia incursões de guerrilheiros nas fazendas.

Eu me recordo uma vez quando eu era miúdo e estava a virar o café – durante as férias eu ajudava o pai a virar o café. Tínhamos ficado eu e mais uma irmã pequena quando passaram militares que eu não sabia identificar. Não nos levaram. Só mais tarde que eu pude identificar que eles não eram do exército regular dos portugueses, eram da facção guerrilheira. Eu não entendia por que à noitinha tinha um tiroteio danado quando atacavam as fazendas. Eu perguntava a minha mãe e ela dizia: “Cala, cala!”.

Depois na escola a professora dizia que eles eram macacos, terroristas. Os portugueses faziam uma contrainformação: “Os turras⁶ estão a matar brancos e pretos, vocês tem que crescer já para nos podermos defender.”. Todos os meninos brancos e pretos eram ensinados a odiar os turras. Havia o recrutamento de pretos, que até recebiam armas para se defender contra os guerrilheiros.

Os guerrilheiros não tentavam uma aproximação aberta com a comunidade, mas faziam-na clandestinamente, evitando as traições, porque Portugal tinha uma propaganda e uma maneira de nos fazer ver as coisas a seu favor. Ultimamente, eu conversei com um guerrilheiro sobre como prosseguia, ele contou-me: “Olha, muitas vezes estávamos lá na mata, na clandestinidade, recebíamos armas, porque era impossível ir até o Congo. Vivíamos na comunidade, tínhamos as armas escondidas e à noite íamos pegá-las. Atacávamos e fugíamos para outras aldeias, escondíamos o fardamento e, quando os portugueses chegavam, era como se não tivéssemos nada, estávamos no meio da comunidade.”.

⁶ Denominação dada pelos portugueses aos guerrilheiros em Angola.

Naquela altura, era impossível ter uma base fixa na região sem que os portugueses a destruíssem. Ele explicou-me por que o Negage, na zona da savana, onde não há matas, era mais calmo, com impossibilidade de fazer guerrilha. O que acontecia? Eles estavam na zona da mata, combinavam, faziam um distúrbio, depois fugiam e vinham repousar nessa zona calma. Então, os portugueses ficavam meses e meses à procura de guerrilheiros e não achavam ninguém, com exceção daqueles que tinham sido mortos ou que fossem capturados. É por isso que todo guerrilheiro mudava de nome e não podia levar documento, porque, se fosse preso com documento, as pessoas da aldeia de onde havia saído seriam todas mortas.

A independência de Angola não só foi conquistada por meio de tiros, mas também por meio de negociações, porque a guerrilha não conseguiria derrubar o exército português à força das armas. Vimos que os grupos de guerrilha começaram a aparecer com armas e entrar tranquilamente nas cidades depois dos acordos. O 25 de Abril em Portugal, a Revolução dos Cravos, influenciou muito no cenário da guerra. De fato, houve acordos que permitiram aos guerrilheiros entrarem com as suas armas tranquilamente sem atacar as unidades militares portuguesas. As unidades militares portuguesas retiraram-se, e os brancos previam que deveria acontecer outra guerra, e que realmente aconteceu no pós-independência.

Há muitas divergências sobre isso e nunca vamos chegar a uma conclusão, cada um tem a sua maneira de ver as coisas. Para mim, a maneira fraca de entender as coisas é que os portugueses não estavam de acordo com a independência de Angola e, portanto, tinham que sabotar a paz e a tranquilidade do país. Eles deveriam exigir que os partidos formassem um único exército e fariam as eleições.

Havia um grande interesse dos portugueses comunistas apoiarem Agostinho Neto e, além disso, ele estava casado com uma branca, e isso poderia refletir na boa graça que os portugueses tinham para com ele em relação a sua trajetória política.

Em Angola, nesse período, entraram os três partidos armados: Agostinho Neto, do MPLA, com os seus militares; a FNLA, de Helder Roberto, com o seu exército; e Jonas Savimbi, da UNITA, com o seu grupo. Num lugar onde havia três exércitos e sem eleições, você pode ver onde isso daria! O que não aconteceu, por exemplo, com a

Namíbia, república vizinha, em que os partidos foram obrigados a formar um exército único namibiano e a entrarem no país como forças políticas para concorrerem às eleições. Em Angola, infelizmente, isso não aconteceu.

As independências não se dão, são sempre uma conquista. Eu lhe dou um outro exemplo: é como um senhor que está a divorciar-se de sua mulher, nunca vai lhe dar o dinheiro para viver bem, vai esconder tudo para amanhã ela se arrepender e dizer que com o marido era melhor. É o que aconteceu com as nossas histórias.

Na década de 1960, as colônias francesas e inglesas já eram independentes e a ONU pressionava a política portuguesa a deixar Angola livre. É quando Salazar fazia aquele discurso que Portugal não tinha colônias, era uma república multirracial, intercontinental e com províncias ultramarinas. Portanto, houve também umas mudanças na atuação colonial, que não foi sempre a mesma em todos os tempos. Por exemplo, o que eu vim a perceber depois da independência? A história da Angola não era contada. Não se contava, por exemplo, que Angola era uma colônia e que a sua gente foi presa e levada para o Brasil como escravos. Os colonos nos convenciam de que nós, pretos, não trabalhávamos, que quem trabalhava eram os brancos. Diziam que éramos todos portugueses e, de fato, nos faziam crer que éramos portugueses.

A cidadania nos foi revelada a partir da independência de 1975, quando os movimentos chegaram e disseram que não éramos portugueses, mas sim angolanos e que os portugueses tinham que ir embora. Na altura, eu tinha 12 anos, ia fazer 13 naquele ano. Começaram a vir as ideias revolucionárias dizendo que nós vamos viver bem, que vamos ser independentes, que somos os donos da terra. Era todo um novo dicionário que nós tivemos que decorar. O período da independência de Angola foi um momento de grande euforia!

Na escola, apareceram professores negros, houve uma ajuda de professores cubanos. Aí começa o socialismo em Angola. Começa o marxismo, começa a luta contra a igreja, aquele discurso que Deus não existe. Quer dizer, uma outra sociedade, uma mudança que eu não imaginava.

Para mim, foi uma mudança brusca e repentina que tivemos que assimilar. É como se eles partissem a casa e tivéssemos que nos adequar a viver na varanda. Depois com a euforia de dizer que afinal eu estava a viver mal porque o branco me impedia, agora vou ser eu, agora eu tenho que pegar em arma, agora vou defender Angola. De fato, é um fanatismo e uma doçura tal de pertencer a um país. Começaram a nos contar

como é que fomos explorados, como é que os negros foram presos, levados e escravizados no Brasil. O Museu da Escravatura já é visto como um monumento. É muita coisa que você vai descobrindo... Eu pensava: “Nossa, Angola estava totalmente enganada!”.

Nesse novo contexto, das pessoas que apoiaram os colonos no sistema colonial, alguns se adaptaram, outros fugiram com os portugueses. Começa uma espécie de vergonha e de automutilação de terem consciência de haver feito mal e impedido a revolução.

A fazenda do meu pai também foi um outro percalço. Depois dos portugueses, o café já não valia, caiu em colapso. Muitos dos que se dedicavam a essa atividade entraram em crise, e o meu pai certamente não resistiu e faleceu...

Depois da independência, continuei os estudos no mesmo município. Depois fui para Huambo, no centro do país, para fazer o ensino médio e o superior. Fui adiado da tropa porque estava cursando o ensino superior. Acabei o ensino superior e comecei a trabalhar como professor do ensino médio. Como eu estava ligado à Igreja, através dos padres tive uma bolsa para Itália e fiz a licenciatura em Teologia e Antropologia, em Roma. Depois voltei e continuei a dar aulas.

Mesmo fora de Uíge, eu sempre estive ligado à minha família. Pelo menos uma vez por ano, eu ia visitá-los, mesmo quando a guerra estava muito intensa. O Uíge e o Negage eram zonas estratégicas, e o governo não deixava a UNITA tomá-las. Portanto, nessa província tinha muita luta. A base militar da região era no Negage e devia proteger a província de Uíge.

Como eu disse, a independência não foi dada pacificamente. Mesmo antes da independência, começa a guerra entre os movimentos: o MPLA, de Agostinho Neto, proclama a República Popular de Angola, em Luanda; a FNLA, de Holden Roberto, em M’banza Kongo, proclama a República Democrática de Angola; e Jonas Savimbi, na cidade do Huambo, proclama outra república.

Agostinho Neto, homem muito esperto, abre as portas do país aos cubanos. Então, com as forças cubanas e com os blindados, os outros tiveram que correr para as

matas. Assim começa a guerra civil, os outros dizem: “Agora vamos deixar as cidades e vamos para as matas.”. E passam a resistência.

Mas quem viola primeiro os acordos e entra com o exército não angolano foi a FNLA, que entrou com o exército zairense, atual República Democrática do Congo. Tanto é verdade que nós e os congoleses tivemos sempre essa briga porque já naquela altura Angola, em certas infraestruturas, estava um pouco mais adiantada que o Congo. Assim que eles chegaram, os militares congoleses, ao invés de organizarem-se para a independência, começaram a roubar. Roubavam isso, levavam aquilo, e isso criou um pânico, e as pessoas odiaram a FNLA. O MPLA tirou partido disso.

O que o MPLA, estratégico como sempre, fez? Apresentou-se como povo: “O MPLA é o povo, e o povo é o MPLA! Se você está na tua casa, não importa, você é do MPLA, porque você quer a independência, quer ser livre.”. Muitos guerrilheiros do MPLA não foram às cidades, ficaram nas comunidades negras onde tinham as suas bases de mobilização. Então, uma boa camada negra aderiu a esse grupo.

Jonas Savimbi, com sua boa astúcia, disse: “Unidos venceremos!”. Muito pacífico, não participou das primeiras guerras. A guerra que começou era entre a FNLA e o MPLA⁷. Passados uns três meses, a guerra também começou entre a UNITA e o MPLA. A maior atenção não era o Sul do país, mas o Norte, onde a FNLA estava bem armada e ligada ao Congo. A FNLA perdeu primeiro por ter introduzido militares estrangeiros no país, os congoleses. Pelas desordens e matanças que foi fazendo durante a guerra, isso já lhe deixava mal. Também teve grandes problemas e atritos com intelectuais e professores. Aí pronto, começa a perder. No decorrer do tempo, perceberam que Holden Roberto não era um homem carismático e que não poderia ser um político e nem mesmo um mobilizador de massas. Com o andar dos tempos, a guerra foi tomando contornos cada vez mais complexos e aconteceram os maiores desastres entre a UNITA e o MPLA.

Passados uns três anos de bom combate, a FNLA perdeu os raios da ação e começou a decair. A UNITA, naquela altura, não tinha forças e foi para as matas. Precisou anos para se remobilizar. Jonas Savimbi, como é umbundo – e estes são a maioria em Angola –, começou a mobilizar o povo em umbundo. Portanto, a guerra

⁷ Essa guerra entre FNLA e MPLA vinha desde as lutas pela independência, quando estavam sediados no Congo [Nota do entrevistado].

tendia a tornar-se uma guerra tribal. Jonas Savimbi pensava que todo o povo umbundo deveria aderir à UNITA, o que não aconteceu.

O MPLA tentou criar um movimento de coligação de unidade nacional, e começaram as rusgas. O importante era você ser jovem e ter idade para ir à tropa. Apanhavam gente de toda a área e formaram oficiais de todas as etnias. Apresentaram o marxismo-leninismo como via para o desenvolvimento de todo o povo e quem não seguia era considerado reacionário. Então, muitos viraram oficiais do exército: umbundos, brancos, mulatos, etc... O MPLA começou a ser um mosaico representante de tudo. E quem eram os oficiais da UNITA? A maioria umbundos. Quer dizer, começa a haver um tribalismo.

A nível internacional, há a Guerra Fria, a União Soviética contra os Estados Unidos. Os Estados Unidos estavam radicados no Congo, e o comunismo, ligado a Cuba, tomou posse em Angola. Veem que a FNLA não aguenta, e os Estados Unidos apoiou Jonas Savimbi, que é mais carismático. Então, a guerra civil em Angola tornou-se a luta entre soviéticos e americanos. Tanto é verdade que, quando caiu o muro de Berlim, em Angola começa o processo para o diálogo entre os movimentos, porque a União Soviética já não fazia sombra. Nós estávamos nesses cruzamentos, perguntávamos se a guerra era mesmo nacional ou internacional. E depois porque estávamos a nos matar se cada um tinha o seu lugar.

Também foram muitos cubanos para Angola. Havia militares para manter as defesas, professores, médicos e outros setores. Entraram no país como se fossem angolanos a trabalhar. O relacionamento com os cubanos foi sempre pacífico e bom. Nesse aspecto, os cubanos sempre agiram com respeito, era sempre aquele “bom dia”, “boa tarde”! Eles gostavam muito de meninas! Muitos jovens também foram para Cuba estudar. Havia esse intercâmbio.

As eleições de 1992 foram, de fato, uma cartada que Angola perdeu. Nós estávamos cansados da guerra, cansados mesmo, porque a guerra tinha atingido cada pessoa no corpo, cada um de nós sofreu as consequências. Matou-se muita gente e a guerrilha continuava intensa. É essa guerra que leva a minha mãe, que é velha, a abandonar a zona onde nascemos para fugir para Luanda. Luanda começa a ser um

centro a acolher tudo. Passa ser terra de todos! Toda gente procura refúgio onde está o presidente, porque é onde estão as tropas.

Quando minha família chegou a Luanda, não tiveram problema de se adaptar numa cidade grande. Naquele momento, o problema era procurar a segurança da vida: “Pelo menos vou para lá, posso morrer de fome, mas não vou morrer aqui de guerra!”. Era assim que elas pensavam! A fazenda, naquela altura, estava na zona de guerra e não tinha quem a comprasse. Tinha que tentar a sorte com o bocado que tinha e, quando se chega pronto, Luanda é Luanda. Minha mãe saiu do Norte com as minhas irmãs e os meus irmãos e estabeleceram-se em Luanda. Lá começaram a sustentar a vida, o dia a dia de Luanda e até hoje estão lá. A minha mãe já é velhinha e vive com uma das minhas irmãs. Agora estamos construindo uma casa no Norte para ela retornar. Ela pediu para morrer onde nasceu.

Nas eleições que ocorreram em 1992, como sempre, nós não tiramos as experiências positivas da guerra, porque a presença dos exércitos em 1975 perigara a paz e em 1992 também perigou. Foi uma senhora Margareth Anstee, inglesa de nacionalidade, que declarou que o exército único estava formado, e Jonas Savimbi não tinha exército. Com o reacender da guerra, eu encontrava-me do lado das forças governamentais. A zona onde eu morava, que se localiza no Norte do país, estava ocupada pelo MPLA, mas posteriormente foi ocupada pela UNITA. A UNITA tinha outra tática de proceder, os seus homens nem sempre ficavam fardados... Mas quando começavam os tiros, não se sabia distinguir quem era e quem não era militar. Houve uma grande precipitação! As eleições em menos de um ano, os exércitos mal desmobilizados e desarmados, e a incerteza do povo em relação ao futuro do país.

Mas guerrilheiro só sabe matar, não sabe fazer política... Infelizmente, Jonas Savimbi cometeu erros na sua campanha... Uma pessoa que quer uma menina nunca vai começar a dizer: “Você é feia, o dia que você estiver na minha casa vai ver como eu vou te endireitar!”. Essas promessas espantaram o povo... Jonas Savimbi tinha uma lábia... Todos esperavam algo dele, muitos diziam: “Ah, esse homem, sim.”. Mas depois ele desmotivava as pessoas... O meu primo me disse uma vez:

— Estou de novo confuso. O velho Savimbi disse que os malanjinos⁸ vão empurrar o comboio com os dentes. Então, esse eu já não quero!

E continuou:

⁸ Habitantes da província de Malange.

— Ele é uma saída, mas se vencer isso aqui vai ser uma somalização e eles vão dominar Angola.

Então, começou uma opinião assim... E depois a vinda na cidade com as armas, a arrogância de um dos chefes da campanha... Ele sabia que muitas pessoas que estavam no MPLA não aderiram de livre e espontânea vontade, foram forçadas. Ele deveria ter tido uma linguagem de carinho para toda gente e não teve...

Bom, realizaram-se as eleições, declaradas por Margareth Anstee como “justas e livres”. A justiça e a liberdade, só eles sabem averiguar... Jonas Savimbi protestou que as eleições não foram livres e justas. Também, era impossível, uma vez que o povo estava submetido ao comunismo...

Para mim, Jonas Savimbi tinha uma cartada. A alegação de que Deus não existia para aquele povo era muito severa. Mesmo o MPLA tinha esse atrito: diziam que Deus não existia, mas aos domingos as igrejas estavam cheias! Então, acho que havia tantas coisinhas que Savimbi poderia ter falado... Jonas Savimbi fez uma campanha contra ele e a favor do MPLA... Depois, estava sempre fardado, sempre militarizado... E tinha se esquecido de uma coisa: em tudo que é canto, a UNITA matou. Mesmo nas aldeias onde não havia nada, a UNITA chegava, mobilizava e levava as crianças forçadamente. A UNITA chegava, prendia e pronto: “Aqui já não pertences, pertences à UNITA e devemos fazer tudo que o chefe manda!”. Infelizmente, na guerrilha tem que matar para difundir terror e vergar o inimigo.

Os campos minados eram uma autoproteção para os dois lados: “Nós estamos a fugir e temos que deixar minas para, quando o inimigo chegar, ele pisar e morrer.”. Onde há guerra, há minas e destruição de pontes... O que mais deixava lesada as aldeias é que, até onde não havia militares, a UNITA chegava e matava. O que o MPLA fazia? Em algumas aldeias, também bombardeava, mas em outras era muito mais disfarçado, chegava e não incomodava o povo. Então, para o povo era melhor ficar com o MPLA do que com a UNITA.

Durante a guerrilha na Jamba, que era o quartel general da UNITA, havia notícias de que muitos dirigentes foram mortos, ou porque não aceitavam mais aquela situação, ou porque faziam críticas ao movimento. No MPLA, não havia mortes. Se alguém cometia um crime, te mandavam para o outro lado. Na UNITA, se o indivíduo cometia algo, era morto!

Outra coisa: Na UNITA, o Jonas Savimbi era uma espécie de Deus. E também tinha essa coisa do servilismo entre ele e os oficiais... Então, essas coisinhas todas, essas baboseiras todas somadas, mais o comportamento deles ao longo da guerrilha contra os pacatos cidadãos, fizeram com que a UNITA comesse a ser indesejada. E depois nos redutos onde a UNITA tinha apoio, quando lá esteve portou-se mal. Então, saudosismo para o MPLA...

A UNITA precisava de uma logística que viesse do povo, ou seja, quando chegavam, as pessoas tinham que dar comida aos militares. No MPLA, isso não era preciso porque eles sabiam que os malongos⁹ em Cabinda estavam protegidos. O dinheiro do petróleo pagava as despesas militares.

Então, pronto. Isso tudo fez com que as coisas andassem mal. Jonas Savimbi não teve a capacidade de reflexão sobre o comportamento dos seus militares, porque esse mesmo povo que foi espezinhado era o povo que deveria o eleger. Mas a coisa aconteceu ao contrário!

Não há evidências que provem que os resultados das eleições foram fraudulentas, mas pelo comportamento da UNITA acredita-se que foram positivos para o MPLA. Jonas Savimbi foi profeta numa coisa e certa vez disse mais ou menos assim: “... quando a bala passar no meu corpo, eu aí já não estou, mas o MPLA não vai lutar contra Savimbi, vai lutar contra esse povo, porque esse povo é sofredor.”. Savimbi morreu, mas os atritos contra o MPLA continuaram. Nisso ele foi, de fato, profeta...

A guerra que se seguiu após as eleições foi mais cruel... Eu digo que essa foi a quarta guerra. A primeira, para mim, foi aquela da resistência em que a Rainha Njinga Mbandi, Mutu-Ya-Kevela e outros nacionalistas resistiram à ocupação portuguesa. Quem lê a história de Angola, ou mesmo um romance como *Yaca*¹⁰, sabe dessa resistência popular. Depois dessas resistências, e quando acabaram com as escravaturas, houve uma espécie de auto convivência não compensada.

A segunda guerra foi a que fizemos contra o colono. Depois da independência dos Congos e de outros países africanos, a tomada de consciência de muitos intelectuais e dos partidos nacionalistas angolanos que tinham que lutar contra o colonialismo.

A terceira foi aquela que veio depois da independência até as eleições. Essa estava embebida de muitas confusões, de muitos interesses. Agostinho Neto – pena que

⁹ Malongo é umazona de produção de petróleo.

¹⁰ Romance escrito por Pepetela e publicado em 1984.

morreu cedo – não queria guerra. Foi no Congo conversar com Mobutu Sese Seko, que deixou de apoiar a FNLA. E também por quê? Devido a uma pressão, porque Cabila e tantos outros já estavam com os cubanos noutra parte de Lumbumbá a atacar dizendo que o Shaba não era Congo. Continuando a apoiar a FNLA, era pôr fogo aceso dentro do próprio Congo. Então, lhe convinha diplomaticamente deixar, e automaticamente os bandos recuaram. É assim também que a FNLA enfraquece.

Acredito que Agostinho Neto e Samora Machel precisavam mudar. Foram só dois anos de poder, mas dois anos de procurar caminhos sólidos. Aí Agostinho Neto foi para a União Soviética e morreu de forma desastrosa que ninguém não sabe ao certo... Até hoje é um ponto de interrogação, porque eram pessoas honestas, que tinham lutado, mas que também tinham uma posição social no tempo colonial. Tanto é verdade que não tocaram e nem meteram conta ou dinheiro lá fora, eram patriotas convictos, estavam a ensaiar sistemas para servir o povo. Mas havia a hegemonia da Guerra Fria, portanto, não estavam livres. Isso foi até 1992, que também coincidiu com a queda do Muro de Berlim e o fim do bloco socialista.

A partir de 1992 que é a quarta guerra. Aquilo foi uma guerra partidária à procura do poder... Foi uma luta desenfreada pelo poder que terminou com a morte de Jonas Savimbi no Lucusse.

Após a morte de Savimbi, houve um acordo político. As guerras e as armas calaram-se, e começou a luta ideológica, que vem até os nossos dias. A guerra já não é mais armada, mas as fricções continuam. Nós precisaríamos em Angola de um Mandela que sabe ver além: o meu adversário deve ser dignificado para que ele se sinta em casa. Isso foi feito com os militares da UNITA. Por que é que a guerra parou a nível militar? Porque os generais do MPLA e os generais da UNITA receberam a mesma quantidade de dinheiro e as mesmas regalias.

É isso que o MPLA não fez para com a sociedade, porque, se tivesse feito, não haveria os tumultos que há. Por que esses tumultos surgem? Porque uns têm demais e outros não têm nada. Chega uma hora que as pessoas questionam: “Por que ele há de ter mais e eu não tenho?” Isso nos faz recordar o tempo da Revolução Francesa, em que o clero e a nobreza tinham mais que o povo. O povo suportava como uma mula. Teve que haver uma mudança para chegar à igualdade, à liberdade e à fraternidade. Isso que se passa em Angola.

Fui tomando gosto pela literatura

Durante 1992, eu fiquei cativo com a UNITA. Não fui combatente, era apenas um civil. Depois houve uma retomada da cidade por parte da MPLA. Naquela altura, eu estava exausto, consegui uma bolsa para estudar na Itália e fui em 1995. Fui para a Itália, estudei e voltei em dezembro de 1999. Depois eu comecei a dar aulas em Luanda. Dava aula na escola pública e na igreja também.

Eu estou muito ligado à igreja, ela sempre fez parte da minha vida. Já passei por seminários e até hoje não sou casado. Com o fim da guerra, voltei para Uíge. Fiquei no Norte onde eu nascera, tentei me reorganizar e continuei dando aulas. Do Negage, fui para Luanda fazer o mestrado. Ficava dois ou três dias em Luanda e depois voltava.

Fiz o mestrado em Literatura, e o tema foi sobre a didática de *Yaca*, um romance de Pepetela. Quando lemos *Yaca*, encontramos, por exemplo, os degradados que veem para Angola. Em nenhuma história, você encontra que Portugal mandava reféns. A velha tumba que morre como escrava em Angola, em nenhuma outra história te mostra que havia velhas escravas dentro do seu próprio país. Só sabemos que os escravos eram enviados para o Brasil, os que ficavam eram simples contratos. Não encontras nenhum outro livro que te fale claramente de brancos de primeira (nascidos em Portugal) e brancos de segunda (nascidos em Angola). Com Pepetela, fui entendendo coisinhas na história que não entendia.

Depois do mestrado, comecei a engrajar-me pela literatura, a ler um pouco mais. Nunca nenhum branco me disse que entre os próprios brancos tinha ideias da independência. Quem lê *Yaca* encontra os brancos de Benguela querendo a independência, mas sem pretos. Depois, tem a questão dos brancos nascidos em Angola. Então, são coisas que escapam à história e que você encontra, se estiver bem atento, ao ler os romances.

Eu gostei muito de ler *A Geração da Utopia* porque no meu tempo beijar uma branca era um problema, se a polícia te visse tu eras punido. Um negro com uma mulher branca era crime. Mas eles podiam abusar as pretas. Comecei a descobrir que, afinal, os mulatos nasceram não por questões de amor, mas por questões de abuso às nossas meninas.

Eu não sou racista e nem quero ser. Ninguém tem culpa de ser o que é, mas acho que o relacionamento de mulatos em Angola não foi uma harmonia. Primeiro, a falta de

mulheres brancas e, depois, o abuso que os brancos tinham que experimentar os seus miuditos nas pretas; e geralmente todas as criadas foram mães solteiras de mulatos.

Agora eu entendo o drama do meu pai em não mandar as minhas irmãs para a escola. Ele tinha receio que elas poderiam ter filhos mulatos por abuso. Comecei a esclarecer-me de muitas pequenas coisinhas que a história não diz. Começo a ver, por exemplo, uma branca como Sara¹¹ que descobre que Portugal não é sua terra, mas sim Angola. Essa analogia não é do passado. Talvez Pepetela tivesse uma enfabulação, mas não é só, porque hoje vejo num *site* meninas que nasceram no Negage estão a dançar as danças de lá mesmo estando em Portugal. Então, comecei a ser um pouco mais curioso e me dedicar mais à leitura dos romances. Fui tomando gosto pela literatura.

Tanto é verdade que agora na minha tese de doutorado eu gostaria de falar sobre o nascimento das nações multirraciais a partir de Sara, personagem do livro *A Geração da Utopia*, e Sonia, do *Quarup*. Sonia, uma branca disputada por Falua – que era jornalista naquela altura –, pelo ministro da agricultura do Brasil e pelo chefe de proteção aos índios; e vai fugir com Anta, que é um índio que só tinha uma tanga. Uma Sara branca em Lisboa que vai-se com um negro, Malungo, e todos os brancos dizem: “Isso é um escândalo, como uma médica vai ficar com um negro?”. Quer dizer, são mulheres que precederam o futuro! Hoje esse é o caminho da humanidade, mas que na altura era um escândalo para a própria família e uma loucura para a sociedade. Essas heroínas anônimas são as que deram a visão de um futuro que está começando.

Sempre nós, africanos, é que perdemos!

O que me levou a vir para o Brasil foi aquela coisa de um orgulho da própria cor. Eu queria entender um pouco a história deste país. Quando comecei a estudar a história, me recordo ter chorado numa aula de filmes ao ver como os pretos eram vendidos... Isso, de fato, me angustiou, angustiou a mim e a mais duas colegas minhas. Depois, era uma época de fervor, de pegar em armas. O discurso era: “Se não lutam, podem acabar como os outros que foram para o Brasil, como escravos!”. Então, eu comecei a gostar de história e a amar os pretos brasileiros!

¹¹ Sara - personagem do livro *A Geração da Utopia*, escrito por Pepetela.

Comecei a entender que sempre estava do lado dos mais fracos. Sempre nós, africanos, é que perdemos! E, depois, a minha fê: “Senhor, o que te fizemos para nós estarmos a sofrer tanto?!”.

A reflexão sobre a África, do Cairo ao Cabo das Agulhas, na África do Sul, não há nenhum país que exerça alguma hegemonia no mundo. Sejam brancos africanos, sejam pretos africanos. Isso começou a pôr-me o brilho de poder reorganizar e auto afirmar-nos como pessoa. Também, nascemos num tempo em que fomos convencidos que éramos inferiores aos brancos. Depois, a figura do Pelé... Se é preto e saíram daqui, por que é que não voltam?

Tive o contato com umas religiosas madres pretas que foram daqui para Angola e comecei a me interessar e a perguntar como viviam os pretos no Brasil. Durante a conversa surgiu a ideia de que deveria haver aqui um recrutamento do retorno, assim como os judeus reivindicaram os seus mortos e fazer os movimentos na Palestina. Por que nós, pretos, também não fazemos isso para nos auto afirmarmos? Sempre tive esse desejo de vir para o Brasil e, quando surgiu a oportunidade, eu vim. Surgiu uma oportunidade de ir para a para a Europa, mas eu queria vir para o Brasil e matar a curiosidade. Agora estou muito curioso para visitar as casas dos negros e ver como vivem, verificar se o que ficou foi só a cor da pele. Eu queria entender mais a condição do negro aqui no Brasil depois da escravatura.

E também para preencher a lacuna do meu saber e entender por que na África não há desenvolvimento. Antigamente, na África produzia-se olaria, chegou até a produzir objetos de arte que pararam nos museus europeus, devido o respeito pela forma. E hoje não, tudo foi negado, o preto precisa de um chefe ou de um líder para o poder dirigir porque foi muito longo o tempo que viveu como escravo e foi dirigido. Ele não é empreendedor. Essas pessoas ficaram muito tempo a receber ordens e com a libertação não sabiam como gerir-se. Os mesmos que ontem produziram a riqueza do Brasil, uma vez postos em liberdade, são os mais desgraçados. Os mesmos que ontem construíram as cidades em África, uma vez postos em liberdade, são os mais desordeiros. Então, eu vou me interrogando... Estou numa inquietação, numa angústia... Sempre pergunto a Deus: Quer me explicar, Senhor, por que me deu a cor para eu viver sempre desgraçado, o que eu te fiz?

Eu fui com um colega visitar Israel e conversei com Deus sobre isso. Eu dou graças a Deus por nascer no tempo que eu nasci, ter a cor que eu tenho, porque sempre

fui um menino bom. No tempo colonial, eu me sentia desprezado porque os brancos ficavam de um lado e nós, de outro... Mas nós éramos os donos da terra, e sempre tive orgulho disso! Mas e os meus irmãos preteridos que vieram pra cá? Foram tão maltratados! Isso sempre foi uma mágoa para mim! Então, eu resolvi vir estudar literatura aqui no Brasil para entender essas pequenas coisinhas, essas pequenas mazELITAS e verificar como os negros vivem.

Quando eu cheguei na Universidade de São Paulo, as matrículas já tinham se encerrado, mas graças ao beneplácito da direção fui admitido pelo menos como aluno especial. Me receberam bem, não tenho queixas nesse sentido. Vim com a ideia de fazer o doutorado com a professora Rita Chaves, mas ela estava muito ocupada e consegui orientação com a professora Sandra Nitrini, diretora da instituição. Ela me recebeu muito bem!

Para mim, é complexo falar de São Paulo. Parto já da casa onde eu estou hospedado. A instituição disse que era melhor para a minha proteção pedir hospedagem aos padres. Recebi um bom quarto, um bom tratamento. Ainda não tive oportunidade de conhecer São Paulo, pois o meu trajeto é ir para escola e voltar. Mas ainda pretendo conhecer uma favela e ver como vivem os pretos. Estou hospedado no centro da cidade e são poucos afros que lá estão, acredito que estejam mais nas periferias. Então, tenho que conviver com o povo que vejo. A imagem que nos passam é que os negros no Brasil são desordeiros, é o futebolista, é a prostituta; quer dizer, eu não esperava encontrar negros bem postos. Eu não esperava que fosse assim, por quê? Porque principalmente no tempo do comunismo nos passavam que o ideal era Cuba, onde tudo estava misturado. Agora o ideal é o Brasil, quer dizer, primeiro a África do Sul e depois o Brasil. Mas agora está um pouco mais edificado, claro, precisa crescer um pouco mais para a harmonização das coisas.

Eu não me senti discriminado aqui. Mas o fato de não ver negros no aparato do governo brasileiro me incomoda. É como Portugal. Portugal nos diz que é uma nação tolerante, mas eu acho intolerante. Eu acho a França e a Inglaterra mais tolerantes porque vejo ministros negros no parlamento francês. Em Portugal, nunca aconteceu. Lá é como no governo brasileiro, que a maioria é composta por brancos. Me parece que São Paulo é uma cidade muito branca. Dizem que os pretos estão mais no Rio de Janeiro e em Salvador.

O que me deixa mais triste é que nós, negros, não somos solidários. Por exemplo, do dinheiro que para nas mãos do negro, principalmente atletas e músicos, já era o momento de eles se organizarem para melhorar as coisas para os mais desfavorecidos. Esse mesmo egoísmo é o que temos em Angola.

É difícil falar de Angola... Há um certo paradoxo, porque todo angolano, iludido com o discurso dos políticos, tem uma perspectiva de que as condições do país melhoram. Até o chefe do pelouro dizia que queria ver Luanda como a cidade mais bonita do mundo! Mas o dia a dia não coincide com aquilo que dizem. Se você perguntar a qualquer angolano, ele vai afirmar que toda gente vai bem, mas não estão... Entre o discurso e a prática, há uma grande divergência! Há duas alas em Angola: uma a dizer que a maneira do governo proceder vai nos levar ao bem, e outra a dizer que essa maneira é arcaica e não vai nos levar a lugar nenhum. Os dois grupos se dizem progressistas...

Agora, a natureza não dá saltos. Levanto em consideração o processo histórico, o problema é: o que Angola vê que é subdesenvolvimento e negativo? Porque isso conta muito. Se eu vejo que isso está mal, há urgência de tirar o mal; se eu vejo que isso está normal, então mantenha o que está aí. Esse é um problema não só de Angola, e sim de todos os países em África. Durante todo esse tempo, dos 500 anos até hoje, perdemos a capacidade de autogestão e de reação, como fazem os asiáticos. Isso é uma avaliação minha, pessoal, que eu até pretendo escrever um livro sobre isso um dia. Primeiro: o colonialismo deixou-nos um traço muito forte, não o geocolonialismo presencial, mas o colonialismo mental, a capacidade de sermos só consumidores e não produtores. Segundo: deixaram-nos acomodados e apáticos a tudo. Ou seja, eu morava numa aldeia e não na vila porque para eles era negação, eu estava nessa condição porque era colonizado. O problema é que mesmo depois de independente continuamos nas mesmas condições sem questionar e não querer mudá-las? Será que essa é a nossa identidade?

O fato de morar numa aldeia é-me dizer que sou um verdadeiro angolano? A mentalidade de dizer que a aldeia é o reduto da afirmação da identidade genuína e que não deve desaparecer é algo arcaico, porque as aldeias foram concebidas no sistema colonial como o sítio habitacional do colonizado. Uma vez independente, deveria constituir uma preocupação a habitação digna de todo o cidadão e não haver a grande discrepância entre as casas dos aldeões e as das cidades. Então, penso que enquanto nós não mudarmos a nossa mentalidade, as coisas não vão melhorar!

Terceiro: a questão do trabalho. Os governos africanos não aprenderam que os empregos não são um favor das multinacionais, mas sim uma questão de organização do próprio povo. Quer dizer, com as independências deveria ter uma política de verificar quantas aldeias têm, quantas cerâmicas necessitariam para reformar as casas, fazer as maquetes das futuras cidades e não deixar que as pessoas construam de forma desordenada. Então, teria o congresso dos pedreiros, o congresso dos engenheiros, de maneira que boa parte estaria a trabalhar na construção. Outra parte trabalharia na agricultura... Ou seja, era só ter vontade política para a engrenagem avançar. Eu, sapateiro, deveria fazer sapatos para os outros, os que fazem casas deveriam fazer casas para mim. Os professores deveriam ensinar os meus filhos, os outros deveriam produzir algodão para fazer a roupa... Ou seja, a própria comunidade deveria ser responsável pela produção e consumo dos seus bens, e o governo entrava com o controle da qualidade.

Mas isso ainda não faz parte da mentalidade dos governos africanos. A África do Sul, para nós, não é exemplo porque o reduto dos brancos que lá ficaram gerou uma estufa contra um grupo de negros pobres que estão no Sul e em outras aldeias, que não são melhores que as da Namíbia, por exemplo. África do Sul não é só Joanesburgo. Tanto é verdade que São Paulo não é todo Brasil, é apenas uma parcela. Por exemplo, o sítio onde estou hospedado¹² me faz pensar: A Itália não é melhor que o Brasil, ou seja, estar na Avenida Paulista e estar em qualquer grande cidade europeia é a mesma coisa! Mas já não é o mesmo que estar na Amazônia, por exemplo.

Então, são essas simetrias que estamos a analisar. E essas simetrias são justificadas por um conceito mental. Por exemplo, temos aquela questão da substituição das independências não como autogestão, mas como substituição de colono. O mesmo ministro que está no poder não levou ao seu pai uma melhoria de vida! O pai dele mora numa aldeia e, quando vai visitá-lo, o pai o recebe com festa! Então, esse ministro não vê aquilo como o reduto da negação da condição de colonizado, que de alguma maneira se mantém, ele vê aquilo como uma glória.

Quando falam do desemprego na África, eu digo: “Os empregos existem. Nós temos argila, capim, temos tudo, isso é o que deveria ser transformado em empregos!”. A África ainda não chegou a esse pensamento. Eu saí muito triste da África porque até os nossos brancos do Magreb querem vir fazer negócio em Angola... O que inventam aqueles brancos? Nada! Quer dizer, é uma lástima! Esperemos que a mentalidade mude.

¹² Região da Avenida Paulista.

Temos que passar essas ideias para as nossas crianças nas escolas, senão as coisas nunca vão mudar.

Depois, é o problema científico. Ao africano não lhe foi dada a possibilidade de fazer ciência, nós somos simples consumidores. E o pior, consumidor dos recursos provenientes da mãe África, como o petróleo, por exemplo. Por que é que eu tenho que comprar isso dos brancos? Por que os carros têm que vir do Japão? Por que eu não posso fabricá-lo no meu país? É assim no Congo, é assim na Namíbia... Enquanto nós não começarmos a produzir os nossos aparelhos, as nossas roupas, a nossa comida sempre seremos um povo escravo! Os angolanos pegam o avião e vêm para o Brasil fazer tratamento médico, deixam o dinheiro com os médicos brasileiros. E os médicos angolanos? Quer dizer, a consciência angolana até agora não trabalha, vivemos graças à generosidade dos recursos naturais do país, e as nossas consciências estão adormecidas. Tudo isso me deixa um pouco perplexo! Eu vou morrer triste como Franz Fanon, porque não consigo entender, não consigo!

Nesse momento, o nosso povo precisa de pedagogos. Nas minhas aulas, tenho feito conferências sobre o que estou a falar. Os alunos sempre dizem que o Ocidente não deixa, mas o Ocidente nunca nos impediu de fabricar tijolos, de projetarmos uma rua, de fazer saneamento básico... Para fazer tudo isso, não precisa de técnica e nem de cientistas de alta qualidade, é só ter boa vontade! Acredito que nós nascemos num tempo ingrato e numa sociedade que é ingrata para nós!

Sempre fomos fãs do Brasil!

Agora vamos passar para o abraqueiramento de Angola. De fato, estou preocupado! A Igreja Universal invadiu-nos com tal doutrina que eu não vejo aqui em São Paulo.

Sempre fomos fãs do Brasil! É visível ver como as pessoas querem vir para o Brasil, como elas gostam das telenovelas e da moda brasileira. Eu mesmo me pergunto: mas por quê? Talvez porque o nosso sangue está aqui. Eu vejo essa atração!

Também me sinto muito à vontade aqui no Brasil, porque sinto que estou com os meus... Por exemplo, vejo os negros daqui e sinto como se estivesse em Angola. De fato, hoje vejo um abraqueiramento nos costumes angolano.

Eu retorno a Angola em 21 de dezembro de 2011. Angola é uma caixa de muitas surpresas. Sei quando volto, mas o regressar ao Brasil, de fato, não sei dizer. Entre nós e o Brasil, há muita dificuldade de visto. Depois pretendo conseguir uma bolsa de estudos para eu me sentir mais à vontade. São muitas coisinhas que tenho que tratar lá e aqui!

Sentir-se parte do lugar é como deixar um legado da própria identidade

Está no sangue de todo africano morrer no lugar onde nasceu. É uma honra ser enterrado no lugar que te viu nascer, estar ligado aos seus antepassados, esperar com eles a ressurreição e sentir-se parte deles. Sentir-se parte do lugar é como deixar um legado da própria identidade, é ser você mesmo e ser recordado. Nós fazemos cerimônias anuais em nossas campas para lembrar o morto! O estar disperso é nunca ser conhecido, é nunca ser lembrado. Isso é o que a minha mãe de fato quer... Estamos construindo uma casa para ela no Norte. As paredes já estão levantadas e a placa para o primeiro andar também já está pronta.

Para finalizar, agradeço por essa oportunidade de falar da minha história e da história do meu país, mas eu queria fazer um pouco mais. Eu venho de uma história que para quem lê verdadeiramente os livros ficam muito comovidos de ver que chegamos aonde chegamos. Mas, se o século passado foi o de sermos reconhecidos e de conquistar a independência política, esse século deveria ser de uma conquista científica. Devemos ser mais unidos e, pouco a pouco, conquistar reconhecimento.

Sei que Angola não vai servir de exemplo... Nós seríamos espelho se a nação progredisse. E, com certeza, o respeito também aumentaria. É como a ascensão de Barak Obama nos Estados Unidos, que foi quase como a promoção dos afro-americanos.

Também espero que os negros brasileiros não fiquem só aqui, que procurem empregos em Angola, porque a Odebrecht, a Camargo Corrêa e tantas outras empresas têm mais brancos a trabalhar do que negros. Eu não sou racista, mas eles ganham salários mais altos, ao invés de ganhar dois mil reais, ganham cinco ou dez. Esse dinheiro deveria ser vosso! Então, procurem ajudar Angola, por exemplo, indo nas Universidades e fazendo um pouco mais de barulho junto à embaixada.

A história de vida de Moisés é marcada por momentos que nos remete ao período de transformações políticas, sociais e econômicas ocorridas em Angola a partir da década de 1960. Ainda garoto, o entrevistado morava com seus pais e irmãos na cidade do Negage, província de Uíge localizada ao Norte do país. Filho de pai fazendeiro e mãe dona de casa, teve a oportunidade de estudar, mesmo contrariando a vontade do pai, que depositava nele a esperança de assumir a fazenda da família e é justamente com a questão educacional que Moisés inicia sua narrativa. Ao comparar o conteúdo transmitido na escola durante o período colonial e no pós-independência, Moisés revela que o ensino do sistema colonial inculcia nas crianças negras a ideia de que eram portugueses, negando, desta forma, quaisquer possibilidade de se reconhecerem como angolanos. A poesia que Moisés recorda ter recitado: “Eu sou ainda pequenino, Mas já valente e real, Quero ser soldado e defender Portugal, Portugal a terra de Santa Maria, Os teus filhos sendo teus, Mas também são de Portugal” ilustra a ideia de que era necessário despertar nos nativos o sentimento de serem portugueses e, com isso, defenderem Portugal da ameaça dos movimentos de independência que naquele momento ganhavam força e visibilidade.

Moisés viveu no período das lutas anticoloniais que eclodiram após o surgimento de movimentos nacionalistas em várias colônias de África. Essas lutas representaram um momento de ruptura entre um passado de humilhação, de desumanização, de exploração e um futuro diferente a ser construído, conforme afirma Kabengele Munanga (1993). Com isso, a independência significava abrir alternativas para um desenvolvimento político, social e econômico que eliminasse qualquer resquício do passado colonial e lançasse as bases de um novo projeto nacional.

Se por um lado as lutas pela libertação foram num certo período um consenso, por outro a consolidação do poder dos Estados recém-criados se tornou traumática, pois representou intensas lutas entre os partidos que disputaram o poder pelas armas, impossibilitando a criação de uma estrutura que fosse capaz de reorganizar a sociedade e levar esses países ao desenvolvimento econômico e social. Em Angola, por exemplo, o desacordo sobre a estrutura do novo Estado levou o país a uma intensa guerra civil que durou 27 anos, com períodos de paz marcados por cessar-fogo e acordos não cumpridos, como veremos adiante.

A colonização dos países europeus em África foi baseada na exploração das riquezas naturais e na negação do outro em todos os sentidos. Essa ideia se revela na

fala e no sentimento de Moisés quando diz que: “fomos convencidos que éramos inferiores ao branco”, explicitando o argumento de Edward Said (2007) sobre a relação entre o Ocidente (colonizador) e Oriente (colonizado), que foi permeada pela dominação e poder do primeiro sobre o segundo. Segundo Said:

O Orientalismo nunca está muito longe do que Denys Hay chama “a ideia da Europa”, uma noção coletiva que identifica a “nós” europeus contra todos “aqueles” não-europeus, e pode-se argumentar que o principal componente da cultura europeia é precisamente o que tornou hegemônica essa cultura, dentro e fora da Europa: a ideia de uma identidade europeia superior a todos os povos e cultura não europeus (Said, 2007, p. 34)

Nos países de colonização portuguesa não foi diferente. José Luiz Cabaço (2011), em ensaio sobre sua experiência pessoal como filho de colonos brancos em Moçambique, afirma que a sociedade colonial foi dualista na medida em que era permeada pela discriminação racial, hierarquização econômica, dominação, marginalização e exclusão dos *da terra*. O autor se utiliza do conceito de Franz Fanon para afirmar que “na sociedade colonial permeava um clima de “violência atmosférica” caracterizada pelo fato de que cada momento da vida dos colonizados estava impregnado de um potencial violento que determinava, além da opressão física, uma permanente tensão consciente e/ou inconsciente” (Cabaço, 2011, p.214), Fato esse que decorre uma vez que as relações cotidianas entre colonos e colonizados se pautavam por uma falsa cordialidade e harmonia¹³.

Moisés, ao rememorar sua infância durante o período colonial em Angola, relata que viveu numa “época sensível ao respeito”, pois teve oportunidade de estudar com os meninos brancos. Essa prática narrada por Moisés trata da política do colonialismo português adotada nas colônias a partir da década de 1950 que se fundamentava em dois princípios básicos: o *integracionismo*, segundo o qual não existiam colônias, mas sim províncias ultramarinas partes integrantes do Estado português¹⁴, conforme podemos

¹³ Isso se dá principalmente após a instituição, pelo governo português, do alvará do assimilado em 1917. Segundo José Luiz Cabaço, esse alvará obrigava *todos os cidadãos não brancos a requererem o estatuto de assimilado, fazendo prova de que tinham abandonado a cultura tradicional e que viviam segundo os valores e os princípios da cultura portuguesa. Instituiu-se, dessa forma, a condição de cidadãos de segunda classe, por oposição aos cidadãos plenos (os brancos) e os desprovidos de cidadania, a maioria da população denominada como “os indígenas”*. Idem, ibidem.

¹⁴ Experiência já realizada no século XIX no Brasil, quando da elevação da colônia em Reino Unido a Portugal e o Algarve, em 1815, no Congresso de Viena, momento da redivisão da Europa após a derrota de Napoleão.

verificar no mapa a seguir, e o *assimilacionismo*, que dividia os colonos em duas categorias: indígenas e assimilados. Neste caso, eram considerados indígenas os indivíduos de raça negra, ou seus descendentes, que não tinham educação e hábitos individuais e sociais necessários para serem considerados cidadãos portugueses. Para ser considerado assimilado, o indivíduo deveria falar corretamente o português, ter rendimento suficiente para seu próprio sustento e de sua família, cumprir o serviço militar, ter 18 anos de idade, bom caráter e possuir qualidades necessárias para o exercício dos direitos de cidadão português, conforme descreve Conceição (1999). Moisés afirma que o assimilado era um “preto distinto” dos demais, pois tinha possibilidade de estudar até o Liceu e, muitos deles, trabalhavam como funcionários públicos do sistema.

Se por um lado era permitido que as crianças negras estudassem com as brancas, por outro a vigilância e a punição ao negro era constante nas relações cotidianas, como no episódio narrado por Moisés, quando seus colegas brancos esqueciam o lanche e comiam com os meninos negros os frutos locais, o que provocava a repressão das mães ao afirmarem que os meninos negros pervertiam seus filhos. Ou ainda no caso do café produzido por seu pai, que era vendido por um preço menor em relação a de um produtor branco. Essas práticas evidenciam a falsa cordialidade caracterizada por José Luis Cabaço (2011).

Ao tratar das lutas de libertação nacional nas colônias de língua portuguesa, Carlos Serrano (2008) escreve que estas surgiram como diversas formas de resistência que se construíram por manifestos escritos por intelectuais que procuravam conscientizar a população, produção literária e jornalística de protesto e denúncia e movimentos nativistas, movimentos proféticos, greves e desobediência civil. Essa resistência se deu, em grande parte, pelo ativismo político de jovens angolanos, moçambicanos, cabo-verdianos, entre outros, que emigraram para Portugal a fim de estudar nas universidades e se reuniam em grupos e associações para discutir a dominação colonial em seus países.

Como consequência, impregnados pelas ideias liberais, denunciavam as várias formas de opressão como a discriminação racial e social que impediam o povo africano de ocupar espaços políticos e administrativos. Segundo José Luiz Cabaço (2011), este foi um período de intensa conscientização do sentimento nacional e intercâmbio de ideias entre intelectuais que lutavam pelo fim das ditaduras e pela descolonização dos países africanos:

Os dois fatos mais relevantes, para mim, seriam o início da luta de libertação em Angola e a evolução política na jovem República do Congo. Em torno destes temas se desencadeariam árduas discussões entre os estudantes das colônias nos anos vividos em Coimbra. Angola, não obstante a violência propagandeada pelo regime português, surgia como uma janela de esperança para os que sonhávamos a independência. Os colegas angolanos traziam-nos informações da luta, muitas vezes, como mais tarde saberia, exageradas ou mesmo imaginadas. A vontade e o romantismo desempenham sempre um papel importante nestes momentos! (Cabaço, 2011, p. 217)

Em Angola houve três grandes movimentos nacionais de luta pela libertação: o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), criado em 1956, no qual se integravam majoritariamente jovens intelectuais e estudantes que retornaram da Europa

para se dedicarem à formação dos grupos armados e, do ponto de vista étnico, racial e social, foi o mais abrangente, pois era composto por negros, mestiços e brancos; a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), um movimento pró-Occidente e, sobretudo, identificado com a população bakongo do norte de Angola; e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), criada em 1966, a partir de um grupo dissidente do FNLA e liderada principalmente Jonas Savimbi. Este movimento teve como base de apoio uma população majoritariamente rural e se constituiu como uma grande força contra o colonialismo na parte Sul e Leste de Angola.

Marcavam as divergências entre os três grupos, além das diferenças étnicas relacionadas às origens de seus dirigentes, as questões político-ideológicas e a correlação de forças que estabeleceram ao longo da luta de independência com outros países. Segundo Marco Antonio Liberatti (1999), em estudo sobre a formação dos movimentos nacionalistas e a guerra civil em Angola, a FNLA, liderada por Holden Roberto, possuíam como orientação ideológica o nacionalismo africano e o anticomunista, sendo assim, estabelecendo num primeiro momento, estreitas relações com os Estados Unidos e se aliando fortemente com o Zaire. Ao passo que o MPLA, com uma vertente marxista, estabeleceu laços com a então União Soviética e Cuba, recebendo forte apoio militar, tanto materiais bélicos quanto tropas militares. Por fim, a UNITA, ligada a uma vertente maoísta, uma vez que conclamava as populações rurais para integrar o movimento, teve apoio da África do Sul e dos Estados Unidos. Jean-Michel Mabeko Tali (2001), ao tratar do panorama geral das alianças internacionais em Angola em 1974-1975, argumenta que os motivos para o arranjo e coligações de forças com dos grupos com os estrangeiros têm duas versões:

De então para cá, tem feito correr muita tinta a discussão da cronologia destes envolvimento estrangeiros. No concreto, têm-se defrontado insistentemente duas teses desde 1975: a primeira sustenta que foi a coligação soviético-cubana a primeira a enviar contingentes cubanos e armas soviéticas ao serviço do MPLA e que, como reacção a isso, os outros movimentos de libertação tiveram de apelar, por sua vez, para as tropas sul-africanas e zairenses e para o envolvimento mais ou menos indirecto dos Estados Unidos da América. A segunda, defendida pelo MPLA e seus aliados, apresenta pelo contrário essa intervenção soviético-cubana como um acto de legítima defesa. (MABEKO TALI, 2001, pp. 124 e 125)

Entretanto, naquele momento, o inimigo comum que precisava ser combatido era o colonialismo português, assim, o projeto revolucionário e a luta pela libertação nacional se apresentavam como fundamental para todos. Para Carlos Serrano (2008)

este foi o período de criação da identidade nacional angolana, que, segundo o autor aconteceu em dois momentos:

O primeiro momento é a consequência directa da intervenção sempre brutal e pouco hábil do colonizador: o indivíduo torna-se angolano para melhor organizar a oposição ao colonizador, ainda que nessa primeira fase as lutas se realizem de forma um tanto fragmentada. No segundo momento, pode-se considerar que praticamente a integração se deu: as diferentes “nacionalidades” reconhecem-se na dominação sob um denominador comum e unem-se para o protesto, para as diferentes formas de resistência. (Serrano, 2008, p.157)

Mesmo durante a luta contra o colonialismo (1961-1974), os movimentos procuraram se separar, pois se passou a ver no outro um inimigo em potencial que, finda a guerra, deveria ser posto fora do poder. Para isso, cada movimento procurou recrutar seus combatentes nos diversos espaços em que a luta era conduzida, assim como mobilizá-los dentro e fora do território nacional. Essas lutas e organizações constituíram, mais tarde, o pano de fundo das lutas políticas depois da proclamação da independência em 1975. Esses confrontos se explicam, em parte, pelas divisões ideológicas, em especial pelas divergências quanto ao modelo de sociedade que seria constituída após a expulsão do colonizador, mas também, pela compreensão da riqueza ou não das culturas ancestrais, da necessidade de um movimento que levasse em conta as populações rurais, suas inclinações religiosas, seus costumes e suas formas de organizar os territórios. A vitória do pensamento moderno industrial e europeu no período pós-colonial tornou os diferentes inimigos daqueles que se entregaram ao já estabelecido.

Para o MPLA, um dos movimentos que conduziu a revolução, os ideais da luta de independência, além do projeto de unidade nacional deveriam extrapolar a esfera intelectual e ganhar o apoio popular. A fim de garantir esse objetivo, era necessário o trabalho de conscientização dos trabalhadores nas regiões onde o movimento guerrilheiro se instalava e também o rompimento com o *tribalismo*, termo utilizado pelo movimento, para alcançar um projeto nacionalista multicultural, ou seja, estava implícita a ideia de construir a unidade dentro da diversidade. Como projeto de Nação, a criação de uma identidade nacional angolana deveria estar acima de quaisquer diferenças étnico-culturais. Isto não seria tarefa fácil, pois dentro do próprio MPLA essa

questão aparecia como um problema, como é bem descrito por Pepetela em seu livro *Mayombe*.¹⁵

A questão étnica cultural como algo positivo e que deveria ser superada também está presente na narrativa de Moisés, quando o entrevistado afirma ter se libertado do preconceito *tribal* muito cedo por, ao longo de sua vida, ter convivido com diversos grupos étnicos linguísticos.

¹⁵ Pepetela foi militante do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e participou como guerrilheiro na luta de libertação desempenhando as funções de comissário político e responsável pelo setor de educação. Durante a guerrilha na região de Cabinda, nos anos de 1970 e 1971, escreveu *Mayombe*, que, inicialmente se tratava de um comunicado de guerra ao departamento de informação do MPLA e que depois foi transformado em romance publicado em 1980. O livro narra o cotidiano de um grupo de guerrilheiros na floresta *Mayombe* durante a luta de independência de Angola e retrata as dificuldades, os desafios, as divergências de pensamentos entre esses guerrilheiros e o papel de cada um na guerrilha.

Mapa 2 – Divisão Política de Angola

Mapa Divisão Política de Angola.

Fonte: http://www.embaixadadeangola.com.br/v2/index.php?option=com_content&view=article&id=58&Itemid=69. Acesso em 29 de abril de 2013

Mapa 3 – Distribuição étnico-cultural de Angola

Além dos movimentos anticoloniais, a Revolução dos Cravos se constituiu como um fator fundamental para o processo de descolonização, pois, ao por fim ao regime do Estado Novo instaurado por Salazar em 1933, o novo governo abriu caminhos para as negociações e instauração da independência em Angola.

Os rumos de como se daria o processo de independência, o ordenamento institucional e a transferência do poder foram estabelecidos pelo Acordo de Alvor assinado em 15 de janeiro de 1975 pelos representantes dos três movimentos de libertação de Angola: MPLA, UNITA e FLNA, além de um representante de Portugal. O Acordo estabelecia, entre outros, os seguintes pontos: que o Estado Português reconhecia os três movimentos como representantes legítimos do povo angolano e, portanto, portadores do direito de defesa da soberania e independência, a independência

de Angola seria considerada a partir de 11 de novembro de 1975, que os três movimentos e o governo português estavam de comum acordo a um cessar fogo, além da criação de um governo de transição, até a implementação da independência, formado por membros dos três partidos com a participação do governo português, que assumiria o país e prepararia as eleições para Assembleia Constituinte.

Da direita para a esquerda: Agostinho Neto, Holden Roberto e Jonas Savimbi. Abaixo: Imagem do Acordo de Alvor.

Se para os líderes do movimento a questão do poder em Angola se tornaria uma disputa, para o povo angolano a independência significava o rompimento com o passado colonial e uma mudança que deveria ser assimilada. Tal questão fica clara nas palavras de Moisés, quando o mesmo afirma que aquele momento foi de grande euforia e que a partir daquele instante não eram mais portugueses, mas sim angolanos. Despertava-se, com isso, um sentimento de pertencimento que lhes foi roubado por séculos de dominação.

O Acordo de Alvor não foi cumprido e a guerra entre os movimentos se alastrou tomando o rumo de uma guerra civil e aos poucos foi se internacionalizando por intervenções externas armadas, a pedido dos movimentos, como uma forma de tentar chegar ao controle do poder pela força. Cada movimento delimitava seu espaço com administração e exército próprios, expulsando o outro e aliciando a população para a guerra. João Tiburcio Tati (2009), que realizou estudo sobre as consequências da guerra no modo de vida de jovens no município de Cacuaco em Luanda, afirma que:

(...) a população angolana ficou dividida em grupos que consubstanciaram a conflagração do conflito, e grupos armados eram inseridos nas comunidades, na maioria constituídos de jovens, com pouca ou nenhuma preparação militar, pois devido a intensidade da guerra não havia tempo para treinamento, e sem equipamentos muitos utilizavam armas artesanais para a defesa e ou ataque. O clima belicista arrastava (...) muitos setores da população que, nesta situação, ainda contrários à vontade ou desejos de muitos, foram obrigados a aliar-se, transformando empresas e bairros em bases militares. (Tati, 2009, p. 17)

O ponto de partida de maior conflito aconteceu em março de 1975 quando a FNLA expulsou o MPLA das províncias do Zaire e do Uíge, além da expulsão do FNLA pelo MPLA da capital Luanda. Em estudo sobre os acordos de paz em Angola, Pedro de Pezarat Correia (2006) afirma:

Em princípios de junho de 1975 estava consumada uma espécie de ‘balcanização’ de Angola, resultado desta guerra civil. O MPLA dominava a zona envolvente da capital, donde acabava de expulsar a FNLA depois da segunda batalha de Luanda, e controlava Cabinda, a faixa Luanda-Malange, as Lundas e o Moxico. A FNLA era senhora nos distritos do Zaire e do Uíge. A UNITA reinava no planalto central. Destas zonas, onde cada um queria exercer um domínio absoluto, os restantes eram expulsos pela força das armas e era-lhes negada qualquer actividade política. (Correia, 1996, p.35)

Mesmo diante do impasse que se vivia no momento, devido aos desentendimentos entre os movimentos, a independência de Angola foi proclamada em 11 de novembro de 1975 com a criação de duas Repúblicas: o MPLA proclamava a República Popular de Angola em Luanda e a coligação UNITA/FNLA proclamava a República Democrática de Angola na província de Huambo. Assim, a independência de Angola nasceu com a instauração de uma longa guerra que destruiria o país e acirraria os preconceitos étnico-culturais. A questão étnica cultural é apontada na narrativa de Moisés quando afirma que o exército do MPLA era mais plural, uma vez que era formado por oficiais de diversos grupos étnicos, brancos e mulatos, o que não acontecia na UNITA, cujos oficiais, na sua maioria, eram umbundos.

O MPLA, partido que se consolidou no poder e que decretou a República Nacional de Angola com Agostinho Neto como presidente, institucionalizara-se como partido único e, dois anos depois, adotara o marxismo-leninismo como doutrina do Estado, transformando-se em MPLA-PT.

Segundo Moisés, o MPLA se apresenta como o próprio povo, o partido que levaria a liberdade almejada. Com o *slogan* “O MPLA é o povo e o povo é o MPLA!”, boa parte das comunidades aderiram a esse grupo. Sendo assim, ficavam alijados das

esferas do governo os outros dois grupos: UNITA e a FNLA. Como resultado, a luta pelo poder se daria por meio das armas e por um prolongado conflito civil dirigido por intervenções internacionais, que inseriram Angola na disputa ideológica da Guerra Fria.

Como é bem observado por Kwame Anthony Appiah (1997), em ensaio sobre os processos de descolonização em África e a formação dos novos Estados, os Estados Unidos e África do Sul de um lado e a União Soviética e Cuba de outro, com apoio de cada um dos comandantes dos partidos rivais, puseram em prática em Angola e Moçambique seus antagonismos mútuos à custa de vidas africanas.

O projeto político do MPLA possuía como pontos principais: romper com o modelo colonial e garantir a unidade da nação. Essas condições seriam primordiais para a construção da unidade do Estado, como previa o artigo 1º da Lei Constitucional da República Popular de Angola:

Artigo 1º - A República Popular de Angola é um Estado soberano, independente e democrático, cujo primeiro objetivo é a total libertação do povo angolano dos vestígios do colonialismo e da dominação e agressão do imperialismo e a construção de um país próspero e democrático completamente livre de qualquer forma de exploração do homem pelo homem, materializando as aspirações das massas populares (Legislação Constitucional da República Popular de Angola. Luanda, Imprensa Nacional – UEE, 1981. *Apud.* SERRANO, Carlos. *Idem*, p. 192).

Entretanto, os ideais de igualdade, democracia e rompimento com o colonialismo se distanciaram do discurso revolucionário e se tornaram utópicos. O sociólogo Daniel dos Santos (2007), ao analisar a conjuntura política e a atuação do MPLA no pós-independência afirma que:

O novo estado ignorou as realidades históricas das sociedades angolanas, reproduzindo a função e os objetivos do Estado colonial, sobretudo colocando-se como uma estrutura de poder única e incontornável das relações das sociedades angolanas com o capital mundial, causando uma dependência quase total de Angola em relação aos países estrangeiros. Essa dependência se agrava com os elevados custos gastos com a guerra civil, que representava por vezes o triplo, outras vezes o dobro das despesas com o desenvolvimento econômico e social. (Santos, 2007, p.103)

Para se consolidar no poder, o MPLA também se utilizaria do culto à personalidade do líder, primeiro centrada na imagem do Agostinho Neto e depois na figura do José Eduardo dos Santos. A ideia do *papa* da nação e do homem que protegeu

os cidadãos da guerra e do mal, representado por Jonas Savimbi, líder da UNITA, ainda é presente na sociedade angolana.

Ao longo da década de 1980, houve algumas tentativas de negociações entre os partidos, por exemplo, a assinatura do Acordo de Bicesse em 1989. O acordo previa a desmilitarização dos dois grupos e a formação de um único exército que garantisse a realização de eleições livres e democráticas, que seriam supervisionadas pelas Nações Unidas. Conforme podemos apreender da narrativa de Moisés, Jonas Savimbi se apresentava como alternativa de mudança, entretanto, apesar de seu carisma e oratória, a atuação da UNITA estava limitada ao favorecimento de certos grupos étnicos culturais, especialmente os umbundos, o que causava nos demais a desconfiança quanto ao futuro do país caso ganhasse as eleições.

Em setembro de 1992, ocorrem as eleições e o MPLA venceu em sua grande maioria. Jonas Savimbi não aceitou os resultados e a guerra recomeçou de forma ainda mais violenta. Segundo Liberatti (1999):

... a UNITA declarou que as eleições foram fraudulentas, retirou suas forças do novo exército nacional e ameaçou retornar à guerra civil. A recontagem dos votos pelos observadores internacionais confirmou a derrota de Savimbi, mas este recusou-se novamente a aceitá-la. No final do mês, a guerra já estava de volta à Angola, com a UNITA reposicionando suas tropas e ocupando várias cidades em todo o país, inclusive Luanda. Indiferente aos apelos por negociações de última hora, Savimbi manteve sua posição e a UNITA continuava operando na maior parte do país. (Liberatti, 1999, p.104)

Alexandrino Nunes era criança na época, mas mantém vivo em sua memória os tristes episódios que sucederam as eleições:

Depois dessas eleições, houve um confronto entre o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), que era o partido no poder e até então partido único, e a UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), que era um movimento guerrilheiro transformado em partido. Eclodiram alguns confrontos porque a UNITA não aceitou o resultado das eleições. Foi uma situação muito difícil porque na altura houve aquela agitação toda, houve aquela euforia, as pessoas estavam muito fanáticas pelas eleições e apoiavam abertamente os partidos pelos quais simpatizavam. As pessoas começaram a matar-se, nem era mais o exército, nem era mais a polícia, eram os próprios militantes dos partidos rivais que começaram a matar-se. Eu vi vizinhos serem levados de madrugada de suas casas. Eu ainda criança, não tem como esquecer isso! Pessoas que desapareceram, outros que foram levados do meu bairro e depois ouvíamos que o corpo do fulano foi achado em outro bairro.

Foi uma coisa terrível, muito difícil. Durou quase um mês e até hoje ficaram muitas feridas, muitas cicatrizes nas famílias que perderam entes queridos e não tiveram possibilidade de serem indenizadas ou de acharem os corpos,

porque foi uma briga de rivais, iguais aquelas que a gente vê aqui entre torcedores de futebol. Só que lá era bem mais difícil porque era buscar e matar, era matar ou morrer!

O acirramento da guerra deflagrou um massivo fluxo migratório de angolanos do interior para a capital Luanda, o que repercutiu em um grande crescimento populacional numa das províncias com menor extensão territorial do país. Com a falta de estrutura na nova cidade, pois muitos abandonavam suas casas e seu trabalho para fugir da guerra, os indivíduos procuravam viver da solidariedade entre familiares para começar uma nova vida no novo lugar. Foi o que ocorreu com a família de Moisés, cuja mãe já idosa e suas irmãs não tiveram alternativa senão deixar a casa no Norte do país, local onde foi cenário de intensos ataques, e migrar para a capital.

Em sua narrativa, Maria Fernanda também relembra como foi sair do interior do país e migrar para Luanda. O seu pai tinha sido militar logístico da ex-FAPLA (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola) e na província onde moravam, Huambo, foi preso por um grupo de homens da UNITA. Conseguiu fugir, segundo Fernanda ele foi o único sobrevivente dentre os capturados, se refugiou por muito tempo na mata, ficou por um período na província de Huíla, migrou para Luanda, e, um ano depois Maria Fernanda, sua mãe e irmã vão para a capital. Assim ele narra esse momento de sua vida:

Em dezembro de 1999, saímos da província de Huíla, da cidade de Lubango, rumo a Luanda. De Huíla fomos para o Namibe e do Namibe pegamos o barco para Luanda. Eu acho que foram três ou quatro dias de viagem num navio... Quando chegamos no porto de Luanda, não tínhamos contato com ninguém. Naquela época, os celulares em Luanda não era febre, como tem se dito na gíria, foi muito difícil. Graças a Deus, tivemos a sorte de encontrar uma jovem que nos acolheu. Ficamos na casa dela uns quatro dias e depois ela foi nos indicando onde eram os lugares. A minha mãe, como tinha um ponto de referência onde trabalhava o meu tio, conseguiu localizar o meu pai e ficamos um tempinho na casa da minha titia.

Nessa época Agostinho Martinho era criança, mas lembra a solidariedade e a mobilização de sua família para acolher os parentes que chegavam do interior:

Uma coisa positiva foi conhecer familiares que eu não conhecia. Era bom porque as casas ficavam lotadas! Era um monte de primos chegando, tios, eles vinham de longe e ficavam em casa. Isso foi uma alegria, tinha mais pessoas para brincar, para bagunçar e fazer as coisas de uma forma mais divertida! Mas, com o passar da idade, nós começamos a sentir as dificuldades disso, porque íamos crescendo e os espaços já não eram suficientes para suportar tantas pessoas numa casa. As casas já eram precárias em termos de materiais de construção e equipamentos de instalação mesmo.

Muitas não têm um banheiro que garante a higiene necessária, uma cozinha adequada... E viveu-se muito isso. Nas casas, você via que uma cozinha deixava de ser uma cozinha para ser um quarto, a cozinha se transferia para a sala de estar ou para a sala de jantar – nesse caso daqueles que tinha uma casa muito maior –, ou então as cozinhas saíam de dentro de casa e se transferiam mesmo para quintal, cozinhando em fogareiros. Tudo isso para acolher as pessoas que chegavam.

O conflito fez com que milhares de pessoas buscassem refúgio nos países vizinhos (Namíbia, República Democrática do Congo e Zâmbia). Segundo relatório do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) de 1999, estimava-se um número de 340.000 refugiados.¹⁶ Foi nesse contexto que ocorreu à chegada de angolanos solicitantes de refúgio ao Brasil, como foi o caso de Neves, outro entrevistado em que a história será apresentada no capítulo a seguir.

A guerra civil só teve fim no ano de 2002, dois meses depois da morte de Jonas Savimbi, líder da UNITA. A guerra deixou um saldo negativo para a sociedade angolana, que desde 1975 viveu uma guerra que destruíra não só as estruturas do país, mas também a vida de seus cidadãos. Tanto o exército da UNITA, quanto o do MPLA foram sustentadas pelas riquezas naturais (petróleo e diamantes), resultando numa miséria massiva da população e na destruição das infraestruturas do país. Daniel dos Santos, ao analisar esse processo, apresenta os seguintes dados:

A questão política em Angola custou mais de 1 milhão de vidas humanas (estimativas diversas); mais de 4 milhões de pessoas desalojadas; o colapso quase total das suas infraestruturas económicas e financeira; uma dívida considerável e constante em termos de progressão e uma dependência, em relação ao mundo exterior, praticamente elementar e permanente. Enfim, a questão do poder político em Angola causou o empobrecimento e o pauperismo da maioria das populações que vivem nesse espaço controlado pelo que chamamos de “Estado” angolano. (Santos, 2007, p.104)

A morte de Savimbi, que lutou durante tantos anos pelo reconhecimento da UNITA como partido, contraditoriamente, trouxe consigo a paz. O Semanário Angolense, em sua edição datada de 18 de janeiro de 2012, publicou como matéria de capa dos 10 anos da morte de Jonas Savimbi, cujo objetivo foi apresentar uma série de artigos escritos por seguidos e opositores para refletir sobre o lugar de Savimbi na história recente de Angola. Para o jornalista Celso Malavoloneke, apesar de sua morte, Savimbi continua sendo uma “presença ausente” que incomoda, exige, demanda, uma

¹⁶ UNHCR Global Report. In <http://www.unhcr.org/3e2d4d505.html>. Acesso em 23 de agosto de 2013.

vez que, ainda é lembrado, caso fosse vivo, como alternativa de mudança frente ao atual governo:

Lembrado com nostalgia pelos seus seguidores e com sentimentos menos bons pelos seus detractores – a nenhum angolano o homem foi ou é indiferente – deixou uma batata quente nas mãos do aqui-rival MPLA que tem enormes dificuldades em descascar: com o seu desaparecimento da cena política, deixou de constituir-se na desculpa universal para os fracassos da governação. Outra contradição: a paz, que finalmente chegou com a sua morte, constitui-se também na prova provada de que, apesar do que foi dizendo desde a sua fundação, o partido no poder tem imensas dificuldades para canalizar as enormes riquezas do país para o bem-estar dos angolanos. Sem guerra agora, 10 anos depois, o seu famoso slogan “primeiro o angolano, segundo o angolano, o angolano sempre” parece assumir finalmente na mente dos angolanos a dimensão que ele profetizara. (Malavoloneke, 2012, p. 6)

Hoje os angolanos não vivem mais uma situação de guerra, mas as condições de vida da população são miseráveis. Cabe citar o trecho da narrativa de Moisés quando afirma que Jonas Savimbi foi um profeta ao dizer: “quando a bala passar no meu corpo eu aqui já não estarei, mas o MPLA não vai lutar contra Savimbi, vai lutar contra esse povo, porque esse povo é sofredor.”

O poder econômico em Angola está baseado na espoliação dos recursos naturais - petróleo e diamante - por um pequeno grupo dirigente que se impõe num complexo processo estimulado pelo medo de retorno da guerra e mecanismos de violência institucionalizada que aprofunda as desigualdades. A permanência no poder por 37 anos de um mesmo governante evidencia não só a apropriação privada dos fundos públicos, como também a corrupção que opera em todas as esferas da sociedade, desde os professores, que recebem a *gasosa* para aprovar um aluno até altos escalões do governo¹⁷.

O pequeno grupo que detém os recursos do país está ligado às esferas do poder e é representado por 5% da população, que não investe na produção interna e em infraestrutura que beneficie os outros 95% que vivem em total miserabilidade. Desde a independência, os grupos dirigentes se constituíram numa minoria privilegiada política e economicamente, que impossibilitam a democratização da produção e a distribuição das riquezas do país ao conjunto da sociedade.

¹⁷ Em sua entrevista Agostinho Martinho relembra com muita tristeza um episódio na sua trajetória escolar que está associada ao não pagamento de propina ao professor.

Angola vive hoje o que Boaventura de Sousa Santos (2007) definiu como *fascismo social*, um regime de relações de poder extremamente desiguais que concede à parte mais forte o poder de veto sobre a vida e o modo de vida da parte mais fraca.

Daniel dos Santos (2007) acredita que o governo angolano, dirigido pelo MPLA, ainda não avançou para um efetivo estado de direito, constituindo-se apenas como um espaço de poder político baseado na corrupção e no tráfico de influências que se tornam obstáculos ao desenvolvimento das forças produtivas do país e ao investimento social. Ao analisar a situação de Angola, Santos (2007) afirma que:

A classe dirigente angolana é corrupta e corrompida, pratica ilegalidades de forma constante, faz tráfico de influência e de dinheiro, de armas, de diamantes; fabrica documentos falsos, mas essas práticas ainda não se efetivaram numa acumulação de capital produtivo. Ao contrário de criar investimento produtivo, e de transformar a riqueza que usurpa, como “crime organizado”, em capital, ela adota uma atitude de ostentação e desperdício, colocando essa riqueza nos bancos de países ricos, e comprando nesses mesmos países bens de luxo. (Santos, 2007, p. 113)

A economia de Angola é baseada na produção de petróleo, sendo que as exportações representaram cerca de 98% por cento das receitas do governo em 2011, segundo o Fundo Monetário Internacional. Com um produto interno bruto (PIB) de mais de 114.833 milhões de dólares em 2012¹⁸, Angola tem a terceira maior economia da África e ocupa o 2º lugar na produção de petróleo do continente, juntamente com a Argélia (gráfico 1). Conforme observamos no gráfico 2, o PIB de Angola teve uma enorme ascensão a partir do ano de 2005, ou seja, após o fim da guerra civil, tendo um crescimento acentuado até 2008, com algumas oscilações nos anos seguintes e tendência de crescimento até 2011. Entretanto, grande parte da riqueza petrolífera do país não beneficia os cidadãos comuns, revelando que o governo adota apenas medidas de promoção de crescimento econômico, ao invés de gerar um efetivo desenvolvimento social e humano.

¹⁸ Dados do FMI, Banco Mundial e Cia World Factbook.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_pa%C3%ADses_por_PIB_nominal. Acesso em 28 de agosto de 2013.

Gráfico 1 – Total oil production in Africa, 2011

Fonte: <http://www.eia.gov/countries/cab.cfm?fips=AO>. Acesso em 28 de agosto de 2013.

Gráfico 2 - Produto Interno Bruto (PIB) (bilhões \$)

Fonte: <http://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=65&c=ao&l=pt>. Acesso em 28 de agosto de 2013.

A concessão da exploração de petróleo está nas mãos de empresas multinacionais, e, grande parte dessa renda é utilizada na contratação de empreiteiras, principalmente brasileiras – Odebrecht, Camargo Correa, Queiróz Galvão, que constroem, entre outros empreendimentos, condomínios residenciais de alto padrão e

grandes centros comerciais para abrigarem os escritórios das empresas multinacionais. Arranhas céus que refletem em seus espelhos a pobreza dos musseques, numa cidade sem estrutura urbanística e onde contrastam miséria e riqueza num mesmo espaço.

As empresas estrangeiras envolvidas em Angola operam sob acordos de partilha de produção (PSA) com a Sonangol, empresa estatal responsável pela administração e exploração do petróleo e gás natural, e os principais parceiros incluem Chevron (Estados Unidos), ExxonMobil (Estados Unidos), British Petroleum – BP (Reino Unido), Statoil (Noruega), Eni (Itália) e Total (França), Sinopec (China), a China National Offshore Oil Corporation – CNOOC, entre outros. O mapa a seguir ilustra a pluralidade de empresas estrangeiras com concessões para a exploração de petróleo no país:

Tabela 2 – Empresas e País – Concessão de exploração do petróleo em Angola

Empresa	País
Acrep S/A.	Angola
Kotoil AS	Angola
Nazaki Oil & Gás	Angola
Poliedro Oil	Angola
Somoil	Angola
Sonangol	Angola
Sonangol P&P	Angola
Plus Petrol	Argentina
Petrobrás	Brasil
China Sonangol	China/Angola
Ina-Nafta	Croácia/Sérvia
Cupet	Cuba
Maersk Oil & Gás	Dinamarca
CEPSA	Espanha
Repsol Angola	Espanha/Angola
Chevron	Estados Unidos
Cobalt	Estados Unidos
ConocoPhillips	Estados Unidos
Esso	Estados Unidos
Force Petroleum	Estados Unidos
Marathon	Estados Unidos
SSI	Estados Unidos
Vaalco Energy	Estados Unidos
Total	França
Geminas	Inglaterra
Soco	Inglaterra
Falcon Oil	Irlanda/Hungria
ENI	Itália
Teikoku	Japão
Ajoco	Japão/Angola
Galp	Portugal
Petrogal	Portugal
British Petroleum (BP)	Reino Unido
Initial Oil & Gas	Reino Unido
Naftna	Sérvia
Svenska	Suécia
Partex	Turquia

Mapa 4 - Concessões de extração das áreas petrolíferas

Mapa de concessão de extração das áreas petrolíferas.

Fonte: <http://www.sonangol.co.ao/wps/portal/epNew/atividades/concessions/mapaconcessoes1>. Acesso em 29 de julho de

Angola - Concessions

Onshore and offshore production activity (Atividade de produção na costa e fora da costa)

Block 0 Área (A,B) Chevron OP – 39% Sonangol – 41% Total – 10% ENI – 09,80	Block 2 /85 Petrobrás – 27,50 Sonangol P&P (OP) – 25% Chevron – 20% Somoil – 09,30% Poliedro Oil, CO. – 09,10% Kotoil S/A. – 09,10%	Bloco 3 Sonangol P&P (OP)– 100%
Block 3/05 Sonangol P&P (OP) – 25% China Sonangol – 25% Ajoco – 20% Eni – 12% Somoil – 10% Naftgas – 04,00% INA-NAFTA – 04,00%	Block 3/91 Total (OP) – 50% Sonangol – 06,25% ENI – 15% Ajoco – 12,50% Svenska – 06,25% INA-NAFTA – 05,00% NAFTAGAS – 05,00%	FS Association Somoil (OP) – 15% Sonangol – 63,67% Chevron – 16,33% Sonangol P&P – 05,00%
FS Association Somoil (OP) – 15% Sonangol – 80% Sonangol P&P – 05,00%		

Onshore and offshore exploration activity (atividade de exploração na costa e fora da costa)

Block 0 Área (A,B) Chevron OP – 39,20% Sonangol – 41% Total – 10% ENI – 09,80	Cabinda Northern Sonangol P&P (OP) – 20% Teikoku – 17% Soco – 17% Acrep S/A. – 15% China Sonangol – 11% Eni – 10% Petrobras – 10% Kotoil S/A. – 09,10%	Cabinda Southern Plus Petrol (OP) – 55% Sonangol P&P (OP) – 20% Force Petroleum Lote – 20% Cupet – 05,00%
Block 2 /05 Sonangol P&P (OP) – 50% Somoil – 30,00% Kotoil S/A. – 10,00% Poliedro Oil, CO. – 10,00%	Block 3/05 Sonangol P&P (OP) – 25% China Sonangol – 25% Ajoco – 20% Eni – 12% Somoil – 10% Naftgas – 04,00% INA-NAFTA – 04,00%	Block 4/05 Sonangol P&P (OP) – 50% Statoil – 20% Somoil – 15% ACREP – 15%
Block 5/06 Vaalco Energy (OP) - 40% Sonangol E.P. – 40% Sonangol P&P – 20%	Block 6/06 Petrobrás (OP) – 40% Sonangol P&P – 20% China Sonangol – 20% Falcon Oil – 10% Initial Oil & Gas – 10%	Block 8 Maersk Oil & Gás (OP) – 50% Svenska – 30% Sonangol P&P – 20%
Block 9/09 Cobalt (OP) – 40% Sonangol P&P – 20% Nazaki Oil & Gás – 30% Alper Oil – 10%		

Deep Water production activity (atividades de produção em águas profundas)

Bloco 14 Chevron OP – 31% Sonangol P&P – 20% ENI – 20% Total – 20% Petrogal – 09%	Block 15 Esso (OP) – 40% BP – 26,67% ENI – 20% Statoil – 13,33%	Block 17 Total – 40% Esso – 20% BP – 16,67% Statoil – 23,33%
Block 18 BP (OP) – 50% SSI – 50%		

Deep Water exploration activity (atividades de exploração em águas profundas)

Bloco 14 Chevron OP – 31% Sonangol P&P – 20% ENI – 20% Total – 20% Petrogal – 09%	Block 15/06 Eni (OP) – 35% SSI – 25% Sonangol P&P – 15% Total – 15% Falcon Oil – 05% Statoil – 05%	Block 16 Maersk Oil Angola AS(OP) –65% Sonangol P&P – 20% Odebrecht E&P – 15%
Bloco 17/06 Total (OP) – 30% SSI – 27,5% Sonangol P&P – 20% Somoil – 10% Falcon Oil – 05% Acrep 17 S/A – 05% Partex - 02,50%	Block 18/06 Petrobras (OP) – 30% SSI – 40% Sonangol P&P – 20% Falcon Oil – 05% Geminas – 05%	Block 19/11 BP (OP) – 50% Sonangol P&P – 40% CEPSA – 10%
Bloco 20/11 Cobalt (OP) – 40% Sonangol P&P – 30% BP – 30%	Block 21/09 Cobalt (OP) – 40% Nazaki Oil & Gás – 30% Sonangol P&P – 20% Alper Oil – 10%	Block 22/11 Repsol Angola 22 B.V (OP) – 30% Sonangol P&P – 55% Statoil - 20%
Bloco 23 Maersk Oil & Gás (OP) – 50% Svenska – 30% Sonangol P&P – 20%	Block 24/11 BP (OP) – 50%	Block 25/11 Total (OP) – 35% Sonangol P&P – 30% Statoil - 20% BP – 15%
Block 26/06 Petrobras (OP) – 40% BP – 40%		

Ultra Deep Water exploration activity (atividades de exploração em águas muito profundas)

Bloco 31 BP OP – 26,67% Sonangol P&P – 45% Statoil – 13,33% Marathon – 10% SSI 31 – 05%	Block 32 Total (OP) – 30% Sonangol P&P – 35% SSI 32 – 20% Marathon – 10% Galp – 05%	Block 33 Total (OP) – 58,67% Sonangol P&P – 20% Falcon Oil – 16% Galp – 05,33%
Bloco 34 Sonangol P&P – 20% Statoil Hydro – 50,00% Petrobras – 30%	Block 35/11 Eni (OP) – 30% Sonangol P&P – 45% Repsol – 25%	Block 36/11 Conocophillips (OP) – 50,00% Sonangol P&P – 50%
Bloco 37/11 Conocophillips (OP) – 30,00% Sonangol P&P – 50% Repsol – 20%	Block 38/11 Statoil (OP) – 55% Sonangol P&P – 30% China Sonangol – 15%	Block 39/11 Statoil (OP) – 55,00% Sonangol P&P – 30% Total – 15%
Block – 40/11 Total (OP) – 50% Sonangol P&P – 30% Statoil – 20%		

Em sua narrativa, Moisés expressa um sentimento de amargura e frustração ao analisar a condição política, econômica e social dos países em África. Sua fala revela que, mesmo com a independência, os governos não caminharam para uma efetiva democracia econômica e social e não conseguiram romper com um passado de dependência, caracterizado por ele como “colonialismo mental”.

Para Moisés, o colonialismo deixou no povo africano um traço de submissão que impede qualquer tipo de reivindicação de direitos e cidadania. Por outro lado, os governos não têm vontade política para investir em educação e tecnologia, o que faz com que o país se mantenha como eterno dependente e consumidor de outros países. O antropólogo Kabengele Munanga (1993), ao analisar a atual situação dos países africanos, acredita que a recuperação e a reconstrução do continente é uma questão a longo prazo. Segundo o autor, “se a geração atual é falida, alienada, corrupta e corruptível, às vezes sofrida, as gerações futuras poderão dar uma resposta digna.” (Munanga, 1993, p. 111)

A falta de infraestrutura na saúde, educação, moradia, aliado ao alto custo de vida advindo da importação dos produtos de bens de consumo, uma vez que no país não há uma indústria de base, são os principais motivos que fazem com que diversos jovens migrem. O migrar, para esses jovens que vivenciaram todo esse processo e escolheram sair de seu país com o intuito de construir um conhecimento que compreenda as especificidades daquela realidade, torna-se a esperança de buscar novos caminhos que apresentem alternativas para concretizar uma efetiva democracia fundamentada na igualdade, no respeito às diferenças e na justiça social. Este é o desafio não só para esses imigrantes, mas para todo povo angolano.

Imagens da guerra civil em Angola

Fonte: <http://www.pime.org.br/missaojovem/mjatuafriicafricanas.htm>. Acesso em 14 de janeiro de 2013

Fonte: <http://pissarro.home.sapo.pt/memorias21.htm>. Acesso em 14 de janeiro de 2013.

Fonte: <http://namibianoferreira.blogspot.com.br/2007/10/independncia-e-guerra-civil-1975-2002.html>. Acesso em 14 de janeiro de 2013.

Fonte: <http://www.taringa.net/posts/imagenes/15957048/Fotos-impactantes-que-hicieron-historia-de-1957-al-2003.html>. Acesso em 14 de janeiro de 2013.

Fonte: http://patriciaguinevere.blogspot.com.br/2010_06_01_archive.html. Acesso em 14 de janeiro de 2013

Fonte: http://patriciaguinevere.blogspot.com.br/2010_06_01_archive.html. Acesso em 14 de janeiro de 2013

Fonte: <http://namibianoferreira.blogspot.com.br/2007/10/independncia-e-guerra-civil-1975-2002.html>. Acesso em 14 de janeiro de 2013.

Fonte: <http://www.miaf.org.br/noticias.asp?idnoticia=301&nome=angola-comemora-10-anos-de-paz-ap%C3%B3s-guerra-que-devastou-o-pa%C3%ADs>. Acesso em 14 de janeiro de 2013.

Luanda – novembro/2011¹⁹

¹⁹ As imagens foram tiradas durante viagem à Luanda no ano de 2011 no âmbito do projeto “Imigrações contemporâneas em cidades globais”, com auxílio financeiro do CNPq

Capítulo 2. Vidas que migram...

Este capítulo é composto por duas histórias de imigrantes que chegaram a São Paulo em momentos diferentes de suas vidas. A primeira é a de Neves, um homem que deixou a família em seu país e imigrou fugindo da guerra civil. Logo que chegou, solicitou o estatuto de refugiado e passou por muitas dificuldades, mas realizou o sonho de trazer sua família para continuar sua trajetória na cidade de São Paulo. Ao longo do capítulo também introduzi fragmentos de narrativas de entrevistados no projeto, pois, se tornaram imprescindíveis para discussão dos temas aqui tratados.

Neves preferiu adotar um pseudônimo, porque acredita que no imaginário da sociedade a figura do refugiado está associada à de bandido e fugitivo. Por essa razão, pediu que a entrevista fosse gravada apenas em áudio, pois quer apagar de sua memória o momento que viveu como refugiado. Hoje mora com sua família no Bairro do Brás, como tantos outros angolanos. Quando o conheci, em um primeiro momento, não quis conceder a entrevista, afirmando que já tinha falado demais de sua vida para jornalistas e pesquisadores, inclusive, relatou que qualquer tema relacionado a refugiados em São Paulo o procuravam para contar sua experiência, mas nunca davam qualquer retorno e que, por isso, estava decidido a não dar mais entrevistas. Depois de algumas tentativas e encontros prévios, sentiu-se disposto para me contar sua história. O seu irmão, chamado aqui de Oliveira, esteve presente na entrevista, ouviu atentamente a história de seu irmão mais velho e se sentiu à vontade para fazer algumas intervenções.

A segunda entrevista é de Luís Amâncio da Silva Bastos, um jovem que migrou com sua esposa na esperança de ver nascer um filho após perda de dois recém-nascidos, devido à falta de infraestrutura dos hospitais em Luanda, assim como tantos outros angolanos que vêm para o Brasil fazer tratamento de saúde.

Neves (pseudônimo)

... tive medo de ser recrutado e decidi fugir de Angola

O meu nome é Neves, nasci na década de 1970 em Uíge, uma província de Angola. Morava com o meu pai, minha mãe e meus quatro irmãos. Ficamos em Uíge

um bom tempo, mas na época da guerra fomos para Luanda. A minha mãe faleceu e fiquei com meu pai e meus irmãos. O meu pai é artista, pintava e vendia quadros.

A minha família é cristã, desde pequenos frequentamos a igreja Assembleia de Deus. Nós somos cristãos, não nos damos mal com as religiões tradicionais, mas também não nos comunicamos. Cada pessoa tem a sua vida e a sua religião. É como se fala aqui no Brasil: “Cada pessoa confia na sua proteção.”. Por exemplo, eu confio em Deus, tem outra pessoa que fala que confia em macumba, tem gente que fala que tem anjo da guarda. Nós não somos de falar mal: “Esse é macumbeiro”, não, mas falamos o que é certo. Eu falo para os meus filhos que a vida deles depende de Deus, não depende de macumba, falo que eles têm que ir à igreja.

Quando eu era pequeno, vendia os quadros do meu pai. Naquela época, eu não gostava de pintar. Quando a minha mãe faleceu, o meu pai viajou e eu fiquei com os meus irmãos. Foi muito difícil! Todos os quadros que ele deixou para nós vendermos acabaram e daí começou o meu trabalho. Comecei a me virar! Procurarei os amigos do meu pai, me esforcei e com 12 anos eu já pintava. Me recordo que fiquei quase seis meses doente por causa da tinta... Eu pintava os quadros e os vendia no bairro do Benfica em Luanda.

Era uma luta! Uma vida só para sobreviver! Era muito difícil, principalmente na época da guerra. As pessoas não podiam viajar, era muito difícil. Mas, como Deus é pai, sempre poderoso, a gente conseguiu superar toda aquela dificuldade. Essa guerra durou quase vinte e seis anos.

Em 2001, tive medo de ser recrutado e decidi fugir de Angola. Como morávamos em Luanda, quem fazia o recrutamento era o MPLA. Eles pegavam jovens maiores de 18 anos para ir lutar na guerra. Se não aceitasse, teria que fugir ou sair do país. Se ficasse em Luanda, não escaparia do recrutamento! Deixei toda a família, os meus irmãos, o meu pai e fugi!

A decisão de sair de Angola foi minha. Eu estava a procurar só uma porta aberta. Não sabia se iria para Portugal ou para a França. Fiquei pensando onde que eu poderia me encaixar quando eu saísse do meu país. Eu precisava sair, sabe, não estava vendo saída... Era muito sofrimento ver a família naquela situação de guerra, ver a mãe morrer, o pai ir embora... Você via um amigo ir para a vida militar... Muitos morreram, outros voltaram sem perna... Então, comecei a pensar. Fiquei orando a Deus e pensei em vir

para o Brasil. Me recordo que não foi fácil conseguir o visto para sair do país. Alguns amigos me ajudaram e consegui. A passagem aérea também foi difícil, mas consegui.

A luta mesmo não foi quando eu saí de lá, mas quando eu cheguei aqui. Logo que desci no aeroporto: “Onde é que eu vou ficar? Onde é que eu vou morar? Onde é que eu vou dormir? Com quem vou me meter?”... Graças a Deus, aqui todo mundo fala português. Não era aquele português que eu pensava, mas dava para ouvir, dava para me virar um pouquinho.

Eu cheguei no aeroporto do Rio de Janeiro e não conhecia ninguém, ninguém, ninguém! Parecia um pássaro. Um africano me pegou e fiquei na casa dele um dia. Ele me colocou no ônibus no dia seguinte e falou: “Você tem que ir a São Paulo porque aqui não tem como você ficar.”. Eu tinha um dinheiro na mão, tinha quase US\$ 200,00 dólares, mas pegaram tudo, só me deixaram com US\$ 70,00.

Cheguei aqui em São Paulo no dia seguinte e não conhecia ninguém. Na rodoviária peguei um taxi e pedi para me deixar na Praça da Sé. Cheguei na Praça da Sé e a polícia me pegou. Viram que eu não era traficante e me deixaram. Aí um africano viu todo o meu desespero por não conhecer ninguém. Ele me pegou e me levou na Cáritas, local onde eu pedi refúgio.

Na Cáritas, foi muito bem. Me colocaram no centro de refugiados, o Arsenal da Esperança, e fiquei lá. No dia seguinte, eu voltei na Cáritas, passei por uma entrevista, depois fui na Polícia Federal, fiz outra entrevista e tive que ir duas vezes no advogado de Brasília. Foi assim, e até que hoje estou aqui.

O primeiro pedido de refúgio foi negado. O motivo que me deram foi que eu fugi do meu país por causa da guerra e um cidadão não pode fugir porque, se você é um cidadão angolano, tem que lutar. Aí o advogado entrou com recurso e me deram o refúgio.

Eu fiquei na casa do refugiado no bairro da Mooca uns sete meses. Passei uma vida muito difícil porque não conhecia ninguém e ficava sozinho. Eu pensava muito na minha família, mas eu superei.

A maioria das pessoas que moravam no Arsenal era brasileira; africanos eram poucos. No primeiro dia que eu entrei, eu chorei, fiquei muito triste porque nunca tinha vivido aquela condição. Lá nós vivíamos com os malucos, com as pessoas que a cabeça não bate bem, com pessoas doentes... Foi muito difícil!

Lá era um albergue, então 5 horas da manhã você tinha que estar fora, podia estar frio ou não. Às 21 horas tinha que dormir e acordar às 5. Se você não acordasse, vinham te puxar. E tinha que sair cedo porque não podia ficar lá durante o dia. Mas não tinha o que fazer, eu tinha que superar!

Eu saía de lá pela manhã e ficava na rua. A Cáritas dava R\$ 20,00 para a semana. Esse dinheiro só dava para comer aquele pão com carne que vendem na rua. O dinheiro não dava para três ou quatro dias e logo acabava. Mas não tinha jeito, tinha que superar aquela situação... E eu superei. Eu saía às 5 horas, ficava na rua andando, vendo loja até chegar a tarde. Voltava para o albergue às 18 horas, porque às 19 tinha que entrar. Não podia passar da hora. Se passasse, você dormia fora, e quando dorme fora tem que se justificar. O indivíduo tinha que ter alguma coisa para provar que dormiu fora, senão te mandavam embora.

O primeiro documento que nos dão é a carteira de trabalho. Mas cadê o trabalho para você fazer? Não tem trabalho. Aqui no Brasil, quando se fala de refugiado, muita gente pensa que é bandido, pensam que o refugiado é um fugitivo, que fez alguma coisa errada! Mas não é! Refugiado é uma pessoa normal, às vezes ele fugiu da guerra ou sofreu perseguição política e teve que pedir ajuda para ser protegido... Então, mesmo com a carteira assinada, não tem trabalho para fazer.

Eu procurei dois amigos meus lá na República que são pintores de quadros e me deram espaço para pintar. Eu conseguia vender um quadro de R\$ 100,00 ou de R\$ 50,00 para sobreviver. Se você depende de alguém, é difícil. A gente depende de Deus, sempre!

Um amigo meu tinha um quarto para alugar e combinamos de juntar dinheiro e pagá-lo juntos. Aí eu saí do albergue, porque, se você está num albergue, a sua vida está fechada para tudo, você não consegue fazer nada. Saímos de lá e começamos a batalhar, procurar viver uma vida normal. Fomos morar num quarto na Praça da Sé. Na época, eu tentei pintar os meus quadros e vender na República. Graças a Deus, eu consegui vender alguns. Depois fiz uma exposição aqui, outra ali e comecei a ficar conhecido.

Em Uíge, eu frequentava a creche, a escola era pequena. Depois estudei em Luanda, mas não concluí. Continuei os estudos aqui no Brasil. A arte que eu faço, eu não aprendi na escola, é de sangue, porque o meu pai já pintava. Quando eu cheguei aqui, até tentei entrar numa escola de arte, mas não consegui. Hoje eu pinto sozinho.

Na minha arte, eu sempre represento a África, as nossas mulheres africanas, as nossas *mamás*, o movimento de cada dia, a nossa cultura, o jeito de levar nossos bebês, o jeito de usar nossos panos. Na verdade, eu represento a cultura africana, particularmente a angolana.

Primeiro o sofrimento e depois a alegria!

O meu sonho de cada dia era trazer a minha família para o Brasil. A fé que eu tinha dentro de mim era muito grande. Todo dinheiro que eu conseguia, eu guardava para pagar a passagem para eles virem. Dormindo ou trabalhando, eu os tinha dentro de mim! Quando juntei todo o dinheiro, mandei-os vir.

Antes de vir para cá, eu era casado. A minha mulher ficou em Angola com os meus dois filhos. Na verdade, não foi fácil dizer a ela que ia vir para o Brasil. Eu não falava com ela, guardava tudo para mim. Ela sabia que eu ia viajar, não sabia o dia e nem a hora. Duas semanas antes de vir, eu comecei a explicar. Foi difícil... Ela chorou, mas não adiantou... Combinamos que na vida a gente tem que procurar sobreviver da melhor maneira possível. Eu sei no meu coração que na vida para ganhar o pão tem que enfrentar muitos obstáculos. Sempre penso: “Primeiro o sofrimento e depois a alegria!”. Eu falei para ela que não conhecia ninguém no Brasil, mas ia vir. Então, combinamos o seguinte: ela ficava com as crianças em Angola e depois de um tempo eles viriam. E foi assim, depois de três anos eles vieram.

Quando saiu a minha condição de refugiado no Brasil, tinha dois anos de permanência. Depois que a minha esposa veio, nós tivemos mais um bebê e pedi a permanência de dez anos para mim e para minha família toda. Hoje vivo na cidade de São Paulo.

Aqui não ganho tanto dinheiro, mas o que ganho ajuda em alguma coisa, na escolaridade das crianças... Tem que batalhar para conseguir o que comer, para conseguir viver; se não batalhar, vai ser difícil. A minha mulher também trabalha, ela é cabeleireira, ela trança cabelos num salão.

Quando o meu filho mais velho chegou, tinha 7 e o segundo, 4 anos. Colocamos o menor na creche e o maior foi para a primeira série. Agora o Dani está no primeiro colegial e a outra está na sétima. Eles gostaram de vir para cá porque estão perto do pai.

Foi difícil com a minha filha pequena, ela falava: “Pai, não estou entendendo bem.”. Mas depois se adaptou normalmente e até hoje os dois estão super bem.

Hoje a minha vida está boa, pela graça de Deus. Como eu disse, não ganho tanto assim, mas o pouco que Deus nos dá, dá para viver! Hoje vemos muitos africanos que estão aqui se envolvendo com drogas e sendo presos... Se eu estou aqui até hoje, é pela misericórdia de Deus, porque é difícil viver neste país com a família, pagar aluguel sem a ajuda de ninguém, mas a gente supera sempre!

Um dia eu vou voltar para Angola, mas vou deixar os meus filhos crescerem mais e acabar os estudos. Um dia desses a gente volta porque você pode sair da sua casa, ela pode estar furada e tudo, mas é a sua casa. O meu país estava ruim na época, mas agora melhorou bastante. Hoje Angola está superlegal, melhorou bastante a condição dos estudos, do trabalho. Muitas coisas que não tinham e que agora têm. Quem saiu na época da guerra e volta hoje, vai ver uma Angola muito diferente.

Com relação à questão racial, aqui no Brasil tem bastante, mas para mim particularmente eu não ligo. Eu não ligo porque é como os mais velhos falam: “Se você seguir maluco, você vai ficar maluco.”. Tem gente que fala, mas eu não entro no detalhe deles. Eu faço o que é meu. Se você achar que eu sou baixo e você é mais, eu deixo você e vou embora. É isso o que eu faço!

Hoje Angola tem muito a ver com o Brasil. As novelas, a maneira de usar a roupa a cada dia, Angola está quase sendo igual o Brasil. O jovem de hoje, a maneira de vestir e a maneira de falar são quase iguais.

Oliveira, irmão de Neves: Isso tem o lado positivo e o lado negativo. A novela não ensina boa coisa, por exemplo: ensinar uma criança de dois anos a dar beijo na boca, eu acho errado. O pai e a mãe têm que educar a criança, colocar na escola e quando a criança atingir a maioridade ela pode fazer o que quiser na sua vida. Na novela, a gente vê a criança ou o jovem que bate na mãe. Na nossa cultura, não vou dizer que não existe, mas de 100% talvez exista 1 ou 2%.

Neves: O respeito é diferente, nossas crianças sempre têm que respeitar os mais velhos. O problema aqui é que as crianças não respeitam. O mais velho pode falar, a mamãe pode falar, e ele está respondendo. Eu falo para os meus filhos: “Vocês vivem aqui no Brasil, mas vocês não são brasileiros, não é toda a cultura brasileira que se pode carregar nesta casa não! O respeito de vocês vem de África e vocês têm que continuar

com esse respeito.”. A menor tem que respeitar a irmã mais velha, o filho tem que respeitar o pai.

Palavrão na minha casa não entra! Falo para os meus filhos que tem que saber falar. Imagina, se você fala muito palavrão, quando estiver numa entrevista de trabalho você vai falar palavrão, porque já está acostumado a falar. A questão da novela é como o meu irmão falou. A maioria das novelas que passam em Angola é brasileira, crianças se dão beijo... Está bem que falam que estamos nos tempos modernos, mas não é assim! Então, a gente pega um pouco da cultura brasileira, mas a nossa cultura tem que ser preservada.

Oliveira: O certo é que a gente nunca vai perder a nossa identidade, porque vem da essência, nascemos assim e vamos continuar com isso.

Neves: Na educação dos filhos, tem vezes que você pode deixar a criança mais livre, mas tem que ter respeito, você não pode deixar seu filho fazer tudo o que quer, não. Tem que ter lei em casa. Eu não vou levar assim pesado, não. Mas eu vou explicar como é que é a vida. A casa para ser segura tem que ter um bom alicerce; se o alicerce não está bom, lá na frente vai ser difícil para o filho.

Nosso grupo étnico é bakongo com a língua kikongo, mas falamos pouco kikongo porque vivemos pouco em Uíge. Como fomos muito pequenos para Luanda, falamos só português. Para falar kikongo, tem que ser a avó que vem do mato, ou um irmão por parte do pai ou da mãe. Eu percebo algumas coisas da língua, mas não falo.

O meu irmão está no Brasil há sete anos. Depois da vinda da minha esposa e dos filhos, o meu irmão veio, mas ele ficou muito tempo no Rio de Janeiro.

Oliveira: Eu fiquei no Rio de Janeiro quatro anos, morei em Santa Catarina três anos e agora estou em São Paulo. Em Santa Catarina, eu trabalhava como operador de máquina. Trabalhei na Perdigão, que agora é Brasil Foods.

Neves: O que eu não gosto de São Paulo é a violência. A segunda é a lei. Por exemplo: quando um indivíduo mata alguém ou quando alguém faz alguma coisa errada, fica preso uma semana ou um mês e depois é solto. A família do que morreu fica só olhando a pessoa sair da cadeia. Em qualquer lugar, tem violência, mas aqui precisa segurar essa parte para a pessoa ter mais medo de fazer mal ao outro.

Agora, o que gosto daqui é que tudo que você tem vontade de fazer, você faz. Se você quiser pintar, andar, passear, você está à vontade, você está livre.

Oliveira: O que não gosto aqui é a violência e o desemprego. Para mim, esse é o lado ruim. Agora, o lado bom é que você pode sair daqui e sabe que tem um aeroporto perto, tem a embaixada para resolver os problemas.

Neves: Trauma da guerra, eu não tenho. Só na época das eleições de 1992... Foi uma época difícil.

O Brasil me acolheu, mas para conseguir foi uma batalha. Aqui não temos apoio de ninguém. Nos outros países, se você é refugiado, tem apoio para conseguir moradia, recebe ajuda para os filhos quase todo mês. Aqui a gente não ganha nada. Se você pediu refúgio e te aceitaram como refugiado, o país tem que dar todas as condições para viver. Dar dinheiro ou pelo menos um lugar para morar, como fazem na Europa. Se você tem família, você recebe uma casa, algum dinheiro por mês. Mas aqui, desde o princípio até o fim, você tem que batalhar. É muito difícil!

Quando você pede refúgio, eles pedem um prazo para analisar, mas durante esse tempo você tem que procurar viver. Por isso que muitos africanos que vêm de outros países se metem com coisa errada e que ficam presos... Hoje estou aqui a falar, superei, mas nem todo mundo aguenta esperar. Aí falam: “Se você levar esse negócio, você ganha X.”. O que ele vai fazer? Vai traficar. Vai fazer coisa errada. Aí refugiado se mete nas coisas erradas. Fica preso, não tem família aqui, não tem ninguém para visitar.

Oliveira: E, além disso, a assistente social é que se encarrega em arrumar emprego para esse refugiado. Já aqui não acontece isso, eles te dão carteira de trabalho, CPF, mas você não tem por onde começar. Muitas vezes a pessoa não tem a capacitação profissional. Eles dão essa documentação como se bastasse para você arrumar alguma coisa sem ter uma referência ou uma indicação de alguém. Muitas vezes quando você vai bater em uma porta de empresa talvez eles estejam até admitindo, mas quando veem que você é estrangeiro tem um preconceito. Ainda mais sendo negro, acham que é um bicho de sete cabeças... Tem que respeitar a pessoa que está aí para conseguir um emprego e melhorar a sua vida.

Neves: Aqui em São Paulo nós, angolanos, sempre nos reunimos e fazemos festa. Nós não temos uma comunidade, mas todos nos conhecemos. Como se diz: “Uma mão lava a outra.”. Se alguém necessita de alguma coisa, nos reunimos e ajudamos. O que dá para fazer, nós fazemos.

A história da vida de Neves nos oferece a dimensão do que foi viver em tempos de guerra. O medo, a luta pela sobrevivência, o sair do seu lugar de origem ainda criança para outra cidade, até emigrar para outro país revelam a trajetória de um indivíduo que buscou na sua fé em Deus o alicerce e a esperança de reconstruir sua vida.

Neves e sua família, como tantas outras, foram forçados a saírem da província onde moravam, localizada no Norte do país, para viverem na capital Luanda. Como filho mais velho, mas ainda criança teve que assumir o cuidado e o sustento de seus irmãos após a morte de sua mãe e a partida de seu pai. Por isso, foi com as dificuldades que começou a pintar quadros para vendê-los e se tornou um artista plástico que, segundo ele, trata-se de um dom herdado pelo pai. Com o acirramento da guerra e o receio de ser recrutado para lutar no exército do governo, decidiu sair de seu país deixando para trás esposa, filhos, irmãos e imigrou para o Brasil, desembarcando na cidade do Rio de Janeiro e, logo em seguida, vindo para São Paulo no ano de 2001. No ano seguinte a guerra em Angola teria o seu fim.

Como apresentado no capítulo anterior, foi no contexto da guerra civil que Neves, e tantos outros angolanos, chegaram ao Brasil e solicitaram o estatuto de refugiado. As cidades de São Paulo e Rio de Janeiro foram as regiões de maior fluxo de imigração desse contingente. Segundo José Teixeira Lopes Ribeiro (1995):

No que diz respeito aos jovens, eles vinham na condição de estudantes, enquanto que outros, em grande parte, vinham com vistos de turistas, mas prolongavam sua permanência através de variadas estratégias que incluíam ou não processos de legalização, até conseguirem, muitos deles, o estatuto jurídico de refugiado. (Ribeiro, 1995, p. 102)

Sprandel e Milesi (2003) acreditam que esses sujeitos escolheram migrar para o Brasil, porque, durante o período o conflito em Angola, foram fechados os consulados de países europeus e norte-americanos para os quais os angolanos habitualmente se dirigiam, enquanto que o consulado brasileiro permaneceu aberto aos pedidos de visto. Isto, somado ao fato de ser um país de língua portuguesa e que não tem limite de cotas para refugiados, fez com que o Brasil passasse a ser visto como uma alternativa importante para o refúgio desses indivíduos.

No Brasil, o refúgio é regulado pela Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997, a qual, além de definir os mecanismos para implementação da Convenção de 1951, relativa ao Estatuto dos Refugiados²⁰, determina a criação do Comitê Nacional para os Refugiados – CONARE, que estabelece sua estrutura, competência e funcionamento. O CONARE, ligado ao Ministério da Justiça, é um órgão de deliberação coletiva, cujas competências são, em primeira instância, analisar o pedido, declarar o reconhecimento, decidir a cessação e determinar a perda da condição de refugiado, além de orientar e coordenar as ações necessárias à proteção, assistência e apoio jurídico aos refugiados.

Segundo dados oficiais do CONARE e de acordo com o Relatório Anual “Tendências Globais”, do ACNUR, até o ano de 2012 havia no Brasil, 4.336 refugiados, de 76 nacionalidades, sendo que Angola, Colômbia, República Democrática do Congo, Iraque, Libéria e Síria são os principais países de origem desses indivíduos. No entanto, de acordo com a cláusula de cessação de refúgio para nacionais de Angola e Libéria, adotada pelo Brasil em junho de 2012, os refugiados desses dois países mudaram seu *status* para residentes permanentes, pois muitos já viviam no Brasil há mais de 15 anos e puderam solicitar a naturalização.

Ao chegar ao Brasil, apesar dos problemas que enfrentam, que vão desde a burocracia à dificuldade de adaptação e inserção no mercado de trabalho, encontram o acolhimento e a solidariedade de instituições não governamentais, como o Centro de Acolhida para Refugiados da Cáritas Arquidiocesana de São Paulo, que promove a assistência e a integração local desses refugiados, oferecendo assistência jurídica para a solicitação do refúgio, orientação para obtenção dos documentos e encaminhamento para moradia.

Algumas instituições, em parceria com a Cáritas, também atuam no atendimento e assistência aos refugiados, tais como o SESC Carmo, localizado na região central de São Paulo, que oferece curso básico de português, tratamento odontológico, atividades esportivas e alimentação aos refugiados e a Casa do Migrante, que oferece, entre outros

²⁰ Primeiro instrumento de proteção internacional aos refugiados, elaborado pelo ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. Segundo essa Convenção, é considerada refugiada a pessoa que em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência desses acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele. *In*

http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados. Acesso em 20 de agosto de 2013.

serviços e atividades, alojamento, café da manhã, almoço e jantar, atividades de lazer, palestras e comemoração de datas festivas de seus países. Esta última faz parte de um trabalho coordenado pelos missionários scalabrinianos denominado Missão Paz e conta ainda com o Centro Pastoral e de Mediação dos Migrantes, o Centro de Estudos Migratórios e a Igreja Nossa Senhora da Paz.

Se por um lado algumas organizações da sociedade civil reconhecem a necessidade de acolher e proteger esses indivíduos, por outro os mesmos passam despercebidos no cotidiano das pessoas que vivem na cidade. Pouco ou quase nada se fala sobre eles e se percebe um desconhecimento ou até uma certa indiferença da sociedade sobre o tema. Segundo Sprandel e Milesi (2003):

...o quase total desconhecimento da sociedade sobre quem são, onde estão e o que fazem estes refugiados pode ser explicado, apenas em parte por sua pouca representatividade numérica numa população de mais de 174 milhões de pessoas (Censo de 2000). Observa-se também uma ausência preocupante de campanhas educativas sobre o que significa ser “refugiado”, porque estão fugindo e quais os seus direitos em nosso país. (Sprandel e Milesi, 2003, p. 113)

O escritor Washington Araújo (2003), ao analisar a situação dos refugiados na sociedade de acolhimento, nos diz que:

... é bem conhecido o fato de que todos temem o que lhe é desconhecido, o que não lhe é de alguma forma familiar. O refugiado por vir de outro país sofre a dor da não aceitação, uma vez que não domina os códigos da comunicação e os códigos culturais que sempre têm reforçado “o sentimento de pertencer”. Com o crescimento das práticas xenófobas esta aceitação tem sido por demais árdua, pois além de não contar com o domínio desses códigos, o refugiado é visto com solene indiferença quando não com patente hostilidade”. (Araújo, 2003, p.38-39)

Assim, para Washington Araújo (2003), a questão dos refugiados traz consigo muitos desafios: de ser aceito, de alcançar a cidadania, o desafio linguístico, de preservar seu patrimônio cultural e religioso, ter acesso ao progresso educacional, de ganhar independência financeira, de se sentir em segurança e, por fim, o desafio de poder transitar livremente dentro do país e deste para o exterior. Desafios esses vividos por Neves, pois, ao chegar ao novo lugar, teve que adaptar sua vida a uma nova realidade até então desconhecida e se reconhecer nessa nova condição. Para Neves: “A luta mesmo não foi quando eu saí de lá, mas quando eu cheguei aqui”.

Logo que chegou a São Paulo, Neves contou que foi abordado pela polícia, mas liberado porque perceberam “que não era traficante”. Isso demonstra a ação despreparada e preconceituosa da polícia que estigmatiza e identifica o homem negro à bandidagem e, no caso de Neves, por ser estrangeiro possivelmente ligado ao tráfico internacional de drogas. Após esse episódio, Neves foi levado por um africano à Caritas, onde iniciou o seu processo de pedido de refúgio e encaminhado ao Casa de Acolhida Arsenal da Esperança, localizado no bairro da Mooca. Para Neves, a convivência no albergue foram tempos difíceis, pois, se por um lado era uma casa de acolhimento, por outro impunha regras que lhe negava o pertencimento naquele lugar, pois não era permitida a permanência no local durante o dia. Portanto, ele não tinha alternativa, senão vagar pelas ruas da cidade até o horário permitido para o retorno.

O primeiro documento que o entrevistado conseguiu foi a Carteira de Trabalho, mas a condição de refugiado se tornou um empecilho para arrumar um trabalho com carteira assinada. Isso revela que, apesar do esforço das instituições ligadas ao acolhimento de refugiados em viabilizar inserção desses indivíduos no mercado de trabalho, ainda há um preconceito dos empregadores em admitir indivíduos que vivem nessa condição.

Para se sustentar Neves voltou a pintar seus quadros e vendê-los na Praça da República, com isso, alugou um quarto com um amigo e juntou dinheiro para trazer sua família de Angola. Foi por meio de sua arte que Neves acalentou a sentimento de saudades. Quando ele diz: “Na minha arte, eu sempre represento a África, as nossas mulheres africanas, as nossas *mamás*, o movimento de cada dia, a nossa cultura, o jeito de levar nossos bebês, o jeito de usar nossos panos”, notamos que as representações contidas em suas pinturas foi o elo que o manteve ligado às suas origens, à sua cultura.

O desejo de Neves em estar ao lado de sua esposa e filhos é fundamental para compreender o sentido de família para o narrador, pois ele não poderia abandoná-la como fez seu pai após a morte de sua mãe. A vinda da família representa a manutenção do sentido de família e a responsabilidade de cuidar dos seus, função assumida por Neves desde criança. Tanto que, após a chegada de sua esposa e filhos, não mediu esforços para trazer o seu irmão com a família.

Viver a experiência da guerra, o abandono pelo pai, emigrar de seu país para um lugar desconhecido, conviver num albergue com pessoas estranhas e regras rígidas, as dificuldades de trabalho, à distância, a determinação e o sonho em estar junto da família

deu a Neves a dimensão de que sua trajetória de vida é de superação. Não é à toa que as palavras superação e superar aparecem repetidas vezes em sua narrativa.

O primeiro contato que tive com a história de Luís ocorreu por meio da entrevista que realizei com o seu irmão Álvaro Bastos, estudante que mora em São Paulo. Álvaro me contou que seu irmão veio para Brasil porque sua cunhada Fátima estava grávida e, pelo fato de terem perdido dois bebês recém-nascidos por falta de estrutura nos hospitais de Luanda, decidiram ter o filho num país onde o atendimento fosse eficiente e optaram pela cidade de São Paulo. Luís relatou que, com o nascimento da filha, adquiriram visto permanente e resolveram ficar para estudar e trabalhar. Inclusive, foi Luís que convenceu sua família para que Álvaro viesse cursar o ensino superior em São Paulo.

Achei a história Luís muito interessante e Álvaro se dispôs a nos colocar em contato para que ele me concedesse uma entrevista. Num domingo fui à residência de Luís, na Vila Silvia, bairro da Zona Leste de São Paulo, e pude conhecer sua família, constituída também em São Paulo, pois dois anos após o nascimento de Lufânia, que os motivaram a migrar, nasceu a pequena Maitê.

Luís Amâncio da Silva Bastos

Ser estrangeiro no Brasil é passar algumas dificuldades, mas de uma forma geral é ajudar o Brasil a crescer também

O meu nome é Luís Amâncio da Silva Bastos, nasci no dia 24 de janeiro de 1981, em Luanda, Angola. Tive uma infância tranquila. O meu pai era diretor de escola. Estudei normal, fiz minha formação e o ensino médio em Angola.

Em casa, somos em sete irmãos, duas meninas e cinco rapazes. Como eu disse, o meu pai foi diretor em Luanda por muitos anos, acho que por uns 20 ou 30 anos, numa escola no bairro da Cuca, na Escola 230. Ele fez o curso superior, bacharel em Psicologia. Nós não estudamos na escola que ele era diretor, porque não era no mesmo

município. Eu estudei numa escola bem em frente à nossa casa, na Escola 722. A minha mãe era doméstica, fazia os seus negócios, mas ela só fez o ensino fundamental.

Estudei em Angola o tempo inteiro, mas eu já tinha uma queda por viajar. Quando tinha 19 anos, fui morar na África do Sul, em Cape Town. Fiquei lá por dois anos e depois voltei. Quando eu fui para a África do Sul, já tinha concluído o ensino de base, que é até a oitava classe. Quando voltei da África do Sul voltei a estudar e fiz no ensino médio o curso de formação de professores no INMEA – Instituto Normal Médio de Educação - António Jacinto. Depois me casei.

Eu fui para Cape Town porque tinha vontade de sair de Angola, conhecer outros países, tentar melhorar o inglês, coisas assim... Dificuldades em casa nós tínhamos, mas não era dificuldade de passar fome; o meu pai e a minha mãe sempre colocaram tudo na mesa para gente. Era vontade de jovem, a maioria dos meus amigos estava indo para a Holanda, Lisboa, Estados Unidos, e eu falei: “Ah, eu não vou ficar sozinho. Vou viajar também, vou sair, conhecer outros países. E fui.”

Lá eu só trabalhei, não estudei. Trabalhei numa empresa de construção civil como ajudante de azulejista, foi lá que aprendi a profissão. Trabalhei lá uns oito meses, voltei para Angola e comecei a trabalhar como azulejista, trabalhava de dia e estudava à noite. E aqui no Brasil faço a mesma coisa desde quando cheguei, trabalho de dia e à noite eu estudo.

A Fátima foi a minha grande paixão. Assim que eu voltei da África do Sul, tinha 21 ou 22 anos, nos conhecemos, namoramos muito tempo, acho que uns seis anos, e nos casamos em 2006. Fizemos todo o ritual de alambamento que a nossa cultura permite. O alambamento é uma carta que os pais do noivo ingressam à família da moça demonstrando o interesse em casar. A família da noiva manda uma lista de coisas que são necessárias para cumprir esse ritual, alguns trajes, bebidas, comidas, que são para confraternizar no dia marcado. Era um sábado, foi a minha família, a família dela, fizemos todo o ritual, a apresentação para a outra família e dali saímos marido e mulher, mas não casados. Depois é que tem o casamento. Nós somos casados apenas no civil. Quem sabe um dia a situação financeira permitir, nos casamos no religioso...

O motivo que me fez vir para o Brasil foi que, quando eu me casei, a minha esposa engravidava, mas perdia as crianças. O primeiro bebê nasceu com seis meses e faleceu por falta de incubadora no hospital. Isso começou a trazer problemas no casamento. A família ficava exigindo que tivéssemos um filho. Fizemos o segundo e

aconteceu a mesma coisa. As crianças nasciam bem, ela até via a criança chorando, mas tinha dificuldade, talvez de falta de estrutura, acabavam por falecer.

Tinha um amigo meu de infância, o Wilson, nós nos conhecemos ainda moleques, estudamos na mesma escola e jogamos basquete juntos. Ele veio para São Paulo há uns dez anos. Quando ele voltou, eu já estava com esses problemas e conversei com ele. Cheguei a cogitar com minha esposa de irmos para a África do Sul, porque eu já conhecia e a medicina lá também é boa. A minha esposa, por não gostar muito da África do Sul por causa do inglês, preferiu o Brasil. Também por influência das novelas brasileiras, ela disse: “Acho melhor a gente ir para o Brasil, Rio de Janeiro ou São Paulo.”. Conversando com o meu amigo Wilson, ele disse: “Olha, São Paulo é tranquilo e a medicina lá é evoluída, mesmo que vocês forem para um hospital particular, não é muito caro.”. Então, optamos pelo Brasil, particularmente São Paulo. Marcamos a viagem, fomos no consulado, compramos a passagem, tiramos os vistos de turista e viemos.

Chegamos aqui e deu tudo certo. Ela veio grávida de três para quatro meses. A barriga era pequena, a polícia federal nem notou. Ela chegou, fez a carteira no hospital, explicou o problema que tinha, e a médica daqui só deu o acompanhamento que o médico de Angola já tinha feito. Fizeram vários exames para ver se tinha algum risco. Graças a Deus, não tinha e pronto. A Lu nasceu com o mesmo problema dos outros bebês, nasceu com nove meses, mas com falta de ar. Como aqui tinha aquela estrutura toda, não teve grandes dificuldades. Ela ficou um dia e meio na incubadora, mas os pediatras observaram com toda aquela atenção e cuidado; ela sobreviveu e hoje está aí, feliz...

No dia do parto, como nós vivíamos ali perto da Celso Garcia, fomos para o Hospital Leonor Mendes de Barros, que era o hospital mais próximo e onde ela já tinha encaminhamento. Agora, se houvesse alguma complicação, nós iríamos para um hospital particular que tinha também ali perto. Foi um parto tranquilo, fomos bem atendidos. Teve todo o acompanhamento. Até é engraçado porque nós fomos andando. Era perto da nossa casa e fomos a pé até! Chegamos lá e já estava quase que na hora. Eu não assisti o parto da Lu, porque eu não tive coragem, mas o da Maitê eu assisti – porque depois de dois anos ela engravidou de novo. Aí parou a cobrança da família, foi só alegria!

Porque as pessoas cobravam! Nós tínhamos uma vida normal, tínhamos carro, casa, dois jovens com uma vida normal, mas as pessoas cobravam que tivéssemos filhos. Eles não falavam diretamente para nós, mas, por exemplo, uma tia chegava e falava: “Estou aqui na casa do meu sobrinho, quero ver os meus sobrinhos aqui...”. Eles conhecem só a Lu, porque nós a levamos quando era bebezinha. A maior parte da família não conhece a Maitê, só conhece através do Skype e das fotos no Facebook.

Estando aqui, veio a facilidade de se formar. Eu já tinha o ensino médio e fiz faculdade de Tecnólogo em Radiologia na FAMESP. E agora estou a fazer o curso de Técnico em Segurança do Trabalho. Eu não trabalho como técnico de radiologia, trabalho como azulejista, que é uma profissão que eu já exercia em Angola. Não foi difícil arrumar emprego nessa área. A minha esposa também pretende fazer alguns cursos. Ela já fez o ensino médio aqui, vai fazer um curso técnico e, assim que terminarmos, voltamos para Angola.

Quando chegamos em São Paulo, ficamos no hotel Palace por uma semana e, como tinha alguns vizinhos que já viviam aqui, fui trocando ideias com eles para ver ser arrumávamos uma casa. Fomos a uma imobiliária e conseguimos alugar uma casa na Rua Gonçalves Dias, no bairro do Belém. Ficamos lá por seis a oito meses e depois mudamos para um apartamento na Vila Maria. Ficamos quase um ano, mas estava muito caro. Depois veio o Álvaro, mas como o apartamento era pequeno, mudamos para essa casa e até hoje estamos aqui.

O brasileiro é um povo tranquilo de se relacionar, principalmente para nós angolanos que falamos português, embora com sotaque. Não tivemos muitas dificuldades, foi tranquilo, só alegria!

Quando a minha esposa teve a Lufania, ela fazia negócios, levava mercadorias daqui do Brasil para vender em Angola, havaianas, roupas, esse comércio. Fomos dando conta que não dava para nos manter tranquilos, estava difícil porque as viagens ficavam cansativas para ela, também tinha a criança pequena e ficava com saudades. Então, decidi trabalhar. Como eu tenho profissão e São Paulo precisa de trabalhadores, fui trabalhar.

Fui ao Ministério do Trabalho e pedi uma carteira. Nós já tínhamos o documento por causa da Lu, pois quando a criança nasce aqui no Brasil se tem o direito à permanência. Assim que a Lu nasceu, nós tiramos o RNE, um protocolo primeiro e depois o documento definitivo. Então, com aquele protocolo foi tranquilo para requerer

a carteira de trabalho. E foi isto que eu fiz: peguei o protocolo, fui ao Ministério do Trabalho, fiz o requerimento da carteira e peguei a carteira de trabalho. Depois vi um anúncio no jornal que estavam precisando de azulejista numa empresa chamada Sigma, que ficava na Zona Leste, em São Mateus.

O nome do dono da empresa era Wilson, mas era conhecido por Branco. Ele foi supersimpático comigo. Eu falei para ele que era estudante e foi muito bom porque eu não tinha como provar que sabia fazer o trabalho, mas ele acreditou na minha palavra, falei que já tinha trabalhado como azulejista em Angola e que já fazia isso há tempo. Uma da parte do dinheiro que me trouxe para o Brasil foi trabalhando nisso, porque lá eu não pagava aluguel, a gente tinha a nossa casa e dava para economizar muito mais. A minha esposa também trabalhava. Ele acreditou em mim e falou: “Tudo bem!”. Ele viu que na carteira não tinha nenhum registro, era o meu primeiro emprego aqui em São Paulo. Eu nem tinha o material e ele disse o seguinte: “Eu vou comprar o material para você e quando chegar o fim do mês eu desconto.”. Ele me registrou e comprou o material para eu trabalhar. A primeira obra foi na Zona Sul, Santo Amaro, na Avenida Vereador José Diniz, bem no final dela tem um condomínio que a Rossi construiu. Me levaram, fiz o teste, o encarregado viu que eu sabia trabalhar e aí fiquei. Saí dessa empresa Sigma e entrei numa outra empresa, a Unida Cardoso, sempre registrado.

Agora eu espero que, quando terminar esse outro curso e se a minha esposa achar que chegou a hora de voltar, voltemos para Luanda. E, se depois achar também que devemos voltar para o Brasil, voltaremos. Nós nos sentimos bem aqui, é como se estivéssemos em casa. Só que, às vezes, a saudade da família fala mais alto! Eu voltei em Angola apenas uma vez, acho que faz uns três anos que eu não volto. Eu pretendo ir no final do ano, se Deus quiser, ver como está o mercado nas áreas que eu fiz o curso. Se houver oportunidade, é arrumar as malas e voltar!

A Lu já está na escola e a Maitê, à espera de uma vaga na creche. Pretendo ensinar a cultura de Angola aqui e lá, quando voltarmos. Elas já terão a cultura do Brasil. E vou tentar juntar, vou falar que lá em Angola é assim e aqui no Brasil é diferente, vou ter que fazer o meu dever de pai! Se Deus quiser, a gente volta para Angola, aí vai ter um choque de cultura. Às vezes é sobre esse problema que eu penso, porque aqui na creche vão ter uma visão das coisas, chegando lá também vão ter outra visão. Esse é um medo que eu tenho, delas chegarem a Angola e ter um choque de

cultura, falar o sotaque diferente... Eu também já tenho um pouco do sotaque, imagine elas?! Porque vão estudar aqui. Mas com o tempo elas vão saber distinguir as coisas.

A ideia que eu tinha de São Paulo antes de vir para cá era de uma cidade bonita, cheia de vida, com pessoas legais. Essa é a ideia que o brasileiro passa para todo mundo pelas novelas, e mesmo os brasileiros que trabalham em Angola. E, pelo fato de eu já ter morado em outro país, sabia que sofreria algumas dificuldades, que eu teria que morar de aluguel, por exemplo. Essas coisas eu já tinha ideia, não pensei que sairia de Angola e chegando aqui tudo seria um mar de rosas: “Cheguei e é só maravilha.”. Não é assim! Dificuldades existem, mas tem que saber contorná-las. De forma geral, é isso.

Agora, o que foi um choque para mim foi a criminalidade. Essas coisas, a gente até via em Angola. Quando tiveram aqueles ataques do PCC, passaram muito na televisão, na Globo, na Record. Você vai vendo algumas coisas, assaltos, mortes de estrangeiros... Até morreu um vizinho meu, o Minguelay, que foi assassinado. Quando vemos essas coisas, dá vontade de voltar, pensamos: “Vai que acontece alguma coisa comigo ou com a minha família...”. Mas o resto tranquilo.

Preconceito existe, mas acho que nunca sofri. Não sei é por causa da altura e as pessoas não batem de frente, mas eu sei que existe. Não chegam para falar alguma coisa para você, chamar de “negro” ou alguma coisa assim, mas você dá conta do meio, rola um clima estranho... Eu tiro de letra, sei e evito algumas situações. Cada um no seu lugar...

Mesmo por ser estrangeiro, eu nunca sofri preconceito, porque a maioria das pessoas com quem trabalho também é de fora de São Paulo, muitos são nordestinos. Então, se um falar alguma coisa do tipo: “Nossa, na África tem muita fome.”. Essas coisas têm, com certeza, mas eu não levo muito a peito. Eles não falam diretamente para mim, falam o que se passa no noticiário. E alguns também têm a noção de que os políticos não têm aquela vontade de querer mudar as coisas lá.

Então, por nós sermos quase todos “imigrantes” aqui em São Paulo, não tenho muitos problemas. Também quando eu fiz o estágio de radiologia, não tive muita dificuldade com isso, porque lá também tinha muita gente que não nasceu em São Paulo.

O que eu mais gosto aqui em São Paulo?... Tanta coisa que eu gosto aqui... Os parques, jogar basquete com os meus amigos brasileiros. Eles sempre vêm nos pegar para ir jogar. As baladas, as festas, o churrasco brasileiro, nossa, é da hora! Quase

sempre nós vamos... Nós fazemos parte de um clube, Os Astros, é um grupo de basquete aqui da Zona Leste. Nós conhecemos muita gente que joga basquete aqui.

Viver fora do seu país sempre vai trazer algum benefício para você. Você amplia seus horizontes, você não olha as coisas conforme uma pessoa que nunca saiu do seu país. E tem o fato de eu ter estudado aqui com os brasileiros, você começa a ver as coisas um pouco diferente. Quando eu tinha 17 anos, antes de viajar, achava que estrangeiro tinha que voltar para a sua terra. Tem estrangeiros que criam intrigas, mas tem os que ajudam também o país a desenvolver. E tudo isso muda, essa visão muda.

No caso dos homossexuais, por exemplo. Em Angola também tem, mas aqui é muito mais aceito. Em Angola tem muita estigmatização, lá as pessoas criticam muito mais. Aqui eu vejo coisas que nunca tinha visto. Nunca tinha visto homem em Angola se beijando no metrô, por exemplo. Na hora que vi eu disse: “Nossa, nunca vi isso!”. E mulher também... Lá em Angola tem, mas é privado. A primeira vez que eu vi foi um choque, mas depois aceitei porque a sociedade em si aceita. E é tranquilo, cada um deve viver do jeito que quiser. Quem sou eu para julgar?

O que me faz lembrar Angola aqui em São Paulo é quando estou no Brás. Tem a comunidade angolana e, quando estamos ali, estamos na banda – nós falamos “na banda”. Ali é Luanda!... Você chega e encontra aquele teu amigo que você não vê há tempos e que você nem sabia se estava na Europa ou nos Estados Unidos... Todo mundo se encontra ali. Aquele lugar lembra Luanda, porque chegamos ali e encontramos os angolanos...

Tem um vizinho meu que achava que eu estava na África do Sul. Nós vivíamos no mesmo bairro, na Comissão do Casenga. Quando eu casei, fui morar num outro bairro, que é mais perto da casa dos pais da minha esposa, mas sempre ia à casa dos meus pais. Às vezes ia de carro, às vezes ia à noite; eu ficava mais na casa. Ele chegou para mim e falou:

— Nossa, eu pensei que você estivesse na África do Sul. Nunca mais te vi, você sumiu.

— Estou aqui faz tempo – respondi.

Foi bom reencontrá-lo! Então, nos encontramos, nos encontramos... Ali é um ponto de encontro dos angolanos!

Hoje tem uma quantidade grande de angolanos vindo para cá pela facilidade de estudar. Os diplomas de angolanos formados aqui são bem aceitos em Angola. Acho

que o desenvolvimento tecnológico do Brasil, ligado com a facilidade de formação, atrai muito angolanos. O Brasil é um país que não barra a obtenção de visto em Angola, não há muita burocracia como em outros países. Angola e Brasil tem uma relação muito boa, então facilita.

Quando você chega aqui e traz o certificado que concluiu o ensino médio, não tem complicação de equivalência, porque acho que a formação é quase a mesma. Eu fiz o ensino médio, levei na direção regional de ensino; fizeram a equitação, que corresponde que eu fiz o ensino médio, e pude fazer a faculdade aqui. Também tem a facilidade do comércio. A indústria brasileira vende muito para Angola, principalmente as roupas e a moda brasileira, então isso traz muitas mulheres para comprar aqui e vender em Angola. Em Angola, chamamos de muambeiras...

Geralmente essas mercadorias são por encomendas. Algumas são para colocar no mercado, outras para vender nas lojas. As roupas femininas têm muita saída. A masculina, não, porque as roupas de grife aqui no Brasil são muito caras, compensa muitas vezes ir para a Europa e Estados Unidos porque é mais barato para vender em Angola. Agora, roupa feminina, por causa das novelas brasileiras que ditam a moda em Angola, é barata e tem muita saída. E as mulheres usam mesmo...

Lá se vende mais vestimenta. Eletrônicos são muito caros no Brasil, e os muambeiros compram mais em Dubai, China e Estados Unidos. Eu quero um *tablet* da Apple, mas aqui tá muito caro, tá na faixa de dois mil e alguma coisa. Lá em Angola, os que vêm da China custam 500 dólares. A minha irmã vai comprar lá e mandar para cá.

O governo de Angola não tem vontade política de mudar a situação

A memória que tenho da guerra?... Nós morávamos na capital do país, então não sentíamos muito. Nós víamos os ataques só na televisão. Luanda não sofreu tantos os efeitos da guerra como Huambo, Kuito, Malange, Kwanza Norte, Kwanza Sul. Nessas províncias, era onde a guerra estava forte e que trouxe muitos problemas, destruiu pontes, estradas... Mas em Luanda não tivemos grandes dificuldades por causa da guerra e nem a minha família...

Em 1992, teve um acordo de paz e houve eleições, a UNITA perdeu, eles não aceitaram o resultado e voltaram às armas. Aí é que eu vi alguma coisa: tiros, pessoas serem mortas na rua... As pessoas da UNITA e o grupo do MPLA estavam a se bater de

frente, a população foi armada e começou uma guerra civil, tipo caça às bruxas... Às vezes a pessoa nem era de partido, não fazia parte da UNITA, mas, se alguém não ia com a cara do sujeito, já queria matar... Houve uns confrontos, uns tiroteios, sequestro de algumas pessoas, mas depois passou, a guerra voltou no interior do país.

Nessa época, muitas pessoas do interior do país foram para a capital Luanda. Meus tios e até a minha avó, que morava numa cidade próxima, na cidade de Caxito, que é a terra natal do meu pai, foram para Luanda. A estrada que vai para uma parte do norte de Angola passa por Caxito, então as pessoas que recuavam saindo de Luanda deixavam um rastro de destruição... Vieram para Luanda a minha avó, os meus primos, as minhas tias e ficaram por alguns meses.

Ali foi que eu senti alguma coisa, muita gente, era pressão mesmo, era muita pobreza, você via pessoas de outras províncias que falavam outras línguas, outras culturas... Lá em Luanda, deu uma explosão demográfica e hoje é um dos principais problemas. Luanda é uma província superpovoada, tem gente demais; Luanda não foi construída para aquele tanto de gente. O aluguel subiu, o saneamento básico é precário, as construções são anárquicas... Isso apareceu por causa da guerra.

As pessoas que chegaram a Luanda viram que tinha uma vida diferente da que tinha em sua terra e, mesmo com o fim da guerra, não quiseram voltar. Em Luanda, tem dificuldades para médico. Se em Luanda tem dificuldade, imagina no interior do país? Superlotação nas escolas, o transporte público também superlotado por causa dessa imigração causada pela guerra. Mas de forma geral não houve destruição em Luanda. Por exemplo, você não vê um lugar destruído e diz: “Esse aqui era um hospital que a guerra destruiu.”. Não, isso não existiu em Luanda. Também o presidente morava lá, todas as forças estavam lá, era difícil chegar. Mas graças a Deus há 12 anos está em paz e está a melhorar, aos poucos, mas está melhorando...

O governo de Angola não tem vontade política de mudar a situação. Engraçado que todos eles estudaram fora do país: o presidente de Angola estudou na Rússia, quase todos dirigentes e seus filhos se formaram fora, aqui no Brasil, na Europa... Eu vi no jornal que a filha do José Eduardo é uma das mulheres mais ricas de África. O problema é que pelo menos seria bom que as pessoas sentissem, que ela, tivesse uma instituição que ajudasse as pessoas. Eu não sei se tem agora, mas quando eu estava lá não tinha.

Não tem vontade política por causa da corrupção. E são coisas simples de se fazer. Saneamento básico, por exemplo, é coisa simples, não custa tanto assim, porque

Angola produz petróleo e tem diamante. Se eles tivessem vontade política, não seria difícil. Você vê aqui em São Paulo que o carro do lixo passa mesmo na favela, tem saneamento básico. Eu não sei o que passa na mente deles, eles sabem que saneamento básico ajuda muito para prevenir certas doenças, cólera, por exemplo. Doenças que poderiam ser evitadas com uma simples drenagem das águas pluviais, com coisas simples que lá não existe. No bairro onde eu nasci, quando vão fazer esses trabalhos de revitalização esquecem os pormenores e quando chove alaga tudo criando muitas dificuldades. Para mim, é isso, é falta de vontade política.

O que é ser estrangeiro? Ser estrangeiro no Brasil é passar algumas dificuldades, mas de uma forma geral é ajudar o Brasil a crescer também. Eu ajudo o Brasil a crescer, trabalho na construção civil e estou a dar a minha contribuição para o Brasil, em particular para São Paulo.

A precária condição de vida em Angola, devido ao descaso do Estado com a população, que não garante saúde, educação e lazer de qualidade, a concentração de renda, a fragilidade das instituições e o alto custo de vida, que são problemas enfrentados pela sociedade angolana e aqui relatados por Luís, fazem com que muitos angolanos busquem no trabalho informal e na perspectiva de cursar o ensino superior fora do país melhores condições de vida. “O povo a cada ano que passa vive pior. Estamos numa fase que vivemos para sobreviver”, assim sintetizou um jovem angolano que entrevistei durante minha estada em Luanda no ano de 2011.

A deficiência no atendimento na área da saúde em Luanda, por exemplo, foi o motivo que levou Luís Bastos migrar com sua esposa para o Brasil em 2008. Em Angola, recém-casados, Fátima engravidou duas vezes, mas os bebês faleciam por problemas respiratórios poucas horas após o nascimento por causa da falta de incubadora neonatal nos hospitais. Luís soube por meio de um amigo que mora em São Paulo, que a cidade possuía bons hospitais e, como a cobrança da família para terem o filho era muito grande, juntaram dinheiro e vieram ao Brasil quando Fátima iniciou o

quarto mês de gestação. Ao chegarem, fizeram todo o acompanhamento médico e a primeira filha, Lufânia, nasceu com o mesmo problema dos outros, mas ficou na incubadora o tempo necessário e hoje é uma criança saudável. Como a criança nasceu no Brasil, solicitaram o visto permanente, obtiveram o Registro Nacional de Estrangeiro (RNE) e Luís pode tirar Carteira de Trabalho e, com isso, decidiram ficar. Depois de dois anos Fátima engravidou novamente e nasceu Maitê.

O que seria uma imigração provisória se estendeu para uma condição de permanência, haja vista que, no Brasil, encontraram possibilidades de estudar e trabalhar numa terra próspera. Neste caso, a decisão de permanecer é o recomeçar, a perspectiva de almejar melhores condições de vida para um jovem casal que investiu todos os seus bens e migraram com o único objetivo: formar uma família.

Essa condição provisória, mas que se prolonga, coaduna à teoria de Sayad (1998). Segundo esse autor, há na condição da imigração uma contradição, pois, ao mesmo tempo em que ela se apresenta como um estado provisório que tende a se prolongar, também se transforma em um estado duradouro que se sente provisório:

... a imigração condena-se a engendrar uma situação que parece destiná-la a uma dupla contradição: não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro mas que se gosta de vier com um intenso sentimento de provisoriedade. (Sayad, 1998, p.45)

Antes de escolherem o Brasil, Luís cogitou a possibilidade de partirem para a África do Sul, país em que viveu durante alguns meses e aprendeu a profissão de azulejista, função que exerce até hoje. Entretanto, sua esposa preferiu vir para o Brasil devido à facilidade da língua e por ter uma ideia do que seria o país por meio do que é transmitido nas novelas brasileiras. É importante ressaltar que a decisão de imigrar para um país não é tomada de forma avulsa, já que possui uma força propulsora. Não se imigra para o desconhecido, sempre há um conhecimento prévio do lugar de destino, seja por meio das propagandas, neste caso as novelas brasileiras, que passam uma imagem positiva de um país em pleno crescimento econômico, seja de uma comunidade já existente no lugar de destino.

Muitos são os motivos que levam os angolanos optarem por migrar para o Brasil, alguns deles ligados à questão histórica, político-econômico, cultural e educacional. A ideia de que fomos colonizados pelo mesmo país, falamos a mesma

língua e nos tornamos países irmãos, e que elementos da cultura africana, trazida pelos escravos durante o período colonial, foi fundamental para a formação da cultura brasileira, faz com que os angolanos vejam o Brasil como um “irmão mais velho”, como caracterizou Pepetela, e uma das principais referências a ser seguida. Essa ideia expressa o sentimento que Alexandrino nutre pelo Brasil:

O samba e a capoeira me encantaram bastante porque foi uma versão um pouco mais além daquilo que nós temos e, quando escutamos um samba com atenção, notamos o ritmo de alguns instrumentos que usamos em algumas cerimônias e em nossas festas tradicionais, como, por exemplo, a marimba. Isso acaba me deixando num certo clima de nostalgia... Tenho cada vez mais a sensação de que as coisas podem mudar, mas a nossa cultura não vai morrer porque se atravessou o Atlântico e, se sobrevive até hoje aqui no Brasil, é claro que vai resistir por muitos anos. Isso acaba nos dando alegria por saber que tivemos participação na formação cultural do povo brasileiro. Isso acaba, de certa forma, deixando-nos aquela sensação de que aqui existe a nossa história, que tem algo que nos liga, que temos uma relação muito forte. Sempre que eu falo disso, gosto de citar uma frase de Jorge Amado que diz mais ou menos assim: “O nosso cordão umbilical, no caso do Brasil, está ligado na África.”. Eu acho isso uma coisa maravilhosa!

O Brasil foi o primeiro país do mundo a reconhecer a independência de Angola em 1975. De lá para cá, especialmente com o fim da guerra civil, as relações de natureza política, econômica-comerciais, cultural e educacional entre os dois países aumentaram significativamente. Em decorrência dos conflitos, Angola acumulou carências em todas as áreas de infraestrutura e, com a pacificação, iniciou um processo de reconstrução nacional, projeto governamental que demandou recursos materiais e humanos. Com um quadro reduzido de técnicos, engenheiros e arquitetos, o governo angolano optou por contratar empreiteiras de diversas partes do mundo, incluindo o Brasil.

Para se ter a dimensão do alcance das atividades dessas empresas no país, o relatório anual 2011/2012²¹ da Odebrecht, maior empresa brasileira no setor da construção civil em Angola, indica que só no ano de 2011 a empresa construiu em Angola diversos empreendimentos, entre eles: Aeroporto Internacional da Catumbela (Benguela); Projeto Águas de Benguela: recuperação e ampliação do sistema de tratamento e distribuição da água; aproveitamento hidrelétrico nas cidades de

²¹ Odebrecht - Relatório Anual 2011/2012. Disponível em http://www.odebrecht.com/sites/default/files/ra-2012-pt_3.pdf. Acesso em 28 de agosto de 2013.

Cambambe (Kwanza Norte) e Gove (Huambo); Centro Empresarial Belas Business I, II e III (Luanda); parque industrial da Companhia de Bioenergia de Angola-Biocom (Malange); Condomínios Noblesse Residence, Arte Yectu, Atlântico Sul, Morada dos Reis, Riviera Atlântico, Mansões do Vale, Monte Belo e São Paulo de Luanda (Luanda); linhas de transmissão de Capanda (Malange) a Uíge e revitalização do bairro Mártires do Kifangondo (Luanda). O relatório apresenta ainda um número de 10.508 angolanos em seu quadro funcional, sendo o segundo país, depois do Brasil, com o maior número de funcionários.

Centro empresarial Bela Business

Álvaro Bastos, irmão de Luís, trabalhou na Odebrecht como ajudante de eletricista. Segundo ele, a convivência com os colegas de trabalho brasileiros facilitou sua adaptação em São Paulo. Em sua narrativa, faz uma interessante comparação da posição social que o brasileiro tem lá em contraposição aos angolanos que estão aqui:

O que deu para perceber é que os brasileiros lá chegam na condição de engenheiro. Os angolanos que têm a mesma formação deles não estão no mesmo nível, mas estão quase ali. Por exemplo, no grupo em que eu trabalhava, o chefe era o Roberto, acho que ele é engenheiro elétrico, e o chefe de obras que ficava conosco no campo era um angolano. Acho que não tinha a mesma formação que ele, mas conhecia bem mais na prática. (...). Agora, comparando os angolanos que vivem aqui e os brasileiros que vivem lá, obviamente é muito claro que os brasileiros que estão lá têm uma posição

financeira superior. Primeiro, porque dos angolanos vêm para cá poucos trabalham numa posição elevada e com um bom *status*, ele pode até ter um salário que consiga viver, mas em relação ao brasileiro lá, não. A maioria dos brasileiros que está lá vive em condomínios fechados que o próprio Estado garante. Mas eu acho que isso já é uma regalia prevista contratualmente, porque esse acordo de ir brasileiros para trabalharem lá é o próprio governo quem faz, normalmente é o próprio governo quem pede essa mão de obra.

Outro fator que motiva a emigração desse grupo para o Brasil é a grande quantidade de angolanos que aqui vivem e garantem a continuidade do deslocamento, ancorado na manutenção da ilusão de ascensão econômica e social dos que desejam migrar, se tornando um mecanismo de reprodução da imigração. Nesse sentido, Sayad (1998), ao tratar da imigração argelina na França, afirma que:

O desconhecimento coletivo da verdade objetiva da emigração que todo o grupo se esforça para manter (os emigrantes que selecionam as informações que trazem quando passam algum tempo na terra; os antigos emigrantes que “encantam” as lembranças que guardaram da França; os candidatos à emigração que projetam sobre a França suas aspirações mais realistas etc.) constitui a mediação necessária através da qual se pode exercer a necessidade econômica (Sayad, 1998, p. 44)

Lembremos que em sua narrativa Luís diz que uma das razões que o optou por migrar para o Brasil foi uma conversa que teve com um amigo que havia morado em São Paulo por dez anos e, sabendo dos problemas com os bebês, o aconselhou a vir para o Brasil. Depois de dois anos de sua estada em São Paulo, Luís convenceu a família que seu irmão Álvaro deveria vir para cursar o ensino superior. O mesmo aconteceu com Agostinho: o seu tio que veio para o Brasil durante a guerra civil e está estabelecido em São Paulo desde 2006, o convenceu de que deveria vir cursar a graduação em Arquitetura.

No que se refere à questão educacional, as atividades culturais e educacionais fazem parte do envolvimento e da inserção do Brasil na África, especialmente junto aos países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Uma das iniciativas do governo brasileiro para solidificar essa interação foi a criação, em 2010, da Universidade Federal para a Integração Luso-Afro-Brasileira (UNILAB). A UNILAB, cujo objetivo se baseia nos princípios de cooperação solidária, oferece acesso ao ensino superior aos alunos e professores, visando fortalecer as ligações históricas e culturais entre o Brasil e os países africanos de língua portuguesa em África.

Outra iniciativa do governo brasileiro é a concessão de bolsas em nível de graduação e pós-graduação (PEC-G e PEC-PG, respectivamente) para estudantes

ingressarem em universidades brasileiras. Entre 2003 e 2010, o Brasil concedeu bolsas de estudo a 4300 estudantes de graduação provenientes de 20 países da África e a 237 estudantes de pós-graduação de 14 países (Banco Mundial; IEPA, p.81)²².

A partir de algumas narrativas, notamos que o Brasil apresenta-se como uma grande referência para continuidade dos estudos na graduação e o desenvolvimento de pesquisas em nível de Mestrado e Doutorado em universidades públicas e privadas. Citamos aqui o caso de Ema Candido, docente da Faculdade de Medicina, da Universidade Agostinho Neto, que vislumbrou a oportunidade de vir para a Universidade de São Paulo desenvolver sua pesquisa no tema da nutrição infantil numa comunidade de Angola. Em sua narrativa, Ema diz que o avanço das pesquisas nesse tema ocasionou uma redução significativa da taxa de desnutrição infantil no Brasil e que, portanto, lhe daria suporte para pensar o problema em seu país. Com esse intuito, Ema chegou ao Brasil em 2008 com seus dois filhos para cursar Mestrado na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, no Departamento de Medicina Social. A dissertação foi defendida no ano de 2012 e atualmente Ema dá prosseguimento a sua pesquisa em nível de doutoramento.

O pesquisa de Ema Cândida foi de suma importância para refletir sobre a erradicação da desnutrição infantil em Angola, pois, consistiu no estudo de caracterizar a prevalência dos déficits nutricionais entre menores de cinco anos na Comuna do Bom Jesus, Província de Luanda, Angola. Nesse estudo foram entrevistadas 498 famílias, totalizando um número de 744 crianças analisadas. A condição de vida dessa população é precária: sofre com o abastecimento de água, ausência de energia elétrica, grande parte das casas são construídos com material não apropriado, sem vaso sanitário/esgoto e sem sistema de coleta de lixo. Os resultados da pesquisa revelaram que esses fatores são um sério problema de saúde pública, necessitando a urgente implantação de um programa que reverta essa situação.

A partir da década de 1970, a Universidade de São Paulo recebeu estudantes angolanos que pretendiam complementar seu curso em nível de graduação e pós-graduação, sendo a maior parte desses ingressantes contemplados com bolsas de estudos provenientes de acordos bilaterais entre dos dois países, conforme se verifica na Tabela 3:

²² Disponível em http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/120113_livropontesobreoatlanticopor2.pdf. Acesso em 28 de agosto de 2013.

Tabela 3 - Perfil dos alunos de Graduação - USP																
Área	Unidade	Ingressantes	Década de Ingresso					Tipo de ingresso					Última ocorrência			
			1970	1980	1990	2000	2010	CP	CC	CIG	V	O	C	AN	D/T	O
Humanidades	EACH	1					1	1						1		
	ECA	7		1	2	3	1	5	1		1			2	5	
	FAU	2			2			2					2			
	FD	9		1	8			6			3		8		1	
	FDRP	1					1					1		1		
	FEA	19	1	1	11	5	1	6		1	5	7	8		10	1
	FEARP	1					1			1					1	
	FFLCH	17	1	3	10	2	1	3	1		10	3	6		2	9
Ciências Exatas	EESC	5			1	1	3	4				1	1		1	
	EP	9		6	2	1		1			3	5	1		3	5
	ESALQ	1			1						1		1			
	FZEA	1				1		1								1
	IAG	2			2			2					2			
	ICMC	4		3			1		2			2	2	1	1	
	IF	6	2	1	2	1					4	2	2		3	1
	IFSC	1			1			1							1	
	IGC	3			1	1	1	2				1	1	1	1	
	IME	12		3	1	3	5	2	3		1	6	4	5	3	
	IO	1				1					1		1			
Ciências Biológicas	EE	17		4	11	2		6	9		1	1	14		1	2
	EEFE	1			1			1					1			
	EERP	35		6	16	3	10	6	18	10	1		21		12	2
	FCF	1				1		1							1	
	FCFRP	1			1						1		1			
	FFCLRP	6		1	3	2		4	1		1		2		4	
	FM	2			2			1	1				1		1	
	FMRP	1			1						1		1			
	FMVZ	2		1		1		1			1		2			
	FOB	1		1							1		1			
	FORP	2			1	1		1			1		2			
	FZEA	1					1	1						1		
	IB	1			1						1				1	
	IP	3	1		1	1					3		2		1	
	IQ	1				1		1					1			
TOTAL		177	5	32	82	31	27	58	36	12	38	24	88	12	53	21

Fonte: Dados fornecidos pela Pró-Reitoria de Graduação, da Universidade de São Paulo, 2013

Legendas

Tipo de ingresso

CP – Convênio PEC-G

CC – Convênio Cultural

CIG – Convênio Internacional Graduação

V – Vestibular

O – Outros

Última ocorrência

C – Conclusão

AN – Em andamento

D/T – Desligamento/Trancamento

O – Outros

Gráfico 3 – Distribuição de alunos angolanos por curso - USP

Fonte: Dados fornecidos pela Pró-Reitoria de Graduação, da Universidade de São Paulo, 2013

Tabela 4 - Perfil dos alunos de pós-graduação - USP

Área	Unidade	Ingressantes	Década de Ingresso					Curso		Última ocorrência		
			1970	1980	1990	2000	2010	ME	DO	C	AN	D/T
Humanidades	FAU	1					1	1		1		
	FD	3		1		3		1	2	3		
	FEA	7			7			7		6		1
	FE	7				4	3	4	3	3	4	
	FFLCH	12	2	1	2	6	1	8	4	8	1	3
Ciências Exatas	EESC	2					2	2		1	1	
	EP	2		1	2	2		1	4	3		1
	ESALQ	2				1	1	1	1	1		1
	IAG	1				1		1				1
	ICMC	2		1	1			2				2
	IEE	1				1		2		1		
	IF	6			2	4		4	2	5		
	IFSC	2		1	1	1		1	2	2		1
	IGC	4	1		2	1		3	1	3		1
	IME	5					5	5			1	4
	IPEN	2			1	1		1	1	2		
	IO	1			1		1	2		2		
Ciências Biológicas	EE	5				4	1	4	1	4		1
	FM	4			2		2	2	2	2	2	
	FMRP	10			2	6	2	5	5	7	2	1
	FO	2	1	1				1	1	2		
	FOB	2				2		1	1	2		
	FS	8			4	3	1	4	4	6	1	1
	FZEA	2				2		1	1	2		
	ICB	2				2		1	1	1		1
	IP	3			2	1		2	1	3		
	IQ	1			1				1	1		
	IQSC	1			1			1				1
TOTAL		100	4	6	31	45	20	68	38	71	12	20

Fonte: Dados fornecidos pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, da Universidade de São Paulo, 2013

Legendas

C – Conclusão

AN – Em andamento

D/T – Desligamento/Trancamento

Gráfico 4 – Distribuição dos alunos de pós-graduação por Programa/Área

Fonte: Dados fornecidos pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, da Universidade de São Paulo, 2013

Analisando a tabela 3, percebe-se que dos 177 alunos, 82 ingressaram na década de 1990, coincidindo com o acirramento da guerra civil que aumentou o fluxo migratório de angolanos, sendo o Brasil um dos principais destinos, porque era uma das únicas embaixadas a conceder vistos neste período. Do total de alunos, a maioria veio através do programa PEC-G, convênios culturais e convênio internacional de graduação (106) e 88 concluíram o curso, sendo os desligamentos e trancamentos o segundo motivo com maior ocorrência de término do vínculo com a Universidade. Conforme o gráfico 3, o curso mais procurado nessas quatro décadas foi o de Enfermagem, com maior incidência no Campus de Ribeirão Preto (35), seguido de Direito (10).

A tabela 4 aponta que dos 100 alunos que ingressaram na pós-graduação, grande parte corresponde àqueles que entraram após os anos 2000. Acreditamos que esse crescimento se deu após o estreitamento das relações e assinaturas de acordos bilaterais do Brasil com os países africanos de língua portuguesa na área educacional. O nível de Mestrado contou com 68 alunos, enquanto que o nível de Doutorado, 38. Do total de Mestrandos e Doutorandos, 71 concluíram o curso ao longo de todo o período. No gráfico 4 percebe-se que os cursos mais procurados foram: Educação (7%), seguido de Administração (Finanças e Marketing), Saúde Pública (Saúde, Ciclos de Vida e Sociedade), Saúde na Comunidade e Matemática Aplicada, com o percentual de 5% cada.

No que se tange à questão cultural, a influência das novelas e da música brasileira no cotidiano angolano é um tema aparece em todas as narrativas.

Importante ressaltar que no ano de 1980 uma delegação de 65 pessoas formada por artistas, músicos, jornalistas, fotógrafos, etc., liderada por Chico Buarque e Fernando Faro, viajou para Angola para realizar shows nas cidades de Luanda, Benguela e Lobito. A missão, conhecida como Projeto Kalunga²³, tinha por objetivo, além de resgatar e aproximar os laços históricos e culturais com o país africano, “se solidarizar com um povo que havia lutado e conquistado sua independência” (Faro, 2000). Participaram da missão grandes nomes da música brasileira, como Dorival Caymmi, Martinho da Vila, Djavan, Clara Nunes, Dona Ivone Lara, João Nogueira, entre outros. Fernando Faro, ao escrever sobre o Projeto, assim relembrou essa experiência:

²³ A Exposição virtual: Memória do Projeto Kalunga, sob curadoria de Maurício Barros de Castro está disponível em <http://museuafrodigitalrio.org/v2/?p=1295>. A exposição traz várias informações sobre o Projeto, bem como, reportagens, entrevista, músicas, fotografia, textos e vídeos.

Era o último show num lugar chamado Plaza dos Toros. Artistas brasileiros e angolanos se apresentaram juntos. Aí estavam Caymmi, Djavan, Chico ao lado de Valdemar, Felipe Mukenga, etc.

O show estava terminado, caía a noite. O pessoal ia se arrumando para o número final, subindo todos para o palco, cantando Cio da Terra. Eu estava ali no meio da praça, na mesa de som. Tudo terminado, eu me debrucei sobre a mesa, a cabeça escondida entre os braços e não pude conter a emoção. Senti os olhos molhados. Percebi que uma mão me tocava os ombros. Olhei, era Chico. Que me abraçou, encostava sua cabeça na minha e dizia: “Você conseguiu Baixinho”. Eu pensei: a pessoa do verbo estava errada. Não era “você conseguiu”. Teria de ser “nós conseguimos”. Porque a primeira idéia foi dele (embora o nome Kalunga tivesse sido dado por mim) e seu nome tenha sido usado para puxar todos os artistas. (Faro, 2000, p. 8).

A experiência e o contato com os batuques e os ritmos africanos inspiraram vários desses cantores a comporem canções que resgatavam a africanidade ali (re)descoberta. A música “Morena de Angola”, composta por Chico Buarque ainda em Angola, fez um enorme sucesso na voz da cantora Clara Nunes.

Foto: Iolanda Huzak

João Nogueira – Foto: Iolanda Huzak

Foto: Iolanda Huzak

Dorival Caymmi – Foto: Iolanda Huzak

Foto: Iolanda Huzak

24

Paulo e Rio de Janeiro. Duas das maiores emissoras brasileiras – Globo e Record²⁵ – nos últimos anos ganharam espaço em países como Angola e Moçambique. Não é raro assistir programas como “Caldeirão do Huck”, da TV Globo, apresentarem quadros gravados em Luanda.

“Luciano de volta a Luanda. Dia da Amizade Angola-Brasil.” *In* Semanário Angolense, edição 486, ano VII, sábado, 13 de outubro de 2012, p. 05.

Uma famosa novela brasileira de repercussão mundial deu nome ao maior mercado a céu aberto da África. Roque Santeiro, localizado no bairro do Sambizanga em Luanda, foi inaugurado no final da década de 1990 e fechado em 2010. No mercado se encontrava qualquer tipo de mercadoria, desde produtos alimentícios a artigos eletrônicos, e era um rendimento que movimentava milhares de dólares diários.

²⁵ Presente com estúdios em Angola, Moçambique, Uganda, Cabo Verde, Guiné Bissau e Madagascar, a Record África conta com produções locais, além da programação brasileira e da Europa. Em Moçambique, a TV Miramar - filial da TV Record, possui 10 emissoras cobrindo todo o território moçambicano. Em 2009 a Record inaugurou as instalações da nova sede na cidade de Luanda. *In* <http://recordinternacional.r7.com/noticias/detalhes/conheca-a-empresa-20101026.html>. Acesso em 20 de agosto de 2013.

Roque Santeiro. Fonte: <http://www.revistaafro.com.br/destaques/o-roque-santeiro-da-africa/>. Acesso em 1º de maio de 2013.

A influência das novelas brasileiras inseriu no cotidiano angolano novos comportamentos e costumes que alimenta um intenso comércio de vestuário realizado por mulheres angolanas, conhecidas na comunidade angolana como “muambeiras”, que viajam à São Paulo para comprar roupas, calçados e acessórios, inspirado nos figurinos das personagens das novelas, para serem revendidos em lojas e mercados em Angola.

As lojas localizadas nos bairros do Brás e Bom Retiro, conhecidos como grandes polos de venda da moda têxtil atacadista, tornaram-se os principais destinos dessas mulheres. Esse comércio cresceu tanto nos últimos anos que, desde 2009 a companhia aérea TAAG – Linhas Aéreas de Angola, que operava apenas o trecho Luanda-Rio de Janeiro, passou oferecer quatro voos semanais Luanda-São Paulo-Luanda. Fátima, esposa de Luís, após o nascimento de sua primeira filha, exerceu essa atividade comercial durante um período e, ao que parece, era a fonte de renda da família, pois Luís só decidiu trabalhar quando a esposa abandonou essa ocupação.

À luz das reflexões de Stuart Hall (2006), e analisando o caso da cultura brasileira, que por sua vez também é influenciada pela europeia e norte americana, na sociedade angolana, percebemos que ocorre uma tensão entre o “global” e o “local” nas transformações das identidades na medida em que, se por um lado os estados-nação e a valorização das culturas nacionais visa fortalecer as identidades locais, por outro, a

expansão do mercado mundial e da modernidade como um sistema global tendem para homogeneização e consolidação de uma identidade cultural global. Segundo Hall (2006):

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. (...) No interior do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a *identidade*, ficam reduzidas a uma espécie de língua franca internacional ou de moeda global, em termo das quais todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas”. (Hall, 2006, p. 75-76)

O choque de culturas aparece na narrativa de Luís como um problema no que se refere à educação de suas filhas. Para ele, transmitir a cultura angolana dentro de casa se apresenta como uma necessidade. Manter a cultura se configura, neste caso, na afirmação de uma identidade que o liga ao seu lugar de origem. Ao mesmo tempo, o imigrante, quando decide sair de seu país, tem a certeza de que deverá se adaptar à nova sociedade, pois deverá estar atento as leis, costumes, práticas cotidianas, para minimizar ao máximo os efeitos de uma possível hostilidade. Nesse sentido, os laços estabelecidos tanto com a comunidade imigrante como com a sociedade de imigração levam a uma reconstrução identitária a partir de um processo de tradução cultural, de hibridismo, da negociação e nunca da assimilação e/ou aculturação.

Quando Luís decidiu ficar para estudar e trabalhar, o convívio com os colegas nacionais se torna fundamental para reconstrução de sua identidade e criação de elos de pertencimento. Atitudes como a do novo chefe que lhe compra o material para que possa trabalhar, os amigos do basquete que lhe acolhe no clube, a identificação com os colegas de trabalho nordestinos, também migrantes, de fora, fazem com que o entrevistado se sinta *como se estivesse em casa*.

Por outro lado, a convivência com os seus e a apropriação de um espaço, neste caso o bairro do Brás, localizado na região central de São Paulo, também reafirma o sentimento de pertencimento, uma vez que seu local de origem é reinventado mesmo estando fora. Tanto para Luís como para a comunidade, o bairro do Brás é considerado um pedaço de Luanda na cidade.

Para refletir sobre essa questão, podemos recorrer à análise que Stuart Hall (2009) faz sobre a imigração caribenha para a Grã-Bretanha e a relação que esse grupo estabelece entre “terra de origem” e “pertencimento”. Segundo Hall (2009), o termo “comunidade” reflete o forte senso de identidade que existe entre esses grupos que estabelecem elos de continuidade dos seus locais de origem na sociedade de imigração:

Esse modelo é uma idealização dos relacionamentos pessoais dos povoados compostos por uma mesma classe, significando grupos homogêneos que possuem fortes laços internos de união e fronteiras bem estabelecidas que os separam do mundo exterior. As chamadas “minorias étnicas” de fato têm formado comunidades culturais fortemente marcadas e mantêm costumes e práticas sociais distintas na vida cotidiana, sobretudo nos contextos familiar e doméstico. Elos de continuidade como seus locais de origem continuam a existir. (Hall, 2009, p.62)

O bairro do Brás, por ser um complexo que congrega uma quantidade grande de lojas de roupas, principal atividade que alimenta o comércio Luanda-São Paulo-Luanda, concentra grande parte dos imigrantes angolanos em São Paulo, muitos deles donos de pequenos comércios, restaurantes, hotéis, lojas. No bairro, reterritorializados mantiveram a característica cultural resultante do lugar de origem e buscaram reencontrar na reconstituição das relações um fator fundamental para a sobrevivência social e de vida cotidiana. É o local onde se reúnem, organizam suas festas, ouvem suas músicas, falam suas gírias, comem suas comidas e amenizam o sentimento de ser estrangeiro em terras estranhas. Em sua entrevista Agostinho Martinho traduz esse sentimento:

Quando eu vou para o Brás, na esquina da Rua Joaquim Nabuco com a Rua Cavaleiro eu sinto que eu estou num pedaço de Angola...! Porque lá tem muitos imigrantes e eu encontro com muita gente que me viu crescer, antigos vizinhos... Ali a linguagem que se fala é toda a gíria de Luanda, a linguagem da banda. Um grupo de jovens estudantes tem uma organização chamada Ousados Produções, eles promovem eventos festivos e nessas festas vão pessoas de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé, então aquilo fica mais preto, fica mais Angola, fica mais África... Ali eu sinto que estou lá na banda, estou na base!

Andando pelas ruas do Brás, notamos que realmente, o bairro ficou mais *preto*. O bairro, que no final do século XIX e início do XX se caracterizava como um bairro operário, formado inicialmente por imigrantes italianos, mas que também recebeu imigrantes da comunidade grega e armênia, hoje é ocupado por imigrantes coreanos,

bolivianos e também angolanos, que na sua grande maioria residem e fazem negócios na região.

As histórias de Neves e Luís, com trajetórias tão distintas, convergem para um objetivo comum: a família. A história de Neves pode ser caracterizada como uma migração forçada a qual não está imputada a opção de permanência em seu país de origem. Ao se sentir ameaçado com o possível recrutamento para a guerra, decidiu deixar a mulher e dois filhos para trás, deixar a pátria madrastra. Entretanto, a falta da família, a esperança em trazê-la para o Brasil que o acompanhou por toda sua trajetória, revela seu sentimento de superação: “Primeiro o sofrimento e depois a alegria!”.

Por sua vez, Luís viu na imigração a possibilidade de constituir, fora de seu país, a tão desejada família. Neste caso, uma migração voluntária, em que a decisão de migrar é tomada livremente pelo indivíduo. Aqui estando decidiu permanecer para estudar e trabalhar, ou seja, encontrou a possibilidade de buscar melhores condições de vida. Luís concluiu o curso de Tecnólogo em Radiologia e atualmente faz Técnico em Segurança do Trabalho, além disso, sua esposa completou o Ensino Médio.

Dois homens que viram na imigração a possibilidade de (re)construírem suas vidas e se (re)inventarem num novo lugar. Dois homens que, de certa forma, contribuem para o desenvolvimento cultural e econômico de nosso país, seja por meio das pinturas de Neves, que representa em seus quadros toda beleza dos elementos de África, ainda tão desconhecidos por nós brasileiros, seja o imigrante Luís, que tem total clareza de que sendo trabalhador, também contribui para o crescimento do país.

Capítulo 3 - Negros em terras de brancos?

O que despertou a minha curiosidade em conhecer a história de Marseu foi o fato de ele ter sido citado por três entrevistados. Falaram-me do seu desejo em integrar os estudantes que aqui moravam, e, por conta disso, idealizou e criou a União dos Estudantes Angolanos em São Paulo, do seu engajamento nos movimentos sociais, de quanto era querido por todos. Em nossa conversa por telefone, me disse que gostaria que a entrevista fosse realizada na USP, pois ainda não conhecia a Universidade de que tanto ouvia falar. Marcamos a entrevista no Diversitas, lhe expliquei o objetivo do projeto e da necessidade em ouvir a história de vida das pessoas que vivem como imigrantes na cidade para compreender o processo migratório contemporâneo. Ele logo se interessou e me disse o quanto era importante a tradição oral na recuperação das histórias, mitos e lendas em seu país. Quando iniciamos a entrevista, aquele jovem rapaz ainda com rosto de garoto, mostrou uma clareza incrível nas suas argumentações e reflexões sobre o problema político e econômico do seu país, o lugar da tradição na modernidade em Angola, a necessidade de integração e solidariedade no seio da comunidade angolana em São Paulo e a sua condição de estrangeiro.

Além desses assuntos, Marseu aborda também em sua narrativa o tema da questão étnica no Brasil e o lugar do negro africano na cidade de São Paulo. Sua entrevista será o ponto de partida para discutir o tema neste capítulo. Eis sua história:

Marseu Sebastião de Carvalho

Se eye tala oportunidade yetu mo kwatenu!

(Se você encontrar uma oportunidade, agarra-na!)

Eu sou Marseu Sebastião de Carvalho. Nasci exatamente no dia 2 de abril de 1992. O meu pai se chama Sebastião Candembele e a minha mãe, Vitória Geraldo Pongo. Somos quatro filhos do mesmo pai e da mesma mãe. O meu pai não tem filhos fora do casamento. Eu tive uma infância um tanto quanto sacrificada, por ser o primeiro. E, por ser o primeiro filho, minha mãe me teve muito nova. Acompanhamos, eu e a minha irmã que vem depois de mim, a falta de condições e a trajetória de luta de vida dos meus pais. A minha infância, embora filho de casal pobre, humilde, foi muito boa.

Alguns tios auxiliaram na minha educação e na dos meus irmãos. Não tenho queixas, nunca me faltaram pão e água na mesa para comer.

Estudei em escolas públicas em Angola, na cidade de Luanda, que é a cidade onde eu nasci, no bairro Golfe no Kilamba Kiaxi, um dos municípios periféricos. O meu pai é psicólogo do exército e a minha mãe é quitandeira – nós chamamos quitandeira em Angola –, ela tem um comércio.

A minha família é do grupo kimbundo de uma região Oeste de Angola que se chama Malange. Malange é o centro da cultura kimbundo e é o lugar onde o povo mais fala o kimbundo. Em Angola, existe cerca de oito a nove dialetos diferentes, dependendo de cada região, e nosso dialeto é o kimbundo. O povo kimbundo é descendente da rainha Nzinga Mbandi, do reino de Ndongo, de lá que veio a nossa essência cultural. Hoje se pratica o kimbundo em algumas províncias de Angola: Malange, Luanda, Kwanza Sul, Bengo, aqui no Brasil vocês chamam de estado. Se você for para algumas regiões do interior da província de Malange, encontrará pessoas que não falam português, apesar de o português ser a língua oficial de Angola; eles só falam o kimbundo. Em algumas famílias, ainda pratica-se o kimbundo, o avô passa para o pai e o pai passa algumas coisas para o filho. Então, há esse entrosamento cultural entre nós.

Mas junto também tem a aculturação. Nós estamos sofrendo uma aculturação muito intensa por causa da globalização. Hoje há mais produtos estrangeiros que nacionais. Nas redes globais, televisão, rádio e jornais, hoje acompanhamos mais a cultura dos outros do que a nossa própria cultura. Para vivenciar a nossa cultura, você tem que procurar, você tem que se interessar em saber mais daquela cultura, saber quem foi, por exemplo, a rainha Nzinga Mbandi, quem foi o rei Mandumi, quem foi Mutu Ya Kvela, etc., quem foram esses heróis, quais foram os reinos que compunham Angola antes da colonização. Pelo fato da nossa história ser por meio da oralidade, não temos muitos registros, não temos muitas cartas, temos poucos livros... Então, você tem que procurar os senhores mais velhos, os avós, os bisavós para conhecer a história.

Em Angola, ainda temos uma espécie de governo tradicional, uma liderança tradicional que são os sobas. Cada região tem a sua liderança tradicional. Os sobas são uma espécie de sociedade que anda paralela com o governo. Tem a estrutura governamental e organizacional: governador, administrador do município, economistas, etc. Abaixo dessa estrutura, cada região tem um grupo de sobas, que respeita as

tradições daquela região. Tem região, por exemplo, que para você entrar num rio você tem que pedir autorização ao soba. Eles são a polícia do bairro periférico. Por exemplo, você vai para uma região do interior do Brasil, em Botucatu, uma cidade daqui de São Paulo. Chegando lá, você vai encontrar o prefeito, os vereadores, etc. Abaixo desse grupo, vai ter outro, que é o grupo que, na realidade, rege aquela sociedade. Você fala com os sobas primeiro e depois é que você vai falar com os vereadores, com os administradores, com o delegado, com o prefeito. Na verdade, a base das regiões do interior de Angola são os sobas, é lá onde estão concentradas as histórias, os segredos, os mitos e as lendas daquele lugar. Em algumas partes de Angola, as lendas e os mitos ainda são bem rigorosos, você tem que seguir as regras segundo o que manda a tradição.

A escolha dos sobas é através da descendência. Por exemplo, eu tenho um tio avô que é sobeta. O que é um sobeta? É como se fosse um vice-soba, após a morte de um soba, sobe um outro, que são os sobetas. Então, quem tem um avô soba, se ele quiser e tiver interessado em continuar a tradição, o avô passa para o neto toda a base cultural, as práticas, as religiões que são praticadas naquele meio. Passando tudo isso, a partir dali você já está apto para ser um soba. Para ser um soba, tem que se dedicar muito, tem que abrir mão de muitas coisas.

Nessa estrutura tem várias categorias, primeiro você vai ser um ajudante de soba, depois um sobeta e depois um soba. A pessoa faz parte daquele ciclo. É dessa forma que os sobas são eleitos. Todo mundo que faz parte daquele ciclo, por ordem de idade, vai subindo, do mais velho para o menor.

E mesmo em Luanda, que é a capital do país, isso acontece. Tem uma região que é a base de Luanda, que é a região da Ilha de Luanda. Dentro da Ilha de Luanda, existe uma estrutura dessas, você encontra alguns sobas, que são os responsáveis pelo nascimento de Luanda. Mas essa comunidade hoje está meio que camuflada, temos uma comunidade anônima porque justamente Luanda é a capital do país, está superlotada, é o centro da globalização e de toda estrutura de Angola. Também tem vários grupos culturais, estrangeiros e hoje você não encontra uma estrutura cultural da essência de Luanda. Encontra apenas uma décima parte nos escombros da cidade. Mas se você sair da região de Luanda, você encontra muitos. Eles usam uma roupa creme, como a roupa social dos militares do exército, mas é um pouco diferenciado, é uma roupa bege, como vocês chamam aqui, e eles ficam lá como se fossem os policiais daquela região. Por exemplo, você deve um boi à sua vizinha e não quer pagar, chamam o soba e ele decide:

— Você vai ter que pagar o boi em x tempo, se você já não tem boi você vai ter que pagar de outra forma, o que é que você tem? Tem milho, tem mandioca, sei lá, tem alguma coisa, então você vai dar a quantidade de milho que você tiver equivalente a um boi.

O soba dizendo isso está decidido!

Os rituais também passam pelos sobas. Existem as cidades do interior e, dentro dessas cidades, a periferia. É dessas regiões que eu estou falando, são regiões totalmente rudimentares, lá você vai encontrar panela de barro, colher de pau, panela de madeira. São pequenas aldeias dentro dessas regiões. Das aldeias até a administração daquele município é longe, não tem uma estrutura do governo para organizar e liderar aquele povo, então dentro dessas aldeias existe a sua própria liderança. Algumas pessoas morrem naquelas aldeias e não conhecem um carro, não conhecem televisão, não conhecem nada. Mas hoje há um trabalho que, de alguma forma, faz chegar um rádio, uma televisão nesses lugares. O soba já tem um rádio, bicicleta, faz um jango²⁶ para o pessoal assistir a TV. Mas o que ele vê na TV? Salve Jorge! Então, é essa a estrutura lá.

A relação com o estado é de respeito, o estado tem que respeitar porque ele é a liderança tradicional. Em África, ainda é muito forte essa questão da tradição. Por exemplo, se o mais velho diz que naquele lugar você não coloca o pé, você não coloca o pé! Tem uma história lá, um mito que contam que no tempo colonial tinha um lugar que o colono cobrava imposto dos trabalhadores. Só que tinha uma região que não queria pagar imposto, era uma região perto de um rio com uma fauna muito predominante. Eles trabalhavam muito e achavam que o imposto era muito alto. O que aconteceu? O governo colonial, no caso os portugueses, insistia que o povo teria que pagar imposto. Um dia, num posto de pagamento de imposto, foi um jacaré pagar o imposto... Esse mito é engraçado! Enfim, foi um jacaré pagar imposto. Os caras arredaram o pé, fugiram do lugar porque era um absurdo um jacaré ir pagar imposto... Como que é que um crocodilo vem pagar imposto? Esse é um mito que tem naquele lugar. E hoje você encontra nesse lugar uma escultura do Jacaré Bangão, o jacaré vaidoso! Você encontra um jacaré lá no meio da cidade representando a história daquele lugar, do jacaré que foi pagar imposto, porque não era para ser pago o imposto...

²⁶ Jango – espaço construído a base de pau a pique, em formado de círculo que serve para reunir os membros da aldeia nas festas tradicionais e resolução dos problemas.

Essa história aconteceu no Bengo, uma província perto de Luanda, na cidade de Caxito. Então, é a questão da tradição. Obviamente que o jacaré não foi pagar imposto, de alguma forma o cara viu um jacaré, mas não era um jacaré... Talvez ele tenha tido uma alucinação, e tem explicação científica para isso. Nessas regiões, as pessoas têm o domínio das plantas e cada planta tem um efeito. Tem planta que você cheira e fica alucinado, tem planta que serve para tratamento. Na minha família, eu fui tratado à base de plantas. A minha avó é curandeira, é uma espécie de médica tradicional. Tem algumas coisas que eu até sei como tratar porque ela passou para mim. Então, tem uma explicação científica para isso, de alguma forma o cara que foi pagar levou alguma planta alucinógena e ele viu o jacaré...

Na minha família, nós falamos o kimbundo, os meus pais passaram para nós. A minha avó fala... Eu falo um pouquinho, eu arriscaria... Da minha família, ninguém é soba, nós somos meio que desvinculados dessa essência porque a maior parte da família vive em Luanda, os que ficaram na cidade do interior são alguns tios, alguns tios avós que não querem sair da sua base materna.

A minha avó é curandeira até hoje. As pessoas a procuram para curar doenças. Tem um negócio que nasce no olho que a retina do olho fica branca, parece uma bolinha pequena que vai se alastrando e você não consegue ver. A pessoa tem que fazer uma operação para tirar aquela parte e colocar uma espécie de prótese. Essa doença eu sei como tratar, não precisa fazer nenhuma operação. Eu tive essa doença e quem tratou foi a minha avó. É simples! Quando está nascendo o tal tumor, podemos assim dizer, quando você dá conta que existe alguma coisa estranha, nós chamamos de catarata, tem um negócio para tratar. Sabe o que é? Quiabo. Você pega o quiabo, ferve e tem aquela água, aí lava o olho com a água do quiabo... E tem outra coisa: folha de bananeira. Na folha da bananeira, tem uma parte sólida que parece um pauzinho no tronco. Corta aquela parte da folha, pega uma folha de palmeira, tira o palito, que em algumas regiões usam para fazer vassoura, e coloca no meio da folha de bananeira. Aquece numa temperatura que não vai machucar os olhos. Quando tiver mais ou menos aquecida, vai soprando o ar quente da bananeira na direção do olho de forma que vai expulsando o tumor para o lado, afastando o tumor da retina do olho. Em algumas seções diárias, vai lacrimar um pouquinho e vai desaparecendo...

E outras doenças também. Tem as folhas que fazem as buchas de banho que vocês usam aqui no Brasil. Na plantação dessas buchas tem uma folha enorme,

parecendo folha de mamoeiro. Essas folhas curam dor de cabeça, o cara que tiver com dor de cabeça, pega aquelas folhas, ferve até uma dada temperatura. Na panela onde estão as folhas, pega um cobertor e se cobre dentro daquilo. A pessoa vai transpirar um monte com aquela temperatura, mas quando tirar estará ótimo!

A minha avó aprendeu tudo isso com a minha bisavó, que eu também conheci. A minha mãe não sabe, mas eu tenho interesse em saber algumas coisas. Acho que, se eu estivesse lá hoje e se vivesse como ela, eu seria um curandeiro, aprenderia com ela, mas me desliguei da cultura, hoje prefiro fazer um exame, pagar um médico...

Como eu estava a falar dos sobas, essa figura que é a base tradicional, eles tinham três, quatro mulheres. Uma vez me apresentaram um homem que tinha 154 filhos e 42 mulheres. Em Angola, culturalmente não é errado ter duas ou mais mulheres, isso vai de acordo com o que homem consegue sustentar e com a aceitação das mulheres que ele tem. Os mais velhos, os mais antigos, dos anos 30, anos 40, 60 até os anos 70, tem duas, três ou quatro mulheres. Na minha família, tem um tio que tem quatro mulheres, outro tem três e outro que teve duas. O meu pai é o único que tem só uma mulher. Eu via como era difícil o tio que tem quatro mulheres administrar isso. E, em outras famílias, você vê homens que têm nove filhos e quatro mulheres. Muitas vezes, não conseguem dar uma base, sustentar todos os filhos, e colocam apenas um filho na escola, têm uma família aqui, outra ali e ambas desestruturadas. Hoje é crime ter mais de uma mulher, mas, se não casar, pode viver com mais de duas mulheres desde que elas aceitem.

Isso é socialmente aceito. Mas existe o preconceito com a segunda mulher, tipo: “Como você aceita ser a segunda mulher? Você tem que ser a primeira.”. A primeira mulher tem mais vantagens e mais privilégios que a segunda. A casa grande, por exemplo, fica com a primeira mulher. Se um homem casado se encanta por outra mulher, ele chega para ela e fala: “Eu já tenho uma mulher, mas do mesmo jeito eu vou te dar uma casa, vou dar um sustento, mas vou continuar com a minha mulher.”. Dependendo da condição social dele e do amor que ela tem, ela vai pensar: “Será que vale a pena ficar com esse cara?”. Por exemplo, o cara é um general, tem uma mulher, pode me dar uma casa luxuosa e não vai me encher o saco porque vai vir me ver duas ou três vezes... Aí ela se convence e casa com ele. Então, o preconceito é com a segunda mulher, pois ela que é a submissa. Geralmente, a primeira mulher também sabe que seu marido tem outra.

E tem a cerimônia tradicional que é o alambamento. Faz a cerimônia tradicional e vão morar junto. O alambamento é um casamento tradicional e funciona da seguinte forma: quando você vê uma mulher e quer casar ou quer morar com ela, você entrega uma carta para o pai da menina acompanhado do seu pai. Leva um garrafão de vinho, a família da menina, obviamente, vai fazer o jantar ou o almoço com comida típica, fungi, cabidela, kalulu, etc. e vai conversar. O seu pai vai pedir a mão da menina em casamento para você. Ele diz:

— O meu filho quer casar com a sua filha.

Aí o pai da menina vai falar:

— Tudo bem. Se o seu filho quer casar e ela também quiser, podem casar.

Hoje respeitam a vontade da menina também, mas antigamente não tinha essa dela querer, o pai é que analisava: “Tem quantos bois? Tem quantos terrenos?”... Mas hoje perguntam se ela também quer. Muitas vezes, já estão namorando, escolheram se casar e vão só cumprir o ritual.

Aí o pai da menina fala: “Tudo bem, vamos marcar o pedido.”. Na marcação do pedido, a família da jovem elabora uma carta e essa carta tem as exigências que o noivo deve dar. Ele traz o fato, um terno e um sapato bonito; traz um pano, mas não é um paninho, é um pano da melhor qualidade, todo completo que dê para fazer uma roupa para a mãe da moça; traz caixas de cerveja, caixas de gasosa²⁷, cigarro, garrafão de vinho. Junto com a carta de pedido, traz também um anel e uma quantia em dinheiro, normalmente tem sido entre U\$ 1,5 e U\$ 2 mil. Ele pega todas essas oferendas e dá para a família da menina, que não ficam com pais dela, mas com os tios, ou seja, os tios fazem os pedidos da sobrinha, os tios e as tias é que concedem a sobrinha à outra família. Então, o pai dessa menina vai conceder a sobrinha e não a filha dele. O moço entrega as oferendas e eles entregam a menina. Você leva a menina para a sua casa e a partir dali já estão casados.

Isso tudo sem passar por um casamento civil ou religioso. Antigamente, faziam o alambamento e iam morar juntos, mas em algumas famílias são feitos o casamento civil e o religioso. Agora, se o moço fez o pedido, ele está bem com a sociedade, bem consigo mesmo e bem com menina.

Se o moço engravidou a menina antes de fazer o pedido, ele paga uma multa porque ele entrou na casa pela janela e não pela porta... Durante o pedido tem uma

²⁷ Gasosa - Refrigerante.

brincadeira, as pessoas dizem: “A menina não se encontra aqui, ela está lá no Maranhão, por exemplo, você tem que pagar o transporte da menina.”. A menina fica no quarto escondida, aí o moço tem que dar um dinheirinho para o tio mais velho ir buscar a menina no Maranhão... É uma brincadeirinha...

O dote, na realidade, é a retribuição de tudo o que a família fez durante a vida pela menina, que agora estará a serviço do marido. O moço escolheu uma mulher com qualidade para ficar. Ainda bem que pretendo me casar no Brasil...!

As duas famílias ficam numa mesa grande no quintal, quase todos comparecem, os tios, tias, irmãos, sobrinhos esquerdos, sobrinhos diretos, as duas bases familiares se encontram e é a oportunidade de todos se conhecerem. Os amigos chegam depois da cerimônia de pedido, chegam para a festa! Tem o almoço, a bebida, a música etc. Tem uma brincadeira, que no caso é a família do noivo que sofre, porque tem um corredor do portão até o quintal que colocam panos. Em cada pano que for passar toda a família do homem tem que deixar uma quantia em dinheiro. Se o quintal é atrás da casa e a casa é enorme, vai colocando o dinheiro. Até chegar no lugar do pedido, você já deixou uns tantos kwanzas²⁸ lá!

Tem a conversa dos tios, a cerimônia da entrega das coisas, a forma que tem que entregar, o respeito para com a família... O valor em dinheiro solicitado na carta são os tios que decidem o que vai fazer... Eles que se dão bem nisso!

É uma cerimônia bonita! Quando eu for para Angola, pretendo fazer um documentário da cerimônia de pedido para mostrar um pouco a cultura e a beleza da cerimônia.

Nós já pensamos em fazer a cerimônia aqui, mas muitos amigos já são casados com brasileiras ou com angolanas. Os que começam a namorar aqui vão para Angola resolver a situação, fazer o alambamento lá. Mas seria interessante, devíamos fazer...

Eu sempre quis estudar fora de Angola

Bom, fiz o ensino fundamental em escola pública. Até pouco tempo atrás, em Angola, você estudava quando tinha oportunidade de estudar, você não escolhia o que estudar. Eu fiz até a oitava série e depois na altura de ir para o ensino médio eu não tive oportunidade de fazer o que eu queria. Eu prestei um vestibular e passei num outro lugar

²⁸ Moeda de Angola.

que não tinha nada a ver com o que eu queria, fui fazer técnico em automação industrial. A estrutura era muito agradável, tinha alguns equipamentos que o governo dava, mas faltava capacitação de pessoal. E nós fomos estudando arrojadamente durante quatro anos. A partir de 2010 que passou a ser três anos o ensino médio.

Quando entrei no ensino médio técnico, eu perdi todas as outras bases de disciplinas, como Biologia, História Geografia. Das disciplinas convencionais, as únicas que tive foi Português e Inglês, o resto foi tudo técnico: eu tive Matemática, Física, Química, Eletrônica Industrial, Automação Industrial, Informática Básica.

Eu sempre quis estudar fora de Angola, mas o que acontece? Para estudar fora, eu só uma tinha alternativa, que era conseguir uma bolsa de estudos. Porque não tem quem vai para lá e fala das possibilidades de estudar em outros países sem precisar ter uma bolsa, que com alguma renda das pessoas da família que fazem um sacrifício juntando algum dinheiro, esse dinheiro vai dar para pagar a sua estada, por exemplo, no Brasil, nos Estados Unidos ou num outro país qualquer. Então, nós não temos essa base, ninguém vai para lá e passa isso para os alunos do ensino médio. Quem sai para fazer faculdade fora são os filhos dos caras do governo, dos empresários e quem, de alguma forma, tem um irmão que já foi por bolsa e conhece alguma outra estrutura. É um círculo fechado! Então, eu não tinha outra oportunidade, era ter bolsa para estudar fora ou estudar em Angola mesmo. Eu já estava lutando por uma bolsa no Instituto Nacional de Gestão de Bolsas de Estudos, que é o INAGBE. Eu não sabia que tinha o PEC-G, que é um convênio do governo do Brasil com alguns países da África.

Onde é que começa a minha trajetória e a minha chegada ao Brasil? Começou da seguinte forma: quando eu estava no último ano do ensino médio, foi uma universidade do interior de São Paulo para Angola, a FACOL (Faculdade Orígenes Lessa), fazer recrutamento de alunos do ensino médio. A partir dali nós conhecemos o Brasil, no caso São Paulo. A proposta da universidade era tirar alunos de Angola, que tivessem possibilidades de pagar uma faculdade média no interior de São Paulo, que tem um custo de vida baixo. O aluno teria direito à estada, universidade e transporte, e pagaria uma quantia no final do mês por esse pacote.

Não consegui a bolsa no INAGBE porque ao mesmo tempo estava decorrendo o processo da FACOL, e a FACOL foi muito mais ágil porque no INAGBE você tem que terminar o ensino médio e esperar por dois ou três anos... Pode ser que o meu nome tenha saído, mas eu já estava aqui, não dava para esperar mais de três anos. O meu pai e

o meu tio disseram: “O rapaz pode ir para lá, vamos fazer um sacrifício, apertar um pouquinho os cintos e mandar uma quantia para ele sobreviver lá.”. O custo mensal era uns U\$ 600,00 ou U\$ 700,00, juntando cada um, um tio dá U\$ 200,00, outro dá U\$ 100,00, vai juntando e não pesaria no bolso de uma pessoa só. Foi assim que eu vim.

Os representantes da FACOL foram no ensino médio de mais referência de Luanda, no IMIL (Instituto Médio Industrial de Luanda), e montaram a sua base naquele instituto. Tudo que acontece no Macarenco, toda a comunidade estudantil sabe. Eles foram lá, fizeram palestras, você via os panfletos. Nossa, que bonito, que estrutura linda, vans que faziam a recolha do pessoal, uma estrutura ótima que não tínhamos em Luanda, bibliotecas... Lá tem uma biblioteca portuguesa e bibliotecas municipais, mas olhe lá! Então, era a oportunidade de estudar com uma estrutura, transporte, estágio e pensei: “Vou pra lá! Mas quando chegamos foi bem diferente...”.

Hoje outras universidades brasileiras também fazem isso. Tem o INATEL, mas o INATEL não é propaganda enganosa, tem uma boa estrutura e está conveniado com o ITEL, que é o Instituto de Telecomunicações de Angola. A Universidade de Agudos também faz propaganda lá. E tem outras universidades que vão lá. Tem uma acho que do Maranhão também. As universidades vão para lá buscar alunos, porque descobriram que em Angola há um mercado potente, a maior parte da população é jovem e está para entrar nas universidades. Comparando o custo de vida, lá é mais alto que aqui. Os U\$ 100,00 de lá viram R\$ 200,00 aqui. Então quem vem de lá dá para sobreviver aqui mais ou menos bem. Os estudantes sobrevivem aqui com uma média de U\$ 650,00 mensais, vive meio que apertado né, mas vive... E, unindo a família, um dá U\$ 100,00, quem tem mais dá U\$ 200,00, tem quem menos dá U\$ 50,00... Nas famílias pobres de Angola, a nossa base de formação é a seguinte: forma-se primeiro o mais velho e depois o menor. E é um ciclo, primeiro forma-se o mais velho, o mais velho e os pais formam o segundo, o segundo, o mais velho e os pais formam o terceiro e assim toda a família tem uma formação superior. Nesse meio tempo, pode acontecer da irmã mais nova engravidar, o irmão mais novo decidir trabalhar, mas quem quiser se formar, se forma. Lá o cara que é formado tem obrigação de ajudar toda a família, essa é a nossa base de estrutura familiar.

Fizemos o vestibular em Angola, a universidade conseguiu as declarações para obtenção do visto de estudante e veio um grupo de cerca de 20 pessoas para Lençóis Paulista. Chegando a Lençóis Paulista, eu e mais alguns amigos constatamos que havia

algum equívoco sobre a estrutura que seria Lençóis Paulista e a universidade, e nós começamos a visionar a ideia de vir para uma cidade grande, no caso São Paulo. Vivemos lá os primeiros seis meses e começamos a organizar a nossa vinda para São Paulo.

A partir dali investigamos as universidades em São Paulo, as formas de locação de casa e as formas de obtenção do segundo visto. Ao tempo que fomos saindo, houve uma forma de caça... Fomos caçados pelo dono da universidade, porque para ele aquilo era um negócio rentável, ele teria alunos que pagaria cerca de R\$ 1.500,00 mensais, a universidade era R\$ 300,00 e ele colocava 8 a 12 pessoas dentro de uma casa que daria um custo mensal de R\$ 500,00 a R\$ 600,00; ele ficaria com um lucro de R\$ 800,00 a R\$ 900,00 por pessoa. Então ele decidiu que caçaria os estudantes que saíram da universidade. Como? Ele fez uma denúncia na Polícia Federal, porque, quando você sai de um país para outro, você fica vinculado a uma universidade e ele denunciou que estávamos desvinculados. Todos os que foram saindo, automaticamente ele denunciava que tinham se desvinculado da universidade. Ele também não nos deu o direito de transferência para que pudéssemos chegar a São Paulo e nos transferirmos para outra universidade sem precisar voltar para Angola e pegar um novo visto.

Então, a partir daí alguns foram ficando irregulares e outros voltaram para Angola. Alguns fizeram o processo seletivo na UNIP, outros na UNINOVE, na PUC, fomos nos distribuindo nas universidades daqui de São Paulo. Pegamos as declarações que comprovavam o vínculo com essas universidades, fomos para Angola, tiramos o segundo visto e voltamos para o Brasil, já em São Paulo.

A grande dificuldade aqui em São Paulo foi a locação de casa, porque para locar precisa ter um fiador ou dar um depósito a mais, tem que ter alguns documentos, tipo: comprovante de renda, que nós não tínhamos. O meio que temos usado é os três depósitos, mas ainda assim o processo de locação vem acompanhado de uma série de documentos que nós não temos e não tem um órgão que possa declarar que não temos tais documentos, mas temos condições de pagar aquela locação.

Então, essa foi a primeira dificuldade que nós encontramos. Vivemos em alguns pensionatos durante alguns meses, três ou quatro alunos em quatinhos de meio metro quadrado com treliche, um quarto de dois metros quadrados com oito pessoas... Com o passar do tempo, nós conseguimos alguns meios de fazer a locação. Alguns angolanos

que estavam aqui há mais tempo cederam os nomes e os documentos, aceitaram fiar na confiança, na fé e agradecemos os que fizeram isso.

Também encontramos outro problema: a falta de apoio. Nós não tivemos apoio nenhum, viemos por conta própria, com a cara e a coragem nos pusemos em São Paulo! Não tivemos direcionamento nenhum, não sabíamos fazer nada em São Paulo. Por exemplo, como chegar à universidade, qual a estratégia usar para locar uma casa mais perto da universidade, a questão do bilhete único estudantil, toda essa estrutura que, se nós tivéssemos algum apoio, não sofreríamos tanto. Imagina, algumas pessoas estudando na Barra Funda, mas morando no Butantã, em Osasco, em São Bernardo, cidades vizinhas que tem um custo menor.

Dentro dessas dificuldades todas, surgiu a ideia de criarmos uma associação de estudantes angolanos aqui. Criou-se a ideia, reuniu-se o pessoal e fizemos a nossa primeira reunião no dia 8 de fevereiro de 2012. Nesse dia, foi marcado o nascimento da UNEA, União dos Estudantes Angolanos em São Paulo. Esse grupo de jovens reuniu-se, elaborou um estatuto, uma ata e a partir dali nós fomos ajudando uns aos outros.

Fazemos alguns grupos de debates, nos reunimos semanalmente aos domingos para debater algumas questões como a nossa estada aqui, política, economia. Algumas pessoas foram fazendo pequenas palestras referentes às suas áreas específicas: como economizar energia, água, gás. Então, organizamos novas formas para que possamos ter uma vida mais saudável e mais aconchegante partilhando um pouquinho da experiência que cada um tem.

E fomos caminhando desse jeito, unidos, um grupo sólido até que um dia acontece uma tentativa de chacina que culminou na morte de uma estudante angolana, a Zulmira Cardoso. A morte foi noticiada em alguns jornais, mas, de certa forma, maquiada. Maquiaram as notícias, maquiou-se o verdadeiro fato da morte! Nós sentimos muito e um núcleo da União sentiu-se obrigado a reivindicar por essa morte, até porque era uma tentativa de chacina que quase morreram quatro pessoas..., morreu uma estudante, uma angolana, uma cidadã. Então, independente disso nós queríamos evitar futuras situações do gênero, preservar a nossa segurança. Cadê a nossa segurança?! Por preconceito e ignorância de algumas pessoas, vão morrer outras pessoas? Tínhamos que fazer alguma coisa para melhorar isso.

Foi assim que nós intervimos nisso e passamos a integralizar uma parte do movimento social em São Paulo. Participamos de algumas reuniões com a Educafro, a

UNEafro, a UNEGRO, com os quilombolas, vários grupos sociais do movimento negro e movimentos sociais de São Paulo. A partir dali fomos caminhando com esses movimentos para tentar solidificar a nossa união, reivindicar e zelar pela nossa segurança. Não tivemos apoio nem do nosso governo, pelos órgãos consulares, embaixadas, e nem do governo brasileiro, que não tem nenhum departamento que auxilie esses tipos de casos não previstos na legislação.

Então, nós tentamos juntar aliados para fazer uma união sólida, tanto de angolanos, quanto de brasileiros. E estamos assim até hoje, com a União dos Estudantes, que é basicamente constituída por estudantes e que não tem nenhum vínculo governamental. Contamos com o apoio da comunidade angolana, que é composta por comerciantes, ex-refugiados, estudantes bolsheiros, estudantes por conta própria, que somos nós, e temos as nossas parcerias brasileiras, que são as pessoas que nos apoiam e nos ajudam a sobreviver em São Paulo.

Dentro dos níveis da nossa comunidade angolana, existem aqueles que chegaram primeiro e existem aqueles que chegaram após. Os que chegaram primeiro são os ex-refugiados, que hoje já não são mais porque terminou a guerra. Angola já não se encontra numa situação como se encontrava há dez anos. As pessoas que foram chegando nesse meio tempo, algumas estão regularizadas e outras não. Naquele ciclo de pessoas que não são regularizadas, há uma luta pela regularização da documentação dos que querem continuar em São Paulo. As pessoas que estão nessa luta estão sozinhas, não têm apoio algum e nós vamos ver se conseguimos, de alguma forma, uma brecha na lei para conseguir essa regularização. Até porque, estar sem documento, sem o CPF, por exemplo, no Brasil não se faz nada, as pessoas simplesmente não vivem, apenas sobrevivem dependendo das outras pessoas que têm a documentação regularizada e que podem auxiliar.

Esse grupo que eu estou me referindo é o de pessoas que vieram como turistas para fazerem negócios ou tratamento médico em hospitais e foram ficando. Muitos pegam o visto de turista, que dura de três meses a um ano, e acabam de alguma forma se identificando com o país e ficam. Em alguns casos, o governo brasileiro prevê formas de obtenção de regularização a partir do Brasil.

Mas, quando se fala especificamente de imigração africana, traz consigo outros fatores que nós já sabemos: a questão social, o preconceito, que ainda é vigente na sociedade brasileira, como têm constatado aqui dia após dia. E tem todo esse critério, a

Lei brasileira é muito antiga e vê os africanos da mesma forma que se previu há 60, 70 anos atrás, que eram pessoas totalmente desfavorecidas que vinham para cá pura e simplesmente para procurar uma forma de condição melhor. Só que em contrapartida a lei diz que os cidadãos são cidadãos do mundo, que podem viver em qualquer parte do mundo que escolheram e se sentiram bem...

Da mesma forma que os cidadãos africanos moram e vivem aqui, vivem italianos, espanhóis, americanos, e pagam imposto, têm registro, CPF; se trabalha registrado, paga o INSS. Nós vivemos da mesma forma, a contribuição que outros povos dão para o Brasil, nós também damos. Entretanto, fazem uma espécie de barreira para o nosso povo e uma espécie de facilitação a outros povos. Na Polícia Federal, por exemplo, o tratamento que você vê as outras pessoas recebendo é diferenciado, a facilidade que as outras pessoas têm para obter a documentação e a regularização é totalmente diferenciada da nossa. E aí têm várias outras coisas que acredito que não seja desse fórum, mas que vai associando e faz com que nós tenhamos que ver o modelo de vida que temos hoje em São Paulo.

Quando eu vim pela FACOL, fiz o curso de Sistemas da Informação porque não tinha engenharia. Como eu tinha feito o médio técnico industrial, procurei em São Paulo uma faculdade de engenharia e ingressei na UNIP no curso de engenharia elétrica. Mas no decorrer do tempo, com a formação da União dos Estudantes e com a minha integração nos movimentos, fui descobrindo que não tinha muito dom para engenharia, mas sim dom para as disciplinas que tinham mais um contato humano, Ciências Humanas, e hoje eu faço administração.

A dificuldade no vestibular foi em Biologia, História e Geografia, porque tinha feito o ensino técnico e não tive essas matérias. Então, qual foi o nosso jogo aqui em alguns testes? A gente se empenha nas disciplinas práticas: Física, Matemática, Química e Português, aí dá o gás todo e obtém uma nota suficiente para superar as matérias que temos mais dificuldade. Acho que eu tive média sete porque fiz a redação, Matemática, Química e Física. Nós aprendemos em Angola que não se deixa nenhum texto em branco, aí você vai fazendo qualquer coisa que sabe vagamente sobre Biologia, História, algo que você ouve na TV, que você vê no jornal, em recorte de revista, lembra o que você vê e vai respondendo as outras questões, o que vier de pontuação é lucro!

Eu não conhecia São Paulo, não sabia que existia São Paulo. Para mim o Brasil era Rio de Janeiro, Carnaval, samba, cerveja, praia e mulher bonita! Era essa a ideia que eu tinha! Só que, chegando aqui, a realidade é outra.

Em São Paulo, é difícil se relacionar com as pessoas. No meu primeiro contato aqui, eu vivi uma situação de preconceito puro. A primeira vez que eu botei os meus pés aqui, eu vim sozinho. Estava em Lençóis Paulista procurando casa na internet para morar em São Paulo. Vimos o anúncio do aluguel de um apartamento perto do metrô Anhangabaú, juntamos o dinheiro e eu vim vê-lo. Eu cheguei à São Paulo, desci na Rodoviária Barra Funda. Era horário de pico, imagina! Tinha um monte de gente, eu falei: “Nossa Senhora, de onde é que saiu essa gente toda!”. Fiquei parado na estação e só passava um monte de gente, parecia uma manada e eu lá um leãozinho no meio de búfalos! Fui até a catraca e perguntei como é que eu fazia para chegar naquele endereço. O cara me explicou, disse que eu teria que pegar o metrô Anhangabaú e logo que descesse já veria o prédio. Eu desci na Nove de Julho, subi a Maria Paula, estava chovendo, coloquei o capuz do casaco na cabeça, o endereço na mão e fui falar com um senhor. O senhor estava se protegendo da chuva e eu falei:

— Por favor senhor, sabe como chego nesse endereço?

Logo que me viu, ele botou-se a correr.. Eu não entendi nada, pensei: “Mas o que é que aconteceu?”. Mas tudo bem, vamos lá. Estava chovendo, o cara estava se protegendo da chuva e botou-se a correr para a chuva? Tá estranho! Eu falei: “Tudo bem, vamos lá!”. Tinha outro rapaz se protegendo da chuva, aí a medida que eu fui me aproximando ele ia recuando. Eu pensei: “Nossa, o que está acontecendo? Será que eu estou com alguma coisa diferente?”. Aí eu falei:

— Senhor, eu preciso que você me diga onde é que fica este endereço.

E ele meio assustado:

— Ah, é ali, à direita.

Eu fui lá, falei com a moça da imobiliária, conheci o apartamento e voltei no mesmo dia porque eram apenas três horas de viagem, cheguei aqui às 18:00 e às 20:00 tinha um ônibus que saía para Lençóis. Cheguei em casa e fiquei pensando: “O que aconteceu?”. Eu não entendia...

Antes de voltar para Angola para obter o segundo visto, nós ficamos em São Paulo. Foi aí que a gente viu a realidade daqui. Uma vez fui ao shopping e logo que entrei numa loja o cara pegou na arma. Eu olhei para ele... Eu tinha entrado na loja só

para perguntar um item, mas tudo bem, continuei... Entrei na loja, falei com a moça, perguntei o que eu queria, eu queria o conserto de um relógio, era uma relojoaria no Shopping Paulista, perguntei se eles tinham suporte para aquele relógio. Quando ele viu que era um relógio de marca cara, porque eu estava com o relógio na mão, um telefone celular médio, estava com uma roupa apresentável, segundo o preconceito né, aí ele relaxou. A moça falou comigo, eu olhei para ele, dei uma risada e saí da loja, pura e simplesmente.

Então, a nossa chegada aqui foi começando a ser caracterizada desse jeito. Para ir aos lugares, tinha que me vestir diferenciadamente. Se eu estou na minha casa e vou ao supermercado, não preciso botar um tênis e uma calça, você coloca a chinelinha e vai na loja comprar o item para casa. Mas aqui não sei o que as pessoas têm na cabeça, aqui sendo negro e aparecendo de chinelo você não é bem atendido pelas pessoas. E eu que o diga! Eu acho que o preconceito não é nem a cor, não é nem a raça, é a associação com a classe social que você pertence. No mundo existe rico, pobre, não existe nem negro e nem branco, se você for pobre tanto quanto eu, você vai sofrer preconceito do mesmo jeito. Eu acho isso. Só que com algumas alterações, o ruim é ser preto e pobre ao mesmo tempo! Agora, aí é que está, se você for um preto rico, não vai sofrer preconceito, ainda que for maquiado, não vai sofrer. Temos vários exemplos de pessoas famosas que você vê que não sofrem preconceito.

Também acho que o preconceito nasce na cabeça das pessoas, eu chamo isso de sobrevivência. Todo mundo quer sobreviver, quando você sente que o outro vai ocupar um espaço que seria seu, você cria algumas barreiras, para você e para os outros, no caso. O povo do Ocidente era totalmente branco e era o povo que dominava. Com a descoberta da África, descobriram que não era o único povo que existia no mundo, existiam os índios, os africanos e os asiáticos, e claro, existiam os brancos, os europeus, os ocidentais. Ao descobrir as outras partes do mundo, de alguma forma os europeus se sentiram ameaçados, pensaram: “Não vivemos sozinhos nesse lugar, o que vamos fazer? Vamos aproveitar deles, ou nós vamos servir a eles ou eles servirão a nós.”. Mas é mais fácil alguém te servir do que você servir alguém, e optaram fazer com que os outros povos servissem a eles. Tiravam as famílias dos índios, dos africanos, dos asiáticos e os colocavam para trabalhar para eles, porque tinham a tecnologia.

Se você analisar do ponto de vista filosófico e cultural, o jeito deles viver não significava que era o jeito certo. Na outra parte do mundo, cada povo culturalmente

tinha a sua vivência e a sua estrutura. Na China, tinham imperador, governador e ministros naquele tempo, o Confúcio foi ministro muitos anos. E tinha estrutura em outras partes do mundo, na África tinha vários reinos e em cada reino tinha um rei e um soba, como eu falei na minha região, e dentro desses sobas tinham as suas ministrações dentro do povo. E eles viviam lá do jeito dos reis, das rainhas, as tropas, os soldados etc. Nós tivemos os nossos soldados, mas não precisávamos entrar em choque todos os tempos, por isso tinha lá o rei, alguns caras com uma lança, que na maior parte das vezes servia para caçar e pescar para sobreviver. Os caras vêm lá do Ocidente e querem impor o jeito deles de vida, o jeito que eles acham que é o certo.

Dali que surgem as chamadas superioridades raciais. Eu chamo os preconceituosos de pessoas ignorantes e com falta de conhecimento, de uma forma mais dura, são burros! As pessoas ignorantes apenas vão seguindo uma tradição, um hábito sem saber verdadeiramente a origem disso. Tanto que antigamente você via uma mulher negra amamentando um nenê branco. Mas como é que você diz que esse cara é “macaco” se está amamentando o seu filho? Você tem alguma base para explicar isso? Você deixaria uma macaca alimentar o seu filho? Você deixaria o seu filho viver num curral de porcos, por exemplo, sendo cuidado por um porco? Não existe isso! Então, eu chamo essas pessoas de ignorantes, não sabem a base.

Por isso que eu digo que raça, hoje em dia com o capitalismo, está associada à questão social. E você, trazendo um leque de africanos, negros, traz o estereótipo de que África é miséria, como o do Brasil que é samba e futebol. Quando você vê um africano você já deduz que ele vem de um lugar onde tem muita miséria para tentar alguma coisa aqui. E aí você vê a Globo só falando dos caras que foram apanhados com drogas na TV e não fala nada dos professores da USP que são africanos, não fala dos professores da PUC que são africanos, não falam dos empresários africanos que estão aqui pagando muito imposto para desenvolver o Brasil. Só falam dos africanos que são apanhados no aeroporto trazendo drogas. Se tiver três traficantes africanos e um italiano, eles vão falar dos três africanos e vão se esquecer do italiano que foi pego no mesmo dia. Então, trazendo isso, você falando com um sotaque diferente com uma pessoa, sendo negro e com uma aparência que para ela não é agradável, aciona o quesito sobrevivência, que por trajetória histórica não é o melhor, não é o mais agradável. Então, tenho que fugir desse cara! Eu entendo dessa forma.

Não tinha ideia disso antes de vir para cá. Eu via o campo de futebol, no time do Brasil tinha Ronaldo, Cafu, Romário, via um monte de jogadores lá e nunca vi um totalmente branco, branco, branco, a maioria era parda. Aí eu pensava: “Tá aí, o Brasil é o país da diversidade!”. Você vê nas escolas de samba, passa o Carnaval do Brasil como se fosse o melhor lugar do mundo para se estar. A cara do samba são as passistas negras, e é isso que passa lá fora. “Ali é um país de harmonia, o pessoal lá interage independentemente desse negócio de cor, de raça.”. Eu nasci num país onde 99% das pessoas são negras de origem, então eu pensava: “Vou para um país que é aceitável, não vai ter essa diferença cultural.”. Eu saberia, por exemplo, que, se eu fosse para o Paquistão, seria diferente. No Paquistão, todo mundo é árabe, aqueles panos na cabeça, os brancos verem um negro de *short* não seria aceitável. Aqui eu sabia que encontraria um entrosamento melhor. A gente estuda na escola que a maior parte dos escravos foi para os Estados Unidos e Brasil, porque era onde tinham as maiores plantações e fazendas de café, que era a base comercial do mundo antigamente. Então, achávamos que iríamos para casa e que encontraríamos a mesma estrutura, pois fomos colonizados pelo mesmo país, que é Portugal, e de certa forma a gente se torna irmão.

Quando chegamos aqui, vimos que é totalmente diferente. A gente tem que passar por uma reeducação, tem que passar por um processo de aprendizado a lidar com essa nova estrutura que você encontra. E, com alguns estudos, eu fui percebendo que o preconceito no Brasil é uma questão histórica, é uma base que já vem há muito tempo.

Na UNEA, justamente pela liberdade de expressão, a gente faz o seguinte: quem se interessa por alguns assuntos vai criando núcleos. Tem umas pessoas mais reservadas que acham que não devem sair por aí falando o que pensa e que algumas questões não são assunto delas. E tem outras pessoas, como eu e mais alguns outros colegas, que acham que devem lutar por alguma coisa. E o que a gente faz? Tem um núcleo que faz algumas palestras, ajuda alguns movimentos sociais falando exatamente de racismo e imigração africana. Eu estou dentro desse núcleo, tenho vínculos com alguns movimentos negros. No ano passado, estivemos na cúpula social do Mercosul e trabalhamos em parceria com a Educafro, a UNEafro, a UNEGRO. Quando há palestras, atividades sociais e manifestações, saímos pelas ruas também. Mas é um grupo específico dentro da UNEA que acredita nisso.

Nós nos aproximamos desses grupos através da morte da Zulmira. A União reuniu um grupo de angolanos na Praça da Sé para ir até o nosso consulado saber o que

o consulado estava fazendo para cobrar essa morte ao governo brasileiro, ou seja, saber o que os órgãos diplomáticos tinham feito quanto ao caso. Fizemos a divulgação no Facebook de como seria o encontro. Então, muitas pessoas já sabiam, através do Face, que teria alguma coisa na Praça da Sé. Frei David, que é responsável pela Educafro, passou por nós e perguntou:

— Esse é o movimento em prol da menina angolana que morreu? Vocês estão indo para onde?

Falamos:

— Estamos indo para o consulado.

E ele disse:

— Quando vocês voltarem do consulado, passem na Educafro. A gente vai ver outras formas de reivindicar isso.

Quando chegamos lá, já tinha uma estrutura preparada para a reivindicação. Nós fomos dar um apoio e trazer uma base de pessoas que verdadeiramente estavam perto disso. A partir dali, nós conhecemos o movimento, era uma comissão de 40 grupos sociais envolvidos nessa questão. Quando passou esse alvoroço todo, eu e algumas pessoas continuamos os trabalhos.

Quando fomos ao consulado, tivemos uma reunião com o grupo de cônsules, eles passaram para nós todo o processo legal que estavam fazendo com a família para a transladação do corpo. O governo brasileiro não apoiou em nada, tudo foi coberto pelo governo angolano e pela família. E o consulado, a partir do Ministério das Relações Exteriores de Angola e o embaixador, endereçou uma carta ao governo brasileiro. Eles nos deram uma cópia da carta e passaram também toda a informação que estava a ser feita e o contato do advogado brasileiro contratado pelo consulado para acompanhar o caso aqui a partir das entidades brasileiras. Durante o processo, todos nós fomos acompanhando com o advogado, com o delegado, as entrevistas, o processo de apreensão dos indivíduos etc. Foram apreendidos alguns indivíduos que seriam culpados, mas a última informação que nós tivemos é de que o indivíduo que tinha sido preso não era o verdadeiro culpado, e até hoje a polícia diz que o processo está correndo em segredo de Estado.

Algumas pessoas pensam que o cara que foi pego era o culpado, mas eram acompanhantes do verdadeiro assassino. Eles chegaram num carro e eram dois rapazes, o que estava conduzindo o carro que foi preso, o outro rapaz, como está correndo em

segredo de justiça, só o advogado tem essa informação, e o Estado, no caso. O cara que assumiu o assassinato é menor de idade, mas foi uma jogada deles, porque ele é réu primário, sem antecedentes criminais, estudante... Era uma pessoa fácil de soltar.

O caso repercutiu muito em Angola, nas redes sociais, estudantes angolanos de vários pontos do Brasil fizeram manifestações até os seus consulados...

Se houve interesse do consulado e da embaixada angolana em resolver o caso? Essa é uma questão meio controversa. Junto com esse sucedido, estavam sendo feitas negociações e acordos bilaterais entre os dois povos, o brasileiro e o angolano. Os dois países têm muitos convênios. Muitas empresas brasileiras indo para lá e muitas pessoas vindo para cá... Esse caso repercutiu muito e ainda não solucionado, isso traz desvantagem para os dois lados. No meu ponto de vista os dois governos usaram estratégias para não fazer desse caso um tumulto, para não fazer desse caso uma avalanche para os acordos, ou seja, sacrifica-se um para várias pessoas viverem.

Eu tenho uma relação boa com a comunidade. Conheço um número bom das pessoas que moram em São Paulo. Em qualquer ponto, fala-se da União dos Estudantes, fala-se do meu nome, das outras pessoas que trabalham conosco, o Agostinho, o Álvaro, a Solange, a Fernanda... E conseguimos estar e conviver bem com os imigrantes que estão aqui, sejam eles comerciantes, sejam bolseiros.

Quando estou na região do Brás, eu me sinto um pouco em Angola... Lá é onde está concentrado o maior número de angolanos. Os angolanos reúnem-se ali como se estivessem em Angola, ouvindo as nossas músicas, conversando, ali é a nossa comunidade. O Brás para nós é como se fosse a Liberdade para os japoneses. Tem um grupo específico que organiza festas com as nossas músicas, com os nossos DJ's, churrascos, almoços com as nossas comidas típicas... Agora, o grupo da UNEA é muito unido. Por exemplo, sempre nos reunimos para almoçar na casa do Agostinho ou na minha casa, e o almoço não tem arroz e feijão, a gente faz a nossa comida típica.

Sabe, eu mudei muito depois da minha vivência aqui

O que eu mais gosto na cidade de São Paulo é a estrutura do Estado. Essa facilidade de locomoção, a facilidade de acesso aos objetos de estudo, bibliotecas, *lan houses* públicas, facilidade de acesso aos estágios. Eu acho que São Paulo é um Estado muito bem estruturado. Eu fui ao Rio de Janeiro, fui ao Distrito Federal, Brasília, e

dentre esses estados acho que São Paulo está mais estruturado. Eu digo isso porque em São Paulo você consegue ter uma vida média, você consegue ir a qualquer lugar a qualquer hora, você consegue comer em qualquer canto, tem sebos, bibliotecas, tem parques. Aqui eu faço o que quiser a hora que eu quiser e como eu quiser. Agora o que eu menos gosto é o jeito com que algumas pessoas olham para mim... Acho que é o preconceito.

Eu já namorei uma brasileira, sim, e, apesar da diferença cultural, não tivemos problemas de relacionamento. Normalmente, eu me apaixono por mulheres mais velhas e ela era mais velha. Ela estava a se formar em Direito e tinha uma base cultural mais sólida. Então, não foi muito difícil, nós nos entendíamos bem e conversávamos muito, nós até mais conversávamos que namorávamos. E foi uma troca de experiência e tanto! Até hoje somos amigos, nos falamos todos os dias, quando teve a manifestação no consulado ela apoiou. A relação homem e mulher não teve muita diferença se ela fosse uma namorada angolana, por exemplo. Independente de ser brasileira, chilena, paraguaia, chinesa, etc., ela tinha os seus valores como mulher e que me fizeram apaixonar por ela.

Sabe, eu mudei muito depois da minha vivência aqui. Na verdade, acho que mudou quase tudo. O que eu sou hoje é apenas um pouquinho do que eu era há três anos quando eu vim de Angola. Eu me tornei uma pessoa melhor aqui. Eu era um pouco arrogante, um pouco não, eu era muito arrogante! Eu não conhecia nada de movimentos sociais, nunca tinha participado de nada disso. As minhas crenças eram totalmente diferentes das que tenho hoje... A minha realidade era totalmente diferente.

Hoje eu me sinto uma pessoa mais madura, mas ainda em crescimento, com vontade de querer aprender, querer crescer cada vez mais, e antes eu não era assim. Eu era um adolescente arrogante que só queria saber do que existe no momento. Eu não acreditava e não lutava por nada. Lutava para eu estar bem, seguia aquilo que me fazia bem, e o que me fazia bem era pouca coisa, era um tênis novo e o lugar onde eu estivesse em evidência entre as meninas. Mas hoje eu já não sou só isso. Ainda sou um pouco vaidoso, mas aprendi alguns valores... Eu passei por algumas dificuldades que me fizeram crescer mais...

Eu acho que o que me fez mudar foram os movimentos sociais. O que eu sou hoje, talvez, já existisse lá dentro de mim, lá nos escombros, mas na sociedade onde eu morava, era obrigado a agir num determinado padrão. Biblicamente, dizem que não

serás profeta em sua própria terra... Os psicanalistas, como Augusto Cury, por exemplo, dizem que a sociedade impõe o que você tem que fazer. Numa sociedade, existe o cara superinteligente, o *nerd*, o idiota, a mulher que é *top* e que é a mais querida no bairro. Num grupo de amigos numa escola, por exemplo, vai ter isso, vai ter o *nerd*, a gostosa, a menina *nerd*, o esportista saradão. Ainda que o esportista queira ser o *nerd*, a sociedade vai lhe induzir a ser esportista o tempo todo, porque as pessoas crescem vendo ele como esportista. O *nerd* cresce estudando porque quer pegar as mulheres que o esportista vai pegar. E assim vamos... Então, as pessoas criam uma barreira dentro de si e, quando saem desse ambiente e vão para outro, descobrem que, afinal de contas, não são só aquilo. Eu posso ser um *nerd*, ler dois ou três livros e tirar um tempo para ir correr, para fazer uma academia. Então, você percebe isso quando sai de um ciclo. E, quando eu saí do meu, fui percebendo que eu não precisava mais ser aquele cara.

No meu ciclo, eu era o cara que conquistava tudo na marra. Como falei, era muito vaidoso, então eu tinha que me vestir muito bem, estar sempre bem apresentado para conquistar o que quisesse. Tinha que ser arrogante porque eu morava num lugar em que a maior parte das pessoas era de classe alta e eu era de classe baixa. Eu era aquele cara que andava com os ricos, mas era pobre! Se um cara rico chegava tentando te esculachar, você não ia ficar por baixo. Você vai vendo as pessoas conversando sobre as viagens que fizeram para Portugal e você não puder falar nada?! Então, eu era o cara que aprendia as coisas na marra. Quando eu saí e conheci algumas pessoas aqui que me fizeram muito bem, fui percebendo o meu potencial para outras coisas e moldei aquilo que eu achava necessário para viver fora do meu ciclo.

Continuo um pouco vaidoso, mas um vaidoso com olhos no futuro, com olhos nas coisas que verdadeiramente fazem sentido na vida... Um vaidoso, mas que foi fazer um curso para conciliar a faculdade, que faz algumas ações sociais, que faz algumas palestras, que luta por alguns objetivos, que tem a capacidade de parar e ouvir os outros, que antes eu não tinha... Hoje eu estou crescendo e eu estou gostando de viver dessa forma. Estou querendo viver e aprender cada vez mais! E com esse crescimento, quem sabe, contribuir para o desenvolvimento e mudança do mundo, sei lá, atingir a mente das pessoas, mostrar que, apesar da cor da pele e da classe social, existem pessoas com cabeça, tronco, membro e cérebro...

No meu cotidiano, eu me relaciono mais com os meus, o meu contato com brasileiros é só na universidade mesmo. Fora da universidade, o máximo é uma

baladinha de brasileiros e só. Eu não fiz nenhum amigo aqui, fiz duas amigas e alguns colaboradores, algumas pessoas dos movimentos que eu posso contar quando precisar.

Como eu olho o meu país de fora? As pessoas aqui de São Paulo reclamam, mas às vezes precisariam sair daqui para saber o quão é valiosa a vossa cidade, São Paulo. Quando saí de Luanda para São Paulo, cheguei à conclusão de que, além da base cultural e da essência familiar, não há muita coisa para ter de referência. Não tem muita coisa que eu possa referenciar, eu seria um patriota egoísta dizendo hoje que o meu país é super, que está tudo bem e que estou morrendo de vontade de estar lá. Mentira! Eu não estou morrendo de vontade de estar lá, eu estou morrendo de vontade de ficar com a minha família, com os meus amigos, de ir para uma aldeia e ver um soba, tomar um banho de rio... Mas vontade de estar no país com a base política, com a falta de estrutura que tem lá? Não tenho!

A minha visão é a seguinte: falta estrutura naquele país, tem valores culturais e étnicos, mas muita coisa precisa ser corrigida. Vendo de fora essas coisas que precisam ser corrigidas, eu quero voltar para lá e ajudar corrigir, de uma maneira ou de outra. Eu quero voltar! Mas se surgir uma oportunidade de ficar aqui, eu fico! Por exemplo, se eu me apaixonar, tiver filhos e casar aqui... Mas, mesmo ficando aqui eu vou encontrar um meio termo para ajudar no desenvolvimento de lá, não vou deixar de ser angolano. Eu não vou quebrar o compromisso que eu tenho com a minha terra!

Se eu ficar aqui, pretendo montar algum negócio, e morando aqui vou trazer o meu irmão mais novo para morar comigo e estudar, depois ele volta se quiser. Assim, eu vou ajudando da mesma forma no desenvolvimento do país.

Se eu voltar, volto muito mais crítico. Eu sou uma pessoa muito crítica hoje. Em cada lugar que eu coloco o pé eu observo, vejo e já vou criando base para criticar. E com essa base que eu estou criando aqui, estou criticando desde o ambiente familiar até a sociedade. Por exemplo, em Angola se você vai numa loja, a moça não vem perguntar o que você deseja comprar. Você vai chegar na loja, ninguém vem falar com você, você escolhe o produto, pergunta o preço, paga e vai embora. Então, já surge uma base crítica ali. As estruturas familiares hoje em Angola também é outra base crítica. As mães lá são super protetoras e querem que os filhos saiam de casa com 30, 40 anos. Se casar, o pai acha que deve mandar no filho, mesmo com mulher e filhos, e colocar ordem. Então, quando você entra em contato com outras culturas, e em São Paulo você entra em contato com uma série de culturas, vai agregando outros valores. Então, acho que,

quando chegar em Angola, serei o *mala*, porque para mim nada vai estar legal, vou estar vendo tudo de outra forma. Ou eu vou me readaptar ou as pessoas do meu lado se readaptarão a mim. Acho que é isso que vai acontecer quando eu voltar.

Agora, o que é ser estrangeiro?... Pergunta pertinente... Estrangeiro, como a palavra já diz, estranho. Você é uma pessoa estranha. Ser estrangeiro, na realidade, é se encontrar no meio de uma sociedade que você desconhece, de uma cultura que você não sabe nada, ou seja, ser estrangeiro é renascer, é nascer de novo, começar do zero. Sair de um lugar para o outro é recomeçar, aqui você vai ter que fazer amigos, fazer irmãos dentro dos amigos, ter uma casa para morar, ter um trabalho, ter uma escola, formar uma opinião baseada naquela sociedade, porque eu não posso ser altruísta, sair de um lugar específico e trazer a mesma opinião. Tenho que balançar as coisas, saber que nesse lugar agem dessa forma por causa de certas situações. Como eu saio de um lugar e vou para outro, tenho que aprender a agir com essas situações. Isso é um renascimento. Eu defino ser estrangeiro como ser um renascido, um cara que aflorou num outro lugar e tem que aprender a sobreviver dentro de onde ele nasceu.

Para finalizar, vou deixar uma mensagem em kimbundo, minha língua materna: Se eye tala oportunidade yetu mo kwatenu! (Se você encontrar uma oportunidade, agarra-na!).

A narrativa de Marseu nos remete a dilemas antigos, cuja origem está na escravidão. Ele é fruto de uma imigração de negros africanos recente no país, que cresce a cada dia, e traz à tona reflexões sobre os problemas sociais e a superação ou permanência desses grupos na cidade de São Paulo. Jovens provenientes de países africanos lusófonos como Marseu optaram por estudar no Brasil pela facilidade da língua e por acharem que este é um país de oportunidades tanto de trabalho, como de formação para se qualificarem profissionalmente e retornarem aos seus países.

Sua narrativa nos dá a dimensão do que significa ser imigrante africano e negro no Brasil, uma vez que essa imigração é carregada de estereótipos e preconceito porque a representação de África é centrada na miséria, nas guerras e doenças e, muitas vezes, associada e identificada ao tráfico internacional de drogas. A homogeneidade na representação do continente, os estigmas oriundos da escravidão e da eugenia

recorrentes na configuração da sociedade brasileira sobre esses recém chegados mostram que ainda há muito preconceito racial em nosso país. Como é narrado por Marseu, isso se explicita, por exemplo, no tratamento desigual a eles dispensado na Polícia Federal quando necessitam obter ou regular algum documento, ou ainda a mídia, que veicula notícias que denigrem ainda mais a imagem do negro africano, relacionando-a com a bandidagem e o tráfico. O recente caso das manifestações xenófobas e preconceituosas dirigidas aos médicos cubanos, negros na sua maioria, que migraram para o Brasil para atuarem no Programa mais Médicos, do Ministério da Saúde, programa que também acolheu médicos de outras nacionalidades, inclusive europeus, e que não sofreram nenhum tipo de hostilidade, revela que a sociedade brasileira ainda identifica o europeu como o imigrante desejável.

A história brasileira é marcada por recorrentes processos migratórios, especialmente no fim do século XIX e início do XX. Promovida pelo Estado, a imigração era vista como alternativa para o possível branqueamento da sociedade, privilegiando imigrantes oriundos de países europeus. O sociólogo e jurista Oliveira Viana, na década de 1930, fez um minucioso estudo somatológico e psicológico sobre o tipo brasileiro e seus elementos formadores: brancos, negros e índios. Considerado um dos ideólogos da eugenia racial, Viana acreditava que os índios e negros eram raças inferiores, selvagens e bárbaros e procurava justificar a importância da imigração europeia – ariana, de raça superior e civilizada -, como alternativa para o branqueamento do povo brasileiro e a necessidade do

caldeamento da nossa gente com a gente nova e sadia que aqui entra trazendo, na pureza do seu sangue, a regeneração do nosso, abastardado pela fusão de sangues inferiores (Viana, 1991, p. 37).

O futuro tipo antropológico do brasileiro, para Viana, seria um ariano modelado pelos trópicos.

Em contrapartida, Gilberto Freire em *Casa Grande e Senzala*, dentro de uma perspectiva da história social, evidenciou a contribuição dos grupos dominados, sobretudo dos africanos, para a formação do povo e da cultura brasileira. Afirmou, por exemplo, que

Híbrida desde o início, a sociedade brasileira é de todas da América a que se constituiu mais harmoniosamente quanto às relações de raça... (Freyre, 2003, p. 32).

Suas ideias, que levavam em consideração a mestiçagem como fator fundamental da formação do povo brasileiro, foram consideradas as bases da ideologia da “democracia racial”. Essa interpretação aparecia para estudiosos estrangeiros como alternativa para o problema do racismo em países onde a segregação racial excluía os negros do convívio social com os brancos, tais como os Estados Unidos e África do Sul.

Na década de 1960 Florestan Fernandes, em seu livro *A integração do negro na sociedade de classes*, nos deu uma nova interpretação sob a inserção do negro na sociedade brasileira contrapondo-se à ideia de democracia racial, na medida em que não foi dado ao negro um lugar no interior da ordem econômica e social no pós-abolição, impedindo sua ascensão no início do período de mercantilização da economia e modernização da sociedade e projetando na figura do imigrante branco, europeu o *agente natural do trabalho livre*. Para Florestan Fernandes:

Em suma a sociedade brasileira largou o negro ao seu próprio destino, deitando sobre seus ombros a responsabilidade de reeducar-se e de transformar-se para corresponder aos novos padrões e ideais de homem, criados pelo advento do trabalho livre, do regime republicano e do capitalismo (Fernandes, 1964, p. 8).

Em seu livro *O negro no mundo dos brancos*, composto por um conjunto de ensaios oriundos de uma longa investigação realizada com o filósofo francês Roger Bastide, Florestan, ao estudar a situação do negro e do mulato na sociedade brasileira, vista a partir de São Paulo, desconstruiu a ideia de que existia distinção entre negros e brancos e de que o negro estava satisfeito com a condição que lhe era imputada, ou seja, Florestan introduz a ideia de que a democracia racial no Brasil era um mito e impulsionava a população negra para que ela tomasse um papel ativo na construção de seus destinos e que não se identificasse com o branqueamento imposto pelo “mundo dos brancos”.

Os escritos de Florestan foram precursores de uma série de estudos historiográficos que romperam com a ideia da passividade do escravo, retratando as várias formas de organização e resistência dos negros contra à escravidão, que ia desde

a fuga e a formação de quilombos até assassinato de capatazes e senhores²⁹. Não é coincidência que nesse mesmo período surgiu o Movimento Negro Unificado – MNU, organizado através da aglutinação de diversos grupos, tinha como principal objetivo unir a comunidade negra numa grande luta contra a discriminação racial, a marginalização racial, política e social do povo negro, as péssimas condições de vida, o subemprego, entre outros problemas que afligiam esse grupo e que eram mascarados pela ideia de democracia racial.

Outros grupos surgiram e com eles a luta contra o racismo e a valorização da cultura passava a ser assimilada pela comunidade negra que viviam nas periferias das grandes cidades. A memória de Zumbi dos Palmares aparecia como símbolo de resistência, camisetas com os *slogans* “Preto é cor, Negro é raça” e “Negro é Lindo”, eram usadas por jovens que se orgulhavam de sua cor e de seus cabelos *black power*. O rap apresentava-se como manifestação musical de protesto e denuncia dos problemas sociais, da falta de oportunidades e o extermínio de jovens negros, pardos e pobres nas periferias e favelas.

Foi através da mobilização e de muita luta que as legislações federal, estadual e municipais tiveram um enorme avanço no que se refere às leis antiracistas, que tornaram crime a prática do racismo. Destaca-se a Lei nº 7716/89 que define os crimes resultantes de preconceitos de raça e a 9459/97, que tornou crime a injúria, possibilitando assim prisões devido a práticas de discriminação racial. Destacamos ainda a criação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, fruto do reconhecimento das lutas históricas do movimento negro brasileiro.

Se por um lado a afirmação de uma identidade negra se consolidava nos movimentos, a ideia de democracia racial de Gilberto Freyre se enquadrava aos anseios da sociedade brasileira para definir a questão racial, sendo a mesma introjetada e assimilada pela classe dominante e reproduzida pela classe média. E essa é a imagem que o Brasil projeta para o mundo, a de um país harmônico, cujas diferenças raciais foram apagadas pela miscigenação e que todos, brancos e negros, têm oportunidades iguais. Entretanto, na prática, nas relações sociais cotidianas, algumas situações vivenciadas por Marseu, e por tantos jovens negros que vivem na cidade de São Paulo,

²⁹ Destacamos os trabalhos: *A balaiada e a insurreição de escravos no Maranhão*, Maria Januária Vilela Santos (1983), *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos Malês – 1835* (1986); *Crime e Escravidão*, Maria Helena P. T. Machado (1987); *Visões da Liberdade*, Sidney Chalhoub (1988); *Ser escravo no Brasil*, Kátia de Queiroz Mattoso (1990), entre outros.

evidenciam e revelam que a sociedade brasileira ainda não se libertou do preconceito racial.

A ideia que Marseu tinha do Brasil antes de migrar era exatamente a de que aqui somos todos iguais, a de um país alegre, onde a vivência pluriétnica é aparentemente pacífica e harmônica. Mas com a convivência na cidade e o seu engajamento em organizações ligadas ao movimento negro o possibilitou refletir sobre a questão racial e a desigualdade no Brasil, e, apesar de acreditar que esta última esteja associada mais à condição econômica e social do indivíduo do que com a cor da pele, concorda que se o indivíduo for *preto e pobre* será duplamente discriminado.

Como já apresentado no capítulo anterior, o principal fluxo da imigração angolana se deu a partir da década de 1990 pelos solicitantes de refúgio, devido à situação conflituosa que Angola vivia desde a sua independência. Nesse período muitos angolanos solicitaram visto de estudante na Embaixada Brasileira em Angola, uma das únicas que ainda concedia vistos, e quando aqui chegavam, procuravam obter a condição de refugiados. Com o fim da guerra civil, muitos permaneceram e se estruturaram na região do Brás para atender um novo fluxo migratório de angolanos, composto por dois grupos: mulheres comerciantes ambulantes, pejorativamente denominadas sacoleiras, que viajam à São Paulo para adquirir mercadorias que são vendidas em Angola; e estudantes que encontraram no Brasil uma oportunidade de cursar o ensino superior em universidades públicas e privadas. Estima-se que hoje existem no Brasil em torno de 10.000 estudantes angolanos, sendo que grande parte concentram-se nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

Marseu revela que existe uma peculiaridade na imigração desses estudantes: a solidariedade dos membros da família que se organizam financeiramente para manter os estudos desses jovens, caracterizando assim uma rede continua onde aquele que conclui os estudos e se estabiliza assume o compromisso de ajudar o outro e assim sucessivamente. Isso revela o sentimento de presença e ausência fundamentada na expectativa do retorno dos que pensam que a imigração seria provisória, e dos que ficam, que depositam no jovem o sonho de terem um graduado na família. Agostinho Martinho veio estudar em São Paulo por insistência de seu tio, que migrou para o Brasil durante a guerra civil, e o compromisso e a responsabilidade com os *seus* refletem na sua perspectiva de futuro:

... se surgir uma oportunidade de ficar e conseguir ajudar os meus que estão lá seria muito bom. Mas se não der certo, a expectativa mesmo é voltar... O meu bem estar se condiciona ao bem estar dos meus... Depois de me estabilizar, a minha ideia é tentar trazer os meus parentes que eu sei que compartilham do mesmo pensamento que o meu e que eu consiga ter a confiança que se estiverem bem vão conseguir dar suporte aos que ficaram... Assim como o meu tio fez comigo! Nós vivemos muito isso, um ajuda o outro para que a maioria fique bem.

Para realizarem o desejo de estudarem fora de seu país, muitos se inscrevem em programas de bolsas oferecidas pelo governo angolano, através do INAGBE (Instituto Nacional de Gestão de Bolsas de Estudos), ou do governo brasileiro, através do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação. Entretanto, pelo fato dessas bolsas serem limitadas, grande parte desses jovens vêm para o Brasil cursar o ensino superior em universidades privadas, muitas delas de baixa qualidade, mas que oferecem mensalidades reduzidas. Marseu, inclusive, relata que muitas universidades brasileiras vão à Luanda fazer propaganda de suas instalações para angariar jovens estudantes. Foi dessa forma que ele veio para São Paulo, através de uma Universidade do interior de São Paulo, que lhe prometera uma bela estrutura universitária, mas que quando chegou percebeu que tivera sido enganado.

Muitos desses estudantes chegam, a princípio, com o visto de turista, pesquisam as universidades, prestam o vestibular e, se aprovados, voltam para Angola e solicitam o visto de estudante. Aqueles que não têm condições de comprar a passagem de volta, fazem sua matrícula com o visto ainda em vigor, e, quando vence, acabam ficando ilegais. Como as provas dos vestibulares não há distinção entre brasileiros e estrangeiros, esses estudantes desenvolveram algumas estratégias com relação aos testes em algumas disciplinas específicas, tais como História e Geografia. Agostinho seguiu o conselho de seu tio, respondeu o que sabia e deixou uma observação na folha de resposta que era estrangeiro. Marseu, por sua vez, se dedicou em resolver as questões concernentes às disciplinas que dominava (Matemática, Química e Física) e ter o máximo de acertos para compensar as que tinha pouco conhecimento. Mesmo com as dificuldades, grande parte deles são aprovados, como Maria Fernanda, que prestou o vestibular em Psicologia, foi a 21ª colocada na FMU e em 1º lugar na UNIP.

Marseu é enfático ao dizer que quando chegam, esses jovens enfrentam algumas dificuldades e a principal delas é a moradia. Como é sabido, para se locar um imóvel em São Paulo é necessário o locatário ter fiador e comprovante de renda, exigências que, para os que não têm familiares aqui, se torna um empecilho. Entretanto, muitos deles

encontram acolhimento e apoio dos conterrâneos já estabelecidos na cidade, que, nas palavras de Marseu *aceitaram fiar na confiança, na fé, e agradecemos os que fizeram isso.*

Com a convivência e a adaptação na cidade, outras dificuldades foram surgindo e com o intuito de amenizá-las, de integrar os estudantes que aqui estavam e acolher os recém-chegados, um grupo de estudantes se organizou e criou a UNEA – União de Estudantes de São Paulo, espaço onde se sociabilizam e compartilham suas experiências. A ideia da criação de um grupo também foi uma forma desses estudantes se aproximarem da comunidade angolana que aqui já existia. Eles organizam festas, encontros, debates, são convidados para dar palestras em seminários, enfim, encontram na formação desse grupo meios de se integrarem com a sociedade de acolhimento e se apropriarem dos espaços da cidade.

A imagem a seguir é o cartaz de divulgação da festa Um dia “A La Banda”, organizada por Marseu e seus amigos, que aconteceu na Casa do Migrante. O cartaz foi amplamente divulgado nas redes sociais, acompanhado do seguinte texto:

"Em sua caixinha de sentimentos não deixe faltar: a Paz, O Perdão, a Solidariedade, a Compreensão, a Tolerância, o Carinho, o Abraço ao Amigo e Acima de tudo o Amor ao Próximo. Compartilhe-os, verá que em pouco tempo a caixa se tornará pequena, pois tudo retorna"
Vamos todos neste sábado dia 7 de Setembro participar do Projecto Acadêmico Solidário...
A Minha a Tua e a Nossa Presença é Indispensável...
Um Dia "A La Banda"

A festa “Um Dia A La Banda” (“Um Dia em Minha Terra”), nos convidava a conhecer e experimentar, num único dia, os elementos presentes no universo das festas angolanas: as brincadeiras, os jogos, as comidas, as danças, as músicas. Para os angolanos, foi a oportunidade que tiveram para unir as famílias e amigos e relembrar as brincadeiras e o jeito que se divertiam quando crianças na *banda* e para as crianças que nasceram aqui conhecerem como são as festas na terra natal de seus pais.

Marseu também nos relatou que a sua aproximação, e de outros membros da UNEA, com associações de defesa dos direitos e entidades ligadas ao momento negro em São Paulo se deu após a morte de Zulmira Cardoso em maio de 2012, estudante angolana de 26 anos que estava prestes a concluir o curso de Mestrado em Engenharia. Zulmira estava num bar com seus amigos, e, após uma discussão entre eles e alguns brasileiros, os rapazes saíram do bar e voltaram dentro de um carro atirando e alvejando cinco pessoas, causando sua morte. Assim Agostinho relata o episódio:

A questão começou num bar. Os angolanos estavam a conviver e sabe-se que quando o angolano convive é sem maldade, é uma questão cultural, de hábito, temos que nos adaptar aos costumes daqui, mas também não podemos deixar os nossos de lado... Normalmente o angolano gosta de estar bem, gosta de estar à vontade, falar alto, brincar. Por esse motivo, muitas vezes já sabendo que eles estavam falando enrolado e não são daqui, as pessoas riem daquilo. E foi praticamente o que aconteceu, alguém chamou de preto, macacos, provenientes da África, chegam aqui e querem tirar onda. Houve um cara que não gostou da colocação do rapaz e foi lá tirar satisfação, falar:

- Mas porque, estamos aqui, nós pagamos o que você está pagando, estamos a consumir o que estas a consumir, porque disso?

Aí o cara não gostou e começou a agir de forma mais violenta, queriam partir para a briga, mas nem sequer se brigou. Um dos caras saiu e disse: Já que aqui não somos bem vindos, vamos para outro local onde pelo menos nos respeitam. Saíram dali e foram para outro local. O cara saiu da discussão e alguns minutos depois chegou disparando. Ele não disparou só para matar a pessoa que discutiu com ele, mas veio para exterminar as pessoas que estavam lá, porque ele alvejou cinco pessoas. Ele saiu disparando, as pessoas saíram correndo e as balas acertaram o Gaspar, a Celina, que estava grávida, o Kabenga, o Diogo que escapou, e a finada Zulmira. Então foi xenofobia mesmo, ele queria matar, qualquer angolano que encontrasse ele ia disparar, podia ser eu, podia ser outra pessoa! Então foi uma questão de xenofobia e racismo.

Convencidos de que se tratava de um crime de racismo, um grupo de integrantes da UNEA se mobilizou e organizou movimentos reivindicando das autoridades brasileira e angolana empenho na solução do caso e punição dos culpados. Diversas entidades, entre elas Educafro, UNEafro (União de Núcleos de Educação Popular para Negros/as e Classe Trabalhadora), UNEGRO (União dos Negros pela Igualdade), CHDIC (Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante), IDDAB (Instituto do Desenvolvimento da Diáspora Africana no Brasil, se solidarizaram com o caso e organizaram atos de mobilização pública junto à órgãos ligados à justiça e defesa dos direitos humanos. Com o *slogan* “Mobilização Zulmira Somos Nós”, o episódio se tornou um símbolo na luta por direitos de imigrantes africanos no Brasil, trazendo a tona outros casos de africanos assassinados no país. A narrativa de Agostinho revela como foram os protestos e o enfrentamento com o órgão consular de Angola em São Paulo:

O caso de mortes e assassinatos de angolanos aqui é muito banalizado, tanto pelo consulado quanto pelos órgãos públicos brasileiros. Então, nós nos mobilizamos junto ao Ministério Público e a todos os órgãos ligados ao direito a investigarem e a correrem atrás para ver se se fazia justiça. E até por isso que alguns órgãos, principalmente angolanos, tipo o Consulado de Angola, nos conotou como rebeldes, falavam: “Eles não têm respeito, como é que vêm nos afrontar?”. Uma vez nos dirigimos lá, coisa que nunca tivera acontecido aqui, principalmente em São Paulo, e eles falaram: “Como é que esses rapazes tiveram coragem de vir até nós?”. Porque lançamos a ideia da mobilização e eles pensaram que era só uma ideia. Mas se admiraram, porque, no dia e na hora que marcamos, estávamos lá presentes a reivindicar, a querer saber o que estavam a fazer sobre a morte da Zulmira.

E andamos muito... Batemos em várias portas, algumas ONGs como a EDUCAFRO, o CHDIC, a UNEafro, organizações que batem de frente para reivindicar a palavra. Deu para fazer algumas reuniões na Câmara Municipal, na Comissão de Direitos Humanos. Até convidamos vários órgãos da administração pública, tipo o nosso consulado – que não se fizeram presentes – e consulados de outros países africanos, por quê? Porque descobrimos algumas coisas, que morrem muito mais pessoas por casos de xenofobia, principalmente de origem africana, alguns estudantes guineenses. Também a discriminação que a polícia federal tem para com alguns

comerciantes africanos na zona do centro. A morte da Zulmira trouxe à tona muita coisa que vivia escondida, vivia debaixo do pano!

O caso teve pouca repercussão na grande mídia impressa e televisiva, que abordou o caso como mais uma briga de bar que ocasionou na morte de alguém. Na época, a grande imprensa estava preocupada em noticiar o caso de um turista italiano que fora assassinado no Rio de Janeiro durante uma tentativa de assalto e a caça e punição dos responsáveis pela divulgação das fotos nuas da atriz global Carolina Dickemann na internet, relegando a segundo plano uma tentativa de chacina que resultou no assassinato de Zulmira.

Dois meses depois do crime, um dos assassinos foi detido e outro está foragido, inclusive sua descrição e foto constam na lista de “Procurados da Justiça” no site da Polícia Civil do Estado de São Paulo.

Cartaz de divulgação da “Mobilização Zulmira Somos Nós”. Fonte: <http://www.cdhic.org.br/?p=225>. Acesso em 22 de agosto de 2013.

Ato no Pátio do Colégio

À direita Marseu de Carvalho – Foto: Sérgio Koei

Álvaro Silva Pereira Bastos – Foto: Sérgio Koei

À esquerda Agostinho Francisco Martinho - Álvaro Silva Pereira Bastos – Foto: Sérgio Koei

Foto: Sérgio Koei

Foto: Sérgio Koei

Analisando a narrativa de Marseu, e de outros estudantes, notamos que o *caso Zulmira*, a convivência cotidiana na cidade, alguns episódios de discriminação que sofreram e a aproximação dos grupos ligados ao movimento negro lhe deu a percepção de que a questão étnica no Brasil ainda está ligada a um racismo velado que cresceu no campo fértil do mito da democracia racial e se mantém até os dias atuais. Isso fez com que se interessasse em conhecer outra realidade da cidade, a das comunidades carentes das periferias. Marseu, Álvaro e Agostinho atuam como voluntários em cursinhos populares nos bairros da periferia de São Paulo, participam ativamente de atos e mobilizações promovidos por essas entidades e proferem palestras sobre imigração africana, racismo e cultura angolana em universidades e seminários, com o intuito também de desestigmatizar a visão estereotipada que os brasileiros têm sobre o continente africano, associado, muitas vezes, como o lugar do atraso e da miséria, conforme narra Maria Fernanda:

Também procuramos nos vincular a algumas instituições, como o CDHIC, a EDUCAFRO, e participar de qualquer atividade no sentido de mostrar um pouquinho o que é Angola. Afinal de contas, o Brasil tem uma visão deturpada com relação à Angola e ao continente africano no geral. África é um continente que tem 54 países, mas o brasileiro vê África como um único país, uma coisa só. Então, sempre que temos oportunidade damos palestras quando somos convidados por instituições. (...)

O importante é mostrar que África não é um todo, que África é um continente que tem 54 países e que cada país tem a sua cultura. Engraçado que muitas vezes dentro do mesmo país tem diversas culturas! Também tentamos mostrar que África não é propriamente elefantes, girafas, matas e deserto; que em África também tem tecnologia, tem educação de qualidade...

Estar fora de seu lugar, conhecer outra realidade e engajar-se em movimentos que lutam por direitos e cidadania permitiu a Marseu repensar o seu lugar no mundo. Também possibilitou a crítica da estrutura político-econômica de seu país, ressignificando as noções pretéritas sobre o valor e o papel do Estado e da democracia como lugares de segurança, garantia e cuidado aos que vivem adversidades. Lembremos que o governo angolano, cujo governante está há 37 anos no poder e que reprime fortemente qualquer tipo de manifestação pública, está centrado numa política econômica voltada aos interesses das grandes empresas petrolíferas que exploram a riqueza advinda desse recurso, que concentrada nas mãos de uma minoria, enquanto que a grande maioria da população vive em total miserabilidade.

Viver na condição de imigrante para Marseu lhe deu a percepção de que ser estrangeiro é reinventar sua cultura e seus costumes e as dificuldades comuns fez com que organizasse com os seus e buscassem alternativas para ressignificação dos espaços e das relações, buscando outras configurações identitárias nesse novo contexto.

4. Considerações Finais

Para tratar do tema da imigração angolana em São Paulo, foram registradas experiências de indivíduos comuns, personagens anônimos que viram no ato de imigrar a busca por novas possibilidades e oportunidades de realizações pessoais e profissionais, frequentemente não oferecidas em seu país de origem.

Antes de migrarem, tinham suas ocupações, uns eram estudantes e vieram para o Brasil quando concluíram o ensino técnico, outros professores, funcionários públicos e trabalhadores de empresas privadas. A maioria é proveniente de municípios da capital Luanda e pertencem ao grupo étnico-cultural kimbundo, predominante na região, com exceção de Maria Fernanda, que é de origem ovimbundo e Neves que é bakongo. Em suas histórias notamos que a relação com a cultura de seus grupos é permeada pela tradição e modernidade. Essa geração foi criada num tempo em que falar as línguas tradicionais, por exemplo, era sinal de atraso, inclusive, poucos falam as línguas de seus grupos originais, principalmente os que residem em Luanda, entretanto, alguns costumes tradicionais são mantidos e praticados, como o respeito à hierarquia centrada na figura do mais velho, o alambamento - cerimônia de casamento tradicional -, e a bigamia.

Pelas narrativas, percebemos que muitos deles escolheram o Brasil, hoje representado como um país emergente, por diversos motivos: acordos de cooperação educacionais estabelecidos entre os dois países, intensificados no pós-governo Lula; uma política econômica de inserção das empresas brasileiras nos países africanos de língua portuguesa; o baixo custo oferecido pelas universidades privadas brasileiras, muitas delas de baixa qualidade, mas que garante aos estudantes uma formação no exterior, se tornando um diferencial na busca de melhores oportunidades de trabalho em Angola; familiares e amigos que migraram durante a guerra civil e se estabilizaram, possibilitando a vinda de outros imigrantes; a influência das novelas brasileiras que inseriu no cotidiano angolano novos comportamentos e costumes que hoje alimentam, inclusive, a vinda das comerciantes ambulantes que viajam para São Paulo à procura da moda usada pelas personagens das novelas. Ademais, no caso dos estudantes, esse comércio também se torna motivação, pois encontram possibilidades de comprar e enviar mercadorias aos seus familiares para serem revendidas em Luanda e, assim, complementam suas rendas e garantem sua manutenção na cidade.

Vale ressaltar ainda que a influência do Brasil em Angola também se dá através da inserção das igrejas evangélicas neopentecostais no continente africano (Igreja Universal do Reino de Deus, Mundial do Poder de Deus, Mundial Renovada e Igreja Evangélica Pentecostal Nova Jerusalém, entre outras). Segundo notícia publicada no jornal Folha de S. Paulo de 27 de abril de 2013, existem em Angola 230 templos da Igreja Universal do Reino de Deus e 30 da Igreja Mundial do Poder de Deus, com aproximadamente 500 mil fiéis e 70 mil, respectivamente. O aumento dessas igrejas nos últimos anos fez com que o governo angolano proibisse o funcionamento das mesmas no país por acreditar que “...essas igrejas brincam com as fragilidades do povo angolano e fazem propaganda enganosa”³⁰, conforme informou Rui Falcão, secretário político e porta-voz do MPLA.

Os angolanos, em seu imaginário, têm o Brasil como uma grande referência e, apesar das relações econômicas entre os países terem crescido nas últimas décadas, constata-se, por meio dos relatos, que existe um desconhecimento, pelos brasileiros, do que é África, mais especificamente Angola. Assim, as relações culturais entre os dois países acabam sendo apropriadas fortemente por apenas um dos lados.

Em muitos casos, a discriminação presente nas mais diversas situações cotidianas é reproduzida, tanto pela sociedade, como em algumas instituições públicas, como, o tratamento discriminado que recebem na Polícia Federal, por exemplo. Essa discriminação, resultado da hierarquização étnica, garante aos imigrantes próximos ao padrão europeu um maior acolhimento pela sociedade, evidenciando que ainda se privilegia o branco, europeu como o imigrante desejável.

Analizamos a convivência com outra realidade e a aproximação de alguns desses jovens com grupos ligados aos movimentos sociais, deram-lhes a percepção de que é por meio do engajamento, de mobilizações e reivindicações que os cidadãos conquistam seus direitos. Isso fez com que olhassem a estrutura político-econômica de seu país numa perspectiva diferenciada e mais crítica. Como dito nos capítulos anteriores, o governo angolano está centrado numa política econômica voltada aos interesses das grandes empresas petrolíferas internacionais e toda riqueza advinda desse recurso está concentrada nas mãos da minoria dirigente que não investe em infraestruturas visando o desenvolvimento social do país, mas sim em empresas privadas e na compra de imóveis

³⁰ “Angola proíbe operação de igrejas evangélicas do Brasil”, *In* Folha de S. Paulo, 27 de abril de 2013. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/04/1269733-angola-proibe-operacao-de-igrejas-evangelicas-do-brasil.shtml>. Acesso em 28 de outubro de 2013.

no exterior, enquanto a maior parte da sociedade vive em total miserabilidade. Vale mencionar que filha do presidente de Angola, que está há 37 anos no poder, foi considerada pela Revista Forbes a mulher mais rica do continente africano com grandes negócios dentro e fora de seu país.³¹

Se por um lado esses imigrantes puderam perceber as mazelas do seu país, por outro, o estar fora significou redescobrir e valorizar a africanidade, afirmando, desta forma, a identidade africana e angolana em terras estrangeiras. No país estrangeiro, reproduzem seus costumes e o modo de vida do lugar de origem quando estão reunidos no bairro do Brás, espaço da cidade com o maior número de angolanos em São Paulo.

Além disso, observamos nas narrativas que a maioria desses imigrantes tem, na expectativa do retorno, o desejo de contribuir de alguma forma para a melhoria das condições de seu país de origem em suas respectivas áreas de especialidade. Moisés Alves, em conversa informal, definiu com veemência esse sentimento quando me disse: “Teresa, abandonar o meu país seria o mesmo que abandonar uma mulher com filhos... Eu nunca faria isso...” Mesmo os indivíduos que pretendem ficar, pois acreditam que poderiam ter melhores condições de emprego ou até mesmo a oportunidade de montar um negócio, ou abrir um comércio, estão comprometidos com os *seus* em Angola. Alguns deles, por exemplo, disseram que se ficassem no Brasil viabilizariam a vinda de seus irmãos ou primos para cursarem o Ensino Superior.

A ideia do retorno também traz aspectos da tradição africana, ligada à ancestralidade e à necessidade de estar com os antepassados, como podemos verificar na narrativa de Moisés Alves:

Está no sangue de todo africano morrer no lugar onde nasceu. É uma honra ser enterrado no lugar que te viu nascer, estar ligado aos seus antepassados, esperar com eles a ressurreição e sentir-se parte deles. Sentir-se parte do lugar é como deixar um legado da própria identidade, é ser você mesmo e ser recordado (...). O estar disperso é nunca ser conhecido, é nunca ser lembrado.

O migrar propiciou a esses indivíduos perceber que ser estrangeiro é reinventar sua cultura na sociedade de destino e as dificuldades e os problemas de adaptação fizeram com que se organizassem e buscassem formas de reconfigurar e, muitas vezes, reproduzir os costumes e as relações vividas no país de origem, mantendo assim a identidade angolana no novo lugar. Mas, o que significa ser estrangeiro para cada um

³¹ Disponível em <http://www.forbes.com/profile/isabel-dos-santos/>. Acesso em 28 de outubro de 2013.

desses sujeitos? Como neste trabalho privilegiei as histórias dos indivíduos que viveram a experiência do processo migratório, devolvo a eles o direito à palavra para manifestarem o sentimento do que é ser estrangeiro para cada um deles:

Para mim, ser estrangeiro é ser um cidadão do mundo, mas tem um lado que é difícil... Ser estrangeiro é sofrer de saudade, principalmente quando tem alguns problemas que impossibilitam a sua ida de tempo em tempo. Ser estrangeiro é muitas vezes ser marginalizado... Dá um pouco de incomodo saber que quando você for falar, as pessoas vão notar que não é daqui. Tem pessoas que abraçam, mas as que repulsam... Eu não ligo para as pessoas que não me recebem bem, porque isso é natural, tem pessoas que são daqui e não se dão bem. Isso é uma coisa que é do homem. Mas a parte mais pesada de ser estrangeiro é viver distante da família, distante dos amigos, isso sim é muito difícil... (Agostinho Martinho)

Aqui eu me sinto estrangeiro! Principalmente quando vou a uma entrevista de estágio, existe sempre aquela admiração: “Você não é daqui.”. Obviamente, isso às vezes acaba criando certos questionamentos na gente e você acaba realmente se sentindo como um estrangeiro, como um *outsider*, fora do ninho. (Alexandrino Nunes).

Aqui, sendo estrangeiro, você percebe que as pessoas lidam com você com um pé atrás, percebe que as pessoas têm mais desconfiança do que confiança. Demora muito para você conquistar essa confiança, é difícil. Por exemplo, se tiver alguns brasileiros e você estiver lá, você vai conseguir lidar bem com um e não com todos, porque o resto não sabe quem você é, qual o seu comportamento... Até descobrir, você acaba passando por muitos filtros, toda pessoa com quem você vai lidar vai sempre tentar filtrar alguma coisa, tentar blindar de alguma forma. (Álvaro Bastos)

Ser estrangeiro no Brasil é passar algumas dificuldades, mas de uma forma geral é ajudar o Brasil a crescer também. Eu ajudo o Brasil a crescer, trabalho na construção civil e estou a dar a minha contribuição para o Brasil, em particular para São Paulo. (Luís Bastos)

Às vezes quando bate mesmo a saudade... A tua casa, a tua terra, o teu povo, a tua língua é a tua língua... Como disse o nosso primeiro presidente da república: “Mas havemos de voltar...”. As nossas mulembas, as nossas comidas, a nossa cultura, o nosso povo, até o ar que você respira... Eu me sinto estrangeira aqui, o ar... tudo é diferente... a forma do sorrir do meu povo é diferente dos daqui. Então, eu sou estrangeira, eu me sinto estrangeira aqui no Brasil! (Maria Fernanda)

Estrangeiro, como a palavra já diz, é estranho. Você é uma pessoa estranha. Ser estrangeiro, na realidade, é se encontrar no meio de uma sociedade que você desconhece, de uma cultura que você não sabe nada, ou seja, ser estrangeiro é renascer, é nascer de novo, começar do zero. Sair de um lugar para o outro é recomeçar, aqui você vai ter que fazer amigos, fazer irmãos dentro dos amigos, ter uma casa para morar, ter um trabalho, ter uma escola, formar uma opinião baseada naquela sociedade, porque eu não posso ser altruísta, sair de um lugar específico e trazer a mesma opinião. Tenho que balançar as coisas, saber que nesse lugar agem dessa forma por causa de certas situações. Como eu saio de um lugar e vou para outro, tenho que aprender a agir com essas situações. Isso é um renascimento. Eu defino ser estrangeiro como ser um renascido, um cara que aflorou num outro lugar e tem que aprender a sobreviver onde ele nasceu. (Marseu de Carvalho).

Para além da pesquisa...

Durante os dois anos de pesquisa e redação deste trabalho, adquiri conhecimentos e vivi experiências até então desconhecidas. Estudar e recuperar as tradições e costumes de uma comunidade africana que vive em São Paulo me fez, mesmo que indiretamente, compreender as minhas origens, ainda que perdidas na memória de meu avô materno, que não cheguei a conhecer, emigrado de um país africano que desconhecemos qual seja.

Além de entrevistados, minha relação com os colaboradores dessa pesquisa se transformou em amizade. Esses indivíduos confiaram suas histórias a uma estranha, mas, reconhecendo a seriedade do trabalho, falaram, contaram passagens de suas vidas perdidas até mesmo em suas memórias. Ao final da conferência de cada uma das entrevistas, notei que ficaram surpreendidos com o que narraram e emocionados ao ver suas histórias transcritas e impressas num papel.

Fui acolhida pelo grupo: participei de festas, comi suas comidas, que também não são as mesmas feitas em Angola, porque alguns ingredientes não existem no Brasil e são substituídos, como o kalulu, por exemplo, em que a gimboa é substituída por espinafre; arrisquei alguns passos da dança Kizomba, aprendi algumas gírias, dentre outras experiências. Muitas vezes, senti-me estrangeira em meu próprio país pela dificuldade de entender algumas falas, gírias e brincadeiras, mas, a cada encontro

aprendemos um pouco mais, eu com eles e eles comigo. Compartilhamos conhecimentos... Na diversidade nos tornamos iguais.

Penso que, a inter-relação entre os grupos aponta para novos modelos que desafiam o conhecimento a aspirar uma cidadania global, baseada na “interculturalidade” étnica e cultural entre os povos.

5. Apêndice - Outras histórias...

Como afirmado na introdução deste trabalho, durante a pesquisa foram realizadas onze entrevistas, das quais os textos finais de quatro delas foram apresentados, na íntegra, nos capítulos anteriores. A seguir compartilhamos as demais histórias de vida, garantindo, assim, o seu caráter público que possibilitarão futuras pesquisas, uma vez o tema tratado nesta dissertação não se esgota neste trabalho.

Agostinho Francisco Martinho

Quando a pessoa migra, está em busca de melhores condições

Em primeiro lugar, eu que agradecer à Teresa porque eu acho que é sempre bom fazer parte de algo que vai contribuir para a melhoria de alguma coisa, principalmente quando tem a ver com a academia... É sempre bom. O Agostinho Neto, ex-presidente de Angola, dizia que estudar é um dever revolucionário, e isso vinha escrito em todos os nossos livros primários.

Eu sou Agostinho Francisco Martinho, filho de Ana Francisco Martinho e de Antunes Fernandes. Repara que no meu nome não tem o nome do meu pai, mas sou filho deles dois! Essa é uma história também... Eu sou o terceiro filho da relação dos meus pais, éramos um total de cinco, mas morreu um. E aconteceu o seguinte: na altura em que eu nasci o meu pai era das FAPLAS, e estava cumprindo serviços militares fora de Luanda, e não pôde me registrar como filho. Eu nasci no bairro do Rangel, rua Sangue e Furia, casa nº 19 RA145, província de Luanda. O Rangel é bem perto da Precol, um bairro tradicional que é um pouco mais avantajado e que houve planeamento. Eu estava numa parte bem mais suburbana e desarranjada, bem perto de um mercado a céu aberto chamado Tunga Ngo, que no nosso dialeto quimbundo significa confusão.

Posso dizer que a minha infância também foi um pouco atribulada, com muitas confusões! Tínhamos muitos tipos de brincadeiras com os amigos. Como os nossos recursos eram muito ínfimos, nós tentávamos inventar os brinquedos e fazíamos com muita criatividade. Na altura, quem tinha um brinquedinho era gente fina. Eu me

recordo que algumas vezes nós íamos num bairro perto do Rangel, próximo ao mercado congolense, onde havia uma zona residencial dos ditos cubanos, que eram cooperantes naquela altura. De tempos em tempos, eles deixavam alguns pertences que já não achavam úteis, e dentre aquilo tinham coisas que nós achávamos que seria útil para serem nossos brinquedos. Muitas vezes jogavam brinquedos que acredito ter sido dos seus filhos, por exemplo: um boneco do homem aranha ou do super-homem.

Era uma coisa muito elevada ter um brinquedo industrializado, porque os nossos brinquedos eram artesanais. Nós fazíamos brinquedos com lodo, que é um tipo de argila fácil de ser moldada. Então, fazíamos as configurações básicas de um homenzinho no lodo e colocávamos no sol para secar. Ao invés de ter carrinhos industrializados, nós fazíamos carrinhos de lata. E era assim, nós inventávamos com os nossos próprios materiais para brincar! Aqui eu vejo muitas pipas, lá nós chamamos papagaio, e também fazíamos os nossos... Era uma coisa muito divertida e boa de fazer.

Como eu tinha dito, o meu pai foi militar. Ele trabalhou nas FAPLAS como soldado e depois conseguiu ser motorista, levava as infantarias. Tem uma coisa sobre o meu pai que é engraçada. Teve uma época que o exército fazia recolhimento compulsório de pessoas para cumprir o serviço militar. Muitas das vezes, o meu pai ia lá no meu bairro para recolher os jovens, e isso fazia com que eles não gostassem dele! Falavam que ele era um senhor muito armado, muito metido! Ele tinha a fama de Che Guevara porque era muito rígido. Eu não tive um convívio muito familiar com ele porque ele vive separado da minha mãe há mais de 23 anos e eu não me recordo de ter tido uma infância com ele. Eu o via como um estranho porque houve uma intervenção da parte da mãe quanto à visão que se tinha dele... E houve outros acontecimentos também não muito agradáveis para uma criança... Era mesmo estranho, triste, não sei como descrever...

A minha mãe sempre trabalhou com pastelaria. Lá para 1989, 1990, ela foi trabalhar no hotel Panorama, trabalhou lá acho que três ou quatro anos na área da cozinha. Mas me parece que antes disso ela trabalhou numa creche estadual cuidando de crianças. Só que o Estado privatizou tal creche e por isso ela foi trabalhar no hotel Panorama. Mas já faz muito tempo que ela não trabalha no serviço público ou em empresa. Como ela cozinha, faz bolos e vende de forma ambulante na rua, praticamente é assim que ela sobrevive. Chama-se Ana, o meu amor!

O meu grupo étnico-cultural é quimbundo, mas não falo nada! Eu não falo porque nasci em Luanda e lá praticamente não se falam as línguas nacionais, nem na escola e nem na rua. Os meus pais também falavam com muita dificuldade, eles apenas entendem. As pessoas que tinham possibilidade de nos passar eram os nossos avós, mas eles passavam pouco tempo na cidade, eles viviam no mato, cultivando, vivendo uma vida que gostavam e que tinham costume. Por isso, tivemos pouco contato com a língua nacional. É uma palavra ou outra que você sabe, uma saudação, uma ofensa, alguma coisa assim... Às vezes te perguntam: “Como se diz isso?”. Você sabe, mas como não pratica, não lembra...

A minha família é bem pobre, mas nunca se deixou cair nas margens das leis. Os meus avós são analfabetos, mas conseguiram direcionar os seus filhos para que pudessem se formar. Eu falo particularmente da família da minha mãe porque eu cresci praticamente na casa dos meus avós maternos. Sempre houve uma rigidez quanto à formação. Os meus tios sempre foram interessados em estudar, então sempre deram incentivo quanto à educação. Mesmo na província de origem dos meus pais, o Kwanza Sul, município de Libolo, aldeia de Kalulu, tem um avô, chamado de avô Martinho, que é praticamente o educador daquela aldeia. E fez mesmo uma geração de professores. Eu tive um tio, o tio Lucas, que foi professor do ensino de base e do ensino médio, só que ele faleceu depois de se formar no ensino superior. Então, em casa sempre se incentivou a educação, sempre nos botaram na linha quanto à escolaridade.

O ingresso na escola sempre foi um pouco difícil, mas com a influência do meu tio deu para entrar, não tão cedo quanto tinha que ser, mas no tempo que deu para entrar. Só uma curiosidade: eu, quando comecei a estudar, fui para a segunda classe sem fazer o pré e a primeira classe, porque eu já estava numa idade adiantada. Mas, com a preparação que eu tive em casa, entrei na segunda classe sabendo de muitas coisas, inclusive sabendo ler, porque tinham pessoas que me preparavam: o Lucas, o Teixeira, o Agostinho... Foi por isso que a escola não viu problemas em me enquadrar direto na segunda classe.

A escola era pública. Naquela altura, em 1993, não tinham muitas escolas privadas, nunca tinha ouvido falar. Era uma escola bem perto de casa, para uma criança era uns dez minutos andando, era só descer o beco, atravessar uma rua, continuar por ela e logo chegava à escola... Aquela escola estava no Comissariado Municipal do Rangel e se chamava Comissão do Bairro. Lá eu fiz a segunda, a terceira e a quarta classe.

As instalações da escola eram boas, acho que foram deixadas pelos colonos, mas os serviços eram precários e a escola foi se degradando com o tempo. Acredito que quem estudou lá tempos antes encontrou melhores condições do que eu. Eu me recordo que na altura não existia cadeira para sentar, mesa e nem carteiras, não tinha nenhum tipo de conforto. Eu levava uma lata, lata de leite Nido, colocava o caderno e os livros dentro da lata e ia para a escola. Chegava à escola e, com um metal ou uma chave, abria a lata, tirava os materiais, sentava na lata, apoiava o caderno na coxa e escrevíamos o que a professora ia passando! Há pessoas que pegavam blocos de concreto, cada um arrumava um jeito para sentar da forma mais cômoda que pudesse. Em algumas salas, você até encontrava uma ou outra carteira, mas o dono da carteira tinha que ser muito forte de lábia ou fisicamente, porque senão enfrentaria um trator de meninos para pegá-la! Hoje é engraçado, mas naquela altura...

Mas tinham algumas salas, das classes mais elevadas, como a da quarta classe, eram as salas com maior quantidade de carteiras na escola, e os alunos podiam sentar um pouco mais acomodados. Eu acho que nas escolas da cidade já tinham carteiras, por quê? Porque depois de passar para a quarta classe houve uma entrada de carteiras e acho que vinha de outra escola. Eles viam que aquilo não era útil e mandavam para as escolas da periferia. E chegavam lá as carteiras, umas num estado aceitável e outras bem deploráveis... Você sentava na carteira, mas tinha que fazer um jogo de cintura para se equilibrar! Mas pelo menos você estava sentado numa carteira, tinha aí a mesa, era uma alegria!

Uma das questões que me fez ficar triste no ensino de base, da primeira até a quarta classe, foi uma vez que o meu professor da terceira classe chamado Mussoki, na Comissão do Bairro, veio nos trazer uma notícia que entristeceu todos os alunos da sala. Acho que foi em 1994 ou 1995. Ele veio com um semblante muito sério e triste e falou: “Olha, meus queridos alunos, hoje será a última vez que eu vou lhes dar aula porque os professores já não vão trabalhar.”. Acho que foi a primeira vez que tinha se registrado greve de professores em Angola. Ficamos aproximadamente um mês ou dois sem estudar.

Então, foi uma das coisas que mais me entristeceu na minha carreira estudantil, principalmente por ser no ensino básico. O professor chegou lá arrasado e os alunos saíram mais arrasados ainda porque você cresce e faz amizade. Eu falava: “Puxa, nunca mais vou ver os meus amigos, o Diniz Malebo Dala, o Nhanga, o Pascoal, estudamos

desde a segunda e estamos a terminar a terceira, estamos a nos despedir dessa forma, nunca mais vamos nos ver... A Nazaré, aquela primeira paixão da escola, a professora mais bonita...”. Foi uma coisa que mexeu bastante conosco, mas foi uma questão que se ultrapassou e meses depois vieram anunciar que no ano seguinte continuaria a vida acadêmica. Foi uma alegria, todas as crianças com os calções rasgados, corremos de volta às aulas... Foi eufórico! Foi uma sensação muito boa!

A quinta classe eu estudei na escola Ekuikui II. E acho que foi muito boa a experiência que tive lá. Tive professores excelentes, bons professores mesmo! Foi a primeira vez que entrou no leque das disciplinas a Educação Moral e Cívica. O professor chamava-se Pacavira, era um *playboy* na escola, mas também era um excelente professor, porque ele ensinava com paixão e nos fazia ver quais eram as coisas certas e erradas, nos ensinava as coisas da vida real, as formalidades e as exceções para que tivéssemos uma vida e uma convivência saudável.

Eu nunca fui bom aluno em Matemática, nunca gostei. Sempre que se falava de Matemática, dava uma dor na barriga. Mas sempre fui apaixonado por Ciências da Natureza, História, Geografia. Até fui um aluno destacado, modéstia à parte, porque era muito dedicado. Eu nunca tive muito jeito para desenhar, a disciplina de EVP - Educação Visual Plástica, era praticamente uma diversão, fazia os desenhos apenas para cumprir a formalidade de ter que entregar o trabalho.

Mas aí fomos indo, sempre criando uma relação saudável com os colegas... A sexta classe também foi boa. Tínhamos um professor na altura chamado Dundão, ele era grandão, era o professor que amedrontava todos os alunos! E teve uma coisa muito legal durante a sexta e a quinta classe lá no Ekuikui II: todos os dias tinha o momento de formatura em que todos enfileirados, cada um na fila da sua turma, cantávamos o hino nacional antes de entrar na sala. E também sempre tinha uma mensagem. O coordenador do turno tinha sempre uma mensagem a passar para os seus alunos, e as pessoas saíam dali conscientes, uns nem tantos, outros pegavam um pouco mais... Mas foi um tempo muito bom porque deu para começar a perceber um pouco da vida...

Depois eu estudei numa escola chamada Sagrada Esperança, também no município do Rangel, lá fiz a sétima e a oitava classe. Era uma escola bonita, pequena, as instalações eram boas, mas sempre pecando nos serviços, principalmente no sanitário, os banheiros eram insuportáveis. O curioso é que em todas essas escolas não tinham empregados para limpeza. Os próprios alunos é que faziam a limpeza dos

setores, tanto na escola da Comissão do Bairro quanto na Sagrada Esperança. Muitas das vezes deixavam acumular tanto lixo que tinha que se fazer uma limpeza geral no final de cada mês ou no final de cada trimestre. Trimestralmente se fazia uma limpeza compulsiva mesmo, pegavam-se todos os alunos e saíam limpando a escola por completo. Foi uma época muito boa na vida estudantil. Mas o lado social, na realidade, sempre foi um pouco mais crítico e muito mais triste, porque durante esse tempo se viveu muita guerra no interior do país e houve uma migração muito grande de pessoas para Luanda.

Uma coisa positiva foi conhecer familiares que eu não conhecia. Era bom porque as casas ficavam lotadas! Era um monte de primos chegando, tios, eles vinham de longe e ficavam em casa. Isso foi uma alegria, tinha mais pessoas para brincar, para bagunçar e fazer as coisas de uma forma mais divertida! Mas, com o passar da idade, nós começamos a sentir as dificuldades disso, porque íamos crescendo e os espaços já não eram suficientes para suportar tantas pessoas numa casa. As casas já eram precárias em termos de materiais de construção e equipamentos de instalação mesmo. Muitas não têm um banheiro que garante a higiene necessária, uma cozinha adequada... E viveu-se muito isso. Nas casas, você via que uma cozinha deixava de ser uma cozinha para ser um quarto, a cozinha se transferia para a sala de estar ou para a sala de jantar – nesse caso daqueles que tinha uma casa muito maior –, ou então as cozinhas saíam de dentro de casa e se transferiam mesmo para quintal, cozinhando em fogareiros. Tudo isso para acolher as pessoas que chegavam.

E também era triste ver que as escolas não tinham como acolher tantos alunos, as salas começaram a ficar superlotadas... A procura era muita e isso também causou muita dificuldade tanto na transmissão quanto na receptividade da informação do aluno. O professor tinha problemas para controlar o número de alunos e avaliar de uma forma adequada para que o aluno crescesse positivamente numa vida acadêmica. Posso dizer que foi um explodir de maldições...

Uma das coisas mais tristes da educação em Angola é a corrupção, tanto para o ingresso no ensino de base quanto para outros níveis. Se você não tivesse um conhecido ou um familiar que dava aula ou que trabalhava em algum setor da escola que garantisse vaga, praticamente corria o risco de não estudar. Para ultrapassar tal risco, você tinha que se preparar muito bem monetariamente para conseguir pagar alguém, fossem

professores ou empregados da limpeza, para que abrissem um corredor para te inserir no sistema escolar. Então, foi muito triste para a educação do nosso país.

E, como tudo se reflete, a vida social dos professores também não era das melhores, havia muitos problemas de pagamentos, eles sempre estavam ameaçando entrar em greve... Isso gerou uma cultura de corrupção nas escolas públicas, porque havia até muitos alunos preguiçosos que tinham que pagar para serem aprovados, mas também tinham muitos professores maus que passaram a cobrar dos alunos para passar. Então, foi-se cultivando isso e hoje há uma cultura da corrupção praticamente generalizada. No ramo da educação, é muito acentuada. As dificuldades sociais dos professores fizeram com que eles caíssem na tentação. Mas muitos professores, na sua própria maldade, também se fizeram usufruir dos bens amedrontando os alunos, de modo que, se eles não pagassem, não passariam de ano. Então, essas são as partes mais tristes, melancólicas e angustiantes na vida de um acadêmico.

Eu entrei no ensino médio, fiz o ensino técnico de Topografia no Instituto de Geodesia e Cartografia de Angola, o IGCA. Esse instituto pertencia ao Ministério da Defesa, porque a maioria dos alunos e professores era militar. E naquela altura em que a guerra era muito efetiva, muitas pessoas se refugiavam no IGCA para, se um dia entrar na vida militar, não entrar num grau muito baixo, tipo um soldado raso que vai à frente da batalha. Então, entrar no IGCA já lhe dava alguma condecoração, porque, mesmo que fosse para a guerra, ele teria uma patente mais elevada do que uma pessoa que praticamente não tinha nenhum grau de escolaridade ou que tinha outro tipo de formação.

Na altura em que eu entrei, já estava se dissolvendo o tradicionalismo de ter apenas filhos de militares, já era mais aberto. Na realidade, não era tão aberto assim, porque para você entrar tinha que ter algum conhecido dentro que conseguisse a vaga. Eu recordo que o tio Luis, esposo da minha tia Maria, tinha uma irmã que trabalhava no IGCA; então ela fez o contato com o diretor, na altura o senhor Dorotea, para ver se conseguia uma vaga para mim, porque eu já tinha tentado outras escolas e não tinha conseguido. Eu tinha o desejo de fazer Psicologia quando era mais jovem. Também poderia fazer Jornalismo, porque eu era fã de um repórter da TPA que era muito bom.

O meu desejo era entrar no IMEL, que era o Instituto Médio de Economia de Luanda, onde tem o curso de Jornalismo. Mas não consegui. Tentei o PUNIV – Pré Universitário, também não consegui porque não tinha conhecidos. Na altura, o meu tio

que era acadêmico – tinha uma bolsa e estudava na Rússia – estava sem nenhum corredor³² para eu entrar nas escolas em que ele tinha alguns contatos. A distância dele prejudicou porque naquela altura os telefones não funcionavam bem, e para uma carta sair da Rússia e chegar em Luanda já teria passado o período de inscrição.

Enfim, eu consegui entrar no IGCA por via do esposo da minha tia. Eu me recordo que se pagou U\$ 50,00 na altura! Fiz o curso de topografia. O curso era muito bom, a escola também era boa, tinham bons professores, mas o problema na realidade é mesmo a corrupção da instituição. Eu vivi um ano de frustração porque teve um ano letivo que me reprovaram. Eu falo isso mesmo, me reprovaram de propósito! Me reprovaram porque eu não paguei! Eu sabia que tinha habilidades e que não tinha problemas com as demais disciplinas que me impediam a não transitar de ano. Eu tinha as minhas dificuldades, por exemplo: Estatística, Matemática e Álgebra não eram meu forte, mas as demais disciplinas eu saía avantajado. A corrupção na instituição era tão grande que muitas vezes, por mais talento que você tivesse você ficava. Ou tinha que ser um extraordinário, como alguns alunos colegas que eu tive, tipo o Décio, o Adérito, que eram pessoas que levavam todas as disciplinas com nota 19, 17; eram alunos *top*. Nem todos tinham aquela capacidade. Mas também eu não tinha tantas dificuldades para me reprovarem.

E, assim, as pessoas estão tão conscientes que no final do ano tem que preparar um dinheiro para pagar. A minha tia me perguntava:

— Mas, Maninho – essa é a forma que me chamam em casa –, como é que é neste ano?

— Não, tia. Relaxa que eu tô levando tudo muito bem, não tenho problema de reprovação.

— Mas não achas que por segurança é melhor preparar?

Eu disse por fim:

— Não, tia. A tia não me vê a perder tempo aí? Deixo de assistir TV com vocês na sala, fico no quarto para estudar mais um pouco e passar o dia inteiro na escola, fico fazendo os trabalhos para ver se tenho um desempenho positivo! Então, tia, pode ficar relaxada que eu vou aprovar.

Na minha inocência, não acreditava que poderia ser reprovado... No dia em que eu vi a lista, vi “reprovado”. Eu comecei a rir, ri até me faltar porque eu sabia que não

³² Corredor no sentido de não ter alguém influente que facilitasse algo.

tinha tirado aquelas notas. Eu pensei: “Tem um jeito de ultrapassar esse problema, pegando as minhas provas e indo no setor pedagógico para ver se corrigissem esse engano.”. Saí de lá calmo, confiante de que eu tinha sido aprovado. Isso foi quando eu estava a fazer o terceiro ano, o curso era de quatro anos. Só que, quando eu consultei o setor pedagógico, me falaram que eu tinha que sentar com os professores com quem eu achava que não tinha tirado aquelas notas. Como já estávamos de férias, os professores também estavam de férias, quer dizer, enrolaram bastante para não ter esse encontro. Eu falei:

— Não, com as notas dá para se justificar.

O diretor pedagógico disse:

— Então traga as suas provas.

Aí eu levei as provas e ele falou:

— Na realidade essas notas que você apresentou conferem, mas agora cadê a terceira e quarta avaliações antes da prova semestral? – no IGCA era semestral.

— Não professor, nós tivemos duas avaliações. – eram duas avaliações do professor e uma que vinha do Ministério da Educação ou do Ministério da Defesa, até fico perdido porque lá era uma escola militar.

Disse isto a ele, que eram duas avaliações de professores e que tivemos uma prova oral. As provas orais tinham testemunhas porque muitas vezes estudamos em grupo e as notas eram dadas no momento. Ele falou:

— Não, não confere porque aqui tem tantas avaliações, eu não posso fazer nada.

— Não pode fazer nada? – perguntei.

— Não posso fazer nada, o professor não está aqui...

— Isso quer dizer o quê?

— Isso quer dizer que vais ter que ficar um ano em casa sem estudar a vir fazer cadeiras...

— Puxa, ter que fazer cadeiras?!...

Eu acho que aquele foi um dos piores dias, não um dos dias mais tristes, mas um dos piores dias porque eu saí do IGCA até o bairro dos CTT chorando... No táxi, eram lágrimas que caíam direto... Cheguei em casa, sentei no muro do quintal abanando os pés e chorando, chorando profundamente... Quando se passou o tempo que eu tinha para fazer o recurso, que eu não fiz, disse: “Não vou estudar. Não estudo mais! Pra que estudar se as pessoas não são honestas, se os professores não são honestos? Eu sei qual

é a minha capacidade. Se for para fazer esse papel, eu ia só na escola e não perdia o tempo de me matar para apresentar trabalhos, ter que deixar de gozar os meus prazeres com a família e com os amigos para estudar...”. Assim, eu perdi muito o desejo dos estudos, eu falei: “Não, eu fico por aqui, não estudo mais!”. Fiquei um ano sem fazer as cadeiras, mas depois os familiares me convenceram:

— Maninho, você tem que ultrapassar isso, tens que estudar, tens que fazer o que você gosta. Vai, recupera.

— No IGCA, eu não vou estudar.

— Mas você já está no terceiro ano, é melhor você voltar para a mesma escola, pegar essas cadeiras e repetir o ano. Não cai na jogada deles, pelo menos terminas o teu ensino.

Como era muita a insistência, disse:

— Epa, vou lá!

Fui lá terminar a minha trajetória, me interessei um pouco mais por Matemática – sinceramente, eu era muito desleixado quanto às disciplinas do campo da Matemática, a própria Matemática, Estatística e Álgebra – para ver se me fortalecia e não deixava mais um espaço para dizerem que eu reprovei. E estudei, voltei a fazer o terceiro ano, terminei, depois fiz o quarto ano... Mas no terceiro ano eu voltei a não pagar, falei: “Não, ou me engolem ou eu vou fazer alguma coisa assim, no final de cada semestre eu vou atrás do professor enquanto ele não entrou de férias, vou pedir reunião no setor pedagógico.”. E assim aconteceu. Graças a Deus, não paguei nada e aprovei. Mas eles sabiam que eu era um aluno inconformado, que não me contentava mesmo...

No último ano, fizemos um grupo, que era um dos grupos bem destacados da escola, e quando você se destaca é difícil te botarem pra baixo. O Armindo, o Adilson..., nós estudávamos bastante, até porque estávamos a nos preparar também para entrar na Faculdade, estávamos a fazer um preparatório direto. Falamos: “No quarto ano, vamos nos preparar para ver se concorremos no próximo ano na Faculdade de Engenharia da Universidade Agostinho Neto.”. A nossa preparação foi muito forte.

De princípio, estudávamos por conta, mas lá para novembro, depois de terminar o ano letivo, porque o concurso de ingresso na Faculdade era feito em janeiro ou fevereiro, nós entramos num cursinho preparatório. A maioria dos preparatórios era oferecida por alunos que passaram pelo IGCA e que estudavam na Faculdade de Engenharia, que era uma instituição mesmo colada à escola. Nós já tínhamos uma

relação bem amigável com eles e não custou tanto em termos de dinheiro, foi mais afinidade e eles saberem que estávamos interessados em fazer tal universidade, havia muita solidariedade. Eu, como era fraco na Matemática, me juntei com aquelas pessoas que eram craques para ver se exterminava a debilidade que eu tinha. E foi um tempo bom. Preparamos-nos para entrar na Faculdade de Engenharia, que é uma das faculdades mais difíceis lá em Angola. Do nosso grupo, só conseguiu entrar uma pessoa.

O Adilson e eu entramos condicionados. Uma pessoa que entra como condicionada tem maior probabilidade de não conseguir aprovar em relação a uma pessoa que entra normal, porque o condicionado não pode deixar nenhuma cadeira enquanto cursa o primeiro ano. Naquela altura, o meu lado social estava muito decaído e eu não tive muitas opções. Eu fui duas semanas na faculdade, mas desisti logo, porque fazendo a Faculdade de Engenharia você não faz mais nada, ou estuda ou estuda, você tem que ser bem apoiado financeiramente. E nós não tínhamos tal recurso para conseguir sustentar os estudos.

Bom, aí fui trabalhar. Eu vendia telefones para o meu tio que mora aqui em São Paulo até hoje. O meu tio sempre mandou coisas daqui, roupas, calçados, ele fazia esse negócio com as irmãs que vendiam lá no mercado. Mas eu não tinha aquela vida de vender no mercado, era mais com contatos, na rua, coisas do tipo. Como foi na altura que a telefonia celular começou a entrar e a render mais um pouco para os bolsos, então ele optou em mandar telefones para eu revender em Luanda.

Até que houve um concurso público no Ministério do Território no governo da Província. Mas o que acontece? Era muita gente para poucas vagas. Naquela altura em que eu fui fazer a inscrição, encontrei uma pessoa do bairro que trabalhava no governo da província – chama-se até Antônio – e falei:

— Antônio, qual é a possibilidade de me ajudar!

Olha Maninho, sinceramente vai ser difícil, mas eu vou ver o que eu posso fazer. É bom que você estude isso que está aqui e venha preparado.

— Vou concorrer para trabalhar na área técnica.

Ele me deu o *kit* e fui me preparar. Quando eu fui ver na pauta, tinha sido aprovado. Não sei se foi a ajuda do tio Antônio ou se foi a minha habilidade, mas eu acho que o tio Antônio ajudou bastante! Ele é uma pessoa que eu tenho muita gratidão até hoje, porque, se não fosse aquele emprego, eu acho que teria sérias dificuldades para

prosseguir... Porque depois que eu consegui entrar nesse trabalho, morreu uma das pessoas que mais dava apoio acadêmico, que é a minha tia Maria... Ela faleceu deixando quatro filhos... Ela era a pessoa que mais me apoiava, para além do tio Berg que morava aqui.

Por questões pessoais e de solidariedade para com a minha mãe, eu não gostava que ela trabalhasse por mim, porque ela levava uma vida muito mais humilde que as outras pessoas da família. Então, eu vivi muito tempo com a minha tia Maria e me apeguei muito a ela e aos filhos dela também. O seu esposo, na altura, trabalhava nas províncias e não estava em Luanda, e o trabalho dele também não era muito bem remunerado, não dava para ajudar tanto. Então, quando ela morreu, eu fiquei praticamente o responsável das crianças, dos meninos... Foi uma fase mesmo muito complicada para mim, eu acho que tinha 18 anos. Foi muito complicada mesmo, mas graças a Deus consegui o trabalho.

Comecei a trabalhar no governo da província. Trabalhei lá por dois meses e depois fui transferido para o município Cacuaco, que era mais distante. E aí havia muito mais biscatos, ou seja, mais bicos, porque o salário da função pública também não ajudava em nada. Eu não entrei na categoria que concorri, eu fui praticamente enquadrado, entrei como operário qualificado, não entrou como técnico mesmo. Então, nessa categoria eu ganhava quase U\$ 100,00, era muito pouco. Mas como saía o meio da sobrevivência? Era com os trabalhos extras que apareciam dentro da administração. Como era na área técnica da prefeitura, tinham pessoas que iam pedir regularização de casa. Para cada deslocamento cobrava-se uma taxa para fazer um croqui de localização, cobrava-se também o serviço de fazer o projeto de casa, porque lá também trabalhavam muitos engenheiros e arquitetos. Então, todos esses serviços é que serviam praticamente de ponte para eu conseguir me sustentar, tanto a mim quanto aos demais.

Foi aí onde se desenvolveu a paixão e o desejo de fazer Arquitetura, embora eu estivesse saindo do IGCA e fugindo da Matemática porque não era muito o meu forte. Na Arquitetura, não tem a Matemática assim tão forte quanto lá na Faculdade de Engenharia; o conteúdo da Física é o mesmo, mas o grau de dificuldade dos exercícios é muito inferior para quem vai fazer a Engenharia Civil ou outra área da Engenharia. Mas depois, já trabalhando, para além de fazer levantamentos topográficos e coisa do tipo, eu ganhei essa paixão pela Arquitetura. Desenhar casas, fazer projetos era algo que eu gostava. Por solidariedade dos colegas e também por falta de tempo deles projetarem, e

como eu aprendi as técnicas de desenho no IGCA, dava para fazer desenhos técnicos, projetar casas, fazer coisas do tipo. Isso aí complementava as finanças para me sustentar e ganhei a paixão pela Arquitetura. Por isso eu pensei: “Vou fazer Arquitetura quando eu entrar no ensino superior.”.

Não tinha a opção de estudar o ensino superior, mas o meu tio que morava aqui falava:

— Maninho, se a gente puder, você vem um dia para estudar Arquitetura aqui no Brasil.

Mas era praticamente um sonho, eu falava:

— Se puder, vou, mas eu vou criar condições de estudar aqui, porque também vou estar com os meus e vai ser mais fácil de ajudá-los.

Então, eu pensei: “Vou estudar numa universidade privada, já que o tempo de ensino não é tão extenso.”. O tempo de ensino é o mesmo, mas a dedicação aos estudos é muito inferior em relação à instituição pública, o grau de dificuldade é bem inferior. Então, eu tentei no ISPRA – Instituto Superior Privado, hoje chama-se UPRA, Universidade Privada de Angola, e entrei, mas só que comecei a ter problemas financeiros e não consegui continuar.

Depois que me reestruturei, pensei em entrar em outra universidade, que é a Metodista de lá. Mas só que teve um problema, o lado social da minha mãe que estava a viver de aluguel. Falei: “Puxa, eu acho que me dou o direito de trancar de novo a faculdade e ver se consigo tirar a minha mãe do aluguel e depois vou fazer a minha vida.”. Tranquei e terminei a casa que a minha tia tinha começado a construir. Eu pensei: “Se eu terminar aquela casa, pelo menos a minha mãe vai ficar bem com os meus primos, aí eu vou ter autos sustentabilidade para eu levar a minha vida à frente.”.

E assim foi, terminei de construir a casa, já estava bem encaminhado, até que surgiu a proposta de vir estudar aqui. Eu trabalhava e estava a fazer aquela obra, foi uma opção muito difícil para ser tomada. Naquela altura, tinha um tio que falava comigo:

— Puxa, Maninho, por que é que você não compra um carro?

— Não, eu não compro um carro porque a avó tinha casa, mas não tinha conforto. A avó e a mama põem a cabeça no travesseiro com dignidade, mas sem conforto. Então, eu vou deixar de comprar o carro. Também não vou estudar esse ano para terminar a obra que a tia Maria deixou.

— Puxa vida, mas seria bom se você comprasse, eu vou te ajudar.

— Não, é complicado. Depois tenho que gastar U\$ 2.000,00 no carro, U\$ 1.000,00 para desalfandegar, depois tratar os outros documentos, é um dinheiro atrás do outro, não, eu me programei e assim vai ser.

Só que surgiu a oportunidade de vir estudar aqui, porque abriram-se as portas para o Berg e ele disse:

— Esse é o tempo adequado para você vir.

Eu estava a trabalhar e falei:

— Puxa, vou ter que deixar tudo...

Foi difícil tomar essa decisão! Eu pedi opinião até aos colegas de trabalho, eu tinha até uma boa relação com o arquiteto Crespo, o Alex e eles até me aconselharam: “Olha, Agostinho, se você for, vai, mas para fazer um curso técnico, algum curso de computação gráfica, porque, se você for e fizer um curso técnico rápido, você vem e consegue um bom salário.”. Mas só tinham dois jovens recém-formados, que são a Josina e o Helder, que também eram meus amigos e tinham acabado de sair da Faculdade de Arquitetura lá. Eles falaram: “Agostinho, eu acho que essa oportunidade não vai voltar a bater à sua porta, e eu sei o que é estudar aqui...”.

Então, eu cheguei à conclusão que tinha que sair para estudar Arquitetura porque foi o conselho da Josina e do Helder. A Josina era recém-formada também, praticamente há dois anos, mas o Helder ainda tinha pendência para sair da Faculdade de Arquitetura lá em Luanda, por quê? Ele até já tinha terminado o seu trabalho de conclusão de curso, mas estava atrás do professor para montar a banca há mais de um ano e meio. Tem muito essa dificuldade quem estuda, principalmente em escola estatal. A pessoa pode terminar a formação, mas na hora de defender e montar a banca pode demorar uma eternidade. O Armindo, aquele meu amigo que passou no primeiro concurso para a universidade pública, até hoje não conseguiu defender. Ele já terminou, mas até agora continua a dar voltas e não consegue exercer. Então, tem esse problema. O Helder falou: “Agostinho, é melhor que você vá, porque o Brasil, em termos de Arquitetura, tem uma história rica, tem muitos arquitetos influentes, é um canteiro de obras vivo. Vai ser muito bom para você.”. Foi o mesmo que a Josina me falou: “E você vai fugir dessa burocracia que existe aqui, desses privilégios, dessas vaidades, que o professor sente-se no direito de te graduar ou não te graduar.”.

Por isso, e pelo tempo que eu estava sem estudar, eu vi que era bem melhor para mim, até porque seria bem melhor posteriormente. Uma das coisas que mais me

revoltava naquela altura era que o meu salário anual não chegava ao salário do meu chefe num mês. Eu falava:

— Ô, Honorato, – eu o chamava de Gordo – que palhaçada é essa!? O nosso salário pode juntar todos os meses que não vai chegar ao salário do chefe de um mês.

— Puxa, Agostinho, você tem razão. E vamos continuar nessa até quando?

Para subir de categoria, era muito difícil também. Depois eu até passei para técnico médio, mas mesmo assim o salário não era abençoado. Eu acho que o Ministério do Território é um dos ministérios que paga da pior forma um funcionário público. Eu até não entendia porque diziam existir tantas invejas nas pessoas no governo... Muitas vezes eu chegava no trabalho, entrava e ficava desanimado, porque eu olhava para a primeira pessoa com quem tinha contato num posto da administração pública e ela já estava desanimada. Muitas vezes ela te atende mal, outras vezes só te atende bem porque sabe que é indicação de um colega ou coisa do tipo. As pessoas trabalhavam com o semblante muito triste.

E mesmo nos setores, muita gente não conseguia desenvolver uma relação saudável para que, pelo menos, naquele gabinete todos pudessem usufruir dos frutos do trabalho de uma forma equitativa. Por exemplo: depois de eu estar na administração de Cacuo fui transferido para a administração de Sambizanga. Como Cacuo é uma área praticamente em expansão e que está se construindo, tinha muito mais trabalho do que no Sambizanga, que é uma parte praticamente toda povoada, toda cadastrada e os serviços técnicos eram muito reduzidos. Então, tinham poucos bônus.

Mas graças a Deus, quando entramos na repartição em que eu estava a trabalhar, que era a repartição do Ordenamento do Território, Urbanismo e Ambiente, eu fui para a parte que tem um pouco mais trabalho em relação às outras áreas. E, assim, tinham me dado um bairro em que eu era o responsável, que era a Comuna do Ngola Kiluange. Então, a maioria dos trabalhos que tinham que ser realizados em termos de alguma empresa que ia construir os seus escritórios, as suas instalações, ou alguém que queria construir a sua casa, eu era o responsável, eu que fazia o levantamento topográfico, fazia o croqui da localização e entregava na área técnica, que na altura era o arquiteto Crespo. Aí dava um pouco de mais conforto, tinha uma remuneração um pouco melhor. No nosso gabinete, nós conseguimos criar uma solidariedade de que a pessoa que tinha mais trabalho conseguia dividir equitativamente com o grupo, de forma que todo mundo saísse dali e levasse alguma coisa no final de semana para os seus. Nós conseguimos

desenvolver uma relação de trabalho e amizade dentro no nosso setor. Sei lá, era uma coisa espetacular!

Mas em outros ambientes de trabalho na mesma administração, encontrava muita dificuldade nisso. Uma das coisas que eu muito prezo é o relacionamento humano com as pessoas que convivem comigo. Eu procuro dissolver as maiores galhos, os maiores gelos, pedras no caminho para ver se tenho uma relação saudável. E, assim, eu dou graças a Deus de encontrar pessoas que também tinham esse interesse. Desenvolvemos isso e conseguíamos levar o nosso gabinete de uma forma a ter uma relação positiva, sempre na base da amizade conseguimos desenvolver isso.

Eu me fiz muito amigo da arquiteta Josina e do Helder, tinha os demais, o Edvaldo, a Cláudia, a Amélia, que eram praticamente da minha categoria também. E eles conseguiram me orientar, falaram:

— Agostinho, o melhor para você não é ficar aqui. Vai, estuda, quando você voltar talvez o seu salário seja um pouco aproximado ao do arquiteto Crespo... Pode chegar a chefe!

— Tomara que seja! – respondi.

Eles aconselharam o seguinte:

— Faz uma carta para o governo da província, na altura era a Francisca do Espírito Santo que era governadora, e veja se você consegue alguma parceria de forma que você possa custear os seus estudos lá e que não dependa apenas do seu tio.

— Ah é, existe essa possibilidade?

— Existe.

Aí eu pensei: “Como o tio Antônio também está lá no governo da província, eu vou lá e falo com ele para ver se agiliza.”. Cheguei lá e ele falou: “Faz uma carta de trabalhador estudante.”. Ele me deu o estatuto. Eu estudei, vi as limitações e as possibilidades que tinha de ser aceito ou de ser negado o pedido, e fiz a carta para a governadora para usufruir do estatuto de trabalhador estudante. Pedi a licença na administração e vim.

Então, eu não consegui a bolsa e quanto à licença estou sem resposta até hoje... Está parado desde 2009... Eu tenho um primo que foi acompanhar o caso e até o último documento que me deram informava que estava à espera de um deferimento do administrador do município. Mas eu recebi salário durante um ano e meio, ia recebendo enquanto não tinha resposta, mas depois também cortaram o salário. E ficou a

interrogação, se perdi o estatuto de funcionário público ou não... Não sei se quando retornar, voltarei para o mesmo órgão da administração pública... Não sei.

Fiz o vestibular, voltei para ver se já tinha a resposta da carta que eu tivera feito, mas ainda não tinha. Eu vim, consegui fazer a matrícula, mas não com o visto de estudante. Naquela altura, tinha um processo de anistia dos imigrantes e eu fiz. Com o protocolo de matrícula, consegui fazer o pedido de anistia na Polícia Federal. Consegui me matricular na universidade e estou aqui até hoje.

Eu escolhi estudar na UNINOVE porque o preço cabia no bolso, foi o fator que mais pesou para mim. Depois também o meu tio estava fazendo a pós-graduação lá e a minha tia também estudava lá. Mas eu não queria estudar lá, porque a universidade mais perto de casa na altura era a São Judas. Eu morava no Brás, na Avenida Celso Garcia, próximo da Rua Bresser, e a São Judas está praticamente no final da Rua Bresser. Então, eu fui lá, mas quando eu vi o preço... “Os bolsos vão sair rasgados daqui!”, pensei. Procurei em outras universidades, as mais tradicionais e a UNIP, mas eu vi que as mais tradicionais eu não conseguiria pagar. Então, me conformei com o que eu podia, fiquei na UNINOVE e estou lá até hoje.

Olha, o vestibular não foi fácil, o vestibular estava um pouco salgado, na verdade, porque teve a redação, a parte de Exatas, a Biologia, a Geografia e a História. O meu tio me orientou: “Você estuda e responde o que puder, mas sublinha, deixa uma observação e fala com o professor que estiver aplicando a prova que você é estrangeiro e que não domina nem a Geografia e nem a História brasileira.”. E fiz isso, falei com o professor e fiz uma observação na folha do vestibular. Graças a Deus, deu para aprovar. Em 2009, tiveram muitos estudantes que vieram fazer os testes na UNINOVE e não conseguiram passar. Eu disse: “Na realidade, o vestibular não é fácil, mas também acho que dá para passar se você estudar.”. Hoje uns estão na UNIP, a Marisa, minha prima, também não conseguiu, mas também outras pessoas prestaram nessa universidade e não conseguiram entrar. Foi praticamente assim.

Eu acho que o tempo mais difícil que eu passei aqui foram os três primeiros meses, realmente foram mesmo muito difíceis... A primeira semana foi aquela emoção, aquela euforia de estar num lugar diferente! É bom, é bem mais bonito, é bem mais limpo, é mais organizado, tem mais coisas! Deu para ver pessoas que eu não via há muito tempo, pessoas que imigraram para vir trabalhar e não para estudar. E eram pessoas do bairro, do meio, pessoas que você sabia que fazia muito peso na vida da

nossa comunidade lá. Saber que ia encontrar aqui o Coió, o Chibi, o Tô Bragança! Puxa, era uma alegria saber que tinha uma comunidade à tua espera! Porque quando alguém está a sair de lá ligam e avisam:

— Olha, o fulano vai chegar dia X.

E os daqui:

— Vai chegar? Vamos preparar uma coisa boa para ele!

Então, os primeiros dias foram muito bons, deu pra passear bastante. Mas depois as coisas começam a caminhar no seu curso normal, as pessoas vão à sua jornada laboral e você já não tem aquela companhia em todos os momentos. Eles tinham que fazer suas atividades e eu não tinha nenhuma atividade para fazer. Era praticamente casa e andar, porque eu também gosto de andar, às vezes era mesmo só curiosidade de andar pelo bairro. Mas depois perde também o encanto e dá aquela saudade de estar com os seus, ir visitar minha mãe, estar com ela, estar com os amigos na rua, jogar um basquete no fim de semana, coisas do tipo. Aqui eu já não tinha essa vida... Eu morava no Brás com o meu tio e os meus dois primos. Eles eram as únicas pessoas que eu tinha uma convivência constante.

Na escola, graças a Deus, tive um acolhimento positivo porque, desde o momento que eles perceberam que eu falava diferente, já foi um motivo de atração. Brasileiro é um pouco curioso, tem sempre muitas questões a fazer para alguém que é de fora. Foi um alívio eu me identificar como angolano porque, quando eu não me identificava como tal, muitos perguntavam se eu era nigeriano. Muitas vezes eu brincava e falava: “Sim, sou nigeriano, sim!”. Algumas vezes eu mentia, falava: “Não, eu sou moçambicano!”, às vezes eu falava: “Sou da Eritreia!”. Brincava só para quebrar o gelo, mas depois falava a verdade: “Não, sou de Angola.”. Aí diziam: “- Mas você é mesmo angolano, né, porque, se for da Nigéria, não vou parar com você não...”. Uns falavam brincando, e eu fui aprendendo um pouco da malandragem do povo daqui... Mas o acolhimento na escola foi positivo. Sempre foi fácil me relacionar com o pessoal da turma de Arquitetura, é a mesma turma em que estou até hoje. É uma das turmas de Arquitetura que menos se dissolveu, segundo a história da UNINOVE.

Eu não sou muito de balada, não é muito do meu hábito, mas desenvolvi uma amizade muito salutar com um rapaz chamado Tiago Pires, ele me chama de “Neginho” e eu lhe chamo de “Branquinho”. Ele é um amigo mesmo! Assim, dos brasileiros na faculdade, é o grande amigo que tenho. Como nós estamos aqui na Vila

Maria há pouco tempo e a vida dele é muito mais corrida que a minha, ele ainda não teve possibilidade de vir aqui em casa, mas eu vou à casa dele com muita frequência. Só nesse último semestre que foi um pouco difícil o nosso contato extraescolar, mas desde o primeiro semestre até o sexto nós temos uma comunicação e uma visita mútua muito constante. Ele casou-se, e da turma eu fui o único colega que compareceu ao seu casamento. Então, nós temos uma relação mesmo de amizade!

Agora, se eu falar que senti algum tipo de racismo na faculdade, eu estaria mentindo. Se eles estiverem fingindo, fingem muito bem. Na faculdade com os colegas, eu nunca senti alguma discriminação. Até porque, eu senti algumas diferenças entre negro e branco aqui. Em Angola, não tínhamos essa noção de que essa diferença existe, não tínhamos essa noção com a dimensão que ela tem aqui. Mas, assim, no meio estudantil lá na faculdade, eu nunca senti algo repulsivo que me deixasse constrangido, nunca. Até porque, muitas vezes eu banalizei isso, eu e o Tiago principalmente, o Eduardo, nós zuamos e brincamos mesmo com a raça! Muitas vezes – desculpe a expressão – ele fala “preto de merda” e eu falo “branco de merda”, e banalizamos as coisas, levamos as coisas assim de uma forma bem amigável.

De uma forma evidente, eu não senti, mas às vezes ficam algumas questões, porque algumas pessoas tratam de forma diferente. Agora, fica o questionamento: mas será por racismo ou por antipatia? Porque mesmo na turma tem pessoas que não se dão bem. Então, penso: “Será por xenofobia ou racismo, ou será por simpatia?”. Eu nunca senti o racismo explícito, mas ficam alguns porquês quanto a algumas pessoas na faculdade.

Agora, no dia a dia, já deu para sentir, sim, esse tipo de exclusão, esse tipo de segregação. Já deu para sentir, mesmo em ônibus ou no metrô ao abordar uma pessoa... Em restaurantes, você é o último a ser atendido, já deu para ver que muitas vezes você não é bem vindo num bar em que a maioria das pessoas que estão lá é branca.

Tem um bar aqui bem perto de casa, há duas quadras daqui, ali quem frequenta é majoritariamente branco. Uma vez eu cheguei lá, eu e uma menina, e foi constrangedor a maneira que as pessoas olhavam quando nós passávamos. Eu percebi que as atenções viraram para mim, e você vê que a única coisa que difere não é sequer o traje, não é a beleza física ou coisa do tipo, a única coisa é a raça. Nem o dinheiro, porque você vai consumir, vai pagar. Aí você vê: “Mas por que é que estão a me olhar desse jeito? Eu acho que estou mais bem vestido que aquele, ela também não está zoada, tem um bom

perfume, mas por que ser alvo de tanta atenção na maioria das pessoas que está sentada? A demora do garçom para ir atender a tua mesa?”.

Teve uma vez que passamos um constrangimento, eu e mais um grupo de amigos, que eu até fiquei revoltado e chamei a atenção do próprio garçom. Falei que eu não queria que ele me atendesse porque deu para notar que ele estava com má vontade. E o pior de tudo é que ele notou... A discriminação aí talvez não seja racial, era mesmo antipatia à outra nacionalidade, porque ele viu que nós não éramos brasileiros. Então, é bem notório isso em muitos meios.

Teve outra vez que foi constrangedor também. Eu entrei no metrô, as cadeiras não estavam todas ocupadas, mas assim que eu sentei ao lado de uma senhora ela saiu do banco e foi sentar em outro banco onde tinham outras pessoas. Puxa, aí vem a interrogação: “Por que será?”. Então, tem muita coisa que não dá para acusar, é isso ou é aquilo, mas ficam dúvidas no ar... Por que será que ela agiu assim? Às vezes você quer pedir explicação para chegar num determinado local e vai abordar alguém na rua, e a pessoa se assusta!

Mas o caso mais estranho foi na Celso Garcia. Eu ia lá para onde a comunidade se reúne normalmente, e vinha uma senhora. De repente, ela bateu numa pedra, se desequilibrou e deixou cair a bolsa. Ao deixar cair, eu me predispus a ajudar, ajudá-la tanto a se levantar como a pegar a bolsa. Ela se apoiou rapidinho no meu braço, segurou a bolsa com uma força!... Eu olhei para a senhora e simplesmente abanei a cabeça. Olhei bem nos olhos dela, abanei a cabeça e continuei no meu caminho. Então, racismo na realidade existe. E tem outros relatos de outras pessoas recém-chegadas que fazem menção relacionada a algum tipo de tratamento diferenciado para pessoas tanto negras como estrangeiras.

O caso da Zulmira foi muito triste em muitos aspectos. Primeiro que foi a morte de uma pessoa amiga, chegada, uma pessoa que em pouco tempo deu para conhecer e criar afeto, porque ela era pessoa muito boa, jovial, saudável... Puxa, saber que por nada partiu tão cedo... Foi muito chocante mesmo! Particularmente, foi muito forte e eu sofri ao saber da morte dela. No dia, eu estava saindo do espaço Vergueiro, estava estudando o programa da União dos Estudantes Angolanos aqui em São Paulo, que é a UNEA. E

ligaram para mim a dizer que mataram alguém no Brás. Como eu estava no metrô, eu disse: “Puxa, mataram alguém.”. E fui lá, porque não era o primeiro caso de morte no Brás. Eu fui lá curioso. Cheguei e encontrei o pessoal rodeando o corpo dela chorando. Falaram: “É a Zulmira.”. Puxa, eu entrei em choque e chorei como criança naquele dia... As pessoas que eu ligava para dar o recado nunca me viram num estado emocional como aquele, porque foi muito chocante, principalmente a forma que ela morreu. Foi assassinada, foi assassinada por nada...

Outra tristeza foi a Segurança Pública aqui no Brasil, que é um problema muito grande. As pessoas aqui se sentem inseguras. Nós, estrangeiros, brasileiros também, mas nós nos sentimos mais inseguros, ainda mais sendo negros... Nós notamos que somos muito mais nocivos a padecer esses tipos de problema, por quê? A cor não ajuda, depois a nacionalidade também não, e os maus que sabem disso se aproveitam porque sabem que há um grande descaso, tanto do Estado brasileiro quanto do Estado angolano aqui em São Paulo, no Brasil, quanto à morte de alguma pessoa, seja ela imigrante, estudante ou trabalhador. Há um descaso quase que total! E isso me deixou muito revoltado, por quê? Porque nós nos organizamos de tal maneira que inquirimos a investigação do caso para caça do assassino da Zulmira e o Estado mostrou desinteresse.

Sabemos que uma das coisas que mais alicia o Estado é a mídia e nós nos organizamos com a sociedade civil para ver se movíamos a mídia para dar destaque ao caso da Zulmira. E, assim, as principais redes não divulgaram como deveriam. Não é questão de querer se aparecer, mas de ajudar a solucionar um problema. E muitas vezes sabe-se que para resolver um problema deve-se ter em conta o motivo que fez com que se cometesse tal crime. E esse motivo não foi passado pela mídia, porque o motivo foi mesmo a antipatia à outra nacionalidade na questão de ser negro, foi xenofobia...

A questão começou num bar. Os angolanos estavam a conviver, e sabe-se que quando o angolano convive é sem maldade, é uma questão cultural, de hábito. Temos que nos adaptar aos costumes daqui, mas também não se esquecer dos nossos. Normalmente, o angolano gosta de estar bem, gosta de estar à vontade, falar alto, brincar. Por esse motivo, muitas vezes já sabendo que eles estavam falando enrolado e não são daqui, muito à vontade, as pessoas riem daquilo. E foi praticamente o que aconteceu, alguém chamou de “preto”, e falou algo do tipo:

— Macacos, provenientes da África, chegam aqui e querem tirar onda?!

Houve um cara que não gostou da colocação do rapaz e foi lá tirar satisfação:

— Mas por quê? Estamos aqui, nós pagamos o que você está pagando, estamos a consumir o que estas a consumir. Por que disso?

Aí o cara não gostou e começou a agir de uma forma mais violenta, queriam partir para a briga, mas nem sequer se brigou. Um dos caras saiu e disse:

— Já que aqui não somos bem vindos, vamos para outro local onde pelo menos nos respeitam.

Saíram dali e foram para outro local. O cara saiu da discussão e alguns minutos depois chegou disparando. Ele não disparou só para matar a pessoa que discutiu com ele, mas veio para exterminar as pessoas que estavam lá, porque ele alvejou cinco pessoas. Ele saiu disparando, as pessoas saíram correndo. Ele alvejou o Gaspar, a Celina, que estava grávida, o Kabenda, o Diogo, que escapou, e a finada Zulmira. Foi xenofobia mesmo! Ele queria matar. Qualquer angolano que encontrasse, ele ia disparar, podia ser eu, podia ser outra pessoa! Então, foi uma questão de xenofobia e racismo.

A mídia não fez menção a isso, porque sabe há uma pena mais pesada quando o crime é antecedido por questão racial. E a mídia não falou isso, nem a Band, nem a Record e nem a TV Globo. Não que seja importante passar nessas TVs, mas sabemos qual a influência que elas conseguem exercer sobre o Estado. E mais um motivo: a Zulmira estava praticamente para se formar, ela terminaria naquele ano o seu curso de pós-graduação para voltar à Angola. Ela fez a graduação na UNIP, mas estava fazendo pós-graduação na UNINOVE. Então, nós vimos um descaso da mídia. Eles passaram como se fosse mais um crime, mais um que morreu, uma coisa do tipo. E sabe-se que na comunidade angolana não foi o primeiro assassinato que não teve um acompanhamento do Estado.

A UNEA é a União dos Estudantes Angolanos em São Paulo. Ela nasceu com a ideia de um rapaz chamado Marseu. Várias pessoas tiveram o interesse de criar uma união, mas não trabalharam com tanta direção e tanto desejo quanto ele. Ele foi muito engajado quanto a isso, ligar para as pessoas, expressar a ideia, combinar o dia para ter uma reunião... A ideia da UNEA não era só juntar os estudantes, mas também se integrar com a comunidade angolana que existe aqui em São Paulo, porque sabe-se que quanto mais unidos, enquanto grupo, mais forte ficamos. Uma das razões que fez com

que nós criássemos a UNEA foi que dizia-se que muitos angolanos que vinham aqui para São Paulo viviam isolados, um distante do outro, sem contato, e muitas vezes sabíamos que tais pessoas passavam necessidades. Então, arrumamos uma forma de nos unirmos para um ajudar o outro. Muitas pessoas que vinham para cá com o interesse de estudar eram, muitas vezes, exploradas pelos angolanos que já estavam aqui há mais tempo e que praticamente viviam disso, mas era uma exploração não justa, aliás, nenhuma exploração é justa!

Exploradas em que sentido? Tinha gente que vinha e sabe-se que aqui não tinha uma hospedagem direcionada. Então, por intermédio de alguém, indicava-se uma pessoa para ficar com ela. A pessoa sabia que iria dividir o aluguel e todas as contas da casa. Mas muitas vezes a conta da casa era ocultada e estipulava-se um preço muito superior ao que seria a metade do aluguel. Talvez sabendo a condição financeira da outra pessoa, pensavam: “Os pais dele têm dinheiro, então vamos fazer um aluguel mais ou menos assim.”. Outra coisa: quando a pessoa precisava tratar de algum documento e não conhecia os órgãos públicos em que tinha que ir, também era cobrado; cada movimento era um valor. Por exemplo: tratar da equivalência do certificado na Secretaria da Educação, tirar o CPF. Esse foi um dos meios que os imigrantes que já viviam aqui encontraram para sobreviver, todo movimento era uma cobrança e muita gente ficava sem dinheiro.

Tem o exemplo de um rapaz, não vou citar o nome. Quando ele chegou, morava em Mogi das Cruzes, mas só que na universidade de lá não tinha o curso que ele queria fazer. Então, houve a necessidade dele viver em São Paulo. Ele ficou hospedado no prédio em que eu morava, era vizinho do meu tio e vivia com uma senhora. Uma vez estávamos conversando e ele me perguntou:

— Quanto é que vocês pagam de aluguel?

— Olha o aluguel está quase R\$ 600,00 – respondi.

— R\$ 600,00?! Mas eu estou pagando R\$ 550,00 de aluguel na fulana e ainda tenho que pagar alimentação e parte dos gastos com energia...

Eu senti dó do rapaz porque não era justo, ele pagava o aluguel inteiro e ainda contribuía para a energia, partilhava da alimentação. Isso era injusto! Então, são casos do tipo. Não era só ele, tinha muita gente que vinha e passava por essas dificuldades. Muitos não sentiam porque não sabiam, não conheciam a realidade daqui; nós que conhecíamos não queríamos ver alguém padecendo dessa forma...

Então, esse é um dos objetivos da UNEA. No estatuto nós fizemos o quê? Dissemos que na vinda de alguém, ele podia se hospedar na casa de uma pessoa já estruturada por um tempo determinado até que conseguisse dar conta da realidade e procurar uma casa que podia alugar. Por exemplo: se alguém liga para mim ou liga para o Marseu e diz:

— Marseu, o meu primo está com interesse de ir estudar. Ele já conseguiu o visto de estudante. Tem alguma casa onde ele pode se hospedar?

— Puxa, o Maninho vive só com a Marisa. Na casa dele, tem dois quartos, acho que ele pode ficar lá.

Então, ele vem, nós mostramos todas as contas, todas as faturas e fazemos uma divisão equitativa, e ele fica conosco até conseguir um lugar. Porque também pode ser que durante o tempo tenha aquela incompatibilidade de convivência, então determinávamos um tempinho para ele se organizar e partir. Essa é uma das finalidades.

E vimos também à necessidade de estreitar um pouco mais o convívio entre nós mesmos. Em muitas cidades do interior, tem muitos estudantes que vêm para cá pelos programas tipo PEC-G, por algumas universidades que já têm alguma ligação com o consulado em Angola e até mesmo os que vêm também pela USP. Estes conseguem o visto mais facilmente. Esses estudantes que vêm dessa forma, muitas vezes, já têm uma bolsa ou uma indicação, eles têm mais condições. Diz-se que o convívio deles também não é muito amigável, é muito cada um por si, porque todos têm possibilidades. E quando têm possibilidades muitas vezes as pessoas se afastam umas das outras porque sabem que já tem um certo conforto. Nós não queríamos viver isso, muitos andam com nariz empinado, então nós falamos: “Vamos tentar juntar um pouco mais a comunidade.”.

Diz-se que quando começaram a vir estudantes por projeto e com bolsas, muitos foram para São Bernardo do Campo, estudavam na Metodista e em outras universidades. E o que é que aconteceu? Já havia uma comunidade grande no Brás, que era praticamente de imigrantes que viviam do comércio, e havia sempre um atrito e uma incompatibilidade nas relações porque estes diziam: “O pessoal de São Bernardo pensa que é superior porque vem estudar.”. Isso era algo também que nós queríamos dissolver, tirar esse tabu, tentar unir, misturar o pessoal, ficar tudo junto e misturado, acabar com os desentendimentos. Foi por isso também que criamos a UNEA. Nós criamos algumas

atividades culturais, coisa que, por falta de apoio, não conseguimos consolidar ainda, porque para a realização de algumas atividades culturais requer finanças.

A UNEA é praticamente uma organização que completou um ano a poucos dias e, graças a Deus, tem funcionado. Não é perfeita, mas dá para sentir o calor das pessoas que se interessam em fazer alguma coisa positiva pelos que aqui vivem, pelas pessoas que vieram estudar, que se aproximam e que se interessam.

Uma das coisas que tornou a UNEA muito notável foi o caso da morte da Zulmira, porque o pessoal se organizou em comoção mesmo! O caso de mortes e assassinatos de angolanos aqui é muito banalizado, tanto pelo consulado quanto pelos órgãos públicos brasileiros. Então, nós nos mobilizamos junto ao Ministério Público e a todos os órgãos ligados ao direito a investigarem e a correrem atrás para ver se se fazia justiça. E até por isso que alguns órgãos, principalmente angolanos, tipo o Consulado de Angola, nos conotou como rebeldes, falavam: “Eles não têm respeito, como é que vêm nos afrontar?”. Uma vez nos dirigimos lá, coisa que nunca tivera acontecido aqui, principalmente em São Paulo, e eles falaram: “Como é que esses rapazes tiveram coragem de vir até nós?”. Porque lançamos a ideia da mobilização e eles pensaram que era só uma ideia. Mas se admiraram, porque, no dia e na hora que marcamos, estávamos lá presentes a reivindicar, a querer saber o que estavam a fazer sobre a morte da Zulmira.

E andamos muito... Batemos em várias portas, algumas ONGs como a EDUCAFRO, o CDHIC, a UNEafro, organizações que batem de frente para reivindicar a palavra. Deu para fazer algumas reuniões na Câmara Municipal, na Comissão de Direitos Humanos. Até convidamos vários órgãos da administração pública, tipo o nosso consulado – que não se fizeram presentes – e consulados de outros países africanos, por quê? Porque descobrimos algumas coisas, que morrem muito mais pessoas por casos de xenofobia, principalmente de origem africana, alguns estudantes guineenses. Também a discriminação que a polícia federal tem para com alguns comerciantes africanos na zona do centro. A morte da Zulmira trouxe à tona muita coisa que vivia escondida, vivia debaixo do pano!

Por esse tipo de movimento muitas vezes nos conotaram como rebeldes, principalmente o nosso consulado. Já teve pessoas da UNEA que em alguns casos foram pedir algum documento no consulado e falaram: “Você é um dos tais dos rebeldes!”. Pedir a palavra e reivindicar os direitos não quer dizer rebeldia! Nós fomos

reivindicar porque estamos preocupados com a nossa situação. Ontem foi a Zulmira, hoje pode ser eu... Até tínhamos um slogan que dizia: “Zulmira somos nós”. A Zulmira já não pode morrer mais porque já foi morta, mas nós ainda corremos o risco de ser mortos da mesma forma.

Então, a UNEA é praticamente isso. Hoje nós temos um convívio muito saudável. Nós não temos uma sede e nos reunimos nas casas dos membros, na casa de um ou de outro, vamos fazendo um rodízio. A maior reunião que conseguimos fazer numa casa reuniu por volta de 35 pessoas. Agora, a reunião que fizemos no consulado teve aproximadamente 100 ou mais pessoas. De um ano para cá, o que fez a UNEA ser percebida foi o caso da Zulmira, mas, por nos conotarem como “rebeldes”, algumas pessoas começaram a temer alguma represália, alguma coisa do tipo, e começaram a sair de fininho... Mas ficou um número e, como eu disse antes, precisamos nos conhecer e só o convívio é que vai fazer isso, nós vamos nos conhecendo e vamos tendo confiança um no outro. Graças a Deus, conheci pessoas, muitas pessoas mesmo! O Álvaro e o Marseu são pessoas que eu conheci no ano passado, mas desenvolvemos uma amizade que parece que nos conhecemos há mais de dez anos. A Guida, a Edna, a Mariza, a Neide, muita gente... Tem uma base aí praticamente de umas 20 pessoas. Nós nos reunimos praticamente todos os domingos.

No início deste ano revimos a nossa agenda e programamos algo para o semestre e dentre isso renovaram-se algumas áreas. Na área da cultura, temos em vista fazer uma feira estudantil. Nós estamos a articular como vai ser, ainda é um projeto... Tem também um projeto que é a criação de um grupo de teatro e um grupo de dança, e talvez um grupo de percussão, para quando houver algum tipo de atividade cultural que o consulado pedir ou que nós próprios promovermos, para ter alguma coisa de entretenimento. Nossa intenção é fazer com que a nossa cultura seja conhecida aqui, porque eu acho que Brasil e Angola estão muito ligados. E, assim, de uma forma divertida, trazer algo de lá para cá.

A UNEA também tem um lado filantrópico. Por exemplo: a Solange e um grupo reuniram-se e fizeram comida no dia 25 de dezembro e saíram distribuindo para algumas pessoas que ficam mendigando na Praça da Sé. É um projeto trabalhar também com ação social e enquadrar muitos dos estudantes em algumas ONGs que precisam de pessoas que deem formação, porque, mesmo que o estudante não seja monitor na universidade onde está, consegue ministrar aulas em cursos preparatórios em alguma

instituição. Tem um rapaz chamado Fabio Dunga que dá aulas na EDUCAFRO; o Marseu também serve na EDUCAFRO, ele é voluntário e atua em áreas que tem possibilidade de trabalhar. Esse semestre eu comecei a trabalhar como voluntário na UNEafro, sou professor de Matemática num cursinho pré-vestibular para comunidades carentes.

Quando nós formamos a UNEA, já tínhamos interesse em trabalhar com a EDUCAFRO porque o Dunga conseguiu uma bolsa lá. Então, nós pensamos: “Se eles deram uma bolsa para o Fábio, seria bom que as pessoas que têm habilidades em alguma área também colaborassem com eles e, quem sabe, haveria possibilidade de darem mais bolsas.”. E também para ajudar a comunidade negra que existe aqui no Brasil. Nós, até então, estávamos a par de todas as lutas dessas ONGs, mas ficamos muito mais unidos com a EDUCAFRO e a UNEafro depois da morte da Zulmira, porque eles ficaram sabendo e foram procurar a comunidade angolana no Brás e deram apoio. A partir daí, as relações se estreitaram muito mais, o CDHIC, a UNEafro e a EDUCAFRO muitas vezes organizaram reuniões para que se fizesse justiça. Pode-se dizer que com a morte da Zulmira se estreitou mais a nossa amizade. Nós não tínhamos conhecimento da vida do negro no Brasil, nós começamos perceber a partir da morte da Zulmira, porque o nosso interesse com a EDUCAFRO era mesmo mais porque nós vimos que beneficiaram um dos nossos amigos. Então, por que não colaborar lá? Não tínhamos nada a perder, só sairíamos a ganhar.

Na UNEA, temos o cadastro de todas as pessoas. Agora, a coisa que é difícil mesmo são as finanças, é muito complicado. Nós tínhamos estipulado valores que achávamos o mínimo que todos poderiam contribuir para sustentar as nossas atividades. Mas mesmo assim há muita falha ainda nisso. Tem gente que se compromete seriamente quando é para fazer alguma coisa, mas para contribuir... é difícil. As pessoas estão pouco comprometidas, a área financeira sofre demais... Tem gente que contribui permanentemente, principalmente as pessoas mais interessadas em dar vida ao projeto. Muitas vezes tira-se dinheiro que nem se pensava que podia se gastar...

Por exemplo: no Natal muitas pessoas foram para Luanda, mas ficou uma base muito grande aqui, então falamos: “Porque não nos reunirmos na casa de alguém, juntamos uma quantia e ficamos no dia 24 e 25 todo e depois cada um vai para sua casa?”. Nós previmos uma quantia, foi estipulado até R\$ 30,00, que era tanto para alimentação como para bebida. E nós vimos que os R\$ 30,00 não supriram para a

quantidade de pessoas que estavam lá, porque até depois apareceram outras pessoas e não dá para negar a entrada. Então, outras pessoas tiveram que fazer gastos a mais do que previam, tiveram que tirar mesmo do bolso. Mas o que foi bonito foi a reunião das pessoas, foi algo bonito mesmo! O pessoal disse que foi um dos melhores natais que passaram aqui em São Paulo, principalmente os estudantes. Reuniram-se pessoas que vieram do interior, Lençóis Paulista, Lins, Bauru, Campinas, algumas pessoas aqui do Centro, foi ótimo! Hoje temos aproximadamente 35 pessoas cadastradas. Agora, comprometidos mesmo, uns 20, por aí...

A ideia que eu tinha de São Paulo era de uma sociedade mais evoluída. Tem uma coisa que se passa muito em Angola que é a realidade das novelas. A ideia que eu tinha de São Paulo, ou do Brasil, não destorce do que é real, porque, por exemplo, as principais notícias e as novelas nós víamos nas redes de TV a cabo e em sinais de parabólica. A música brasileira também é muito forte lá. Então, dava para ter uma ideia do que era a realidade aqui. Muitos lá em Angola têm uma ideia muito negativa pelo lado da criminalidade, é onde mais se pega, onde mais os pais temem quando pensam em enviar alguém para o Brasil. O resto, eu acho que não foge muito da realidade. A maior diferença que eu notei aqui foi esse tratamento ou essa dificuldade que é a inserção do negro e do africano na sociedade brasileira. Acho que é um pouco mais complicada do que parecia. Se bem que as pessoas te acolhem, mas quando o assunto é documentação, já é mais complicado, porque muitas vezes encontramos dificuldades para emissão do RNE, e sem ele, não conseguimos, por exemplo, arrumar um estágio.

A questão do emprego também é um pouco complicada, independentemente da qualificação e da língua que você fala. Tem muita dificuldade em trabalhar porque eu já trabalhei, mesmo irregular, em alguns escritórios de Arquitetura. No primeiro escritório, eu saí porque tive problema com a documentação, houve fiscalização e os proprietários se viram em risco de ter uma pessoa estrangeira que o visto não permitia trabalhar. No segundo, foi por indicação de um colega da faculdade. Eu já fazia alguns trabalhos para ele, aí já foi muito mais fácil.

Eu acho que a língua, principalmente para nós angolanos, facilita muito para inserção no mercado de emprego. Mas fica difícil principalmente para quem não tem

nenhum tipo de qualificação. Tem muita gente que vem e acaba fazendo o que é tradicional para a comunidade, que é comprar roupas e mandar para Luanda, praticamente sobrevivem disso. Tem algumas pessoas que já têm lojas de roupas, conseguiram contato com alguns brasileiros e bolivianos, e conseguem pegar uma peça, trabalhar aquela peça e expor numa loja. Tem outros angolanos que têm lojas de cabelos para aplique. Então, muitos vêm e vivem do comércio. Mas, se alguém tem algum tipo de qualificação e corre atrás, consegue. Não é fácil, você tem que ter mesmo o interesse, saber que vai bater portas e vão te negar, mas consegue. Assim, a nossa condição é bem semelhante à vida do negro brasileiro, porque a diferença entre o angolano e o brasileiro negro é quando abre a boca e notam que fala diferente! Mesmo na faculdade, o pessoal só se deu conta que eu era estrangeiro quando comecei a falar.

O que mais me surpreendeu negativamente aqui foi a discriminação racial, e nós sentimos mais na pele depois da morte da Zulmira. Deu para pensar muito mais nisso. As pessoas são receptivas, mas muitas vezes não sabem o que vem atrás. Tem algumas pessoas que sabem que você está passando necessidades e na hora te falam: “Não, fica tranquilo. Se precisar de alguma coisa, você fala que a gente ajuda.”. Mas na hora H tal ajuda você não encontra, a pessoa vai dando umas fugidinhas até que você percebe que, na realidade, ou ela não pode, ou não quer te ajudar e não consegue te falar.

Outra coisa é a pobreza. Aqui tem cantos que também é assustador. Eu já conheci algumas comunidades que são muito carentes. Na Brasilândia, perto de onde eu trabalhava, eu visitei algumas comunidades e fiquei assustado mesmo; algumas também lá pela Zona Leste, perto de Calmon Viana, eu vi algumas coisas que eu nunca pensei que tinham aqui em São Paulo. Quando eu fui para essas áreas, falei: “Puxa, aqui também o bicho pega, aqui não é fácil não!”. Era uma coisa que, até então, fugia do padrão da vida social que eu tinha visto aqui.

Agora, uma coisa positiva e que me surpreendeu aqui: o urbanismo. O pessoal fala que é caótico, mas está muito distante daquilo que eu vivia em Angola. Eu tenho um amigo que diz que não entende como que projetaram tantas estradas aqui e como o transporte funciona. É muita gente, as pessoas reclamam, mas o que tem já é muito bom. O serviço viário, as estradas, os metrô são coisas que eu encontrei aqui em São Paulo que me impressionam mesmo, e muito! Também encontrei algumas pessoas boas, assim, amigos que consegui fazer na faculdade, como o Tiago. Ele é um colega que eu tenho desde o primeiro semestre, um amigão mesmo. Ele fala e faz; quando não pode,

ele fala: “Agostinho, tô duro, não posso!”. Um cara muito legal, eu acho que é uma pessoa que seria injusto deixar passar em branco.

Uma das coisas que também é muito diferente de Luanda, e que muita gente reclama, é o serviço, principalmente o atendimento nas instituições públicas. Aqui as pessoas têm mais educação em receber os outros, você vai num serviço público e sabe que, se o funcionário falar mal com você, corre risco de ser mandado embora. Talvez seja por isso, mas pelo menos a pessoa consegue chegar numa instituição, se dirigir a alguém e ser bem atendido. A pessoa te trata com respeito, com carinho, coisas do tipo! Tem um amigo que estudava à distância lá em Angola, a universidade em que ele cursava era em Brasília, mas, quando veio, deu uma passada aqui em São Paulo antes de ir para lá. Ele esteve nas lojas do Brás comprando algumas coisas e se surpreendeu com o atendimento das moças. Ele falou:

— Aquela gata caiu na minha, está apaixonada!

— Nelson, cuidado, não é bem assim, não! – eu disse.

— É, meu! Você não viu como ela me atendeu? Ela está na minha mesmo!

Então, são comportamentos que são difíceis de você ver numa atendente em Luanda, de ela ter aquela recepção, aquele carinho, tratar bem. Eu disse:

— Não, tio Nelson. Mais uns quinze dias aqui, você vai notar que ela não está apaixonada por você...

Como eu já falei, eu tenho um tio que já vivia aqui em São Paulo. Como é que ele decidiu vir para cá? Uma das coisas que tirou muita gente de Angola, não só o meu tio, mas muitos jovens, principalmente o pessoal da década de 1970 para cima, foi a guerra. Era ruim demais para os pais saber que vão fazer uma recolha no bairro, o filho vai e não tem previsão de volta, não sabe se vai voltar morto, se vai voltar mutilado, porque, muitas vezes, já tinham vários casos na família que muita gente foi e não voltou. Um dos motivos foi esse, a fuga da vida militar.

Outro motivo é que a vida lá não era fácil. Quando a pessoa migra, está em busca de melhores condições. Então, sabia-se que a partir daqui ele teria melhores condições de ajudar o pessoal lá. De que maneira? Nesse intercâmbio que existe de mandar o dinheiro para cá, o pessoal fazer compras de roupas e mandar para serem vendidas lá. Não só roupa, hoje tem pessoas que mandam até alguns animais, tipo cachorros e gatos de criação. Tem vários tipos de negócios que pode se fazer. Tinham muitas pessoas que comercializavam jantes especiais para carros, calçados, roupas,

cabelo. Tem pessoas também que faziam negócios de maior escalão, mas o pessoal do meu bairro e de outros bairros periféricos da cidade de Luanda mandava mais muamba de roupa. Se vocês quiserem ver, até hoje...

Antes o ponto principal era o Rio de Janeiro, não se conhecia São Paulo, mas depois que descobriram o pessoal começou a vir para cá. Se você for para Guarulhos nos dias de segunda, quarta e sexta, que são dias que têm voos da TAAG, você vai ver várias pessoas com malas e com nomes escritos: Mana São, Mana Ia, Orlando, de São Paulo para Luanda, Angola. Mandam essas mercadorias para viver. Então, já nos primeiros anos de 1990 até hoje que se faz isso. O meu tio veio acho que em 1996. Ele foi para o Rio de Janeiro e está aqui em São Paulo desde 2006.

Quando as roupas chegam à Luanda, no centro são vendidas em boutiques e na periferia normalmente nos mercados a céu aberto. Tinha um mercado, um dos maiores mercados a céu aberto na África, que era o Roque Santeiro, no bairro do Sambizanga. Esse mercado alimentou muita gente durante muitos anos. Roupa do Brasil era vendida mesmo no Roque. Agora, tinham outras pessoas que vendiam nos seus bairros, botavam uma tenda e expunham as roupas. Muitas pessoas que não queriam se deslocar até o Roque, compravam no seu bairro. Naquele mercado perto da minha casa, o Tunga Ngo, não se vendia roupas do Brasil. O pessoal sabia que roupa do Brasil era mais no Roque Santeiro. Era o maior mercado e lá se encontrava de tudo, então o pessoal ia para lá. E tinham outros mercados a céu aberto também, o Kikolo, o Tunga, o Cala Boca, o Asa Branca...

Em Angola a roupa brasileira que mais vende é a feminina. A masculina não vende tanto, porque roupa masculina que o pessoal de Luanda gosta é cara, é muito cara mesmo! Então, o nosso refúgio era ir ao Asa Branca, porque lá vendia-se roupa do fardo – aqui chamam bazar –, roupa usada. Então, nós íamos lá e comprávamos roupas e calçados. No Roque também tinha, mas o Asa Branca era menos perigoso porque no Roque, como produzia-se muito dinheiro, atraia muitos bandidos. E também como era muito mais perto do meu bairro, eu preferia ir ao Asa Branca.

O meu tio casou-se em Luanda e trouxe a esposa depois. Ele veio primeiro, era muito novo e ainda não era casado. Numa das idas dele para Luanda, conheceu a minha tia; decidiram fazer família e casaram-se. Como ele viu que podia dar melhores condições de vida morando aqui, decidiu que ela viria, até contra a vontade dos parentes dela, mas ele falou: “Se ela quiser, então que venha porque eu tenho melhores

possibilidades de ajudar as pessoas lá estando aqui.”. Ela veio, conseguiu fazer a sua formação superior e agora está a fazer a pós-graduação. Uma coisa que eles estudam até hoje é se ficam ou se voltam. Eles têm alguns bens que conseguiram adquirir aqui, então isso é algo que ficou para eles decidirem. Uma das coisas que eles mais temem são as condições e a qualidade de vida que podem dar para os filhos, porque é indiscutível a qualidade de vida daqui e a que eles teriam possibilidade de dar para os filhos lá. Não sei se você foi para os bairros da periferia. A cidade já é aquela coisa, imagina a periferia! Ele tinha uma loja de cabelo, ele e a esposa fabricavam cabelo e vendiam aqui, e certa parte mandavam para Luanda. Mas hoje o cabelo já não se vende tanto como antes, então ele tem uma renda que consegue mandar roupas para lá, está na área do comércio.

Aqui eu aprendi muitas coisas, mas, assim, no nosso bairro a energia era algo controlado, o serviço era muito ruim. Então, um hábito que hoje eu tenho, e não vou conseguir viver sem, é tipo sair de um ambiente para outro e ter que colocar a mão na parede para desligar o interruptor da sala e coisa do tipo. Não tive problemas em me adaptar com a comida, pois é muito parecida com a nossa. E também não gosto muito de comida estranha. Estou aqui há praticamente quatro anos e nunca comi um sushi ou sashimi. Eu vejo e penso: “Será que é bom?”... Ah, fica mesmo aí que eu vou comer o meu arroz, feijão, salada, frango... Algumas curiosidades relacionadas à comida, eu não tenho, prefiro ficar mesmo na minha base...

Antes de eu vir para cá, já olhava Angola de uma forma muito negativa porque quem é consciente e vive lá sabe que o nível de problema que nós temos é muito grande, muito grande mesmo! Nós estamos numa sociedade que está a andar de trás, é decadente em todos os tipos de comportamento, eu falo principalmente pelos hábitos e costumes. A nossa sociedade está a nos fazer se vender por coisas muito baixas! E o nosso sistema político nos afunda ainda muito mais.

As pessoas veem alguma melhoria em algum tipo de serviço público, alguma infraestrutura, mas eu acho que ainda é muito pouco para o que o país produz e tem de recursos. Quando os políticos inauguram um hospital ou uma escola, eles atiram na nossa cara como se fosse alguma coisa de outro mundo, de outra constelação, de outra

galáxia que estão a nos trazer. Mas é algo que na realidade eles devem! Quando reabilitam uma estrada, a publicidade que passam nos meios de comunicação... o governo se gabando da coisa que fez... é aborrecedor! Eu acho que o nosso sistema de governo não tem interesse no melhoramento da vida de sua população.

Um dos exemplos que eu posso usar é do Hospital Central de Luanda, inaugurado em 2007. O hospital em si é bonito, arquitetonicamente você vê uma coisa bonita, mas em termos de serviço e instalações peca muito. Não se admite um hospital construído em pleno século XXI não conseguir empatar e nem chegar perto de um hospital que foi projetado no século XX. E olha que é o hospital central de Luanda, ele não chega aos pés do hospital Américo Boa Vida, não chega aos pés do Hospital Maria Pia ou o atual Josina Machel em termos de instalações. E é um hospital dito central de Luanda, pura publicidade! Assim, são coisas que acontecem que você vê que é um absurdo.

Você olha para a cidade e vê que não tem espaço de lazer para as pessoas de todos os níveis sociais. Não tem! Não tem instalações recreativas públicas, não tem instalações para desporto. Eu tenho um tio que, quando esteve aqui, foi no Parque da Vila Guilherme – o pessoal chama de Trote. Ele ia para lá duas vezes na semana para praticar corrida e exercitar o corpo. Na semana passada, ele já tinha que voltar para Luanda e convidou um amigo para ir. Ele falou: “Ô, Tozinho, se eu pudesse, eu botava dez desse só no Rangel!”. E, assim, antes deles irem para o Trote, ele ligou para o Tozinho:

— Como é que é, Tozinho?! Vamos lá para o Trote, vamos dar uma corrida?

— Poxa, vamos deixar para amanhã ou para outro dia. – respondeu.

— Esse negócio está ali, é de graça. E eu vou deixar, vou desperdiçar essa oportunidade? Nada! Você fica por aí que eu vou pra lá, meu! Lá na banda não tem, eu não posso desperdiçar essa oportunidade!

Então, são essas coisas, esses equipamentos urbanos que nós não temos; lá não temos nada!

Particularmente falando, eu já vivia muito insatisfeito, porque eu sempre gostei de me informar, ver o que se passava fora de lá. Até porque, você vendo uma novela ou um filme, você vê como as outras sociedades vivem. Em termos de comportamento também, tipo moral e cívico, já era insatisfatório, porque o povo angolano é muito permissivo. Ele abraça qualquer cultura. E, assim, tem comportamentos de outras

culturas que não batem muito bem com a nossa que foram se infiltrando e degradando a nossa vida e convivência social. Uma delas é a cultura brasileira, e o problema é que temos uma facilidade para pegar na parte negativa. Uma das coisas que se evidenciou muito foi a nudez. As novelas que passavam lá normalmente mostravam a realidade do Rio de Janeiro, e o que passa é a pessoa usando regata, blusa top, calções curtos, enfim, coisas que não eram costume lá. De uma forma ou de outra, isso fere sensibilidades.

Também aquele tipo de falar folgado quando vê um tipo de filme e querer ser folgado para com os pais. Nós sempre tivemos uma cultura de que o mais velho é o mais velho e deve-se a ele todo o respeito. Muitas vezes que ele não tinha razão, você até podia falar: “Olha, tio, você não tem razão porque isso não é bem assim conforme você falou.”. Mas muitas vezes a palavra dele ficava. Com o tempo, ele podia até ver a consequência, mas a palavra dele não podia ser contestada. Não tínhamos aquele poder de gritar com o mais velho. Dar as costas enquanto o mais velho falava era uma falta de respeito autêntica, você podia apanhar uma bordoadada durante um dia todo. Então, tem certos comportamentos que eu via que podiam ser negativos, mas acho que podíamos ultrapassar de uma melhor forma, com uma conversa ou outra coisa do tipo, não com um mau gesto, com prepotência, com má educação, com falta de respeito, conforme muitas vezes é imposta hoje pela juventude, ou até mesmo pelos próprios adultos que hoje não se fazem respeitar! Hoje os jovens estão muito mais desrespeitosos e mais folgados.

Não há poder de mobilização da sociedade, o Estado é muito bota medo. Quando uma pessoa tenta reivindicar o direito, ele vai ser manchado, o colocam na lista negra. Quando você sabe que tem um direito que beneficiará a maioria e reivindica, nem que for de maneira pacífica, o que o governo faz? Eles te pegam, te botam num canto e te dão todos os privilégios, mas são privilégios que a maioria não vai usufruir. Quando alguém diz: “Vou fazer algo, vou despertar o povo, vou fazer para ver se melhoramos para um bem coletivo.”. É o próprio Estado que vai combater contra você e combate de todas as formas a partir da mídia, as que têm maior repercussão são públicas, e a maioria das privadas que surgiram foi sendo comprada.

Teve um partido chamado PADEPA, que era um dos partidos que eu vi que tinha sangue nos olhos. Eles saíam reivindicando, só que de um jeito que, no meu ponto de vista, era errado porque muitas vezes estragavam o patrimônio público, pichavam, coisas do tipo. Mas eles, pelo menos, tinham atitude e reivindicavam. Teve uma altura

que o pão em Angola equivalia, vamos supor, a R\$ 20,00. Muita gente pagava e não fazia nada. Então, esse PADEPA reuniu lá um monte de jovens do bairro, e saíram falando, saíram pichando na cidade, e reivindicando. E, quando houve esse tipo de manifestação, o governo soltou todos os tipos de brigada, cavalaria, canina, polícia antiterror, todos os tipos de polícia saíram para agredir as pessoas.

Então, sempre que há um tipo de manifestação, a repressão é forte, e isso intimida as pessoas. Teve uma vez que marcaram uma manifestação e nem conseguiu se realizar. Só tinham se reunido 16 pessoas no Largo da Independência, e prenderam as 16... Agora, imagina, perante uma população de 6 milhões só em Luanda foram apenas 16 pessoas... Mas o governo sabe que são pessoas que vão falar com convicção, sabe que têm razões, conseguem debater com qualquer político. Os próprios políticos fogem. Eles sabem que são pessoas que conhecem as coisas e, se são chamados para uma entrevista ou um debate numa rádio, eles não vão, não se fazem representar. E não é de agora, isso acontece há muitos anos. Então, é algo que é complicado e é muito triste!

Quando uma pessoa sai, o que via de errado piora, porque você vê que a sociedade onde está é bem diferente da de lá. Eu posso falar, as minhas condições financeiras não mudaram, mas a diferença do nível de vida que eu tenho aqui é abismal em relação ao que eu tinha lá. Dá dor no coração de estar aqui sabendo que a maioria dos meus está lá passando as necessidades básicas que uma pessoa precisa para viver... O que nós necessitamos em Angola é o básico, não precisamos de luxo, precisamos do básico mesmo, mas o básico ainda custa caro!

Quando eu vou para o Brás, na esquina da Rua Joaquim Nabuco com a Rua Cavalheiros, eu sinto que estou num pedaço de Angola! É engraçado porque lá tem muitos imigrantes e eu encontro com muita gente que me viu crescer, vizinhos... Ali a linguagem que se fala é toda a gíria de Luanda. A linguagem da banda, nós falamos à vontade, são muitas estigas, muita zoeira... Tem também um grupo de jovens estudantes que tem uma organização chamada Ousados Produções. Eles promovem eventos festivos, e nessas festas vão pessoas de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé, então aquilo fica mais preto, fica mais Angola, fica mais África... Ali eu sinto que estou lá na banda, estou na base, tô na área!

A minha expectativa é ficar. Se surgir uma oportunidade de eu ficar e conseguir ajudar os meus que estão lá, será muito bom. Mas, se não, a expectativa mesmo é voltar... O meu bem estar se condiciona ao bem estar dos meus... Eu não tenho esposa e filhos, vivo praticamente para os meus, porque eu sou mesmo ligado à minha família, minha mãe, meu pai, minhas irmãs, meus primos, sobrinhos; nos falamos muitas vezes na *net*, não perco o contato com eles, estamos sempre ligados. Acredito que terei mais possibilidades de ajudá-los estando aqui, mas, se não tiver tal possibilidade, vou embora para ajudá-los lá mesmo. A minha ideia é tentar trazer algumas pessoas que eu sei que compartilham do mesmo pensamento, que eu consiga ter a confiança que, se estiverem bem, vão conseguir dar suporte aos outros que ficaram... Como o meu tio fez comigo!

Nós vivemos muito disso, um ajuda o outro para que a maioria fique bem. Vou me esforçar muito para permanecer aqui e ajudar os outros lá, principalmente na área da educação, porque, se eu conseguir me estabilizar aqui – e com muitos conhecimentos que tenho com o pessoal da EDUCAFRO e da UNEafro, que consegue bolsas para estudo numa universidade privada, já que as públicas aqui são difíceis, e eu sei que pelas condições financeiras que nós temos lá é difícil conseguir uma bolsa do PEC-G ou do INAB –, vou tentar trazer alguém da minha família para estudar também. Pode ser denúncia, mas, para uma pessoa conseguir bolsas do Instituto Nacional de Bolsas (INAB) de Angola para estudar fora, tem que ter muitos corredores, muitos canais, muitos cunhas³³... Tem que ter algum padrinho na cozinha a preparar os ingredientes para ver se você consegue...

Para mim ser estrangeiro é ser um cidadão do mundo, mas tem um lado que é difícil... Ser estrangeiro é sofrer de saudade, principalmente quando tem alguns problemas que impossibilitam a sua ida de tempo em tempo. Ser estrangeiro é muitas vezes ser marginalizado... Dá um pouco de incômodo saber que, quando você for falar, as pessoas vão notar que não é daqui. Tem pessoas que abraçam, mas as que repulsam... Eu não ligo para as pessoas que não me recebem bem, porque isso é natural, tem pessoas que são daqui e não se dão bem. Isso é uma coisa que é do homem. Mas a parte mais pesada de ser estrangeiro é viver distante da família, distante dos amigos; isso, sim, é muito difícil...

³³ Cunhas – Pessoa influente

Alexandrino Nunes Mpanzo

E a expectativa é muito grande... Primeiro, cumprir o dever, se formar para não defraudar a expectativa de quem está lá do outro lado me esperando com o diploma

O meu nome é Alexandrino Nunes, sou angolano natural da cidade de Luanda. Eu sou o segundo de sete irmãos. Estou aqui no Brasil estudando Jornalismo na Universidade de São Paulo.

Eu nasci em 1985 e, sobre aquilo que eu ouvi e o que os meus pais contavam, esse período foi um pouco turbulento. O país era um país jovem, independente, em pleno auge de uma guerra civil. Então, todo mundo procurava se concentrar nas capitais onde era relativamente um lugar mais seguro. Foi aí que eu nasci.

Nessa altura, o meu pai era funcionário público, trabalhava para o Ministério das Finanças, que aqui seria o Ministério da Fazenda, e a minha mãe era enfermeira. O meu pai cumpriu serviço militar obrigatório. Serviu o exército por 15 anos e, depois que foi desmobilizado, passou para o serviço público. Ele foi desmobilizado acho que em 1989 em função dos acordos de paz que previa a redução do contingente militar do governo e a extinção das forças militares da UNITA.

Quase toda a minha adolescência, eu passei em Luanda. Sempre estudei em escolas públicas e uma das coisas que eu me lembro muito bem da minha infância foi o ano de 1992, ano que se realizaram as primeiras eleições gerais no meu país. Justas e livres não sei se foram, mas foram as primeiras eleições democráticas.

Depois dessas eleições, houve um confronto entre o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), que era o partido no poder e até então partido único, e a UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), que era um movimento guerrilheiro transformado em partido. Eclodiram alguns confrontos porque a UNITA não aceitou o resultado das eleições. Foi uma situação muito difícil porque na altura das houve aquela agitação toda, houve aquela euforia, as pessoas estavam muito fanáticas pelas eleições e apoiavam abertamente os partidos pelos quais simpatizavam. As pessoas começaram a matar-se, nem era mais o exército, nem era mais a polícia, eram os próprios militantes dos partidos rivais que começaram a matar-se. Eu vi vizinhos serem levados de madrugada de suas casas. Eu ainda criança, não tem como

esquecer isso! Pessoas que desapareceram, outros que foram levados do meu bairro e depois ouvíamos que o corpo do fulano foi achado em outro bairro.

Foi uma coisa terrível, muito difícil. Durou quase um mês e até hoje ficaram muitas feridas, muitas cicatrizes nas famílias que perderam entes queridos e não tiveram possibilidade de serem indenizadas ou de acharem os corpos, porque foi uma briga de rivais, iguais aquelas que a gente vê aqui entre torcedores de futebol. Só que lá era bem mais difícil porque era buscar e matar, era matar ou morrer!

Nesse tempo, a gente nem saía de casa, os mais velhos é que saíam para arranjar alimentos, mas o resto da família sempre ficava em casa porque era uma coisa terrível. Você saía na rua e via corpos por todos os lugares. Os mais velhos não nos deixavam sair para nos proteger porque você às vezes via a pessoa sendo levada, ouvia que tal pessoa morreu... Então, era uma coisa que causava uma impressão e um medo muito grande que mesmo sendo criança tínhamos aquela percepção: será que amanhã vão buscar o *papá*? Será que logo vão vir buscar a *mamá*? Será que vai ser nós? Era um medo terrível! Então, os pais procuravam manter as crianças em casa para não terem esse contato chocante com a realidade.

A guerra civil na cidade de Luanda, onde a minha mãe mora até hoje, não se fez sentir muito, excetuando os confrontos em 1992 que eu já falei. A grande dificuldade às vezes era o deslocamento. Você não podia se deslocar, por exemplo, de Ondjiva, que era a cidade onde eu estive de 2003 a 2008, até Luanda porque as vias de circulação não eram acessíveis e corria riscos de cair em alguma emboscada. A demanda para viajar de avião também era muito alta; logo, os preços eram elevadíssimos. Durante os quatro anos que eu morei nessa cidade, procurava ir uma vez por ano a Luanda, geralmente no final do ano, passava o Natal e o Ano Novo com minha mãe e depois retornava. Na cidade onde eu morava, não houve instalação de minas. As minas eram instaladas em lugares estratégicos como aeroportos, por exemplo, mas nada que oferecesse grande perigo às pessoas, até porque era um lugar delimitado e devidamente guarnecido pelos militares.

Minha mãe ficou com os meus seis irmãos, agora está com cinco porque o meu irmão mais velho casou-se e constituiu família. Os outros irmãos continuam morando com a minha mãe, todos estão estudando e ela continua seguindo a carreira de enfermeira. Ela trabalha num hospital público.

Eu fui para a escola quando tinha mais ou menos seis anos de idade, sempre estudei em escolas públicas. Tive passagem por umas três escolas: uma foi da primeira à quarta série, outra onde fiz a sexta e a sétima série, e outra escola onde fiz a oitava e a nona série. Quando eu estava fazendo a oitava série, o meu pai faleceu. O carro dele foi abordado e ele foi assassinado a tiros, eu tinha 16 anos. Na altura, como éramos sete irmãos, evidentemente seria um peso muito grande para a minha mãe cuidar de todos, e o meu tio paterno acabou me levando para o interior, na cidade de Ondjiva, capital de Cunene, uma província ao sul de Angola.

Lá continuei os estudos e fiz o ensino médio técnico em Administração Pública. Morei nessa cidade por volta de seis anos. Terminei o ensino médio e comecei a trabalhar. Entrei para o serviço público, fui para o governo provincial, que aqui seria mais ou menos o governo do estado. Lá trabalhei durante dois e meio, quase três, e acabei saindo para vir ao Brasil dar sequência aos estudos.

Existia certa facilidade para eu vir para o Brasil porque o governo brasileiro mantém um convênio educacional com a Angola desde 1967 e todo ano, em função desse convênio, o Brasil oferece vagas em universidades para estudantes angolanos. Como o processo seletivo é aberto para quem quiser, eu vi que seria um caminho de ingressar na universidade.

Obviamente que em Angola existem algumas universidades, só que na cidade onde eu morava não havia. A solução seria me deslocar para a capital ou tentar uma bolsa por meio desses convênios educacionais. Como o convênio do Brasil, que se chama PEC-G, Programa de Estudantes e Convênio de Graduação, acabou dando certo, vim para cá em 2008. Tenho uma bolsa do convênio oferecida pelo governo brasileiro.

Chegar no Brasil foi aquela expectativa de estar indo para um país desconhecido fisicamente, porque em termos de intimidades e afinidades nós, angolanos, conhecemos demais, até pelo fato de assistirmos telenovelas, filmes, seriados e ouvimos muita música brasileira. Isso cria uma certa intimidade, que de certo modo desperta a curiosidade de um dia conhecer o Brasil. Eu pensava: “Um dia eu vou conhecer o Brasil, um dia eu vou conhecer esse lugar que estão a mostrar na novela, nesse filme.”. E era uma realidade de contrastes muito grandes, você assistia a uma telenovela e era uma coisa muito boa e quando você ia para o cinema e assistia, por exemplo, o filme “Cidade de Deus”, você via um horror muito grande, semelhante ao que a gente viveu durante muito tempo. Só que aqui talvez até com mais intensidade porque é uma coisa

fora de controle. Talvez por ser uma guerra não declarada. Então, víamos essas duas realidades: o que você via na telenovela era um Brasil bom, um Brasil ótimo, que acabava despertando a curiosidade de conhecer. Mas o que você via em filmes como “Cidade de Deus” acabava te causando um certo medo. Para dirimir isso, nada melhor do que estar aqui.

Quando cheguei, fui vendo a realidade e percebi que são coisas absolutamente diferentes, coisas muito separadas. O que acabou me surpreendendo bastante foi a miséria, as pessoas que estão na rua, as pessoas que moram na rua. Isso me causou choque muito grande.

O Brasil é um país que cresceu muito, é um país muito bom no nível de infraestrutura, mas tem algumas mazelas sociais que precisam ser consertadas, não sei se por falta de bons programas sociais ou por falta de distribuição de renda. No meu país, a situação é semelhante, porém mais acentuada porque não existe muito essa coisa de divisão de classes, lá praticamente ou se tem tudo ou não se tem nada.

Outra coisa que eu vi aqui é que existem muitas pessoas de cor negra na rua, mas quando cheguei na Universidade de São Paulo – USP, não sei se isso acontece em outras universidades, eu vi que existiam poucos negros. Em uma ocasião, uma colega ainda brincou falando que a USP importava os negros da África para colorir o ambiente da universidade. Eu acabei absorvendo isso como uma crítica. Talvez ela estivesse descontente com a situação de na USP ter quase cem mil estudantes de graduação, o Brasil ter uma população constituída majoritariamente por negros, e ter poucos negros que estudam lá. Essa foi uma situação que me deixou um pouco constrangido.

Quando eu comecei a me relacionar com as pessoas, muitas tiveram a percepção que eu pudesse ser um negro brasileiro, mas quando eu falava, logo notavam pelo sotaque que eu era um estrangeiro. Dificilmente houve uma situação de me confundirem com um negro brasileiro, mas em algumas ocasiões eu tive o mesmo tratamento dispensado ao negro brasileiro. Alguns negros entram para a universidade por meio de cotas e as pessoas perguntavam: “Mas você que está vindo de Angola, você também entrou por cota? Fez vestibular?”. Eu acabei me sentindo um pouco constrangido porque é uma situação que, querendo ou não, acaba te colocando num certo demérito. Parece que você entrou na universidade não pela sua inteligência, não pela sua sapiência, mas sim por um favor. Essa é uma questão tem um peso muito grande porque aquela pessoa que não entrou pelas cotas vai ter sempre aquele ar de superioridade, que

entrou com mais esforço, que entrou por mérito, em relação ao outro que entrou pela cota. Ao longo da graduação, isso não acaba diferenciando muito porque existem disciplinas que nós acabamos tendo uma média final superior a de quem entrou pelo critério tradicional. Eu penso que isso não faz a mínima diferença, mas infelizmente é algo ideológico que patrulha a mente de quem entrou pelo método tradicional do vestibular.

No meu curso as pessoas se interessam muito pelo meu país, em saber como é que as coisas acontecem. Eu acho muito bom que as pessoas se interessem e acabem manifestando esse desejo em saber, porque em algumas conversas sempre acaba aflorando alguns estereótipos que refletem certo desconhecimento da realidade em África. Por exemplo, aconteceu das pessoas perguntarem: “Lá mora-se embaixo de árvores, lá seu animal de estimação é um leão?”. Essas coisas todas nós acabamos esclarecendo, e isso é muito bom!

Eu acho que aqui as pessoas acabam tendo um nível cultural um pouco mais diversificado e variado porque elas consomem produtos culturais que vem de muitos lugares, principalmente da Europa e dos Estados Unidos, que acaba sendo uma coisa boa e desperta algum interesse em tentar saber mais das coisas de África.

Uma coisa que achei diferente e interessante é que aqui as pessoas realmente vão à luta. Existem mobilizações em todos os níveis, na universidade, no serviço público e na sociedade civil. Há um alto nível de consciência e esclarecimento daquilo que é a reclamação pelos direitos e deveres das pessoas. Eu acho que, se isso existisse nos países africanos, ou mesmo no meu país, talvez as coisas fossem melhores, porque as pessoas às vezes acabam reclamando individualmente. Não existe aquela força, aquela corrente para se mobilizar em torno de uma causa. Sem dizer que aqui também acaba facilitando um pouco o fato da mídia ser bastante diversificada e apoiada em vários estratos e interesses que acabam repercutindo essas lutas. Então, acho isso uma coisa muito importante e fundamental para se aliar a conquista de alguns direitos das reclamações das pessoas.

Qual o meu sonho no meu país?... Eu comecei jovem no serviço público, tinha aspirações de progredir na carreira. Mas desde o momento em que entrei na universidade com a possibilidade de ter uma formação específica, ter uma área profissional de atuação bem delimitada, acabei abrindo os meus horizontes e passei a sonhar um pouco mais. Antes sonhava em estar no serviço público, fazer carreira, mas

agora vejo que, além disso, também quero fazer alguma coisa que realmente possa mudar a cara do meu país. Se eu não conseguir fazer isso, pelo menos que eu seja o precursor para que outras gerações possam se espelhar, ver o exemplo de uma obra inacabada e dar sequência para que realmente a cara do meu país mude daqui a alguns anos. Que seja pelo menos o que o Brasil é hoje. Já seria muito bom se chegasse a esse nível porque tenho certeza que ia melhorar bastante tanto o nível quanto a qualidade de vida. Quando isso mudar, o nosso continente vai deixar de ser pautado como atrasado e miserável. Penso que às vezes o que nós precisamos fazer é criar atitudes que possam mudar isso e não reclamar ou se constranger quando ouve comentários dessa natureza.

Sempre que posso me comunico com os meus... Comunicamo-nos pela internet, que é muito eficiente e têm vários métodos: Skype, MSN. Estamos sempre em permanente contato. E a expectativa é muito grande... Primeiro, cumprir o dever, se formar para não defraudar a expectativa de quem está lá do outro lado me esperando com o diploma. Isso às vezes acaba sendo um incentivo, mas ao mesmo tempo também se torna uma responsabilidade e uma cobrança muito grande. Então, tenho que saber ponderar esses fatos para ter o equilíbrio e poder alcançar esses objetivos. No momento, o clima é em torno dessa expectativa de eu me formar.

Já aconteceu de eu me encantar por mulheres brasileiras, mas havia sempre aquela questão de certas coisas que estavam dispersas em termos de cultura, valores, crenças e que talvez levassem muito tempo para serem afinadas. Também corria o risco de não dar certo e ser um tempo obviamente perdido... Eu poderia desiludir alguém sem querer. Aí conheci a Carllile, minha namorada que é de São Tomé e Príncipe. Com ela, por ser africana, o relacionamento foi mais fácil. Nos conhecemos, namoramos e foi aquele entrosamento todo, porque a cultura dos nossos países é semelhante.

O que me encantou muito na cultura brasileira foi o samba e a capoeira, porque eu encontrei uma versão bem requintada do que temos em Angola. Lá tem capoeira, eu até tentei praticar durante algum tempo. O samba e a capoeira me encantaram bastante porque foi uma versão um pouco mais além daquilo que nós temos e, quando escutamos um samba com atenção, notamos o ritmo de alguns instrumentos que usamos em algumas cerimônias e em nossas festas tradicionais, como, por exemplo, a marimba.

Isso acaba me deixando num certo clima de nostalgia... Tenho cada vez mais a sensação de que as coisas podem mudar, mas a nossa cultura não vai morrer porque se atravessou o Atlântico e, se sobrevive até hoje aqui no Brasil, é claro que vai resistir por muitos anos. Isso acaba nos dando alegria por saber que tivemos participação na formação cultural do povo brasileiro. Isso acaba, de certa forma, deixando-nos aquela sensação de que aqui existe a nossa história, que tem algo que nos liga, que temos uma relação muito forte. Sempre que eu falo disso, gosto de citar uma frase de Jorge Amado que diz mais ou menos assim: “O nosso cordão umbilical, no caso do Brasil, está ligado na África.”. Eu acho isso uma coisa maravilhosa!

O que eu não gosto daqui é a briga das torcidas organizadas. No meu país, futebol é uma coisa alegre, é uma coisa para as pessoas se divertirem. Quando eu cheguei aqui, acabei me identificando muito com o Corinthians, primeiro porque a maioria dos africanos que eu conheci já torcia para esse time. Fui me inteirando sobre a história do clube, acabei simpatizando e comecei a torcer pelo Corinthians de coração e alma. Fui até ao estádio ver alguns jogos. Mas depois que eu vi as brigas entre as torcidas, que mais pareciam facções ou gangues criminosas, eu realmente passei a ter um certo receio em ir ao estádio. Isso deixa qualquer pessoa que gosta de futebol muito triste. Acho que ninguém gosta desse clima tenso de torcida. Em Angola, o meu time é o Petro Atlético de Luanda. Acho que agora é o primeiro ou segundo time em termos de título nacional. É um time forte e competitivo.

Quando você vai para um país desconhecido, acho que é essencial criar laços de amizade e solidariedade com as pessoas desse país. Obviamente que você acaba se entrosando mais e criando certos ciclos e certas amizades que podem ser valiosas. No meu caso, eu sempre tive amigos na faculdade, amigos nos lugares onde morei e também amigos africanos, obviamente. Eu procuro relacionar-me com todo mundo porque, quando você se relaciona só com amizades africanas, acaba quase que criando uma ilha de isolamento, e eu acho que isso não é bom para quem pretende fazer um intercâmbio e para quem pretende conhecer mais acerca da realidade brasileira. Você estando só no meio de estudantes africanos, como você vai receber um convite para assistir a uma festa brasileira num terreiro? Para ir assistir a um festival de samba? Para

ir, por exemplo, a um lugar histórico. Isso jamais você vai conseguir e obviamente, se você não conseguir essas coisas, sairá daqui mais incompleto e nem sei se com tanta autoridade ou legitimidade para falar: “Eu conheço o Brasil!”. Afinal, o que é conhecer? Conhecer é estar por dentro e acabar se entrosando. Então, isso facilita muito quando você cria redes de amizades além do grupo de africanos que estão aqui.

Aqui eu me sinto estrangeiro! Principalmente quando vou a uma entrevista de estágio, existe sempre aquela admiração: “Você não é daqui.”. Obviamente, isso às vezes acaba criando certos questionamentos na gente e você acaba realmente se sentindo como um estrangeiro, como um *outsider*, fora do ninho. Mas eu acho que, excetuando essas questões, o resto é tudo tranquilo porque, embora tenhamos alguma variação na forma de falar, acabamos falando o mesmo português. Eu acho que isso também facilitou e facilita até certo ponto.

Álvaro Silva Pereira Bastos

[Em Angola] A convivência é muito aberta entre as pessoas, aqui não, as pessoas são mais fechadas

Eu sou Álvaro da Silva Pereira Bastos, nasci em Luanda, capital de Angola. Nasci em 11 de março de 1988, portanto estou com 25 anos hoje. Eu tenho sete irmãos, de pai e mãe. Tive a infelicidade de perder o pai em fevereiro do ano passado, em 2012.

O meu pai sempre foi professor. Ele lecionava língua portuguesa, só que há quinze ou vinte anos ele passou a ser diretor de escola, era um cargo importante, no município do Cazenga, na província de Luanda. A minha mãe é doméstica, trabalhava em casa, fazia uns negócios para complementar a renda da família.

O meu pai teve duas esposas, era casado com a minha mãe, mas tinha outra esposa com a qual constituiu outra família. A minha relação com os outros irmãos por parte do meu pai era normal, a gente não se via muito porque a minha mãe não se dava muito bem com a outra esposa. Agora, a relação entre os filhos todos era a melhor possível. Em casa, eu sou o quinto filho; tem a Esmeralda, que fez 16 anos agora; o Vado, que tem 22, vai fazer 23; o Tó, que é mais velho que eu, o Luizão, que é o que vive aqui comigo; a Chinha e o Zezinho, que é o mais velho de todos. Na verdade nós

éramos dez, faleceram três e ficamos sete. Agora, da parte do meu pai, eu acho que são oito ou dez. Quando eu saí de lá, eu conhecia todos, mas parece que nasceu mais uma menina ou um menino.

O meu pai não se casou de novo, na verdade não se casa de novo. Seria um pouco arriscado eu falar sobre a bigamia, porque realmente eu não conheço muito a fundo essa questão, mas o que se vê no cotidiano é assim: ter dois casamentos é crime, mas ele tem outra relação. Cabem aos envolvidos conversarem, a pessoa casada e a esposa, e dizer que tem outra relação, ele explica como é a relação e daí vê se a pessoa concorda ou não. Se a pessoa concordar, obviamente, ele continua casado com essa pessoa, mas com a outra ele vai ter uma união estável, eles vão vivendo, vão ter filhos, vão registrar; quer dizer, vai se resguardar de todos os direitos do casamento como união estável. Como culturalmente é aceitável na nossa sociedade, é uma coisa que poucos criticam. Dizem que o meu avô teve 14 mulheres. Essa coisa lá é muito comum. A minha casa, por exemplo, era no município do Cazenga, era num bairro da Comissão do Cazenga e a outra casa do meu pai também era no município do Cazenga, só que num outro bairro, distante até, era no Hoji-ya-henda. Agora, o contato entre os filhos não tinha porque a minha mãe tentava evitar e a outra também. Porque envolvia muita coisa, acho que era ruim tanto para a minha mãe como para a outra ter que se encontrarem. E rolava um boato que possivelmente eram da mesma família. Agora, a relação com os filhos sempre foi boa, não tão boa porque a gente não se encontrava muito. Eu fui conhecer uma irmã quando ela tinha 24 anos e eu, 22. Eu a conheci no casamento do meu irmão que está aqui. Vai acontecer um dia de alguém namorar a própria irmã sem saber, é totalmente possível. Na África, e particularmente em Angola, ainda é muito comum, tem muitos casos de pessoas que tem duas famílias ou mais.

Para as mulheres, eu acho que é uma situação não muito confortável, não é nada bom, porque eu via que a minha mãe não gostava dessa situação. Mas, se calhar, talvez fosse o lado sentimental que a fazia não se desvincular daquela condição. Eu não consigo descrever qual o sentimento da pessoa, é muito difícil...

A minha família é religiosa, principalmente o meu pai, a minha mãe, eles são todos católicos. O meu pai e a minha mãe sempre foram para a igreja, sempre nos levaram. Mas depois de um tempo, quando o pessoal começou a crescer cada um foi fazendo sua opção, o meu irmão Tó é Testemunha de Jeová, a minha irmã mais velha é católica também, foi batizada. A família em si é católica, mas cada um começou a

perceber o que realmente queria da vida e foi seguindo outras coisas. Hoje eu não me descrevo como tão católico assim, mas já fui católico.

O grupo étnico cultural de Luanda, especificamente, é quimbundo, mas todos são descendentes dos bantos. Na minha casa, especificamente as línguas nacionais, não se praticava muito. Realmente é um erro, a gente fala que os meus pais erraram nesse sentido. O meu pai e a minha mãe falavam quimbundo, a família no geral fala, os tios, os avós, os mais velhos. Mas, de toda a descendência de 1975 para cá, poucos falam, entendem uma coisa ou outra, mas não falam porque na minha casa não se falava. Eu tenho uma tia que na casa dela falava-se bem mais, quando a gente ia lá uma coisa ou outra até ouvia-se. Agora, em casa mesmo ninguém falava. Eu acho assim, as pessoas tinham um preconceito de falar a língua nacional. Acredito que seja fruto da europeização do país. Quando você falava as línguas nacionais, muitas vezes achavam que você era atrasado. A gente não sabia, afinal de contas, o que estava perdendo... Tanto que hoje o país procura resgatar esse liame cultural que a gente teve com o passado. Hoje nas universidades estão ensinando as línguas nacionais, tem cursos. Eu até acho que vou ter que fazer um também! Mas é legal ver as pessoas falarem. Conheço bastante gente que fala, a Fernanda fala...

Uma coisa que me marcou bastante na minha infância foi as brincadeiras com os amigos. Realmente é do que eu sinto muitas saudades, porque não tenho um grande número de amigos aqui... Eu sempre brinquei muito com os amigos, sempre fiquei muito fora de casa. O que contrasta muito com a realidade daqui, porque aqui as crianças brincam em lugares fechados, elas não têm liberdade. Claro que isso é fruto da modernidade, também está mais perigoso viver no mundo hoje, mas antigamente eu saía com os meus amigos, a gente andava distâncias... Por exemplo, a gente saía da Comissão do Cazenga, que era o bairro onde morávamos, e íamos brincar na estação de trem, jogávamos pedra no trem, brincávamos ali... Era muito bom! O curioso é que nós mesmos que fazíamos nossos brinquedos. A bola, nós fazíamos com trapos, pegávamos sacola e a gente ia colocando dentro, colocava esferovite e fazia a bola para jogar. Ou seja, se você quisesse brincar, você tinha que fazer tudo. Fazíamos carrinho também, carrinhos de lata. No fundo, no fundo, isso tudo foi muito legal! Pipa, a gente é que

fazia as pipas. A gente falava assim: “Quer brincar? Vai pegar as coisas e faz o teu brinquedo!”. E era assim, a gente brincava ali, era muito legal! Hoje as crianças compram os brinquedos. Obviamente que isso também era fruto da condição financeira de muitos pais, mas para mim não faltava, o meu pai até comprava brinquedos, eu até tinha, mas o legal era você sair de casa e fazer. Você se sentia livre para criar alguma coisa da sua cabeça, você fazia, criava o seu brinquedo e implementava de alguma forma. O pior é que dava certo! Isso me marcou bastante porque hoje não tem mais... Acho que foi uma das fases mais importantes da minha vida...

Hoje em Luanda, eu já não sei dizer se as crianças continuam a fazer os seus próprios brinquedos, mas acredito que sim, porque é um tipo de conhecimento que se passa de geração pra geração, porque eu via os meus irmãos mais velhos fazendo... E parece que é uma coisa sincronizada, em determinado tempo do ano você vê que as pessoas ficam fazendo. Por exemplo, a gente faz um negócio que chamávamos de “Parada” em alguns lugares do bairro. Lá era onde o pessoal se reunia, sentava e pintava a parede, escrevia coisas... Isso era feito no período de dezembro por causa das festas de natal. A gente fazia nossas festas com os amigos, meio que uma rodinha que criávamos no bairro. Possivelmente agora o pessoal deve estar tirando aquilo tudo para guardar e fazer de novo em dezembro. Nesse período, como as crianças estão de férias, muitas estão fazendo esses brinquedos que eu falei, carrinhos de lata, pipa, que lá chamamos papagaio. Quando termina janeiro e entra fevereiro, até lá para o dia 5, 6 de fevereiro, quando começam as aulas, aí pára e volta à vida normal, vai estudar, mas sempre brincando, jogando bola. Mas quando entra de férias, começa tudo de novo... É uma coisa que se tornou um costume, um hábito, é como se fosse uma lei.

Na escola, era legal. Os professores eram todos angolanos. Era bom porque sempre nos falavam que a escola é a nossa segunda casa. Então, sempre íamos à escola com uma certa satisfação, você sabia que não estava indo para um lugar desconhecido. Pelo menos eu gostava de ir! A relação com os colegas também era boa, apesar das brigas, sempre tinham as brigas normais. O ensino era diferente da realidade de hoje, mas era bom também, deu para aprender. Tudo que eu faço até hoje, acho que a base toda começou absolutamente lá. No geral, a relação entre escola, professores e alunos sempre teve uma boa interação.

Eu não peguei a fase dos professores cubanos. Sei que tiveram muitos, até hoje tem, mas teve muito mais em 1975. Cuba sempre teve uma boa relação com Angola,

então em 1975, no pós-independência, para se constituir bem a República, até os anos 1980, tiveram muitos professores cubanos. A população era totalmente analfabeta, não tanto quanto hoje. Possivelmente de 1988, que foi o ano que eu nasci, até os anos de 1990, 1995, por exemplo, você podia encontrar um ou outro médico cubano nos hospitais, ou então professores da universidade.

Memória viva da guerra civil, eu diria que não tenho, porque não sofri a guerra na pele como muitos amigos que eu tive e conheço até hoje. Eu não vivi porque na capital de Angola só teve um confronto, que foi em 1992, mas tudo foi muito rápido. Quando teve as eleições de 1992, dizem que teve fraude, mas não se sabe. Então, teve esse descontentamento que ocasionou uma guerrilha em Luanda. No Cazenga, também teve, mas não com tanta veemência. Acho que teve mais no centro da cidade, no Sambizanga. E depois teve um grupo que foi para as matas, para a província de Huambo principalmente, e começou a guerra. Mas as guerras sempre foram mais no interior do país, fora da capital. Na capital, teve um ou outro confronto, mas muito pequeno.

Nessa época, o que eu senti foi o impacto do fluxo migratório para a província de Luanda. Muita gente tinha que fugir da guerra, e também as condições de vida em Luanda são muito diferentes das condições de vida do interior do país. Então, acho que essas foram as razões. Em Luanda, não tinha guerra, então obviamente para as populações seria mais fácil migrarem para lá. A guerra só não chegou em Luanda porque tudo estava lá, a diplomacia do país, o exército, tudo estava centralizado ali. Luanda é uma das menores províncias, mas hoje concentra o maior número da população do país.

A gente percebia a mudança no cotidiano, mas eu digo que não foi um impacto negativo, nunca teve um impacto negativo na minha vida nesse sentido. Aliás, eu sempre gostei. Na escola, eu estudei com um rapaz, o nome dele é Francisco, mas a gente o chamava de Cola, a gente tinha uma boa relação, ele era do Bié. A gente se zoava normalmente, ele tinha um sotaque diferente, mas, assim, normal, foi uma relação muito boa. Todo esse fluxo migratório de alguma forma nunca me impactou num sentido negativo. Sempre foi bom, tanto na escola, como na rua, ter amigos de outros lugares. Eu me lembro até que eu e alguns amigos começamos a viajar para esses lugares, fui uma vez para o Bié para conhecer.

Eu sempre estudei em escola pública, comecei a fazer o ensino de base, que vai da primeira até sexta classe, numa escola em frente de casa. Dali eu tive que ir para

outra escola, pública também, para fazer a sétima e oitava classe. Fui para o ensino médio também em escola pública. Sempre estudei em escola pública, na realidade nunca pensei em estudar em escola privada, o meu pai também nem tinha condições de pagar. Depois que concluí o ensino médio, prestei o concurso para Faculdade de Direito na Universidade Agostinho Neto, mas não consegui a nota que precisava para passar.

Como o meu irmão já estava aqui em São Paulo, ele veio para cá em 2008, ele ligou para mim e falou: “O que você acha de fazer a faculdade aqui?”. Ele fez algumas pesquisas e viu que o preço era acessível, conversou com a minha mãe, com o meu pai e com meu irmão mais velho, que também já trabalhava como professor e financeiramente me ajuda bastante. Os meus pais concordaram, conversaram comigo, e eu também concordei. Disse: “Tudo bem, eu vou para lá e me formo, já que eu jogo basquete, talvez consiga uma bolsa.”. Aí eu vim para cá. Eu não havia planejado vir, não pensei: “Vou estudar no Brasil.”, mas já que surgiu a oportunidade eu vou. Eu só queria me formar.

Como a minha vinda para cá não foi previamente pensada, eu praticamente não pesquisei muito sobre o que era São Paulo, mas o pouco que eu conhecia do Brasil era aquela coisa de ver na TV. Mas assim, eu já vim para cá com o pé no chão. Sabia que não era aquela coisa como se vê na novela, todas as casas com telefone, com internet, a comida na mesa posta daquele jeito. Não, aquilo é novela, claro. Mas assim, quando eu cheguei, fui tendo as minhas surpresas. Eu cheguei e vi um lugar totalmente diferente.

No mesmo mês de julho de 2009, eu cheguei, prestei vestibular na UNINOVE e passei. Mas como tinha a questão do visto, que era de turista, eu tinha que voltar para pegar o visto de estudante. Na UNINOVE, eu não consegui fazer a matrícula nem provisoriamente, nem mesmo para ter a declaração de vestibular, voltar e pegar o visto na Embaixada do Brasil em Angola. Aí prestei vestibular na UNIP e passei, fiz a matrícula com a documentação que eu tinha, que era o passaporte, o CPF, que eu já tinha adquirido também, e entrei na UNIP.

Eu tinha que voltar para tirar o visto de estudante e ver a documentação toda. Só que aí eu comecei a estudar, cheguei em julho de 2009 e as aulas começariam em agosto. Fui estudando normal nessa condição e não tenho visto de estudante até hoje. Eu estou pensando em voltar, só que se eu voltar agora terei que ficar um tempo lá e pagar uma multa. Então, penso em concluir o curso, voltar, pago a multa e volto para cá para

talvez fazer o mestrado ou pós-graduação. Ou não, volto definitivamente para Angola e faço uma especialização lá mesmo ou talvez em outro país.

Quando cheguei, fui viver na Vila Maria. Vivia eu, o meu irmão, a esposa dele e o meu primo. Aí a gente foi vivendo, foi vivendo...

Agora, a adaptação aqui não foi difícil. Em Angola, eu trabalhei como eletricitista na Odebrecht e o meu chefe e alguns colegas de trabalho eram brasileiros, então a adaptação não foi muito difícil. Claro que é diferente, encontrei muitas coisas diferentes, mas na sala de aula, por exemplo, não encontrei dificuldade nenhuma. A deficiência foi apenas no início do curso porque aqui era um lugar estranho e eu estou estudando legislações totalmente diferentes das do meu país, mas consegui me adaptar muito bem.

No início na universidade, que eu me lembre, de estrangeiros era só eu, o meu irmão e uma menina angolana. Diziam que no turno da noite tinha um guineense. Mas ao longo dos anos foram aparecendo outros angolanos. Tem um camaronês lá também, o nome dele é Dnjegwes, ele é meu amigo também. Mas dentro da sala de aula, na minha turma, eu sou o único. Acho, inclusive, que no curso de Direito eu sou o único estrangeiro. Lá tem também um cara que é boliviano, mas não cheguei a conhecê-lo.

Com a relação ao preconceito, se eu sofri realmente não percebi, porque eu não presto muita atenção nisso. Se me perguntar se já aconteceu alguma situação, eu diria que já, mas não foi nada direto. Assim, frontalmente nunca ninguém me falou nada, nunca ninguém me xingou, tipo chamar de “negro”. Racismo eu diria que nunca sofri. Talvez omissivamente, mas totalmente aberto e declarado na minha frente nunca senti. Na faculdade nunca, mas eu já ouvi muitas vezes no trânsito, dentro do ônibus já ouvi comentários, não falando diretamente de mim, mas falando mal de bolivianos, peruanos. A forma que essas pessoas falavam demonstrava uma aversão total a estrangeiro. Uma vez que vi bem, o rapaz falou: “Seu eu tivesse uma arma, eu saía matando cada um desses caras.”. Eu estava perto, bem perto. Eu me assustei, mas obviamente fiquei calmo e pensei: “Ainda bem que aqui não tem ninguém que eu conheço, porque obviamente se eu abrisse a boca eles perceberiam que eu sou estrangeiro.”. Mas eu já ouvi esse tipo de comentário, sim.

Agora, discriminação em função da cor, não. Talvez da origem, por não ser brasileiro exatamente, mas não por ser negro. Por exemplo, na faculdade, no time de basquete em que eu jogava, você percebia isso, apareciam uns que falavam: “Esse cara está ocupando o lugar que não pertence a ele.”. Isso eu também já ouvi.

Eu joguei basquete no time da UNIP, mas saí no ano passado. Pelo falto de jogar no time, eu tinha um desconto de 60% na mensalidade. Dava uma grande ajuda, mas desde que saí, obviamente, apertou muito o meu orçamento. Comecei a jogar no segundo ano da faculdade, participei da peneira, aqui chamam peneira, foi um teste aberto. Uma das minhas qualificações é que, como eu já jogava em Angola, encontrei o que eu procurava, porque realmente eu procurava jogar basquete aqui também. Fiz o teste, participei da seletiva e passei. O treinador foi escolhendo, nesse dia passaram uns dez e eu estava entre eles. Fui jogando, joguei até o primeiro semestre de 2012, eu saí no segundo semestre. Saí por opção, mas estava tendo umas situações inexplicáveis, nem o treinador conseguia explicar. Muitas vezes eu treinava e ele não me colocava para jogar. Às vezes não tinha equipamento para mim, o meu irmão jogava no mesmo time também, e faltava equipamento para nós dois. É estranho obviamente, a gente falava: “Vamos conversar com o treinador para ver o que se passa.”. Aí fui lá e falei:

— Treinador o que se passa, a gente não joga mais?

Ele deu uma desculpa esfarrapada:

— Não tem equipamento, parece que o pessoal está roubando equipamento.

Era melhor ele ser coerente e dizer que não nos queria mais no time. Eu pensei: “Eu vim para cá para estudar, pagar a faculdade integral.”, já sabia disso. Então, para não ter que passar de treinar e não jogar, resolvi sair do time. Esse foi o motivo principal que nos fez sair.

O meu gosto por basquete se deu na adolescência. Eu via o meu irmão jogar – o irmão que mora aqui comigo sempre jogou – e eu assistia a muito jogos, ia aprendendo também. E a estatura também ajudou... Eu jogava na rua, colocávamos a tabela, o aro e jogávamos ali mesmo. Aí surgiu uma oportunidade, eu estava jogando um dia e um cara que era jogador, o nome dele é Sampuda, me viu jogando e falou

— Você joga bem, você não quer treinar?

— Já ando à procura disso faz tempo.

Ele passou-me o endereço de um clube, o GD Nocal e pediu que eu falasse com o treinador Dog, o chamavam de Dog, mas não sei por quê. Eu acho que tinha uns 15

anos. Fui lá, já estava estudando no Oscar Ribas, fazia a sétima classe na altura. A escola era perto desse clube, saindo da escola era só subir uma avenida. Aí fui lá, conversei com o Dog e ele disse:

— Tudo bem, você pode começar treinar a partir de hoje se quiser.

— Não, eu volto amanhã porque tenho que estar de tênis.

Aí comecei a treinar na categoria de iniciado.

Fiquei nessa categoria acho que um ano e meio. Depois fui para outra categoria que era cadete, e fui aprendendo bem mais. Eu diria que já sabia jogar um pouco. Depois culminou que terminei o ensino de base, a oitava classe, e tinha que ir para o ensino médio. Como no ensino médio eu tinha que estudar de manhã e os treinos também eram pela manhã, não consegui conciliar. Então, saí desse clube e fui jogar no Inter Clube, um clube que é da polícia nacional. Eu joguei no Inter mais uma época como cadete. Tem que jogar dois anos em cada categoria, então joguei cadete no primeiro ano e no segundo comecei a jogar júnior. Mas no Inter eu comecei a ter muitas faltas nos treinos porque eu sempre dei mais atenção aos estudos em relação ao desporto, sempre dei prioridade para a escola. Então, eu treinava pouco porque tinha que me dedicar aos estudos. Mas chegou um tempo que estávamos treinando para o campeonato nacional de juniores e eu estava fazendo o último ano do ensino médio.

Quando terminei o ensino médio, comecei treinar um pouco mais, mas no início de 2009 foi quando eu tive que estudar para fazer o teste na faculdade e deixei o basquete de lado. Como em 2009 eu não entrei na faculdade, podia ter me dedicado mais ao basquete, mas teve a ideia do meu irmão de vir para cá. Eu também comecei a amadurecer um pouco essa ideia e pensei: “Vou deixar de jogar basquete nem que for por um tempo.”. E vim para cá.

Como eu já disse, aqui entrei no time de basquete da universidade por um tempo, mas não deu certo de continuar no time. Hoje eu jogo com os amigos no Ibirapuera, no CEU, vou jogando assim, só para divertir e para não esquecer. Eu penso, às vezes, quando voltar para Angola em procurar os amigos com quem eu treinei e, se puder e tiver com físico para aguentar a jogar – porque realmente é um desporto que exige muito físico também –, talvez eu jogue. Mas talvez, com a formação que eu vou adquirir, não vou ter tanto tempo assim para me dedicar. De qualquer maneira, vou continuar jogando por hobby...

Assim que eu cheguei em São Paulo, notei a diferença um pouco no clima, pois era muito frio. No dia seguinte, eu liguei para a minha mãe e falei: “Eu vou ter que voltar mãe, aqui é frio demais.”. E as pessoas também, a maioria aqui é branca! Aí você acaba enxergando que é um lugar diferente, percebe que não é o lugar que você nasceu... E a convivência das pessoas também. Outra coisa que você vê é que não tem muito contato entre as pessoas, com o vizinho. Quando a gente vivia na Vila Maria, o pessoal passava e a única pessoa de quem eu recebia um bom dia era do porteiro do prédio. Nem se você encontrar a pessoa na porta, ela não tem a cultura de te cumprimentar. Muitas vezes você cumprimentava com um bom dia e a pessoa sequer respondia. Isso é extremamente estranho. Os vizinhos não têm o hábito de se cumprimentar, nem que seja o seu vizinho de porta.

Em Angola, não existe isso, a pessoa que vive do seu lado a sua própria mãe vai falar que é sua tia ou seu tio. A convivência é muito aberta entre as pessoas, aqui não, as pessoas são mais fechadas, cada um está no seu espaço e de forma alguma vai querer que você invada esse espaço. Acho que essa chega a ser uma das diferenças que eu vi aqui também.

A minha relação com os brasileiros é boa. Assim, sair para ir a bares é difícil porque eu não bebo, mas eu saio com os meus colegas da faculdade, principalmente em um dia que tem poucas aulas ou quando a aula termina cedo nós saímos, andamos um pouco pela cidade. Outra coisa que eu faço muito com os brasileiros é jogar basquete. Eu jogo mais com os brasileiros que com os angolanos, porque os angolanos que estão aqui não jogam. Então, eu, o meu irmão e o meu primo conhecemos muita gente da área do basquete aqui no Brasil. Até tem alguns lugares que, se você perguntar por nós, possivelmente nos conhecem. Então, a relação chega a ser boa, nunca tive nenhum tipo de atrito, a relação é satisfatória, porque a gente se dá bem, tanto com os angolanos como com os brasileiros.

Eu tenho uma relação boa também com a comunidade angolana, acho que é por isso que eu não estranhei o Brasil, porque a comunidade angolana aqui é muito grande. A minha participação na comunidade também é muito ativa, eu estou quase sempre lá. Muitas vezes eu saio da faculdade e não tenho que ir para o estágio, eu passo no Brás e fico ali. A minha relação com eles é boa também, tanto com os estudantes como com os

que não são estudantes, a maioria é comerciante. Tem um barzinho no Brás, bem perto de onde aconteceu o acidente com a Zulmira, que o pessoal toda sexta-feira se encontra.

Dizem que antigamente a relação entre os estudantes e a comunidade não estudante aqui era bastante conflituosa, mas hoje está bem mais pacificada. Até porque muitos que não estudavam, os que vieram aqui com a finalidade de fazer comércio, hoje estão se formando também. Talvez por influência dos que vieram para estudar, porque muitos já voltaram formados e eles viram que essas pessoas estão com *status* social melhor e hoje também tendem a isso. A relação é muito favorável porque os comerciantes são mais antigos aqui, então, particularmente, eu acho incoerente você vir e não querer lidar com aquelas pessoas, porque, realmente se você quiser saber alguma coisa daqui, obviamente você não vai aprender na faculdade, você só vai aprender com eles.

Na verdade, eles nos ensinam muitas coisas. Por exemplo, lugares que você pode andar, onde há assaltos, onde não há assaltos. A região do Brás é tida como perigosa e desde que eu estou aqui eu nunca fui ameaçado de ser assaltado no Brás. Eu estava conversando com um kota – a gente chama “kota” porque é mais velho –, e ele falou: “Aqui tem lugares que você não pode passar...”. E realmente você não pode passar, mesmo! Se os estudantes se sentem bem aqui em São Paulo, isso é fruto do que esses comerciantes já alcançaram, principalmente nessa região de São Paulo, porque dizem que antigamente os próprios brasileiros não aceitavam os angolanos na região. Hoje nós, estudantes, vamos lá com toda a naturalidade possível, andamos em todos os lugares, fazemos compras também, porque muitos compram coisas lá e mandam para Angola. Alguns fazem isso. Eu nem tanto assim, mas também já enviei coisas para a mãe ou alguém que pede alguma coisa. Mando roupas, computadores, máquina fotográfica. O pessoal liga: “Eu estou precisando de um negócio.”. Aí vou à Santa Ifigênia, que vende muito esse negócio de informática, compro e mando para lá. Mas o centro, nesse caso, sempre é o Brás, porque o Brás tem as pessoas que sempre chegam. Por exemplo, chegou um amigo que vai voltar para Angola, então falo com ele para levar o material e vai entregar para a pessoa.

Com relação à morte da Zulmira, eu não saberia precisar muito bem a data, mas foi assim: um dia o pessoal estava comemorando o aniversário de um amigo – acho que todos eram estudantes – num bar na região do Brás. Tinham angolanos e brasileiros também. Estavam conversando, tomavam a sua cerveja normal e teve uma briga, me parece que um angolano trocou palavras com um brasileiro, foram se ofendendo e o brasileiro chamou-o de “macaco”. Nesse momento quando chamou de “macaco”, o pessoal tentou agredi-lo. Mas não sei, por talvez ser marginal, o brasileiro pegou o carro e saiu. Como tinha gente fora do bar, ele voltou, colocou o carro numa posição estratégica para fugir e aí efetuou os disparos. Ele atingiu acho que quatro pessoas, uma mulher grávida, dois rapazes e essa menina que era a Zulmira. Infelizmente, a Zulmira foi a única fatal, o tiro pegou bem na cabeça. Segundo dizem, ele foi atirando nas pessoas a esmo.

A criação da UNEA não está associada a esse fato, naquela altura já estávamos formados. Só que foi bem no momento que a UNEA nasceu, uns dois ou três meses antes. A gente vinha fazendo atividades no sentido de defender os direitos dos estudantes aqui, tal como a Zulmira que era estudante, mas depois do acontecimento a comunidade angolana ficou um tanto paralisada com a situação, não se fazia nada de concreto. Aí dissemos: “Nós somos estudantes, por que não defender um interesse desses? Afinal de contas, protegendo ela estamos nos protegendo.”. E nós fomos, abraçamos a causa e procuramos alguns movimentos que também se solidarizaram. A EDUCAFRO se associou, a UNEafro também se associou, o CDHIC, que é Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante, várias entidades de defesa dos direitos humanos e direitos associados aos negros. Fomos também na Delegacia de Crime Raciais, foram feitas algumas audiências públicas na Assembleia Legislativa de São Paulo. Fizemos muitas atividades. Me parece que já prenderam o assassino e possivelmente ele vai ser julgado.

Para a comunidade angolana, foi uma situação muito triste. Já morreram outros angolanos aqui, acho que dois ou três, a maioria assassinados, um morreu a facadas no Rio de Janeiro, outro rapaz aqui em São Paulo que foi tiro também, mas o da Zulmira teve maior evidência e foi mais rude, mais cruel, talvez devido ao momento também, porque me parece que era um momento que eles estavam comemorando alguma coisa, eles estavam todos alegres e foi como se despejasse uma coisa que a alegria acabou do nada. Eles estavam alegres num momento depois ficaram tristes... Então, para a

comunidade, foi realmente muito triste. Você via o pessoal todo comovido, todos choravam juntos. O cônsul estava lá também. Em Angola, o caso repercutiu bastante, porque a Zulmira estava se formando, ela terminaria o curso em agosto daquele ano e voltaria para Angola. Acho que ela fazia pós-graduação em engenharia de produção...

Para a família, foi uma perda muito grande e também para o país. Em Angola, realmente houve repercussão, passou no jornal lá, acho até que no Youtube deve ter. Talvez o empenho do Itamaraty daqui e do Ministério das Relações Exteriores de Angola pudesse ser bem melhor para tentar resolver esse caso, porque está assim, até hoje não se sabe exatamente se prenderam, se já julgou, se tem processo em aberto, não se sabe.

A UNEA, nós definimos como a União dos Estudantes Angolanos em São Paulo. A gente defende principalmente o interesse dos estudantes, mas é um grupo que não está focado somente nos estudantes. É uma contradição falar isso, porque tem uma sigla que se autointitula estudantes, mas não abarca só estudantes, não. Um dos fundamentos que nos fez criar é essa questão da burocracia, desde a aquisição do visto até a chegada aqui. Por exemplo, desde o aeroporto, o estudante que chega sabe que tem um grupo de estudantes que vai ajudá-lo no sentido de adquirir moradia, de informar a localização da faculdade onde vai se matricular. É como se nós treinássemos as pessoas que vão vir para cá de como é a vivência aqui em São Paulo, para que elas saibam lidar com as situações e para que não tenha aquela coisa da exploração que se vê aqui. Muitas vezes você chega e dá dinheiro para estranhos, no que você tem que pagar R\$ 5,00, você dá R\$ 100,00 e não recebe troco, porque você não conhece o dinheiro ainda... É basicamente isso que a gente vem fazendo. Também estamos criando um grupo de teatro. Estamos trabalhando também com algumas entidades como o CDHIC, a UNEafro, a Casa das Áfricas para procurar fazer algumas atividades voltadas um pouco mais para a comunidade africana e negra especificamente.

A relação com essas instituições é a melhor possível, é uma relação boa porque desde o caso da Zulmira eles vêm nos apoiando, principalmente a EDUCAFRO, a UNEafro, o CDHIC e a Casa das Áfricas. Agora, também fazemos outras atividades, por exemplo: eu mesmo estava prestando serviço voluntário no CDHIC como professor de língua portuguesa. Eu dava aulas para bolivianos, chinês, peruano e espanhol. Nós falávamos que tinham os cinco continentes lá. Então, a relação é a melhor possível, estamos sempre interagindo de uma forma ou de outra. Participamos de algumas

reuniões que eles fazem e que são importantes. Recentemente um pessoal da UNEA foi para Brasília participar do Fórum de 10 anos do acordo de residência do Mercosul. Parece que é um acordo que existe entre os países da América Latina, Bolívia, Peru, mais alguns, que garante livre trânsito e livre residência. Por exemplo, o boliviano pode vir para cá e ficar residente. A UNEA foi convidada, foram cinco ou seis estudantes para Brasília participar desse movimento.

Algumas funções da UNEA ainda estão sendo definidas, mas, como está em nosso estatuto, o principal objetivo é defender os interesses da comunidade angolana de uma forma geral, mas especificamente os estudantes.

Quando fundamos a UNEA tinha em torno de 30 membros. Agora aumentou bastante, eu acho que deve ter uns 50 ou mais, porque muitos em função das férias não estão participando ativamente. Só de inscritos na página do Facebook deve ter cento e poucas pessoas, desde membros efetivos e ativos, uns nem tanto ativos assim, e simpatizantes de uma forma geral.

No meu comportamento, eu diria que, de uma forma ou de outra, estou sendo influenciado em função do lugar que eu estou a viver. Eu acho que principalmente na questão da língua, porque não tenho o mesmo sotaque de quando cheguei. Muitos dizem que eu perdi um pouco do sotaque característico dos angolanos. Eu também acho que sofri essa influencia porque uma coisa ou outra eu vou percebendo a diferença no jeito que eu falava. Outra questão, talvez por estar a estudar também, percebi que o meu nível intelectual melhorou em determinadas situações ou em entrevistas que já participei. Eu consigo me situar melhor.

Agora, o comportamento com as pessoas, eu acho que não mudou tanto porque continuou sendo fechado. Isso é uma característica minha que não mudou. Eu sou muito reservado. Às vezes tento mudar um pouco, mas não consigo. É uma coisa que eu não acho ruim, porque, se estou com as pessoas, lido normalmente, mas fico muito sozinho, quase sempre estou sozinho. Mesmo com os outros, eu fico sentado, não falo tanto, ou falo só às vezes quando estamos debatendo algo. Então, assim, influência mesmo que eu sofri, eu acho que foi só no sotaque. É inevitável, mas eu não queria ser influenciado

exatamente nesse sentido, queria sentir outras influências, mas não nessa questão do sotaque.

O que me faz lembrar Angola aqui são as festas que os angolanos fazem, porque tocam todas as músicas, as danças, a cultura no geral... As festas são frequentes, mas a minha participação não é frequente, vou numa ou noutra. E o contato mesmo com as pessoas, por exemplo, quando saio de casa e vou ao Brás, eu sei que ali é realmente como se estivesse em Angola, ali vamos falar a gíria da banda, como a gente fala. Falamos “tá fixe” sem se preocupar em dar alguma explicação do que significa. É basicamente isso, o contato com as pessoas ajuda a lembrar do meu país...

A minha expectativa no momento é terminar de forma cabal a formação, não toda aqui e quiçá, num futuro não distante, me tornar um advogado, ter um bom emprego e viver disso, da minha profissão. E em Angola, não penso em permanecer no Brasil para exercer a profissão, penso em me formar e voltar para trabalhar lá. Voltar ao Brasil apenas para fazer turismo e rever os amigos também.

Hoje eu vejo Angola como um país em movimento, num movimento tendendo a melhorar. Com a formação que estou adquirindo aqui, pretendo ajudar nesse processo de melhoramento na área que estou inserido. Acho que essa é a maior contribuição que eu posso dar sendo formado fora do país. Exatamente aplicar o que eu aprendi, o que é bom e que se encaixa nos moldes desse processo de mudança do país. Pretendo auxiliar ou contribuir dessa forma.

O que me surpreendeu aqui? Várias coisas me surpreenderam aqui, mas o que surpreendeu muito foi o contato entre as pessoas, frio e fraco, principalmente entre vizinhos, pessoas próximas. Se você está sozinho na sua casa, de forma alguma você vai abrir a porta para o vizinho que está fora. Muitas vezes você não consegue nem puxar uma conversa, não há muita relação. Isso realmente me surpreendeu. Agora, o que eu não gosto mesmo é ouvir comentários de pessoas que dizem: “Ah, esses caras não são daqui, veem aqui querer ocupar um lugar que não é deles.”. Já me fizeram perguntas do tipo: “Mas em Angola não tem faculdade? Em Angola não tem escola?”.

Na verdade, o que chega incomodar é o fato de o Brasil ser um país miscigenado, multirracial, mas o pessoal parece ser cínico ao ponto de querer contestar isso, do tipo ver boliviano e africano e perguntar: “O que vocês fazem aqui?”. Mesmo sabendo que no passado o Brasil teve muitos imigrantes e tem até hoje – pois imigrantes chegam aqui de todos os lados – realmente isso chega a ser estranho de ouvir, porque

para mim é incoerente. É uma realidade que a gente sabe que existe, que sempre existiu, mas as pessoas, às vezes por falta de informação, não sabem, ou às vezes sabem e ignoram que sabem, ou simplesmente não querem saber, negam esse fato como se fosse uma coisa feia! Não sei, mas na cabeça deles acham que é uma coisa feia e por isso negam.

Sem contar que já ouvi aqui falarem da África como se fosse um país só, uma coisa só... Isso é o mais bizarro! Na verdade, vê-se que talvez a deficiência esteja no ensino da geografia no Brasil. O pessoal não sabe que na África tem mais de 40 países. As pessoas não sabem que África é um continente! E isso também passa nos jornais! Por exemplo, quando houve eleições em Angola, foi exatamente assim, eles diziam que teve eleições na África. Eu lembro que estava eu e o meu irmão assistindo TV e passou no jornal da Cultura ou no Jornal da Globo o seguinte: “Eleições na África”. E aí vão passando as imagens e você tem que descobrir de qual país da África eles estão falando. Obviamente, esse era o caso de Angola, a gente sabia que estava tendo eleições naquele dia. Isto realmente é uma coisa que é muito estranha: saber que muitos aqui não sabem nada de África. Eu já ouvi isso nas ruas, mas eu já ouvi também na universidade, estudantes universitários que falam de África como sendo uma coisa só, um país só.

Por outro lado, tem muita coisa legal aqui também. Uma coisa boa que eu vejo aqui é que na relação entre o professor e o aluno na universidade não tem tantas curvas. O contato do aluno com o professor é direto, independentemente da formação do professor, de quem o professor é, você pode se dirigir diretamente a ele pelo nome sem ter que usar título ou atributo algum. Em Angola não é assim, na universidade os professores são chamados de doutor fulano, aqui não. Tenho professores, por exemplo, que são procuradores do Estado, promotores de justiça, juízes, e você se dirige a eles e até eles falam: “Não precisa de me chamar de doutor, pode me chamar pelo nome.”. Então, isso realmente eu gosto muito. Se eu voltasse para Angola, cultivaria isso, ter uma relação próxima com os alunos para ter exatamente que quebrar essa barreira de doutor fulano, professor fulano. Para mim, isso ajudou muito, porque ao chamar por doutor você acaba pensando muito mais no que a pessoa tem do que realmente aquilo que a pessoa faz. Aqui os professores te ajudam muito nesse sentido quebrando o gelo, e você acaba tendo uma possibilidade de chegar e conversar com eles naturalmente, como se fosse teu amigo. Por exemplo, a minha relação com os meus professores é de amizade, e isso é realmente muito bom.

Outra coisa que eu gosto é a facilidade do desporto. O pessoal que joga basquete, por exemplo, acaba ficando amigo. Falando de forma geral, o desporto é legal porque você acaba se enturmando, independentemente da condição social e do lugar de onde veio, muitas vezes nem sabem, só descobrem depois que você não é daqui. Aqui não tem aquela coisa do tipo: “Esse cara não é daqui e não vai jogar.”. Essa coisa não tem. Você chega e vai sofrer uma pressão no momento que perceberem que é novo no lugar, até você mostrar que sabe jogar e que não está intimidado com essa pressão, mas depois tudo fica bem. Isso aqui, eu acho bom e aprovo. Do jeito que está, está bom; mas, se melhorar e banalizar, isso seria melhor.

Como estrangeiro você acaba sendo uma pessoa limitada porque as próprias condições tendem para isso. Por exemplo, o próprio visto que você adquire como estudante é basicamente para estudar, você pode até fazer um estágio, mas mesmo que você esteja trabalhando numa empresa e esteja para se efetivar é muito difícil. Outra coisa, em alguns lugares que você vai o tratamento das pessoas com relação a você é diferente. Aqui, sendo estrangeiro, você percebe que as pessoas lidam com você com um pé atrás, percebe que as pessoas têm mais desconfiança do que confiança. Demora muito para você conquistar essa confiança, é difícil. Por exemplo, se tiver alguns brasileiros e você estiver lá, você vai conseguir lidar bem com um e não com todos, porque o resto não sabe quem você é, qual o seu comportamento... Até descobrir, você acaba passando por muitos filtros, toda pessoa com quem você vai lidar vai sempre tentar filtrar alguma coisa, tentar blindar de alguma forma.

Então, de forma geral, você acaba sendo muito limitado. Sem contar que muitas pessoas vão querer te explorar no teu ponto forte ou, então, na questão financeira, principalmente no trabalho. Hoje tem muitos estrangeiros que são explorados nesse sentido, já que muitos não têm documentos e para adquiri-los é muito burocrático. Muitos não sabem aonde se dirigir para ter essas informações... Pode até ter a possibilidade de fazer um estágio, ter uma carteira de trabalho, porque tem pessoas aqui que são permanentes, mas continuam com essas limitações porque há uma certa burocracia, que sequer a lei prevê. Em função disso, de não saber os seus direitos, acabam sendo exploradas de alguma forma. No caso dos bolivianos, você vê muito isso. Até tem esses acordos entre os governos, é tudo facilitado, mas na prática a realidade é outra, há uma burocracia tremenda. Tanto é que você vê que têm bolivianos e peruanos trabalhando em condições análogas ao trabalho escravo.

Eu trabalhei na Odebrecht e a minha entrada se deu da seguinte forma: quando eu fazia o ensino médio, fiz também um curso de eletricidade numa escola técnica chamada Profit. Esse curso durou um ano e seis meses. Assim que eu terminei, em julho de 2008, em dezembro eu terminei o ensino médio. E aí eu tentei o concurso da faculdade e não entrei. Então, como eu não estava estudando, não estava trabalhando e naquele período eu não estava treinando mais, sabia de um amigo que trabalhava na Odebrecht e falei para ele:

— Eu e meu amigo, o Joy, terminamos o curso e pegamos a certificação, você apresenta lá na empresa e diz que tem duas pessoas que estão precisando trabalhar, qualquer condição ali a gente vai.

Passou uma semana e ele me ligou:

— Tá fixe, eu falei com o chefe aqui e podem fazer a entrevista.

O nome do chefe era Roberto, acho que ele é da Bahia. Fomos fazer a entrevista com ele, assinamos o contrato e começamos a trabalhar na Odebrecht como ajudante, eu e esse meu amigo Joy.

O que deu para perceber é que os brasileiros lá chegam na condição de engenheiro. Os angolanos que têm a mesma formação deles não estão no mesmo nível, mas estão quase ali. Por exemplo, no grupo em que eu trabalhava, o chefe era o Roberto, acho que ele é engenheiro elétrico, e o chefe de obras que ficava conosco no campo era um angolano. Acho que não tinha a mesma formação que ele, mas conhecia bem mais na prática. Então, os meus chefes eram o brasileiro como chefe superior e o angolano como subalterno, que era quem fazia a ponte entre todos os trabalhadores, os peões, e o chefe, que era o brasileiro.

Agora, comparando os angolanos que vivem aqui e os brasileiros que vivem lá, obviamente é muito claro que os brasileiros que estão lá têm uma posição financeira superior. Primeiro, porque dos angolanos vêm para cá poucos trabalham numa posição elevada e com um bom *status*, ele pode até ter um salário que consiga viver, mas em relação ao brasileiro lá, não. A maioria dos brasileiros que está lá vive em condomínios fechados que o próprio Estado garante. Mas eu acho que isso já é uma regalia prevista contratualmente, porque esse acordo de ir brasileiros para trabalharem lá é o próprio governo quem faz, normalmente é o próprio governo quem pede essa mão de obra.

Agora, no caso dos angolanos é diferente, eu nunca ouvi dizer que um grupo de angolanos saiu de lá a pedido do governo brasileiro para vir trabalhar aqui. Tem mais angolanos que vem para cá fazer a formação. Alguns se formam, se calhar acabam casando por aqui e acabam ingressando em alguma carreira ou em algum tipo de serviço, e tentam levar a vida assim, mas obviamente numa posição inferior ao brasileiro lá.

Hoje em Angola há muitos brasileiros. E vão brasileiros de todas as áreas, só a Odebrecht está há mais de vinte anos em Angola, muito tempo... Tem também a Camargo Correa, tem a Tecnisa. Mais construtoras porque essa é a bola da vez em Angola devido à reestruturação do país. Na educação universitária, também tem alguns professores. Em números, eu não saberia te dizer, mas com certeza é um número superior de angolanos aqui.

Ema Cândida Branco Fernandes

Eu gostaria dar algo em troca à comunidade que nos prestou a informação...

O meu nome é Ema Cândida Branco Fernandes, sou angolana, natural de Gabela, que é uma cidade da província do Kwanza-Sul. Cresci somente com a minha mãe, pois o meu pai faleceu quando eu ainda era pequena. Minha mãe é de origem kimbundo. Sou de uma família de oito irmãos e minha mãe foi quem garantiu a formação de todos nós. Sou a mais nova e por isso fui privilegiada porque os meus irmãos começaram a trabalhar muito cedo... Sou a única com formação superior.

No período colonial, eu estudei como bolsista, porque a minha mãe tinha uma renda baixa. Estudei em escola do Estado, mas naquela altura pagava-se propina e nós sempre conseguimos isenção. Durante todo o período que corresponde ao ensino fundamental, fiz na minha terra natal...

Depois da independência, tivemos que sair da província do Kwanza-Sul e fomos viver em Luanda, porque um dos meus irmãos já residia e trabalhava lá. Nunca tive nenhum tipo de problema, mas o acesso ao ensino naquela altura era um pouco discriminatório... Havia os que tinham acesso às escolas de nível secundário e terciário, e aqueles que não conseguiam entrar por conta da discriminação social e racial. Não sei

se vale a pena dizer, mas me lembro que minha mãe, depois de ficar viúva, foi para uma comunidade pobre onde conseguiu comprar aos poucos uma fazenda. Ela era madrinha de muita gente e muitos dos afilhados conseguiam estudar porque ela ia atrás e conseguia matriculá-los.

Em Luanda, estudei também sem problemas e consegui entrar na faculdade. A opção de fazer Medicina surgiu no Ensino Médio. Eu sempre quis fazer qualquer coisa na área de saúde, pensei em Enfermagem, Odontologia... Depois da independência, houve oportunidade de me inscrever no curso de Medicina, consegui entrar e fiz a formação. Continuei a ser privilegiada porque, depois da independência, muitos professores da Universidade Agostinho Neto saíram de Angola e a instituição começou a recrutar alunos do segundo e terceiro anos para trabalharem como monitores. Fui uma das selecionadas. Então, o meu primeiro e único emprego sempre foi na Universidade Agostinho Neto, na Faculdade de Medicina, no Departamento de Saúde Pública, onde eu sempre trabalhei e continuo até hoje.

Depois da independência, que foi em 1975, houve uma grande abertura para o ensino superior. Havia incentivos. Era o governo do Agostinho Neto. Eu acredito que, se não houvesse a independência, provavelmente eu não teria entrado na universidade. A tendência era terminar o ensino médio e arranjar emprego, porque não havia muita perspectiva de fazer ensino superior.

Quando entrei na universidade, foi no bojo de uma reforma educacional. A coisa mais importante foi o acesso universal. No início, havia um sistema de encaminhamento: você fazia a inscrição, o sistema de educação analisava o seu histórico escolar e decidia em que curso você ia se matricular. Naquele tempo, havia o sistema de ensino industrial e comercial, que era como um curso técnico, e o Liceu, que dava acesso ao ensino superior. Como eu fiz o sistema de ensino industrial e comercial, e depois da independência houve o pré-universitário, fui encaminhada para o curso de Contabilidade. Mas eu não queria fazer Contabilidade, tanto é que já tinha dito à minha família que eu não ia estudar: “Não quero fazer Contabilidade, vou trabalhar!”. Mas depois, através de um conhecido nosso, consegui ser encaminhada para o curso de Medicina. Atualmente, embora seja universal, o ingresso na universidade é por vestibular, nós chamamos lá de exame de aptidão.

Entrar no Departamento de Saúde Pública não foi uma opção. A pessoa que me convidou para a seleção disse que a vaga era para esse departamento, e eu aceitei porque, a princípio, era uma oportunidade de emprego. Mas depois gostei.

A opção para trabalhar com crianças e nutrição iniciou no quarto ano quando frequentei a disciplina de Nutrição. Era uma disciplina que tinha aula prática de avaliação do estado nutricional das crianças e, a partir daí, me direcionei para essa área. Tanto é que, depois do fim do curso, as minhas opções seriam Pediatria ou continuar na Saúde Pública, mas sempre interessada na nutrição infantil.

No Departamento de Saúde Pública, já conhecíamos a USP como uma das melhores universidades, não só do Brasil, mas também do mundo, e tinha bons cursos na área de saúde coletiva. Para mim, vir para cá era interessante, porque aqui no Brasil há muitas pesquisas na área de nutrição infantil e uma história de desnutrição semelhante a nossa. Felizmente, agora mudou, mas continua a ter pesquisa nessa área. Essa foi uma área que me interessou, tanto é que o meu projeto sempre foi trabalhar com avaliação do estado nutricional em criança, nunca mudei. Se fizesse aqui ou em outro país, eu manteria esse tema.

Eu estava interessada em vir e já havia a possibilidade de uma bolsa. Enviamos o nosso currículo e a solicitação para várias universidades: USP de Ribeirão Preto, na Bahia e acho que para Minas Gerais também. O Departamento de Medicina Social foi o primeiro a responder e, como a bolsa já estava praticamente decidida, só dependia de uma inscrição. O coordenador da pós-graduação da Medicina Social foi extremamente receptivo, nós fizemos uma avaliação *online*, ele enviou a prova e nós respondemos. Só que não tínhamos na altura o exame de proficiência em inglês. Então, ficou acordado que eu estaria apta, mas condicionada a esse exame.

Com isso, consegui que se efetivasse a bolsa e vim em 2008. Só que, como estava a tratar dos documentos dos filhos, entrei um bocadinho tarde e fiquei como aluna especial. No contrato da bolsa, há uma cláusula que eu podia perder um ano por causa da adaptação. Comecei a fazer as disciplinas como aluna especial e no fim do ano de 2008 concorri, dessa vez já com os mesmos critérios dos outros, e consegui entrar para o mestrado.

Eu queria fazer uma referência nessa entrevista à minha orientadora! Quando cheguei já não podia entrar, mas tinha que garantir uma orientação para poder ficar como aluna especial e depois fazer a inscrição. Minha orientadora, professora Daniela

Sartorelli, mesmo sem me conhecer e naquela situação não pensou: “Será que você vai ter possibilidade? Você já tem tantos alunos a orientar e ainda vai receber a Ema?”, quando ela olhou para mim e decidiu: “Eu vou ficar com ela!”. Isso foi muito bom para mim, porque, se eu não tivesse garantido a orientadora, não teria como ficar! Fui muito bem recebida não só por ela, mas por todos os professores do Departamento de Medicina Social que se prontificaram em me apoiar... Não apoio material, mas deram todo aquele apoio que um estrangeiro precisa num país desconhecido.

Tenho três filhos, não me casei no papel, mas constitui família. Depois acabei me separando e neste momento eu estou sozinha... Dois dos meus filhos estão aqui comigo e o mais velho foi estudar na Inglaterra. Os três já estão fazendo faculdade. O mais velho tem 24 anos, a menina, 20 e o mais novo, 19. No início, meus filhos não queriam vir, nenhum deles. Consegui conversar e convencer os mais novos, o mais velho não consegui, mas ficou acordado que ele tentaria uma bolsa num outro país. Ele conseguiu e foi para a Inglaterra. Os mais novos não queriam vir, mas não tinham muita opção... eram menores. Na altura, o mais velho já trabalhava e tinha independência financeira, com os mais novos tive que conversar muito, tive que, inclusive, tentar convencê-los da vantagem de sair da Angola para conhecer outro país. Se havia oportunidade de vir para o Brasil, inclusive o sistema de ensino daqui é melhor que o de Angola, eles teriam possibilidade de ter uma formação melhor. E realmente foi o que aconteceu, depois de cá estarem adoraram! Foram muito bem recebidos na escola e gostaram. Tiveram que fazer vários trabalhos por causa da História e da Geografia, mas conseguiram adaptar-se muito bem.

O meu filho mais velho está sozinho na Inglaterra, mas felizmente tem tido aproveitamento e não se perdeu sozinho por lá. Ele nunca veio para cá porque tem uma namorada em Portugal e todas as férias ele quer passar com ela. Pois é, chegou à altura que a namorada é mais importante que a mãe! Desde que estou cá, nós só nos encontramos em Angola, quando fui fazer a coleta de dados e ele foi de férias. São quase quatro anos que só o vi uma vez. É triste, mas... Tenho muitos primos e sobrinhos. Irmão, eu só tenho um em Angola, perdi o mais velho e as irmãs moram em Portugal. Os meus pais já faleceram.

A única coisa que eu gostaria de dizer em relação ao pai dos meus filhos é que a gente se separou por muito desentendimento, um desentendimento que é comum em Angola: o machismo! O homem sempre acha que tem supremacia sobre a mulher.

Durante muitos anos, eu fui uma mulher que baixou a cabeça e disse “sim” muitas vezes para não haver desentendimentos, mas chegou um momento que não aguentei mais! A ida para a universidade não atrapalhou o casamento, pois quando nos conhecemos eu já estava trabalhando na universidade.

Vou falar agora sobre minha pesquisa. A minha intenção de fazer a pesquisa na Comuna de Bom Jesus se deu porque, até 1994, nós tínhamos estágio com os alunos de Medicina nessa comunidade. Mas, por instabilidade política, tivemos que sair e fomos para outra comunidade. Como era uma comunidade com bairros muito bem definidos, com uma população muito acessível e próxima de Luanda, sempre tive interesse em tentar convencer o Departamento de Saúde Pública a continuar a realizar o estágio naquela área. Por outro lado, desde 2000 começaram a desenvolver empresas de refrigerante, cerveja, água mineral naquela região. Então, eu teria outra opção caso o departamento não voltasse para lá como área de estágio, provavelmente conseguiria financiamento para algum projeto social naquela comunidade. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da faculdade onde trabalho, que também deu uma parte do financiamento e autorizou que os alunos de estágio do sexto ano fizessem a pesquisa comigo.

A Comuna de Bom Jesus tem uma população muito carente, mas muito receptiva. Nós conseguimos formar equipes. Os alunos que tivessem melhor aproveitamento durante a formação faziam a coleta de dados para pesquisa, e os outros ficavam atendendo. Eu tinha que estar nos dois grupos para dar a ideia de que todas aquelas crianças eram importantes para nós... Durante o período de coleta de dados, fizemos a medição do peso e da altura e consultas praticamente em todas as crianças. Embora eu tivesse o meu grupo alvo selecionado, não tive como deixar de atender os outros...

Fiz um questionário que tinha dados das características de habitação, condições sociais e econômicas, e outro que tinha os dados da criança, entre eles o peso e a altura, que eram as duas variáveis indispensáveis para a avaliação do estado nutricional. A faixa etária das crianças do meu estudo era menores de 5 anos. Na comunidade, tinham por volta de 1.500 nessa faixa etária, e a minha amostra foi de 744 crianças.

Nesse processo, eu identifiquei que a prevalência de desnutrição infantil pelo índice estatura/idade principalmente, que é aquela desnutrição de longo prazo, tem índice elevado: 22% das crianças estão desnutridas, para além de outros índices. A

morbidade também é muito frequente. Eu não fiz o diagnóstico de doenças, mas pesquisei sinais e sintomas como diarreia, febre, tosse e expulsão de parasitas. À volta de 30% tiveram pelo menos um dos sintomas nos 15 dias anteriores à pesquisa. No dia da pesquisa, algumas crianças estavam com febre, outras estavam desidratadas. Nesses casos, fizemos a avaliação, medicação e encaminhamento.

Nesse projeto, não houve processo educacional porque não tivemos tempo de fazer. Durante a coleta de dados, não queríamos dar nenhuma informação porque poderia induzir as respostas nas pessoas que ainda não tinham sido entrevistadas. Mas sempre que, individualmente, encontrássemos alguma situação em alguma criança, fazíamos uma orientação.

O saneamento do meio é precário, não existe sistema de esgoto e nem coleta de lixo. Também não há água canalizada nos domicílios. Alguns bairros têm o chafariz. Os que não têm consomem água direto do rio. A maioria não faz nenhum tratamento de água em casa, não filtra e nem ferve.

Na comunidade, há um bairro que a maioria dos moradores é de pescadores, é uma comunidade ribeirinha que está junto ao rio. Há comunidades que estão mais próximas às empresas, os pais são operários. Nas comunidades mais distantes das empresas, a maioria é camponesa.

A população da comunidade tem tão pouco alimento que nada se perde, as mães aproveitam tudo! O desperdício de alimentos ali é praticamente zero! Há um bairro que tem criação de porcos. Galinhas veem-se algumas. A alimentação deles está mais voltada para peixes, porque ali tem o rio e todos os dias tem peixe fresco. A base da alimentação é tubérculos, feijão e milho. O arroz daria para plantar porque ali é área ribeirinha, mas não plantam. Não há essa cultura de cultivo de arroz nas províncias de Luanda e Bengo. O cultivo de arroz era feito no nordeste de Angola, mas nesse momento a produção quase não existe. Nós tínhamos muitas indústrias e muitos campos de milho, mas nesse momento importamos até o milho.

Na minha dissertação, fiz apenas a análise descritiva, mas conseguimos notar, por exemplo, que na comunidade em que a maioria é pescador tem uma prevalência de desnutrição inferior à comunidade que a maioria é camponesa, porque a agricultura é de subsistência e sazonal. Como a maior parte dos bairros está à beira do rio, no tempo que tem a cheia eles não fazem agricultura. Quase 50% das mães entrevistadas referiram que têm a posse da terra para o cultivo, mas boa parte não. Elas trabalham para terceiros,

porque alguns terrenos são cultivados por empresários. Esses trabalhadores são boias-frias, fazem o trabalho apenas no período do plantio.

A maior parte dos bairros foi construída ainda no tempo colonial, porque aquela região tinha uma economia açucareira. Então, existem casas degradadas, mas que ainda são de boa estrutura e que passaram a ser propriedade da população. Outras, não, são autoconstruídas. A maioria dessas casas antigas tem eletricidade, mas não tem sistema de esgoto e não tem coleta de lixo!

Essa comunidade fica na província do Bengo, envolve praticamente a província de Luanda, que é a capital do país. A maioria da população é de origem kimbundo, depois vem os umbundos, porque boa parte dessa população, no tempo colonial, foi trazida por contrato.

O processo de chegada à comunidade foi da seguinte forma: nós já tínhamos a autorização do responsável de saúde local e do governador da província. Com essa autorização, contatamos o administrador da comuna que não mostrou nenhum impedimento, porque eram médicos que iriam para uma comunidade que praticamente não tinha assistência médica. Os trabalhadores do centro de saúde são enfermeiros de nível básico, e um deles, de nível médio. Então, o administrador foi muito receptivo. Cada bairro tem um coordenador, que também foi receptivo. A partir daí, conseguimos montar a equipe.

A estrutura na Comuna contém: morador, coordenador de bairro e administrador, um administrador e um adjunto. Para além dos administradores, existem os “sobas”, que são os líderes da comunidade mesmo. Tradicionalmente, o “soba” deveria ser o mais velho, mas atualmente eles são eleitos.

Eu fiquei na comunidade todos os dias de manhã e voltava à tarde durante dois meses e meio. Eles me receberam muito bem. É uma comunidade muito carente, mas em alguns bairros preocupavam-se em oferecer qualquer coisa para nós... A nossa preocupação foi dizer que nós estávamos ali provisoriamente, que era um trabalho de saúde para ver se as crianças estavam ou não desnutridas e que iríamos, durante aquele período, fazer consultas, atender e encaminhar caso fosse necessário. Todos eles tinham consciência de que o principal objetivo era a pesquisa. Nós não tivemos nenhuma recusa. As crianças que não foram incluídas estavam fora da comuna durante o período da pesquisa.

Eu não estudei muito os adultos, mas acho que a diferença numérica é muito pequena entre homens e mulheres. Provavelmente, mais mulheres que homens. A família é nuclear: mãe, pai e filhos. Mas em algumas residências nós encontramos essas famílias estendidas, que o chefe de família é o avô. A poligamia é um hábito cultural, muitas mulheres do mesmo marido. Quando trabalhávamos lá, notávamos que elas viviam umas próximas às outras, mas hoje já não vivem, já começa a haver aquele afastamento de uma mulher com a outra. Mas ainda existem as senhoras mais velhas que convivem com as outras e assumem a responsabilidade. Nós tivemos um caso de uma senhora que foi com os cartões de vacina de todos os filhos do marido e os documentos de todas as mulheres, eram quatro mulheres. Ela não queria de jeito nenhum que as outras prestassem a informação, ela é que tinha que prestar. E nós tivemos que aceitar.

Na comunidade, como no resto de Angola, os jovens iniciam a atividade sexual cada vez mais cedo. A maior parte é meninas que já têm filhos, mas não vivem com os seus parceiros, continuam na casa a ser sustentadas pelo pai. Nós não observamos prostituição e nem homossexualidade. É uma comunidade ainda com raízes muito tradicionais. Eles são religiosos. Tem a igreja católica e outros cultos, mas os católicos predominam. Lá tem a igreja pentecostal e a adventista.

Eu defendi o meu trabalho de mestrado em junho de 2011. Agora em dezembro, vou regressar e pretendo divulgá-lo. O tempo é curto, vou ficar em Angola apenas um mês, mas quero contatar algumas pessoas para tentar influenciar um projeto que identifique crianças recém-nascidas, fazer o registro do peso ao nascer e um acompanhamento. A cobertura vacinal dessas crianças é muito baixa. Por exemplo, sarampo está na volta de 48%. A pólio é que está melhor porque há campanha de vacinação, mas todas as vacinas múltiplas têm uma perda de mais de 10%, porque as crianças tomam a primeira dose e não tomam a segunda. Acho que é de 22%, se não me engano. É um índice muito alto.

Então, eu queria ver se antes de voltar ao Brasil eu conseguiria convencer alguém que pudesse colher esses dados, verificar as crianças recém-nascidas com o registro do parto, a informação se a mãe fez ou não o pré-natal e tentar ver se essas crianças têm a cobertura vacinal no primeiro ano de vida pelo menos...

Nem todas as mães fazem o pré-natal. Para mim, esse é um problema mais do sistema de saúde do que delas. Quando nós trabalhávamos nessa comuna com os

estagiários, tínhamos uma cobertura vacinal alta e a maioria das mães de todos os bairros fazia o pré-natal. Existe um dia da feira, na altura era quinta-feira, e nós marcávamos a consulta pré-natal na quinta-feira à tarde. Então, as mães de vários bairros vinham para a feira e no fim faziam a consulta. Aproveitávamos para fazer a vacinação das crianças que fossem com a mãe para a feira. Lá há um hábito de a mãe levar a criança para onde vai! Então, conseguimos uma cobertura vacinal muito alta. O seguimento pré-natal também, elas faziam pelo menos três consultas, uma em cada trimestre, pelo menos isso nós garantíamos. Com relação a AIDS, eu acredito que haja, mas não se faz o teste ali e nem há nenhum programa na comuna para a identificação.

Esse trabalho comportaria um documento da Universidade de Saúde Pública para exigir uma política pública para essa comunidade, mas isso se o meu departamento optasse por ter aquela área como uma área de estágio. Infelizmente, nós ainda não temos aquele tipo de pesquisa que tem aqui no Brasil, a pesquisa aplicada. Lá é assim: eu faço a minha pesquisa, outros colegas que fazem pós-graduação em outros países fazem as deles, mas depois não há um retorno para a comunidade estudada. Eu gostaria de dar algo em troca à comunidade que nos prestou a informação...

...temos muitos mutilados de guerra, muitos!

Agora, falando da guerra, ela trouxe muita destruição para Angola. Nós vivemos muito tempo em guerra e por conta disso não desenvolvemos projetos sociais. O não construir sempre teve como justificação a guerra. A cidade onde eu nasci e cresci é uma cidade com uma infraestrutura razoável. Hoje está começando a se reconstruir, mas ficou muito destruída. No bairro onde eu morava – que era um bairro muito restrito – e até em áreas do centro da cidade, a população que fugiu da guerra fez construções de forma anárquica. Isso levou à degradação da maioria das cidades de Angola, inclusive Luanda.

Eu não diria a guerra, mas o processo político, por outro lado, beneficiou a população de Angola, principalmente aqueles que estavam mais marginalizados. Por exemplo: o acesso ao ensino atualmente é universal. Embora não tenha a qualidade que nós desejamos, é universal. Atualmente, a maioria dos analfabetos em Angola é os mais velhos, já não há muitos analfabetos jovens. Então, a guerra destruiu, mas o processo político também trouxe algumas vantagens. Embora pudesse estar melhor.

Os que fizeram a guerra para o processo de independência tinham objetivos de melhoria da condição da população, de integração, de desenvolvimento. Mas acho que os políticos atuais já não têm a mesma perspectiva política que tinham antes. Esse é o meu ponto de vista. Eu acho que lutaram por ideais que atualmente já não existem.

Eu marco o processo de independência de Angola antes da morte de Agostinho Neto e depois da morte de Agostinho Neto! Nós, muitas vezes, dissemos: “Se Agostinho Neto vivesse pelo menos mais 10 anos, provavelmente não estaríamos no caos que estamos!”. Não por Agostinho Neto sozinho, mas pelo grupo de indivíduos que lutaram para a independência e que tinham um ideal de bem estar, de igualdade, etc. A morte de Agostinho Neto foi precoce porque ainda não tínhamos a estabilidade que era necessária depois da independência.

Houve acordo de paz, entretanto, os três partidos políticos nunca foram unidos. Eles começaram juntos, mas depois houve facções que se deslocaram e se tornaram independentes. Cada um tinha o seu objetivo de ser presidente e assumir o poder. Então, todos aqueles acordos que foram feitos para o governo de transição não se cumpriram. Não é porque fulano cumpriu e beltrano não, nenhum cumpriu! Houve acordo escrito, mas não houve acordo nos ideais...

E depois, até certo ponto, houve uma “revolta” das forças armadas portuguesas. Por exemplo, na cidade onde eu estava quando começou a guerra, vi a tropa portuguesa destruindo vitrines para as pessoas tirarem as coisas. Quer dizer, não havia interesse de que tivesse paz e harmonia. Talvez por revolta por não estarem satisfeitos com a situação.

Por tanta divergência que havia entre os três grupos, eles não tinham um projeto de independência comum. Cada um tinha o seu projeto individual. Tanto é que no dia 11 de novembro de 1975 houve a Proclamação de Independência em três lugares de Angola.

Na altura, o MPLA estava com a União Soviética e Cuba. A UNITA tinha algum apoio dos portugueses e estavam com os Estados Unidos e a África do Sul. O que tinha menos apoio era a FNLA, que estava no norte e tinha principal apoio da República do Zaire, que agora é a República Democrática do Congo. Como a visão de Agostinho Neto era uma boa política de vizinhança, rapidamente conseguiu um acordo com o Zaire. Por isso que a FNLA deixou de ter peso depois da independência.

O MPLA conseguiu ter um apoio maior nas áreas onde ele estava, tanto da população urbana como da população rural. Também tinha uma capacidade de sensibilização e movimentação da população muito grande. A FNLA não tinha muito contato com a população porque, inclusive, a tropa era toda do Zaire e era muito de intimidação. O Savimbi, líder da UNITA, também tinha uma capacidade de grande mobilização, mas para mim o grande problema é que ele era regionalista. Tanto é que em 1992, quando houve o acordo de paz para as eleições, muita gente achava que seria uma boa opção votar nele para mudar um bocadinho. Mas depois ele começou a fazer uma política de intimidação. Ele fazia os discursos em português e em umbundu. Quem percebia umbundu via que o que ele dizia não correspondia ao que dizia em português. Então as pessoas optaram por não arriscar...

É a partir daí que a guerra vem com mais força. Houve o acordo de paz e de desarmamento, mas a UNITA guardou muitos armamentos e foram para as cidades. Antes de 1992, a UNITA não estava nas cidades, estava no interior. Por isso é que a guerra de 1992 foi mais destrutiva que a anterior, porque ganhou as cidades e as destruiu. Huambo, que era a antiga Nova Lisboa, esteve sitiada durante mais de dois meses. A UNITA atacava por fora e o MPLA, por dentro. Era bombardeamento mesmo! Horrível! Foi a pior guerra! Houve a instalação de muitas minas. Toda a volta de Huambo foi minada pelos dois grupos: MPLA, que não queria que a UNITA entrasse, e pela UNITA, que tinha que se proteger. Neste momento já melhorou bastante, mas temos muitos mutilados de guerra, muitos!

A questão do imperialismo foi muito focada antes da independência e num período pós-independência muito curto. Depois que houve a “abertura política”, deixou-se de falar nisso. O multipartidarismo acabou não sendo eficaz.

...estar aqui é como se eu estivesse num país onde eu sempre vivi

Minha vida em Ribeirão Preto não mudou muito da vida que eu tinha em Angola. Fui muito bem recebida, não só na USP. Eu ando em Ribeirão e, se não falar, ninguém dá conta de que eu não sou brasileira! Os meus filhos andam pela cidade e falam quer o sotaque brasileiro quer o de Angola. Eu estranhei por estar longe de Angola, longe da família, mas estar aqui é como se eu estivesse num país onde eu

sempre vivi. Fui muito bem acolhida! Claro, como em qualquer país sempre existe aquelas pessoas que tem preconceitos...

Não vivi nenhum preconceito na universidade, mas, fora, de vez em quando você sente. Por exemplo: quando eu começo a falar, olham muito... Ah, eu sofri uma discriminação, agora me lembrei, de um motorista de taxi! Quando ele se deu conta que eu era estrangeira, começou dar muitas voltas, mas era uma área que eu conhecia. Chamei a atenção, disse:

— Olha, você está indo por aqui, mas não tem necessidade. Para ir aonde eu vou, você pode ir por ali.

Ele ficou muito zangado, chegou ao ponto de dizer que não sabia o que eu estava a fazer em Ribeirão Preto, que provavelmente pudesse ter negócios escusos. Era um senhor já de idade e, para não responder, pedi que ele parasse e saísse do carro! Se eu comesse a falar, ia baixar o nível! Ele perguntou:

— E quer ficar aqui por quê?

— Porque eu não quero falar consigo, é melhor eu ir embora! - respondi.

Saí, andei mais um bocadinho e acabei apanhando um ônibus. Essa foi a pior discriminação que sofri por ser estrangeira...

Na minha universidade, como sempre trabalhei lá, nunca notei nenhuma discriminação. Sempre estive muito bem integrada, sem problema nenhum. Mas na rua, nos últimos anos, comecei a sofrer discriminação racial, porque em Angola eu sou branca. Os meus filhos são mais escuros que eu. Então, quando andamos em Ribeirão Preto, eles brincam: “Pô, estão a olhar para mim e pensam: ‘Como é que essa branca anda com esses negros!’”. Mas é brincadeira porque em Ribeirão não sentimos discriminação.

Em Angola, o preconceito é uma coisa forte. Eu trabalhava numa universidade privada que é um pouco fora do centro da cidade e eu ia e vinha sozinha. Chegou um ano que desisti de ir porque, como tem muito trânsito, é sempre muita briga pelo espaço da estrada e muitas vezes eu ouvia essa discriminação:

— Ah, sua branca, o que é que estais aqui a fazer? Por que não vais embora para tua terra?

Houve uma vez que eu abri o vidro e perguntei:

— E qual é a minha terra? Já agora diz-me qual é a minha terra?

— Sei lá, vai para Portugal. – respondeu.

Em alguns lugares, como por exemplo nas instituições, isso não é claro. É mais na rua que isso acontece. Mas eu não me importo, naquele momento fico zangada, às vezes fico revoltada, mas depois deixo andar...

O racismo lá é muito focado no mestiço, muito mais que na raça branca, principalmente se for raça branca estrangeira. É muito focado no mestiço porque nós somos considerados filhos de colonos que levou o país a muita discriminação e desigualdade social. Às vezes, até chegam a pensar que todo colono era rico e nós que herdamos essa riqueza, o que não é verdade! Eu, pelo menos, não herdei nada! Existem também mestiços que têm discriminação contra o negro. O racismo lá é assim: mestiço e branco em relação ao negro, e negro em relação ao mestiço e ao branco. Isso é muito evidente. Na rua, se tiverem que falar da sua cor e da sua origem, falam descaradamente, não há nenhuma lei que proíba.

A discriminação social também existe. Por exemplo: uma pessoa que passa do nível social baixo para o médio começa discriminar as pessoas que trabalham consigo e as pessoas na rua por serem de um nível social mais baixo. Inclusive, tem muita gente que não aceita pagar um preço justo por um trabalho informal que alguém faça.

Em Angola, há muitos servidores domésticos, mas todos eles acabam por ser informais e sem carteira assinada. É mais um acordo verbal entre o empregador e a pessoa que vai ser empregada. Então, decide-se: aqueles que acham que aquela pessoa merece receber um salário minimamente justo pagam um pouco mais, mas tem aqueles que acham que, mesmo merecendo, pagam mal.

Na Ilha de Luanda, onde tem a praia, de um lado ficam as classes sociais mais pobres e do outro, na orla do mar, ficam os restaurantes chiques. É uma situação que eu não consigo explicar. Eu acho que uma boa parte da população sente essa diferença, o que eles não fazem é reclamar ou agredir as pessoas que frequentam esses locais. Acredito que eles reclamam mais em relação ao governo que não faz...

Essa separação, no meu ponto de vista, deu-se de forma natural, ninguém proíbe essas pessoas de irem ao outro lado, mesmo porque quando você chega no fim da Ilha tem como entrar na praia... E mesmo entre os restaurantes... Por exemplo: quando vou à praia, há sempre uma passagem entre os restaurantes que a pessoa pode passar e colocar as suas cadeiras na areia. Não há um fechamento das praias, ali a entrada é livre. Agora, o que acontece é que tem os guardas... Por exemplo: as pessoas não podem passar ali vendendo coisas. Lá em Angola, a população se acomodou. Tem até umas frases que

muita gente diz: “Pior do que está já não fica!” e “Vamos fazer o quê?”. Mas não dizem nesse tom, dizem no tom angolano: “Vamos fazer, mas como então!?”.

Hoje há muita influência da cultura brasileira nos jovens angolanos. Não só no vestuário, mas também na alimentação. Eu não estranhei nada a alimentação daqui porque já estava habituada a ir aos restaurantes e encontrar comida brasileira. Lá tem alguns restaurantes que são geridos por brasileiros.

Agora nem tanto, mas no início a população reclamava muito das novelas brasileiras, porque a cultura é diferente. Aqui tem mais liberdade... Quer dizer, coisas que na nossa cultura ainda estava muito restrita... Por exemplo: andar de fatos de banho muito decotados... Inclusive, não sei se uma novela ou série brasileira foi proibida! As senhoras da organização da mulher angolana reuniram-se e conseguiram que fosse suspensa porque falava muito de sexualidade e traição. Elas achavam que aquilo ia influenciar os maridos a traírem cada vez mais.

Realmente, há muita influência da cultura brasileira. Por exemplo: a música. Quando surgiu a lambada, todo jovem angolano queria dançar e fazer curso de lambada. O samba... O carnaval lá é muito tradicional no tipo de dança, os trajes são como das baianas. Mas há um grupo que começou a mudar um bocadinho, até houve um ano que ganharam, eles usam trajes um pouco mais decotados, mais provocantes... Então, até no carnaval começa a ter alguma influência.

Em Angola, tem muitos empresários, mas muitas vezes eles optam por se juntar a um estrangeiro por causa da gestão do negócio. Muitos angolanos fundaram suas empresas sozinhos, mas por falta de experiência acabaram falindo. Também se associar ao estrangeiro é uma forma de trazer capital externo. Há uma lei, exceto para as multinacionais, que as pequenas e médias empresas de estrangeiros sempre devem se associar a um angolano.

Se eu não estou errada, houve um contrato com a China, mas no setor de construção. Os chineses começaram a ir para Angola para construir estradas de ferro, habitação... Foi o que aconteceu também com Cuba. Os cubanos iam com contratos entre o governo angolano e o governo cubano, mas com o término do contrato

mantinham-se em Angola e faziam contratos individuais. Essa situação está se repetindo com os chineses, eles vão com contratos entre governos, mas depois acabam ficando...

Os contratos de Angola, infelizmente, sempre são com o petróleo. A maioria dos diamantes vai para os Estados Unidos. No início, havia muita restrição na comercialização do diamante, que era negociado ilegalmente. Agora não, já existe lei que permite o comércio.

Drogas existem muitas! Antes os angolanos consumiam mais maconha, lá nós chamamos de liamba, mas agora não. Angola começa a ser um ponto de comercialização e passagem de drogas do Brasil e de outros países para a Europa, principalmente cocaína. Eu acredito que lá se consumam todas as drogas que se consomem aqui ou noutro país qualquer.

Minha expectativa para o doutorado?... Já quando estava no mestrado eu tinha a intenção de fazer o doutorado. Então, fizemos uma coleta de dados que permitisse fazer a parte descritiva. Agora na segunda fase pretendo fazer a parte analítica dos determinantes da desnutrição infantil. Apesar de estar descrito na literatura que estes ou aqueles fatores são os que mais influenciam, provavelmente em Angola há alguns que mais se sobressaem em relação a outros. No doutorado, pretendo fazer a análise dos determinantes e acredito que dessa análise possa averiguar quais os fatores que mais influenciam a desnutrição, possibilitando direcionar projetos de intervenção específicos naquela comunidade. E provavelmente não só nessa, mas em outras, pois essa comunidade tem características muito semelhantes a outras populações de áreas rurais e periféricas das cidades.

Quando postei o meu trabalho na biblioteca virtual, minha vontade era apenas de enviar o *link* para os meus colegas, meus ex-alunos e dizer: “Olha, tem esse trabalho, se alguém precisar pesquisar, pode servir como fonte de bibliografia.”. Enviei e fiquei muito surpresa quando recebi o convite de Pelegrini para fazer a entrevista³⁴. Depois ele me mandou o *link on line* e eu nem sequer sabia que tinha o documento impresso. Estou feliz por isso!

³⁴ Ema refere-se à entrevista concedida ao jornalista Marcelo Pelegrini sobre sua pesquisa de Mestrado, publicada no Jornal da USP

Jovem angolano. Entrevista realizada em Luanda

Nós conquistamos a paz, já temos paz, mas não estamos a ver melhorias

Eu sou engenheiro de ambiente. Trabalho numa empresa americana prestadora de serviços na atividade petrolífera aqui em Angola. Aqui estou e vou contribuir com o meu manifesto nesta entrevista, que servirá de material de trabalho e que contribuirá para vossa pesquisa.

O que irei falar não sei se estou completamente certo, porque não vivi esse período dado à minha idade. Mas, do pouco que eu vou lendo, do que vou conversando com os mais velhos que viveram aquele período e das análises que vou fazendo, vou tendo as minhas conclusões.

Estamos aqui para falar sobre a situação do país em que eu vivo. Nós, hoje, como todo mundo sabe, vivemos em paz, temos quase nove anos de paz da guerra civil. Que não deixa de ser benéfico para nós sob o ponto de vista da utilização de armas e da destruição de infraestruturas e mortes. Mas eu ainda sou da opinião que as coisas não estão boas, longe de pensar ou de se pintar aquele filme para o pessoal que vem de fora e para os estrangeiros de que Angola está bem. Eu sou angolano e acompanho uma realidade que é completamente diferente da vossa. Portanto, digo claramente que as coisas não estão boas, que o país não está bom.

A realidade de Angola é completamente diferente do que nos passam na teoria, isto é, na televisão, no marketing. Por quê? Nós temos muitos problemas sociais que não vejo maneira de tais problemas serem solucionados. Acho até que são problemas básicos e fáceis serem resolvidos.

O problema de Angola começou em 1975, no período de independência. Por quê? Como todo mundo sabe, os angolanos não elegeram o presidente. Portanto, ninguém foi a votos, o povo não pôde escolher quem dirigisse o país.

Do que eu vou lendo, do que eu vou pesquisando e do que vou ouvindo dos mais velhos, três movimentos angolanos, MPLA, UNITA e FNLA, estavam fartos de viver aquele período colonial dos portugueses e uniram esforços para expulsar os colonos de nosso país. E assim foi, luta daqui, luta pracolá, frente dali, frente dacolá, rebelião dali, rebelião dacolá... A tensão era tanta para os portugueses que acabaram por desistir e foram expulsos. Segundo sei também, a FNLA tomou a frente Norte, Cabinda e Soyo,

que é a zona petrolífera de Angola, nossos campos petrolíferos estão localizados nessa zona geográfica; o MPLA tomou a faixa litoral; e a UNITA, a frente Sul. Nesse caso, a FNLA era liderada por Holden Roberto, o MPLA, por Agostinho Neto e a UNITA, por Jonas Savimbi.

Repito, não estou a dar nenhum manifesto, a dizer que sou da MPLA, da UNITA ou da FNLA. Não! Eu estou fazendo uma análise como bom angolano, uma análise justa e livre. Não sei se vai contribuir de alguma forma, mas acredito que sim.

Nessa altura, também houve os Acordos do Alvor. Os portugueses iriam entrar em acordo conosco, ou seja, seria formado um governo de transição composto por membros do MPLA, da UNITA e da FNLA, juntamente com os portugueses, para então organizar condições de se criar eleições livres, justas e democráticas naquele ano. Na prática, os Acordos do Alvor não foram cumpridos.

Felizmente, ou infelizmente, temos petróleo e diamante, somos uma mina d'ouro. Acredito que, se ao invés de petróleo ou diamante tivéssemos cacau, chocolate ou batata, não seríamos um país rico, mas viveríamos bem, pois teríamos comida e bebida. Juntando sorte com azar, Deus nos deu petróleo e diamante! Então, já naquele tempo, Angola era uma mina d'ouro sob o ponto de vista do Ocidente. Lembro que vivíamos o período de tensão da Guerra Fria.

Os três movimentos, cada um fez a sua ligação com o exterior. Do que ouço, a UNITA uniu-se com os Estados Unidos, e o MPLA – nessa altura com Agostinho Neto – fez ligações com Rússia e Cuba. Todo mundo sabe que Rússia e Cuba viviam um comunismo na altura. Da FNLA, não vou dizer nada porque não sei muito. E foi isso, um pica dali, outro pica dacolá e o mais forte militarmente venceu.

Dizem que Agostinho Neto, para além do acordo com Rússia e Cuba, também teve aliados portugueses. Então, num belo dia ele chegou na Praça da Independência em Luanda, no 10 de novembro de 1975, e declarou a independência: “Olha, nós agora somos independentes, expulsamos os portugueses!”. Ele tinha uma frente militar muito forte e auto elegeu-se presidente. Acho que foi mais ou menos isso que aconteceu.

Naturalmente que isso criou revoltas nos outros movimentos, porque não deixa de ser um boicote. Aliás, foi um boicote, porque era isso que estava previsto nos Acordos do Alvor. Como eu disse, os Acordos previam que, uma vez expulsos os portugueses, seria formado um governo de transição que criaria condições necessárias

para os angolanos elegerem o presidente. Mas não foi isso o que aconteceu na prática. O Jonas Savimbi também fez as suas alianças, mas venceu o mais forte militarmente.

Com isso, cria-se uma revolta no Savimbi e no Holden Roberto. Aí começou um dispara de um lado, outro dispara do outro e começou a guerra em nosso país. Infelizmente, sempre com o Ocidente a picar!

Nós próprios fomos os culpados pela nossa guerra. Atribuo a culpa aos três partidos: MPLA, UNITA e FNLA, que por ganância e influência do Ocidente se deixaram levar e destruíram o país, porque o país continua destruído! Eu atribuo 70% de culpa aos angolanos e os 30% ao Ocidente, que também só estava aqui a comer o petróleo e o diamante. Essa é a análise que eu faço.

Segundo sei, a FNLA não teve muitos aliados, portanto, não teve capital para comprar armas, porque para fazer a guerra tens que ter armas e dinheiro. O Savimbi estava na zona diamantífera e explorava os diamantes. Portanto, tinha uma receita e uma contrapartida para comprar tais armas.

Acredito que não foi possível nesses últimos trinta e oito anos formar outra organização política popular para se contrapor a essas três frentes. Se calhar, foi por falta de dinheiro, de mentalidade ou de disponibilidade por parte das pessoas. Acho que o pessoal estava cansado e também se decepcionaram com as mentiras e com os jogos de interesses.

Depois de 1975 e da autointitulação de Agostinho Neto como presidente – porque ninguém o elegeu –, começou o grande problema da Angola, ou seja, a grande guerra entre os dois partidos que tinham armas e dinheiro: o MPLA e a UNITA. Daí foram destruindo! Cada um puxava a corda para o seu lado. Nós, infelizmente, é que sofremos e estamos a pagar agora essa guerra. Se fosse ao banco dos réus, teríamos três culpados: a UNITA, o MPLA e a FNLA, os três iriam para a prisão.

E pronto, foi-se destruindo o país. Quando há uma guerra, vai-se criando tabus, vai-se criando preconceitos, vai-se criando tribalismo. Criou-se uma imagem de que o Norte era inferior ao Sul, que o sulano era melhor ou pior que o de litoral. O litoral somos nós, de Luanda, a faixa litoral que é banhada pelo mar. Portanto, nós, do centro Sul, somos melhores que os do Norte; e os bakongos, que são os do Norte, não são nada. E pronto, tudo isso fez parte da guerra tribal, tudo isso é consequência da guerra. E fomos empurrando o barco!

Depois ocorreu a morte do Agostinho Neto. Também dizem que a morte dele foi duvidosa, porque parece que na altura ele estava a servir aos muitos interesses do povo e às nações com quem ele fez aliança, e isso não interessava. Também tem quem diga que, quando ele caiu doente, ele queria tratar-se em Portugal, porque lá ele tinha o seu campo de manobra. Aliás, a sua primeira mulher era portuguesa. Mas o sistema político criado na altura não permitiu que ele fosse para Portugal e exigiu que fosse para a União Soviética, onde morreu.

Segundo sei, o atual presidente da Angola formou-se no Arzeibaijão, um país que vivia sob o regime russo, sendo sua primeira mulher de origem russa. Dizem as más línguas que ele era um pau mandado dos russos. Atenção, repito, não tenho certeza, estou a falar do que vão dizendo! Dizem que a morte do Neto foi propositada e que o atual presidente foi posto cá pelos russos: “Olha, o Neto morreu, não serviu aos nossos interesses e tu agora é que vai assumir a presidência de Angola.”. Até hoje ele é presidente! Pronto, também autointitulou-se presidente de Angola! Sendo José Eduardo Santos o sucessor do Agostinho Neto, passou a ser o rival direto do Savimbi. E foi guerra dali, guerra dacolá, destrói dali, destrói acolá, destrói, destrói, destrói, destrói...

O meu pai era português, era colono, e a minha mãe preta, africana. Minha mãe era empregada dele. Conheceram-se na província, portanto, fora de Luanda, e veio esse fruto que sou eu. Eles não chegaram a ser casados.

Naquele tempo, os colonos tinham mais poder económico do que os nativos, mas os colonos tinham mais poder económico por quê? Porque foram eles que nos colonizaram, foram eles que investiram cá. No tempo da escravatura, foram eles que “descobriram” esta terra. Portanto, o meu pai tinha mais poder económico. Quando morreu, deixou umas propriedades em posse da minha mãe. Foi em função dessas propriedades que ela vendeu e arrendou que eu consegui dar sequência à minha formação cá em Angola.

Mas a nossa formação é muito precária, eu sou extremamente honesto. Nossa formação é precária por quê? Porque não temos um bom ensino de base. Na nossa formação superior, não vais aprender a ler e a escrever, tu vais aprender a ter os termos

técnicos para debater no mercado de trabalho. Engana-se quem acha que na faculdade vai aprender a ler. Não, vai continuar a escrever mal.

Os mais velhos dizem que um bom ensino de base teve-se no tempo colonial. Mas, naquele tempo, para um preto ter acesso à escola, tinha que ser casado com branco, ter posses ou ser ligado aos brancos. Um negro normal ter acesso ao bom ensino de base é mentira, não tinha acesso.

Nós tivemos um ensino de base muito precário. Íamos às salas de aula com latas. O professor também teve um ensino de base precário. O professor, muitas vezes, nem tinha paciência de explicar aos alunos. Vinha para a escola com os seus problemas – problemas com a mulher, com os filhos – e não tinha paciência conosco.

Segundo leio nos jornais e vejo nos telejornais atuais, há muitos problemas nas escolas... Professor que bate em aluno, professor que namora com aluna. Isso são consequências dos problemas sociais.

Eu tive uma educação privada e mesmo assim foi precária. Não queira, então, imaginar a pública! Na pública, é a gasosa³⁵ que professores recebem, a gorjeta, a esmola. O aluno vai com fome para a escola. Tu, com fome, não tens rendimento, não assimilas bem. São salas de aula que não têm condições... Não tens uma carteira em condições, sentas na lata. Não tens um bom giz no quadro. É uma educação precária, extremamente precária!

O bairro que eu morava era no centro porque a minha mãe, após a morte de meu pai, herdou os bens dele. Então, tive a sorte de viver no centro. Mas tenho amigos que viviam na periferia e acompanho a vivência deles até hoje. Os pais desses amigos eram empregados de limpeza, uns eram camponeses. Viviam em cubatas que se viesse uma chuva derrubava tudo! Portanto, vivam mal, precário mesmo!

Honestamente falando, não quero ser muito pragmático, mas no tempo da guerra Savimbi-Neto, Savimbi-Zé Eduardo até os dias atuais, os nossos problemas continuam os mesmos. Continua a falta de luz, a falta d'água, a falta de emprego, os esquemas nos empregos, o acesso aos hospitais, ensino público, comida básica...

Atenção, também não estou aqui só para falar mal do governo atual, do governo chefiado por José Eduardo. E, repito, também não estou aqui a defender o MPLA, nem a UNITA e nem a FNLA! Estou a dar a minha opinião, livre e justa como angolano. Mas também vou saber tirar o chapéu ao que foi feito de bom. Nós não temos só tudo

³⁵ Gasosa - suborno

mal, também temos bem, infelizmente o mal realça mais. Por exemplo: uma coisa boa que foi feita no pós-guerra foram as estradas. Hoje se pode viajar por toda Angola. Antigamente não se podia porque ou era atacado ou tinha uma mina na estrada. Isso foi uma coisa boa que se fez, é algo de se tirar o chapéu para o governo atual.

O desarmamento se deu logo após a morte do Savimbi, pois a UNITA ficou descapitalizada. Acho que o Savimbi era o mentor deles, porque ele tinha um poder nato de líder. Ele fazia um comício em público e atraía as pessoas. Se vocês ouvirem os comícios do Savimbi, vê-se que, em parte, era uma guerra com fundamento. Ele queria eleições livres, queria que nós ficássemos livres e que nós próprios escolhêssemos o nosso presidente. Portanto, era uma guerra que tinha um bom objetivo.

Mas ele não soube, de uma maneira diplomática ou de uma maneira subtil e inteligente, conquistar esse objetivo. Não, ele utilizou o poder das armas. A revolta que aconteceu em 1975 falou mais alto na cabeça dele. Ele pensou: “Pô, então eu estou aqui organizando com o Neto, o Holden Roberto e com os portugueses um governo de transição e esse gago do Neto tramou e traiu-me!”. A revolta subiu de tal maneira que ele tinha armas e, então, fez a guerra. Acho que foi a forma que ele teve de manifestar que estava descontente com a traição feita pelo MPLA/Neto. Que, se pensarmos bem, não deixa de ser uma traição. A maneira que ele encontrou para se manifestar foi com o uso das armas. Isso foi péssimo! Se ele fosse mais inteligente, ou, sei lá, mais calmo, poderia ter controlado a situação, mas a revolta falou-lhe mais alto.

Após a morte do Savimbi, acho eu, que a UNITA ficou desfalcada. Ficaram sem rumo, sem norte, sem ideais, pois o único homem que presidia e levava aquilo à frente era o Savimbi. A única barreira e o único entrave, militarmente falando, era o Savimbi. Bastou ele morrer e a guerra acabou, porque o próprio povo que o apoiava estava cansado da vida que estava levando durante a guerra. Imagina, tu estás há trinta e dois anos numa mata a lutar com um homem e não via formas de haver paz...

O Savimbi morreu nas matas e, com sua morte, os méritos todos foram para o José Eduardo dos Santos e para o MPLA. A própria UNITA, desde a morte do Savimbi até hoje, não se entende, eles próprios andam a batatadas. Já não fazem guerra, mas ainda é o mesmo grupo político, é a oposição que mais tem assentos na assembleia.

Depois de assinado o acordo de paz, fez-se uma política de desarmamento militar por parte das forças armadas do atual governo, e os militantes da UNITA foram entregando as armas. Eles próprios estavam cansados da guerra e aderiram bem: “Estamos cansados, o Savimbi morreu, estão aqui as armas e vamos reintegrar as forças armadas.”. Tanto que hoje nas forças armadas de Angola tem indivíduos que eram da UNITA. Cabe ao governo, nesse caso, recebê-los de braços abertos, porque são angolanos, todos nós somos angolanos! O atual chefe de Estado Maior das Forças Armadas era da UNITA. Ele é bom ministro e muito bom governante.

Essa nossa guerra foi uma guerra ridícula. Repito, a culpa foi dos próprios angolanos, com ajuda do Ocidente, porque infelizmente, ou felizmente, temos petróleo e diamante, somos uma mina d’ouro que as grandes potências vêm cá buscar e levam embora.

Nos dias atuais, a grande “guerra” que vivemos é a guerra social. O problema social vem do quê? Da guerra militar que também trouxe a guerra tribal. Nos dias atuais, há um grande fosso entre os ricos e os pobres porque não temos luz digna, água, acesso à habitação, não temos escolas, hospitais em condições. Se calhar o azar de ficar doente, quem tem um bom emprego e que lhe dê acesso a ter um seguro saúde felizmente pode ser atendido numa clínica privada sem que pague do seu bolso. Mas, se não tem essa possibilidade e fica doente, não vai para uma clínica privada porque não tem dinheiro. No hospital público, mais possibilidades tem de morrer do que de estar vivo...

Se em Luanda a vida já é péssima em termos de condições sociais, nas províncias, então, nem se fala! A vida na província é péssima! Não há desenvolvimento social nenhum. Eu falo porque viajo bastante para as províncias e vejo a situação precária que vive a população. Aliás, quem está lhe falando é um angolano, não há melhor do que eu para fazer essa análise. Porque, repara, quando vem um estrangeiro, um expatriado de uma petrolífera que ganha U\$ 30 mil, U\$ 40 mil, vai dizer que Angola está bem. Mas todos sabem que esses estrangeiros, se estivessem nos Estados Unidos, por exemplo, não teriam a vida que têm cá. Lá a sociedade é mais organizada, lá tem mais estratificação social, lá tem mais ordem. O salário que tu ganhas lá como

engenheiro de petróleo, não ganhas cá, porque tem o nível de percentagem de risco do país. Neste momento, sei que o país com mais risco é a Líbia. A Líbia, percentualmente falando, é 80 ou 100% do salário de um especialista quando sai da sua terra natal e vai trabalhar lá, porque é um país muito instável. Depois vem o Iraque, salvo erro, depois é a Nigéria e depois é a Angola. Angola é 60%. Por isso dos salários serem altos.

Portanto, todos os dias nós vemos o pessoal das províncias virem para Luanda, porque em sua terra não há possibilidades de vida, não há meios de subsistência. Hoje Luanda está sobrecarregada, há muita gente...

Quando os portugueses arquitetaram Luanda, a cidade foi feita para 500 mil pessoas. Não temos um censo populacional efetivo – vou falar superficialmente –, mas acho que hoje em Angola temos uma população de 20 milhões de pessoas. Só em Luanda vivem aproximadamente 9 milhões. Agora, imagina, a cidade foi projetada para 500 mil pessoas e hoje vivem 9 milhões! Claro que não tem habitação para essa gente! Não tem infraestrutura para abrigar essas pessoas e muito menos empregos para todos.

O que eu sei é que há muito emigrante angolano que vai para fora também. Mas o que eu vou vendo da situação atual da Europa, a maior parte dos que foram já estão a regressar, porque lá também não há solução. Se reparar hoje cá em Luanda, e em Angola de uma forma geral, a quantidade de estrangeiro aumentou muito, porque a Europa também está sem solução.

Essa gente que vem para cá apanha um impacto muito negativo, muito duro, porque às vezes passa na televisão: “Angola está melhorando”. Isso é mentira! Aqui a realidade é dura. Por quê? Porque a barriga não espera, a barriga tem fome, tu se não comeres morres. É como um carro, se não abastecer ele não anda. O pessoal vem de lá com aquela expectativa: “Vou ter um bom emprego, vou poder fazer um negócio, vou poder comprar uma casa.”. É puramente mentira! Essa ideia de que Angola é um sol dourado é mentira! Angola não é um sol dourado, se engana quem pensa isso.

Outro problema é que hoje em Angola a desigualdade social é notória. É notório que só 5% da população angolana vivem muito bem e 95% vivem extremamente mal. Quando se fala: “Angola está melhorando, Angola está a se desenvolver, tem o prédio X.”, esse prédio é mentira! Noventa e cinco por cento dos angolanos não têm acesso a esses prédios. Os bancos não te emprestam dinheiro porque tu não tens liquidez para ter acesso a esse crédito. Os bancos não funcionam em Angola, só funcionam para esses tais 5%. Infelizmente, a nossa revolta, a nossa “guerra” hoje é essa. Hoje já não é

militar, e eu acredito que os angolanos estão cansados de guerra militar, ninguém vai pegar em armas para lutar. Está provado que a guerra só atrasou mais o país e trouxe consequências negativas, desde problemas tribais até de infraestrutura.

Agora, nós queremos mudanças, claro. Nós precisamos de mudança na prática e não de blá-blá-blá. Nós estamos cansados, a barriga não espera. Há famílias aqui que não têm acesso a um prato de arroz e a um prato de sopa por dia. Para sobreviver, as pessoas vão para as ruas vender roupas e qualquer outra coisa para sobreviverem, inclusive o corpo.

Nas províncias, não há escola. Não produzimos nada, nem alimento. Noventa e oito por cento do que nós consumimos é importado! Os campos agrícolas ainda continuam minados, quem é que vai querer produzir? Ninguém. Para que tu faças um programa de desminagem é muito caro, custa em média 500 dólares por mina. Agora, imagina, quantos milhares de minas o MPLA e a UNITA deixaram nos campos. Portanto, não é agora que teremos um desenvolvimento social.

O governo deu uma nova linha de crédito para a China. Há um hospital que foi feito com esse crédito que caiu. Em quatro anos, o hospital caiu! Portanto, os próprios governantes não nos dão credibilidade. Todos sabem que os governantes fazem as suas falcatuas, o mundo inteiro faz. Quando falo em roubar dinheiro ou comer dinheiro do governo, não quer dizer tirar dinheiro do honorário público, mas, sim, quando se funda empresas do fulano ou do sicrano ligados ao governo. Isso é uma forma de roubo! É uma falta de respeito tremenda a nós, angolanos!

Não estou aqui para dizer que sou do MPLA e apoio o José Eduardo. Eu até acredito que ele deva ser uma boa pessoa. Acredito que quando ele viaja para a Namíbia, que é aqui perto, ele sinta uma inveja saudável e pense: “Pô, quem dera que o meu país fosse assim.”. Também acredito que o ele tenha boas ideias para Angola. Agora, se calhar, as pessoas que estão à frente dele e que executam o trabalho é que são malandras. São os que comem tudo para eles – esse é o termo certo – e que não fazem nada ou vão fazendo as coisas para tapar buracos. Imagina, um hospital caiu em quatro anos de construção, um hospital completamente novo caiu! E sem terremotos, sem sismos! Nem somos um país que estamos na linha sísmica...

As estradas que foram feitas foi uma boa iniciativa, mas já estão esburacadas, por quê? Porque, se calhar, no momento da execução da obra não houve uma boa empresa de fiscalização. Ou alguém que esteve à frente dessas tais obras comeu o tal

dinheiro, fez para boi dormir! Fizeram as estradas para comprar os carros do Japão, os carros de luxo!

De todos os condomínios construídos em Angola, são poucos os angolanos que têm acesso. Esses condomínios, esses prédios, esses investimentos todos que vocês estrangeiros veem, já estão todos delimitados, já têm dono, são para eles próprios!

A expectativa para as próximas eleições, muito honestamente, acho que o MPLA ganhará. Certeza! Mas não ganha com 82% como em 2008. O MPLA teve um arrastão tremendo comparado com o partido da oposição, por quê? Porque nós já interiorizamos que a UNITA é o “partido do mal”. Atenção: não que seja, mas nós interiorizamos.

Na nossa legislação, analfabetos votam, todos votam. Infelizmente, 90% da população ainda é analfabeta. E como se compra o voto de um analfabeto? Com uma cerveja, com uma Cuca³⁶, com o kuduro³⁷. E ele vai dizer: “Ok, o MPLA é mesmo um partido bom.”. É fácil tu manipulares um analfabeto, difícil é manipulares uma pessoa inteligente. Infelizmente, a nossa população ainda é composta por analfabetos, isto é um fato, não temos como combater isso. Hoje os jovens que estudam e viajam para outros países têm o mesmo pensamento que eu. É uma pena a situação de Angola, é uma pena! Acho que é um processo de mentalidade. Tem havido muitas manifestações cá em Luanda em frente à embaixada dos Estados Unidos, à embaixada da França. O próprio governo sabe que os jovens não estão satisfeitos. Mas nós ainda somos uma gota no oceano, porque a grande massa da população em Angola é analfabeta.

Nós ficamos 30 anos fechados para a UNITA e víamos como o “partido do mal”. Nós interiorizamos que o MPLA é o “partido do bem” e que trouxe a paz. Mas depois de vir a paz queríamos os resultados e não estamos a ver formas de ver esses resultados!

Com a linha de crédito que deram para a China, ao invés de fazerem grandes prédios, poderiam fazer escolas, fazer um bom hospital e não um que caia daqui a quatro anos. Os próprios governantes deveriam ser atendidos nesses mesmos hospitais públicos. Os filhos dos nossos governantes não estudam em escolas públicas, estudam em escolas internacionais: francesas, portuguesas. Estão nessas escolas pela simples

³⁶ Cerveja fabricada pela Companhia União de Cervejas de Angola.

³⁷ Gênero musical e, sobretudo, um gênero de dança surgida em Angola

razão: a escola pública em Angola não oferece condições. Você vai à França, por exemplo, o filho do Nicolas Sarkozy estuda numa escola pública.

Portanto, acho que a nossa grande “guerra” hoje é a guerra social, não temos os problemas sociais resolvidos e nem estou a ver maneira de os resolverem para já. A solução está cada vez mais distante... Garanto que há muitos trabalhadores que saem de suas casas pela manhã, dos seus musseques, para trabalhar e sequer comeram, vão para o trabalho com fome. Vão ganhar 500 dólares e aturar um patrão chato e só estão lá porque não têm mais para onde ir.

Se calhar, as revoluções na África branca vieram para nos ajudar. Essas manifestações serviram para os ditadores da África e do mundo verem que o mundo está a mudar. Sei que a realidade da África branca é bem diferente da nossa. Aquelas sociedades são compostas basicamente por classe média, e nós, infelizmente, não temos classe média. Hoje, em Angola, ou és rico ou és pobre! Os ricos são os 5%, que todo mundo sabe quem são e com quem estão ligados...

A empresa estatal que faz o orçamento geral do Estado e administra o petróleo de Angola é a Sonangol, que é a Sociedade Nacional de Combustíveis da Angola. Não sei se sabes, mas o nosso PIB é fundamentalmente composto pela venda de petróleo. Hoje o diamante caiu bastante a nível internacional, então nós vivemos em função das receitas do petróleo.

Você vai à Sonangol pedir a possibilidade de uma bolsa de estudo e não te dão. Sequer lançam programas de incentivo a bolsas de estudos. Se tu vais como um angolano normal e chegas ao departamento de bolsas: “Bom dia, eu vim cá, quero uma bolsa de estudo. Não tenho a possibilidade de dar uma formação a meu filho.”. Vais receber uma resposta negativa. E olha que nem estou falando de uma formação nos Estados Unidos, França ou Inglaterra. Estou a falar de uma faculdade em Angola! As faculdades aqui, em comparação com as faculdades de outros países, são baratíssimas. Uma faculdade privada paga-se 250 dólares mês, portanto, 250 dólares vezes 12 por ano são 3.000 dólares. É barato! Uma faculdade na Inglaterra você paga mil libras, que é 1.800 ou 1.700 dólares por mês. É extremamente caro. Na França e Estados Unidos nem se fala... Para ter uma boa formação nos Estados Unidos um estrangeiro é preciso ter 30 ou 40 mil dólares por ano. Estás a perceber? Estou a falar de 3.000 dólares que é uma ninharia para uma empresa como a Sonangol.

Agora vou dar uma opinião como angolano. Acho que a Sonangol, uma empresa que gere o nosso petróleo, deveria fazer campanhas de programas de bolsas de estudos, dizer: “Os cem melhores alunos do curso de Direito, do curso de Engenharia, do curso de Mecânica, do curso de Medicina que tiverem média de 15 para cima, vão receber uma bolsa de estudo para o estrangeiro.”. Essa seria uma forma de investir o petróleo nos angolanos.

Vale sempre a pena investir nos jovens porque está provado que o maior investimento que um governo pode fazer para desenvolver uma sociedade é nos recursos humanos, nas pessoas. Investir na formação sempre será um bom investimento. Na medida em que esses jovens vão para o Brasil formar-se, bebem aquela experiência toda, pois é uma realidade diferente; e, quando retornam, chegam com uma expectativa diferente. Você repara, há muita malta angolana que foi bolseira da própria Sonangol em boas faculdades nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália. Formaram-se com cunha ou sem cunha, com padrinho na cozinha ou sem padrinho na cozinha, e quando voltam ficam descontentes, porque aqui, na prática, a realidade é outra.

Aqui, se um engenheiro de petróleo de uma grande petrolífera – por exemplo, de uma BP, British Petroleum – vai a um banco pedir financiamento para comprar uma casa, não lhe dão, ele não tem acesso a esse crédito. O banco vai lhe responder que ele não tem salário compatível para taxas de juros, que são extremamente altas.

Os únicos que têm possibilidades de pagar são os tais 5% da população, que nós já sabemos quem são. E como é que esses 5% pagam? Eles têm empresa a render com uma liquidez muito grande, têm um fluxo de dinheiro muito grande a circular. Esses 5% tem empresas de construção de civil, no ramo de petróleo, no ramo de limpeza, ou seja, empresas nos mais diversificados ramos. Se tu tentares criar uma empresa que faça frente a eles, és logo vetado, és logo barrado! A tua empresa só consegue penetrar nesse meio se tu não juntares a eles. Portanto, nos mais diversificados ramos, telecomunicações, bancos, seguros, automóveis, imobiliários, em todos os ramos que operam em Angola e que estão dentro do crescimento económico, são os esses tais 5% que se beneficiam dessas empresas. Isso é um fato! São esses 5% que têm possibilidade de comprar as tais casas e os casarões nos condomínios. São esses 5% que têm a possibilidade de pôr os filhos nas boas escolas internacionais. São esses 5% que têm possibilidade de comprar as casas na Avenida Champs-Élysées em Paris.

Um engenheiro nos Estados Unidos numa petrolífera, eu não diria que é rico, mas tem uma vida boa. Tu vês um engenheiro cá em Angola, eu trabalho numa petrolífera e vivo apertado. Esse é o termo! Faço contas à vida, se gastas ali já não podes gastar acolá, se pensas em pedir empréstimo o banco não te empresta, é tanta burocracia e tanta papelada que tu acabas por desistir.

O próprio banco também não é uma fonte galvanizadora de negócio em Angola. E o banco quando investe ou empresta dinheiro a uma empresa, depois tu vais fazer o levantamento dessa empresa e vê logo que são os tais 5% da população, que não adianta citar aqui: “De quem é esta empresa?”, “Ah, é o fulano que está à frente.”. Blá-blá-blá! Como dizem os americanos, *bullshit!* É conversa para boi dormir. Como se diz em francês: *ce la meme merde!* Quando vais fazer um levantamento dessa tal empresa que, a priori, é de alguém que não tem a nada a ver, é mentira! É sempre de alguém ligado aos tais 5% da população que se beneficia desse dinheiro. Então, quando digo que está mal, é isso. Eles não vão buscar o dinheiro do honorário público, não, eles criam empresas que os beneficiam.

Eu não estou aqui a condenar quem rouba e quem não rouba. Não sou ninguém para julgar alguém porque acredito que, se eu também estivesse no poder, não sei se faria pior. Mas o que queria era que o povo ficasse mais satisfeito. Na vida tu para dares tens que receber e para receber tens que dar algo em troca... E aqui não dão nada em troca! É notória a diferença social, já não é segredo nenhum. A distribuição dos carros, a distribuição das casas, a distribuição dos negócios, o rendimento aqui é muito mal distribuído per capita.

Como eu disse, a grande receita de Angola é o petróleo. Eu até um dia discuti com um colega que me disse: “Nós devíamos expulsar os estrangeiros de Angola que estão cá a explorar o petróleo.”. Olha, eu até dou graças a Deus e até estendo as mãos ao céu por nós termos petróleo, por quê? Porque, com o nosso petróleo, vem estrangeiros com as empresas de energia e de petróleo investir aqui. Mesmo que por trás dessas empresas estejam os tais 5%, ainda vou dando graças a Deus por termos petróleo porque vamos vivendo, vamos comendo. Mesmo não tendo acesso a uma boa cesta básica, ainda vamos sobrevivendo aos empurrões! Se o petróleo acabasse, nós estaríamos muito pior porque nós não temos uma produção interna local. Se um dia Deus secar os campos de petróleo que temos, os estrangeiros todos vão-se embora e estamos tramados! Não temos investimento sustentável. Infelizmente, ainda não conseguimos voar sozinhos...

Quando recebemos a fatia da linha de crédito da China, o governo deveria investir em escolas, hospitais, fazer uma desminagem total dos campos agrícolas e esquecer os condomínios. Fazer esgotos, luz, água para nós podermos voar sozinhos, porque a grande riqueza de um país é a agricultura. Quando recebemos a fatia da linha de crédito da China, deveríamos ter chamado grandes empresas ligadas ao ramo de desminagem para fazer um programa de desminagem total em Angola. Esquecer a construção dos condomínios e dos prédios, esquecer os automóveis e fazer uma desminagem total dos nossos campos. Já que a guerra acabou, vamos tirar as minas dos campos e fazer um projeto de agricultura intensiva. Trazer as melhores alfaías, as melhores charruas, os melhores engenheiros agrônomos para cá. Nós gastamos milhões de dólares com os condomínios, mas deveríamos gastar milhões de dólares em engenheiros agrônomos, em pessoal da desminagem que viessem ensinar a nós os locais a desminar: “Olhe, temos aqui os angolanos, estamos em paz, ensine a trabalhar com a terra, a tornar a terra mais arável e mais fértil.”. Isso, sim, que deveria ser feito.

O dinheiro da linha de crédito da China foi mal destinado, ou, se calhar, foi um destino para boi dormir, foi um destino para benefício próprio, como se diz: “para inglês ver”. Eu, repito, não estou aqui para apontar o dedo a ninguém, eu só dou a minha opinião como angolano.

As ONGs e a UNICEF vão fazendo o seu trabalho, mas ainda é muito pouco. As petrolíferas americanas, inglesas e francesas apoiam muitos programas sociais. O IPMAB, Instituto de Promoção Ambiental, vai ajudando muito. Já ajudou bastante com sacos de arroz, comida, milho, mas não é o suficiente. Mas a principal ajuda tinha que vir de nós, do próprio governo.

Acho que há qualquer coisa que está a falhar... Nós conquistamos a paz, já temos paz, mas não estamos a ver melhorias. O povo a cada ano que passa vive pior. Estamos numa fase que vivemos para sobreviver! Em Angola não há qualidade de vida, e cada vez mais a tal qualidade de vida não vai havendo. Tu, para ter um bocado de qualidade, tens que ter muito dinheiro. E tu, para ter muito dinheiro, tens que ser ou estar ligado aos tais 5%. E para estares ligado aos tais 5% é um Deus nos acuda! Portanto, eu acho que o governo está a investir mal. Acho que faltava aconselhamento.

Tem alguma atuação da Universidade Agostinho Neto para fazer um debate, para fazer o jovem pensar no futuro, mas é pouca. A própria Agostinho Neto depende do orçamento geral do Estado. O próprio partido de oposição em Angola depende do

governo, e o governo majoritariamente é o MPLA. Estás a perceber? A própria oposição não tem asas para voar...

A vida no musseque não tem nada, tem lixo, tem porcaria, é um musseque autêntico! Se tiver luz elétrica é de puxadas anárquicas que vão fazendo. Água canalizada não tem, são os chafarizes que vão fazendo. Há um termo angolano que é “catar água”! Doenças, aos milhares, há muitas doenças lá. O trabalho deles é um trabalho do dia a dia, vivem de biscates. A maior parte da população que vive nos guetos é biscate. As mulheres mais “favorecidas” vendem o corpo. Um problema que há em Angola é que as nossas jovens namoram os generais, com os governantes e com os estrangeiros, pois são eles que detêm o poder econômico. Elas não estão lá por amor, isto é não amor, elas estão lá por necessidade, porque a barriga tem fome... E a forma mais rápida para ter a vida selecionada, visto que não têm acesso aos bons empregos, é dormindo com os generais e com os estrangeiros.

Não há muito prostíbulos aqui em Angola porque a nossa Constituição ainda não permite. Se existem, são muito discretos. Também não há alguém que as agenciam. As moças geralmente vão para o centro da cidade, na baixa, ao lado dos hotéis. Ficam na recepção dos hotéis porque lá é que tem um fluxo que atrai estrangeiros que vem cá investir. Os governantes também frequentam esses hotéis. Os dados sobre a prostituição, estatisticamente falando, não há. Eu estou falando sobre o que vou ouvindo. E depois, em Angola, há um fato: aqui é tudo meio misturado, ou seja, tu podes conviver com o filho de um governante rico, como tu podes conviver com um filho de alguém pobre. Então, tu vais ouvindo. É nesses dados que eu vou me baseando.

No musseque, a maioria dos homens é candongueiro. Outros viram bandidos, delinquentes, roubam, assaltam, matam. Drogas, é disso que o homem do musseque sobrevive. Há mais trabalho para as mulheres, mas para elas conseguirem um trabalho têm que vender o corpo. As mulheres que conseguem um bom emprego numa petrolífera, num banco, numa seguradora, ou seja, as que estão em bons empregos dentro da realidade angolana, também não têm acesso aos créditos dos bancos. Como vês, o dia a dia de Angola é muito duro, é difícil!

Hoje é um fato que a cultura brasileira esteja entrando com força aqui. Nós antigamente ainda estávamos muito ligados à cultura portuguesa. É normal porque nós fomos uma colônia portuguesa, desde a maneira de estar, os hábitos, a gastronomia, a comida, a língua, o *modus vivendi* é parecido com o sistema português. Não que deixamos de ser parecidos com Portugal, mas hoje com a comunicação e com a abertura, boa parte dos angolanos se identifica com a cultura brasileira: a comida, as picanhas, o feijão preto, o arroz branco, a banana frita, a farofa, as músicas, o samba, o pagode, o sertanejo... Mudamos de Portugal para Brasil. E a cultura brasileira é fácil de se aderir. O Brasil é um povo comunicativo, um povo afável, acolhedor, é mais mão aberta que o português. O povo português é mais frio. O português é mais formal e o brasileiro é informal. Então, naturalmente, é mais fácil eu me relacionar com um brasileiro do que com um português.

A cultura brasileira está muito dentro de Angola. Agora, nós, angolanos, infelizmente estamos a ver o negativo que as novelas brasileiras nos dão; ao invés de bebermos o positivo, bebemos o negativo. Hoje as vossas novelas já fazem parte do nosso dia a dia, fazem parte do nosso cotidiano. Mas nós não bebemos o positivo que essas novelas poderiam nos transmitir, nós reproduzimos o negativo infelizmente. Você sabe que na vida o negativo é sempre mais fácil de ser atraído que o positivo. Se tu tiveres um cargo no governo, é mais fácil tu roubares do que não roubares. É mais fácil não manteres o rigor do que manteres, não é verdade?

Acho que a Igreja Universal é uma fonte galvanizadora para a nossa sociedade. As pessoas vão para a Universal, e a Universal nisso faz um bom trabalho. Agora, só não sei se no período das eleições a Universal vai ficar do lado do povo... Acredito que não! Eu sou muito honesto, acredito em Deus, mas não acredito no pastor da Universal. Para mim, a igreja sempre foi uma fonte de buscar dinheiro dos pobres. A igreja mexe com a nossa psicanálise. Se tu estás diante de alguém bem vestido, padre ou pastor, e ele é bem falante, vai dizer palavras que tu queres ouvir...

Se vocês repararem, as pessoas que mais frequentam a igreja, ou que enriquecem a igreja, são pessoas com problemas, seja ele emocional ou familiar. Uma pessoa que tem boa educação, uma boa formação, que tem minimamente um bom emprego, que não tem que se submeter à prostituição e à droga, enfim, uma pessoa normal, não vai à igreja, porque é equilibrada. Agora, uma pessoa que não tem equilíbrio naturalmente frequenta a igreja, a igreja é o seu refúgio. E a Igreja Universal num momento de

eleições, infelizmente, servirá o regime. Acredito que não faça acordo com a oposição porque a oposição é fraca, não tem peso. Acho que a igreja vai servir os interesses do regime atual. A igreja católica já faz isso, há quem diga que ela é uma máfia... Eu não duvido.

Portanto, é triste que nós, angolanos, desde 1975, tenhamos lutado entre nós mesmos com a ajuda do Ocidente. Quer dizer, a ambição falou mais alto e destruiu o nosso país... É muito triste... Se fosse uma invasão de outra nação, a guerra teria lógica. Para nos recompormos será difícil, porque nos dias atuais a ambição ainda fala mais alto! Cabe a nós, jovens, que temos medo de aparecer, esperar as eleições e votar noutra pessoa, votar em alguém que dará outro rumo para o país.

Penso que temos que nos organizar com mais autonomia e mostrar que não estamos satisfeitos. Mas sem o uso das armas, porque isso não leva a nada. Não temos condições económicas, físicas e nem psicológicas para fazer outra guerra. Mas acredito que cabe a nós nos unirmos para fazer o governo perceber que estão errados, dizer: “Estão errados, acho que deviam investir assim, que estão a governar mal, estão a fazer mal...”. Dizer que estão mal e justificar: “Estão mal porque eu acho que é assim, acho que estão errados.”. É o que devíamos fazer. Só que ainda temos medo, ainda estamos numa toca de lobos.

As redes sociais vieram ajudar bastante. A revolução da África branca também veio ajudar, pois mostrou que ninguém é eterno, que ninguém é dono de ninguém. O problema é que a nossa massa social é diferente. Na África branca, tem uma classe média mais intelectualizada, lá não tem muitos analfabetos. Estás a perceber... Mas nós temos esperança!

Maria Fernanda Pereira Pascoal

Eu me sinto estrangeira aqui, o ar... tudo é diferente...

Eu chamo-me Maria Fernanda Pereira Pascoal, filha de Silvano Namalela e de Isabel Massanga. Sou natural da província de Huambo, Angola. Saí da província de Huambo com os meus pais, na altura tinha 2 anos de idade e fomos para a província de Huíla, município de Caluquembe. Depois saímos do município do Caluquembe e fomos para a cidade de Lubango, que é a capital. Dali vivemos, vivemos... Foram anos muito

difíceis, muito difíceis mesmo porque já tínhamos uma vida feita na província de Huambo. O meu pai já trabalhava, já tinha tudo montado. Na época só tinham dois filhos, eu e minha irmã.

A família do meu pai é da província de Huambo. A minha mãe foi para Huambo porque o meu tio vivia lá e a irmã da minha avó, que nesse caso também é minha avó – lá nós chamamos vó –, também vivia lá. A família toda da minha mãe é da província de Huíla, propriamente do Caluquembe, por isso é que fomos para lá também. Depois fomos para Lubangp, lá já não vivia a família da minha mãe, a família da minha mãe estava num único município, que é o município de Caconda, propriamente a aldeia Lumingo.

Em Huambo, o meu pai tinha sido preso por um grupo de homens da UNITA pelo fato dele ter sido ex-FAPLA (Forças Armadas Populares de Libertação de *Angola*), *ele era militar logístico*. Foi incrível porque o meu pai foi o único que sobreviveu. E ele sobreviveu por Deus, acredito eu, porque ele tinha uma ferida no dedo e, no momento de o desamarrarem, ele pediu piedade à pessoa que estava a amarrar os outros presos. Como ele tinha uma faca, conseguiu se soltar. Todos os demais morreram, ele foi o único que sobreviveu. Pelo o que meu pai nos contou, ele pediu a um outro amigo que fugisse junto. O amigo disse: “Não, eu prefiro morrer de uma forma boa a morrer a tiros, cortejado ou qualquer coisa do gênero.”. Então, ele saiu dali e fugiu. Ele viveu muito tempo na mata...

Na cidade de Huambo, o meu pai perdeu tudo, porque era uma época de guerra mesmo. Ele não podia voltar porque havia a possibilidade de ser morto. Ele já havia escapado uma vez e voltar seria se entregar novamente. Mas mesmo assim, ficamos lá por muito tempo. Saímos de Huíla em 1999. O meu pai saiu primeiro, acho que em 1998. Ele foi para a província de Luanda, que é a capital de Angola. Depois de um ano, ele mandou nos chamar. Nesse meio tempo, ficamos a viver só com a minha mãe.

A minha mãe era vendedora de peixe seco. Ela saía de uma província para outra, de Huíla para Namibe. Eram províncias próximas e ela fazia esse trajeto no sentido de colocar comida em casa, o meu pai estava ausente e alguém tinha que fazer alguma coisa para colocar comida na mesa. Esse tempo todo que ficamos na cidade de Huíla foram épocas muito difíceis, passamos por muitas dificuldades. Até lembro que eu não conhecia o que era um Natal... Não tínhamos condições de fazer uma ceia. Uma vez eu perguntei a minha mãe: “Será que nunca vamos ter um Natal?”. E ela disse-me que tudo

tem o seu tempo, se aquele tempo era o tempo de passar por aquilo, íamos passar, mas daqui alguns aninhos as coisas deveriam melhorar...

Em dezembro de 1999, saímos da província de Huíla, da cidade de Lubango, rumo a Luanda. De Huíla fomos para o Namibe e do Namibe pegamos o barco para Luanda. Eu acho que foram três ou quatro dias de viagem num navio... Quando chegamos no porto de Luanda, não tínhamos contato com ninguém. Naquela época, os celulares em Luanda não era febre, como tem se dito na gíria, foi muito difícil. Graças a Deus, tivemos a sorte de encontrar uma jovem que nos acolheu. Ficamos na casa dela uns quatro dias e depois ela foi nos indicando onde eram os lugares. A minha mãe, como tinha um ponto de referência onde trabalhava o meu tio, conseguiu localizar o meu pai e ficamos um tempinho na casa da minha titia.

Em Luanda, havia um espaço que a princesa Diana inaugurou chamado Proventor, localizado no município de Kilamba Kiaxe, bairro popular. Depois da morte dela, aquilo ficou abandonado. Lá era um lugar onde guardavam as próteses. A Diana lutou muito em favor das vítimas da guerra, principalmente aquelas que perderam as pernas e as que foram amputadas. Com o tempo, aquele armazém ficou abandonado e fomos viver lá. Nós éramos os únicos que lá viviam, muitos pensavam que éramos loucos porque ali era enorme. Ficamos ali, o meu pai foi se remediando, remediando... Ele fazia bicos e depois de alguns meses voltou para o exército.

Isso foi 2000. A guerra já estava meio que acabando. Bom, ele voltou para o exército e a vida foi melhorando. Saímos daquele Proventor, o meu pai arrendou uma casa no mesmo município, só que num bairro diferente, e assim a vida foi indo. Batalhando, batalhando, ele conseguiu um terreno e construiu uma casa. A minha mãe tinha saído da província de Huíla com quatro filhos, três meninas e um rapaz, e na província de Luanda ela fez mais quatro também, o que totaliza oito.

O exército em Angola não é partidário, assim as FAPLAS não eram propriamente do MPLA. Para fazer entender em Angola foi assim: três movimentos lutaram pela libertação, a FNLA, a UNITA e o MPLA. O MPLA, que é o partido no poder no momento, escolhe o presidente da república. A UNITA é o partido opositor. Durante a guerra civil, todos os indivíduos que estejam vinculados ao governo, por mais

que não sejam partidários, indiretamente foram envolvidos. Se você não pertence aos opositores, nesse caso que era a UNITA, por mais que você não estivesse em nenhum partido e estivesse enquadrado em qualquer órgão do governo, você era considerado, até certo ponto, do MPLA.

As províncias de Huíla e Luanda foram as que menos sofreram. Lá não teve, a *kwata kwata* – nós usamos esse termo –, quer dizer, *pega pega*, aquele confronto... As províncias de Huambo, que era chamada de Nova Lisboa no tempo colonial, e a do Bié foram as que mais sofreram por um único motivo: a UNITA estava centralizada propriamente nessas províncias, que são próximas; eram nesses lugares que o líder máximo tinha suas sedes. Então, foram as que mais sofreram com os conflitos e com os combates. Pelo pouco que a minha mãe contou-me, a guerra acabou no dia 4 de abril de 2002, que é considerado o dia da paz. Depois eu também estive lá em Huambo em 2005 e encontrei a cidade destruída, em ruínas, alguns edifícios ainda se encontravam deteriorados e com marcas de balas, os prédios todos feios... A cidade estava vazia porque a população teve que se refugiar nas províncias que não havia tantos confrontos. A província começou a se reerguer acho que aproximadamente a partir de 2007.

Muitas pessoas fugiram de suas províncias e se refugiaram em Luanda, que é a capital. Luanda, até certo ponto, é Angola porque tem quase todos os grupos étnico-culturais. A minha mãe me disse que a guerra foi horrível porque morreram muitas pessoas, pessoas que deixaram suas casas, pessoas que já tinham uma vida feita e tiveram que começar tudo do zero, como o meu pai, pessoas que perderam seus empregos e tiveram que tentar uma nova vida, deixaram família, perderam filhos, perderam quase tudo... Nós perdemos muitos parentes, o irmão da minha mãe morreu na província de Huambo, a pessoa que cuidou de mim, nesse caso o irmão do meu pai, também morreu lá. Quando ele morreu, eu tinha 2 anos... Para mim, é complicado descrever essa época porque eu era muito pequena. O que eu estou contando agora é o pouco que a minha mãe contou-me.

O meu grupo étnico-cultural é ovimbundu, tanto de pai como de mãe. Eu falo um pouquinho, mas entendo bem. Em Luanda, poucos jovens falam as línguas maternas. Luanda como capital, acredito que como todas as capitais do mundo, direta ou indiretamente, sofre influência de alguns países, no caso de Angola é o Brasil. A cultura brasileira influenciou bastante na capital. Dos que nasceram em Luanda, acredito que uma boa porcentagem não fala, acabaram perdendo as suas raízes... Alguns pais não

mantiveram o uso da língua materna, mas alguns grupos ainda mantêm, como os bacongós, por exemplo, disso tenho plena certeza. Se você for numa casa em Luanda de bacongós, há probabilidade de encontrar uma criança de oito anos falando kikongo. Também os ovimbundus, se forem numa casa de ovimbundus, podem encontrar uma percentagem mínima de crianças a falar umbundu, os pais mantiveram a língua materna. Em minha casa, eu sou a única que fala um pouco, a minha mãe fala dentro de casa quando vêm visitas, quando as irmãs ou os tios vão lá. A minha irmã só entende, só fala o básico, cumprimentos, por exemplo, mas eu consigo falar algumas coisas e compreendo mais.

A minha trajetória escolar foi a seguinte: comecei estudar na cidade de Lubango, na província de Huíla. Se bem me lembro, a escola foi boa. Era pública e eu estudava embaixo de uma árvore. Eu lembro que o nome da escola era Escola Nova, ficava entre a Maxiqueira e o Laureano, no momento o bairro não me vem à mente. A escola era pequena, acredito que não passava de 10 ou 15 salas de aula. Uma boa parte dos alunos estudava embaixo das árvores. Era um pouco complicado porque dificultou bastante o meu aprendizado e reprovei, porque no local onde eu estudava havia uma rua e uma estrada, e os meninos às vezes brincavam, quando passava alguém de carro ou bicicleta fazia barulho e isso nos desconcentrava. Criança, imagine só, obviamente que eu prestava mais atenção na rua do que naquilo que a professora falava. Mas foi uma fase muito legal, muito boa!

A escola era mais ou menos assim: como eu já disse, não passava de 15 salas de aula e havia um número de alunos elevado na escola. Como tinham muitas árvores no pátio, cada árvore ocupava uma sala de aula. Não havia carteira... Para sentar me recordo que os alunos levavam banco ou latas, aquelas latas de Leite Nido, não sei se aqui tem... Ao invés de levar as latas, eu levava um banco, isso no primário, e escrevia em cima do colo mesmo. Aquilo era uma mangueira enorme para abrigar as pessoas do sol, o quadro ficava encostado na parede do edifício e a professora escrevia. Se algumas pessoas estivessem no meio, colocavam o quadro apoiado na árvore. É uma imagem muito linda, mas tudo tem suas vantagens e desvantagens. Foi uma das melhores fases da minha vida. Eu estudei nessa escola acho que por quatro anos.

Quando saímos de lá, fomos para a província de Luanda e já estudei em situações melhores. Fiz a terceira classe numa escola privada porque chegamos um pouco tarde e as inscrições já haviam terminado. Para não perder o ano letivo, o meu pai nos colocou numa escola privada. Ficamos um ano e, quando mudamos de bairro, fomos para uma escola pública.

Na escola pública, as condições não eram das melhores, mas já tinha uma infraestrutura, havia sala e carteiras para todos. Lembro-me que na terceira classe havia carteira para todo mundo. Era na escola 27, no bairro do Avo kumbe, município no Kilmba Kiaxe. Na quarta classe, não havia carteira para todos. Algumas pessoas levavam cadeira e outras ocupavam as carteiras, então quem chegava primeiro sentava. Se chegasse atrasada, você perderia o lugar! Então, se estivesse em casa e desse uma da tarde, tinha de ir para a escola; se eu chegasse uma e meia, não encontraria espaço; não encontrando espaço, se não levasse banco, sentaria no chão.

Terminei nessa escola a quarta classe e fomos viver na nossa própria casa. Fui fazer a quinta classe numa escola em condições mais precárias ainda. O prédio da escola não havia acabado, havia seis fiadas e um pau no meio que apoiava. Aquilo era uma espécie de tenda, colocavam o pau para cobrir por causa do sol. Não havia carteiras, era uma escola comparticipada. Como era a escola mais próxima da minha casa, tive que estudar lá. Até lembro-me que, quando a minha mãe apresentou a escola, ela disse:

— É aqui que vocês vão estudar.

Eu perguntei se aquilo era uma explicação³⁸. E ela disse:-

— Não, é uma escola.

— Não, eu não vou estudar aqui! Mãe, aqui não tem espaço, isso não é escola, isso está tudo aberto!

A escola que não estava acabada. Havia salas que já tinham chapas e outras coisas, e havia salas que ainda não tinham sido acabadas. As paredes não tinham sido erguidas, estavam na quinta fiada simplesmente. Na época das férias eles davam a sequência na obra. Fiz lá a quinta, sexta, sétima e oitava. E vou te contar, fui muito feliz naquela escola! Na oitava, já havia cobertura, já havia tudo. Só na quinta que não havia cobertura. Foi bom porque tive os melhores professores naquela escola, as condições eram precárias, mas o corpo de professores era o melhor. Lá eu aprendi muito a gostar da Matemática, Física, Química. Saí de lá como uma das melhores alunas em

³⁸ Explicação - Espaço onde é oferecido aulas de reforço escolar.

Matemática. Foi aquela escola que fez com que eu me tornasse mulher. Foi a escola que abriu a primeira porta para o mundo acadêmico.

Terminado o básico, eu precisava entrar para o médio. No médio, eu fui para Instituto Médio Técnico 17 de Dezembro, uma escola localizada dentro de uma unidade militar. Aquela escola acolhia filhos de militares e não militares. O meu pai já havia trabalhado na mesma unidade, mas não foi por isso que fomos estudar lá. Em Angola, em algumas situações, as pessoas não estudam por opção, mas por oportunidade. Como tem muitos institutos e muita gente que quer entrar, onde o seu nome sair é aonde você vai estudar. O pobre em si não tem escolha... Naquela época, em alguns institutos, havia necessidade de fazer exame. Você saía do básico concluído, fazia a inscrição e depois o exame. Se fosse aprovado, você entrava. Em outros, não; a pessoa entrava diretamente. Você se inscrevia e, dependendo da nota que tu tens na média escolar, entrava diretamente. Cada instituto tinha o seu critério de avaliação, é mais ou menos isso.

No meu caso, não foi necessário. Eu saí do básico, eu e minha irmã – sempre estudei com ela, a Analdina – saímos juntas e fomos para lá, não fizemos exame, entramos diretamente. Eu fiz o curso Técnico Médio de Mecânica, na especialidade de Máquinas e Motores. Lá o que é que acontece? As pessoas fazem por nível, Ciências Sociais e Exatas; as Exatas têm Física, Matemática, Biologia e as Sociais têm algumas disciplinas concernentes ao Direito e outras da área de Humanas. E tem também o técnico propriamente, técnico de mecânica, de construção civil. Então, a pessoa sai do básico com alguma visão, vamos supor, se conseguir vaga na instituição que quer estudar, então vai fazer para dar sequência na universidade. O que aconteceu comigo já não foi isso. Eu quis fazer Medicina, mas não havia vaga no instituto que eu queria fazer Bioquímica. Ao mesmo tempo, era muito distante também, nem que eu lutasse não conseguiria. Então, o meu pai colocou-me no técnico, onde eu fui fazer o curso de Mecânica. Fiz quatro anos naquele instituto e foi muito bom. Como era uma escola militar, a regra era de sobrevivência, os melhores acabam sobrevivendo, os fortes nesse caso, e os fracos acabam ficando...

No ensino técnico, as únicas disciplinas básicas que eu tive foram Língua Portuguesa, Física, Química e Matemática. O restante eram disciplinas técnicas específicas do curso, como Desenho Técnico, que ensinava como desenhar uma peça, ver o ângulo de uma peça. Tive também Máquinas e Motores, que era a disciplina chave do curso. Também tive Informática e havia possibilidade de, no futuro, estudarmos

Autocad. A Língua Portuguesa, eu tive no primeiro e segundo ano; no terceiro e no quarto, eu já não tive.

Para concluir o ensino técnico, nesse caso em 2011, tive que defender um projeto para obter o diploma e certificado de Técnica Média. E não foi fácil! Eu tive que defender um projeto de estudo sobre a otimização do avanço e do atraso da válvula de admissão e de escape. Nós tivemos que otimizar e regular a entrada e saída da válvula de admissão, que faz a entrada de combustível dentro de câmara de combustão, e a saída do mesmo combustível. Então, eu tinha que reduzir aquela entrada em ângulos menores, se fosse para estudar o motor em linha ou em V, dependendo da espessura da mesma válvula, e tinha que abrir e fechar no momento exato. Mas para executar o projeto foi complicado porque tivemos que andar muito, andamos muito mesmo, fomos na Faculdade de Engenharia pesquisar. Tive um amigo que estava no terceiro ano da Universidade e foi o nosso orientador particular. Foi muito pesado e, graças a Deus, foi ótimo porque conseguimos defender a tese, alguns colegas conseguiram tirar 14, outros média 10. Foi muito bom, foi um desafio mesmo, não é fácil fazer um projeto.

Depois que terminei, fiquei um ano parada porque eu não consegui entrar na universidade. Fiz a inscrição, mas não fui ver o resultado. Prestei vestibular na Universidade Agostinho Neto, propriamente para a Faculdade de Letras, eu queria fazer psicologia forense. É engraçado como surgiu esse lado da Psicologia, alguém que fez Mecânica pular para Psicologia é meio que cair de paraquedas! Eu nunca tive contato com nenhum psicólogo e nem com nenhuma matéria relacionada à Psicologia. Só sabia que queria fazer Psicologia, mas não sabia o que era Psicologia propriamente. Eu tinha uma definição básica que era a ciência que estuda o comportamento humano, só sabia isso. Mesmo dentro do instituto eu tive colegas que diziam: “Fernanda, você é uma aluna esforçada, mas está no lugar errado!”. Porque o ensino técnico exige ter a base fundamental, que é Matemática, Física e Química, e, como todo mundo sabe, essas matérias não são para todo mundo, não é para quem quer, é para quem pode... Então, alguns colegas falavam: “Você está no lugar errado, você está a fazer Mecânica, mas Mecânica não tem nada a ver contigo...”.

Quando decidi fazer Psicologia eu não estava para vir para o Brasil, eu queria estudar na Alemanha porque a Psicologia, até certo ponto, tem origem alemã. A Psicologia começou a ser estudada na Alemanha. Eu tinha um tio na Alemanha e já havia conversado com o meu pai, mas meu tio voltou para Angola em 2011 e o sonho

de ir para a Alemanha havia sido abolido. Então, fiquei entre ir para o Brasil ou Portugal. O Brasil é um país que está a crescer cada ano que passa, acho que é um país que o campo de pesquisa é muito vasto. É o país do futuro, como tem se dito. E Portugal estava a pensar a questão da língua. Eu não tinha parentes em Portugal, como não tenho aqui no Brasil. Então, fiquei a ver o mercado brasileiro e o português e achei melhor vir para o Brasil.

Resolvi fazer Psicologia porque desde o médio sempre gostei de conversar, aconselhar e acima de tudo ouvir... Entender e compreender as pessoas saber o porquê das coisas, o porquê do comportamento de tal pessoa, por que ela se portou daquele jeito. Vamos supor: se há uma ou duas horas ela estava num estado eufórico e depois entrou num estado de melancolia. Queria entender o porquê disso. Eu me questionava sempre... O único curso que tem isso de explicar o comportamento humano é o curso de Psicologia propriamente. E não só, na minha família também, eu sou a melhor amiga da minha mãe. Até certo ponto, eu fui vista como a conselheira da família, a intermediária, eu sempre estive neutra no sentido de entender o porquê de alguma situação, compreender e explicar aquilo. Entender o porquê de tal pessoa se portar daquele jeito, que simplesmente não foi porque ela realmente queria fazer aquilo, digamos que foi algo espontâneo. Eu acho que tenho vocação para Psicologia.

E por que fazer Psicologia no Brasil? Em Angola, tem o curso de Psicologia Forense na Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto. Também tem o curso de Psicologia em algumas universidades privadas, como a Universidade Piaget, que forma psicólogos clínicos, a Universidade Católica de Angola também forma psicólogos clínicos, e o ISCED - Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda, voltada para a psicologia escolar, como tem se dito aqui no Brasil. Então, eu tinha a opção entre a psicologia clínica, a psicologia da educação e a psicologia forense. Analisei e fiz a inscrição na Agostinho Neto, mas não fui ver o resultado, eu nem quis saber porque, se eu fosse aprovada, não faria lá. Não faria lá porque eu acho que é necessário você sair da tua zona de conforto e ver como é o mundo, como o mito da caverna de Platão, às vezes é necessário você se aventurar. Também o material de Psicologia em Angola é caro, porque nós dependemos do mercado português e brasileiro, a maior parte dos manuais é do Brasil. É um pouquinho puxado porque o curso de Psicologia exige que se tenha o material. Então, eu pensei: “Por que não investir no mercado onde sai o material?”. Mesmo que eu fizesse numa faculdade privada em Angola, havia a

probabilidade de gastar a mesma coisa se viesse para cá. Lá eu teria que pagar o transporte e o material, que seriam um pouco mais caros.

Comecei a tratar da documentação de turista. Eu já havia dito ao meu pai que iria estudar no Brasil, e ele disse:

— Não, você vai fazer numa pública, você vai fazer aqui.

— Não, eu vou para o Brasil, respondi.

— Não.

— Tá bom.

Fiquei a tratar da papelada toda sem que ele soubesse. Fiz tudo no anonimato!

Da minha casa, ninguém sabia. A minha mãe só percebeu duas semanas antes da viagem e o meu pai acho que uma semana. Tratei da documentação toda, primeiro tirei o passaporte – isso os meus pais sabiam – e o visto demorou mais ou uns 20 ou 30 dias. Quando o visto saiu, eu comprei a passagem. Depois que comprei a passagem, eu disse ao meu pai que iria viajar e que seria no dia tal. O meu pai disse:

— Você é maluca!

— Na próxima segunda-feira eu viajo.

— Você deve estar maluca!

Ele achou que eu estava brincando! Quando chegou sexta-feira, eu disse:

— Pai, na segunda feira o senhor vai me levar no aeroporto porque o *check-in* será às quatro da manhã.

— Não pode.

— Sim, respondi.

Na segunda acordei, me preparei e disse:

— Pai, já chegou a hora.

Eu acho que até o momento em que eu o acordei ainda não havia caído em si que a filha iria sair do país prestar vestibular num outro país e voltar. A ficha do meu pai caiu no momento que ele levou-me no aeroporto no dia 04 de fevereiro e quando liguei para ele dizendo que havia chegado Brasil.

Eu consegui dinheiro para pagar a passagem da seguinte forma: nós temos algumas casas, no meu quintal, em aluguel. Nós recebíamos em dólar e, como eu tinha uma conta em dólar, depositava o dinheiro na minha conta. Como já havia uma grana boa, peguei um pouco, tratei do visto e comprei a passagem. Ainda restou um bom dinheiro que eu trouxe para aguentar o tempo que cá fiquei, aproximadamente um mês.

Esse dinheiro não era só meu, era dos meus irmãos também, mas, como era a primeira filha e maior de idade, eu tinha a chave para a conta bancária! A minha irmã tinha uma outra conta em kwanza, ela recebia em kwanza e eu recebia em dólar! Minha irmã já tinha 18 anos, ela já tinha a conta dela e eu tinha a minha. Os meus irmãos, se precisassem, haveria probabilidade de tirar tanto da minha conta como da conta dela também.

Como já disse, eu e minha irmã sempre estudamos juntas. Ela ficou sabendo da minha vinda quando eu comecei a tratar o visto, mas acredito que ela também não levou muito em conta. A minha família levou tudo na brincadeira, diziam: “Ela deve estar simplesmente falando, brincando mais uma vez!”. Mas todos da minha casa ficaram sabendo, exceto o meu pai, duas semanas antes da viagem. Eu disse para minha irmã: “Olha, o visto saiu. Daqui a duas semanas, eu viajo.”.

Depois de eu ter prestado o vestibular, voltei para Angola e o meu pai quis que minha irmã viesse estudar comigo, porque desde o básico nós estudamos sempre na mesma sala, sentávamos quase que na mesma fila... Incrível! Nós nos separamos propriamente no segundo ano, porque mesmo no primeiro ano do Médio estudamos na mesma sala. Ela disse ao meu pai:

— Não, não vou. Angola está bom, o país está bom e eu vou prestar aqui numa pública.

O meu pai até se chateou com ela, disse:

— Vocês nunca se separam...

Realmente, eu não me separava da minha irmã, onde está uma, a outra também estava. Mas eu conversei com o meu pai, disse: “Olha pai, se ela quer ficar, que fique.”. Ela prestou vestibular na Universidade Agostinho Neto no ano passado e foi aprovada, está a fazer Geofísica, e eu vim fazer numa privada o curso dos sonhos!

Para ingressar na faculdade aqui, tive que prestar o vestibular, mas têm algumas universidades que fazem o recrutamento propriamente em Angola. Tu prestas lá e vem para cá já com o visto de estudante, não é preciso fazer esse trajeto de ir e voltar. Já no meu caso não foi assim. Eu vim como turista, prestei o vestibular e voltei para pegar o visto de estudante.

Quando cheguei aqui, eu sabia apenas o curso que ia fazer, mas ainda não sabia em qual universidade. Então, tive que fazer uma pesquisa de mercado. Eu já tinha uma amiga que vivia aqui. Tinha alguns meninos também que já estudavam aqui, o Adilson

e o Paulo, eles foram para Angola passar as férias e me deram algumas dicas. Quando cheguei cá, me encontrei com a Cristina, que me acolheu. Como ela estudava na FMU, mostrou-me algumas universidades: FMU, UNIP, UNINOVE, PUC, Mackenzie, Anhembí Morumbi. Eu pesquisei a nota de Psicologia no MEC de cada uma dessas universidades e prestei vestibular na FMU e na UNIP. Na FMU fiquei em 21º lugar e na UNIP fiquei em 1º lugar.

É incrível porque eu tinha tudo para ir para UNIP, o fato de ter ficado em primeiro lugar no curso de Psicologia, eu nem sei como é que eu fiquei em primeiro lugar porque tem a questão da língua. Mas também eu estudei, me preparei durante o mês todo. Tive uma boa nota na redação, isso contou bastante. E também algumas disciplinas como Inglês, Matemática. Na História não tive grandes dificuldades porque em Angola não estudamos só nossa história, mas também a história universal. A Geografia também, até certo ponto, nós estudamos a geografia local e um pouco da geografia do mundo, então temos a mínima noção do mundo, que incluía também o Brasil, óbvio. Isso me facilitou.

Prestei nas duas, fui aprovada, peguei uma declaração que comprovasse que eu tinha prestado vestibular nas instituições, levei para Angola, tratei do visto, nesse caso já com a FMU. Acabei optando pela FMU porque o processo foi um pouco mais fácil. O visto demorou mais ou menos um mês para sair e voltei para o Brasil no mês de fevereiro, as aulas já haviam começado, fiz a minha matrícula e continuo estudando na FMU até hoje.

Havia probabilidade de eu ir para o Rio de Janeiro, mas preferi vir para São Paulo porque eu pensei em dois aspectos: primeiro, pelo fato de São Paulo ser uma metrópole. São Paulo, até certo ponto, é capital, incrível que a capital é Brasília, mas acho que São Paulo é o lugar de negócios, São Paulo é o coração do Brasil. Aqui você encontra pessoas de todos os estados do Brasil. Segundo, tem um grande número de angolanos também. Aqui têm muitas lojas, e a questão do mercado e do comércio em São Paulo é muito forte. Eu vim muito por essa questão. Se por acaso eu quisesse estudar e trabalhar por conta própria, nesse caso enviar algumas mercadorias para Angola, teria que viver propriamente cá em São Paulo. Mas, se fosse para o interior, também não haveria problema nenhum, desde que fosse um local calmo, tranquilo e o custo de vida fosse um pouquinho reduzido, acredito que eu teria ido também.

A vida aqui em São Paulo não é fácil. Não é fácil para os estrangeiros e nem para os nordestinos, como tem se dito aqui, para as pessoas que chegam dos outros estados. Quando se é um estranho nessa cidade, há muitas dificuldades a serem enfrentadas... O custo de vida aqui em São Paulo é um pouquinho puxado, principalmente na questão habitação. Para alugar qualquer imóvel, as imobiliárias exigem fiador. Ora, eu não tenho família aqui, não tenho pessoas conhecidas que pudessem se disponibilizar no sentido de serem meus fiadores. Essa é a dificuldade que muitos estudantes encontram aqui. As imobiliárias que não exigem fiadores, tem-se que pagar dois ou três meses de adiantamento, e às vezes a pessoa não tem essa quantia.

Vendo a questão de transporte também eu fui estudando... Eu estava para viver na Santa Cecília, para chegar na Faculdade era simplesmente pegar o metrô linha vermelha e depois a linha azul, mesmo assim teria que gastar. Poderia muito bem viver na Penha com alguns amigos, mas também eu gastaria muito com transporte. Então, preferi arrendar uma casa próxima à universidade. Esse plano eu já tinha desde quando estava em Angola, logo que tirei o visto de estudante a minha ideia era arrendar uma casa próxima à universidade, pois economizaria com transporte.

Hoje vivo na Liberdade, próximo ao metrô São Joaquim, não pago transporte, pois é bem pertinho da universidade. Isso facilitou muito! Naquela região, como é central, o aluguel é caríssimo, tem muitas pensões, muitos centros universitários e próximo do metrô fica mais caro ainda. Eu divido o quarto com uma pessoa, que é a Denise, ela é baiana, tenho-a como uma irmã. Vivemos as duas, ela foi quem me acolheu. Recordo-me que foi um dia de muita aflição, de muito desespero, porque eu precisava de um espaço. A pessoa que me acolheu estava esperando visitas, então eu tinha que sair de lá mais rápido possível. Encontrei-me com a Nalva, que é uma amiga e tem um estabelecimento, perguntei a ela se não sabia se havia uns lugares próximos ou pensões que alugassem um quarto. Ela me apresentou a Denise dizendo que a Denise precisava de alguém para dividir o quarto. Foi assim que eu conheci a Deni... Conversei com ela, perguntei quanto era a mensalidade do quarto, ela me disse e repartimos meio a meio. E assim continuamos a viver juntas até hoje... A Deni é uma pessoa supertranquila, ela é baiana...

Em casa nós cozinhamos tudo, eu cozinho, ela cozinha, não tem muito essa de separar. Não foi muito difícil acostumar porque o tempero baiano é muito forte e o angolano também, algumas coisas se assemelham. Começamos separar a comida no

final do ano passado porque me tornei vegetariana. Tornei-me vegetariana por opção. No item saúde, há muitas vantagens de ser vegetariana, é muito bom, você se sente mais leve... Não tive a influência de ninguém para me tornar vegetariana. Nas minhas coisas, eu não tenho muito essa questão de influência, eu faço desde acho que a coisa é certa. Veio me beneficiar porque é saudável.

Logo no início das aulas, eu tive dois professores que me acolheram, o de Sociologia e a Leila, professora de Genética e Bases Biológicas I, no primeiro semestre, e Bases Biológicas II, no segundo. A Leila foi uma segunda mãe para mim. Incrível! Foi a única que se preocupou comigo durante o ano passado todo. Foi alguém que sempre que eu me ausentasse no dia seguinte perguntava por que eu me ausentei. Foi a pessoa que compreendeu a escrita. Houve um acordo ortográfico, mas algumas palavras ainda se escrevem de forma diferente.

Eu tive muita dificuldade com a escrita, o primeiro semestre foi de muita batalha! O sistema de avaliação para mim também foi difícil, porque em Angola nós usamos muito a dissertativa e o sistema que é aplicado na FMU é alternativa, verdadeiro ou falso. E a alternativa tem muito a questão da rasteira e do domínio da língua portuguesa. Se você entender uma vírgula errada, você erra a questão. Então, eu tive muita dificuldade, sempre ficava entre o certo e o errado. Desde o momento que comecei a fazer as provas, a dúvida foi algo que me perseguiu bastante, a dúvida não com relação à definição que eu tenho concernente à pergunta, mas relação ao termo. Muitas vezes eu não sabia o que tal termo significava e não tinha como interromper o professor no meio da prova para perguntar que termo é esse. No segundo semestre, senti um pouquinho de dificuldade também, mas não foi tanto, no primeiro foi muito mais.

Com relação aos professores, alguns não entendiam que tinha um estrangeiro ali, eles olhavam para mim como se fosse uma brasileira. A questão da integração com a turma foi ótima. O angolano, em si, é espontâneo e alegre, então foi muito fácil me adaptar. Fiz amizade com quase todo mundo. Logo que eu cheguei, já me enquadrei num grupo, no qual eu pertenço até hoje. Foi fácil me dar com os meus colegas, muito fácil, muito fácil mesmo! Embora tenha sempre aquela questão de disputa, isso acontece em todo lugar, disputa do tipo: “Como essa estrangeira vai tirar melhor nota do que nós?!”. Isso acontece em qualquer lugar, mesmo em Angola isso acontecia com os estudantes. Eu acho que espírito de competitividade, até certo ponto, é bom porque que faz com que o aluno pesquise mais e queira se tornar melhor.

Não tenho desconto na faculdade, eu acho que o pessoal me vê como uma brasileira, então pago as minhas contas como brasileira. Quem envia o dinheiro para me sustentar aqui e pagar minhas contas são os meus pais. Aqui não trabalho porque o visto de estudante não permite que o estrangeiro estudante trabalhe, está escrito no RNE que é proibido exercer qualquer trabalho remunerado. Eu sei que estágio é permitido, mesmo que remunerado, o que não se permite é o trabalho com carteira assinada.

O meu professor de Sociologia disse que a discriminação no Brasil não é apontada de uma forma direta. Nunca você vai ouvir alguém dizer: “Seu negro”. É raro alguém dizer assim diretamente, até porque acredito que tenha uma lei que não possa. Acho que é crime e, como é crime, ninguém quer ter a ficha suja. Mas há um racismo de forma indireta, você sente que está sendo discriminada pelo comportamento da pessoa. Mesmo na própria universidade isso acontece, o fato de você ser negra, a forma de olhar, você consegue sacar isso... Você ao shopping e o vendedor estava tão tranquilo, quietinho e de uma hora para outra começa vigiar os seus passos, aonde você vai tem alguém observando. Às vezes você entra numa loja e percebe que todos os clientes tinham um vendedor que explicavam o produto, mas quando tu entras ninguém vai te atender. Talvez pensem que é negra e, como o negro aqui não tem muito o hábito de consumo, acredito que devem achar que negro é pobreza. Você vê muito isso.

Eu me lembro que, quando fui na exposição do impressionismo no CCBB, eu e o Álvaro éramos os únicos negros naquela fila. Foi bem no primeiro dia, e as pessoas olhavam de um lado ao outro. O meu amigo chegou e perguntou:

— Mas, Fernanda, você sabe por que as pessoas estão nos olhando?

— Não, não liga. Se for discriminação, como a minha mãe diz, a cara dos mesmos não é ponte pra passar nem poço d’água!

Então, você consegue sentir isso. O Brasil é um país que o racismo faz-se sentir, é um país em que a população em si é preconceituosa. Quem diz que não existe discriminação mente, existe, sim, e muita!

Aqui em São Paulo, eu pertencço a um grupo que é a UNEA, União dos Estudantes Angolanos em São Paulo. Qual a finalidade do nosso grupo? A finalidade é acolher e interagir com os estudantes que estão em São Paulo. Acredito que em cada estado os estudantes devem ter suas organizações, tem uma associação em Brasília, no Rio de Janeiro também tem. Nós, da UNEA, também temos essa interação com os

grupos dos outros estados. Bom, a finalidade principal é interagir com os angolanos aqui, o nosso foco são os estudantes, e ao mesmo tempo dar acolhimento.

O que aconteceu comigo e com os outros estudantes que vieram e simplesmente não tinham família aqui e nem um guia ou um mapa: quem nos acolheu, quem nos mostrou as universidades? O estudante vem sem a noção do que é o Brasil e quais universidades que aqui existem. Então, quando sabemos que há um estudante que quer prestar o vestibular aqui e que está prestes a chegar, nós, como UNEA, nos reunimos no sentido de acolher esse estudante, não na questão habitação porque nós não temos uma casa, mas o auxiliamos.

Com relação à habitação, mostramos os hotéis; se não há possibilidade de ficar num hotel, mostramos as pensões com as diárias mais baratas. E também vemos com integrantes da UNEA se tem um espaço que possa acolher o que está chegando mesmo que provisoriamente. É mais ou menos isso. Também mostramos as universidades, mesmo que não seja acompanhando, mas via internet ajudamos a pesquisar a nota da universidade no MEC, o que é importante também. Então, fazemos esse trabalho.

Os estudantes que querem vir para cá ficam sabendo da associação em Angola mesmo. Todos os anos sempre têm angolanos que vão passar as férias e um vai passando para um, que vai passando para outro, que vai passando para outro e assim ficam sabendo que a UNEA existe.

A associação é nova, ela foi fundada em 2012. Quando cheguei, a UNEA já existia. Atualmente, deve ter uma média de 20 estudantes ativos. Acho que é bastante para uma associação que é novata. O Marseu de Carvalho, o Álvaro, o Maninho, a Solange e outros foram os fundadores, acredito. A ideia de criar a UNEA foi no sentido de interagir com os angolanos aqui, porque é importante como estudante mostrar a cultura angolana em alguns eventos, reunir o maior número de estudantes aqui em algumas datas comemorativas, como o 11 de novembro, que é a independência, ou o 4 de abril, que é o dia da paz, ou o ano novo, o natal, essa coisa toda. A associação tem muito a ver com a interação dos estudantes aqui e de estar sempre a par dos problemas que estão a se passar em Angola. Nós fazemos debates e abordamos temas sobre os problemas e dificuldades que os angolanos têm passado como estudantes aqui. Também discutimos como está a questão política do país, a questão cultural, o que está a se passar em Angola. Então, são diversos temas.

Também procuramos nos vincular a algumas instituições, como o CDHIC, a EDUCAFRO, e participar de qualquer atividade no sentido de mostrar um pouquinho o que é Angola. Afinal de contas, o Brasil tem uma visão deturpada com relação à Angola e ao continente africano no geral. África é um continente que tem 54 países, mas o brasileiro vê África como um único país, uma coisa só. Então, sempre que temos oportunidade damos palestras quando somos convidados por instituições. A última foi na UNINOVE, na Semana da Pedagogia. Convidaram-nos para falar um pouco da educação em Angola, e também falamos da questão cultural.

O importante é mostrar que África não é um todo, que África é um continente que tem 54 países e que cada país tem a sua cultura. Engraçado que muitas vezes dentro do mesmo país tem diversas culturas! Também tentamos mostrar que África não é propriamente elefantes, girafas, matas e deserto; que em África também tem tecnologia, tem educação de qualidade; que em África tem universidades boas e tem um país que abrigou a Copa do Mundo de 2010, que é a África do Sul. Algumas pessoas que saíram daqui e foram para lá, viram que África do Sul não é só deserto e mata, mas um país desenvolvido. Namíbia e Angola também são países em que já existe uma base e não são países 100% atrasados. Nós mostramos isso aos brasileiros. Que, como angolanos, nós temos identidade e que lutamos no sentido de preservarmos essa identidade mesmo vivendo no estrangeiro.

Em Angola, mais propriamente em Luanda, há um influencia muito grande da cultura brasileira. O Brasil ganhou mercado com as novelas. Só para ter uma noção, a Globo é um dos canais mais caros lá. As novelas brasileiras, direta ou indiretamente, como a mídia em si, influencia muito no comportamento de determinado povo. Eu acho que no Brasil também acontece isso. Vamos supor: na novela *Salve Jorge*, vemos muitas saias apertadas e blusas decotadas. O que os homens da indústria vão fazer? Vão investir muito nisso. Por exemplo: “Quais as cores que estão a usar na novela: o amarelo, o laranja, o azul, o marinho? Então, essa será a tendência do verão, vamos lançar isso!”. Isso que está a bater – nós usamos esse termo –, isso que está na moda, então é isso o que o pessoal vai comprar. Como se sabe, há muitas angolanas que vêm

comprar roupas aqui para vender em Angola, são as chamadas muambeiras. Então, tem muita influencia do Brasil, até no carnaval.

O carnaval é algo cultural, acho que cada cultura tem a sua forma de festejar, mas propriamente em Luanda tem alguns blocos que direta ou indiretamente pegam bailarinas de algumas escolas de samba daqui e levam para lá, nas escolas de animação. As meninas se vestem daquele jeito, do jeito brasileiro mesmo. Em algumas festas que tem acontecido, vamos supor, uma Festa da Máscara na mesma semana do carnaval, festas particulares, algumas fantasias direta ou indiretamente têm muita influência, e alguns orientadores de festas também vêm para algumas escolas de samba e chamam algumas dançarinas para irem para lá no sentido de animarem. Então, a influência é nos blocos de animação, mas não o que é propriamente o carnaval.

Mas o que é realmente o carnaval angolano? Dependendo da província, tem alguns blocos, como em Luanda que tem o Kabocomeu, o Mundo da Ilha e outros. Mas também tem muito a questão regional, cada ano tem um tema. Vamos supor: se o tema na Ilha for a Festa da Kianda³⁹, o vestuário vai ser em relação ao tema. Nas províncias, é a mesma coisa. Na província da Huíla, propriamente na cidade de Lubango, eu já participei de alguns grupos. Tem muito aquela questão de vestir do jeito mumuila. O jeito mumuila é o quê? Os peitos ficam todos de fora, usamos um pano que cobrem os órgãos, e usamos muitas miçangas para enfeitar; o jeito também de adornar o cabelo, os homens têm um jeito de usar o penteado também; as mulheres fazem as danças... É mais ou menos isso. Nessas comunidades, o carnaval brasileiro não chega, mantém-se sempre o regional.

Minha expectativa é voltar para o meu país! Eu acho que cada cultura tem uma forma de se comportar e a cultura em si influencia muito no comportamento humano. Como futura psicóloga que estuda o comportamento humano, gostaria muito de voltar para o meu país para contribuir na minha área acadêmica. Pretendo também, se der tempo e se por acaso houver a possibilidade, fazer mestrado, porque com uma pós-graduação eu posso dar aula. É para contribuir mesmo! Como eu já disse, o Brasil é um país em que na questão acadêmica tem muitos núcleos de pesquisa, a pesquisa aqui está

³⁹ Festa da Kianda - Ritual de veneração à divindade das águas, protetora dos pescadores.

acima da de alguns países. Tem-se desenvolvido muitos projetos e alguns projetos se fazem sentir, não estão só no papel, mas já foram aplicados também. Gostaria muito de fazer isto: voltar para o meu país no sentido de contribuir na área de Psicologia e dar o meu máximo. Estudar também a minha própria cultura, isso que é fundamental!

Estando aqui, eu mudei a forma de me comportar. O que acontece no meu país? As pessoas têm o hábito de cumprimentar os outros na rua mesmo não conhecendo, dar um “boa tarde”, um “bom dia”, “boa noite”. Aqui não é assim, não. Você cumprimenta, as pessoas te olham e nem respondem. Poucas respondem, mas a maioria não responde. E também a forma de ver a pessoa como ser humano em si. Lá em Angola eu acho que as pessoas são muito humanistas. As pessoas se preocupam com o próximo, mesmo não conhecendo só o fato de ser humano o pessoal se preocupa. Vamos supor: se estiveres perdida e não tiveres onde morar, as pessoas acolhem. Como eu contei no princípio, quando fomos para a província de Luanda nós não conhecíamos ninguém. A pessoa que nos acolheu não era parenta, não era nada, nos conhecemos no mesmo navio, mas simplesmente ela viu a situação em que nos encontrávamos e nos acolheu. Lá vê-se muito esse lado, as pessoas são muito acolhedoras. Aqui não se vê isso, aqui é cada um por si e Deus por todos. Aqui as pessoas são muito egocêntricas, aqui vela-se muito pelo o que é meu e não pelo que é nosso. Muitos dizem que o Brasil é um país acolhedor, mas acolhedor parcialmente. O brasileiro é um povo alegre, claro, acolhe, mas passa fome, fica sem grana, sem dinheiro, vai bater à porta de qualquer um que você não conhece no sentido de te dar um prato de comida, no sentido de acolher durante uma noite... Não digo que são todos, alguém pode até acontecer, mas a probabilidade é mínima.

Se mudou muito o meu comportamento? Mudou, em algumas coisas direta ou indiretamente você é influenciado. Uma das coisas que eu sofri influência foi a forma de me alimentar. Aqui o pessoal come tudo num único prato! Pega arroz, pega feijão, salada, peixe, pirão, ovo, batatas fritas, pega tudo e coloca num único prato. Lá não é assim! Lá tem o prato principal, que pode ser o *funji*, que é uma das comidas mais populares. Cada província tem a forma de prepará-lo, nas províncias do sul usa-se muito *funji* de milho, que aqui é o fubá, e no norte usa-se muito a farinha de mandioca, que é o *funji* de bobó. Para acompanhá-lo, tem um molho, pode ser um molho de berinjela, ou o kalulu, que eu gosto muito! E é só, o prato principal e o *funji* com o que acompanha, simplesmente. Aqui não, aqui as pessoas colocam o fubá, nesse caso o pirão, o arroz, a

massa, colocam tudo, vão botando, botando... Então, a forma de me alimentar me influenciou bastante. A forma de vestir nem tanto, porque mesmo vivendo em Luanda nós não temos muito aquilo de vestir o que é regional, poucos usam o pano no seu dia a dia.

O que mudou também foi a forma de me relacionar com as pessoas, óbvio que lá eu cumprimentava quase todo mundo. Aqui, para não me acharem louca, eu tive me adequar ao meio. Se for para cumprimentar as pessoas conhecidas, eu cumprimento. Se não conhecer, eu cumprimento a primeira vez. Se a pessoa responde, está tudo bem; se não responde, pronto, não cumprimento mais.

Hoje, estando aqui, eu olho o meu país de uma forma diferente. Eu acho que toda a pessoa que sai do seu país, que sai da sua zona de conforto, da acomodação e vai para outro país acaba vendo o seu país de origem de outra forma, porque direta ou indiretamente você é influenciado, o meio influencia e você começa a ver que o que é anormal lá num outro lugar é normal. O anormal lá não é uma doença propriamente, mas é uma forma de como a população de lá vê aquela situação, a questão política e cultural acima de tudo.

Direta ou indiretamente, você passa a valorizar mais a sua própria cultura, no meu caso eu passei a valorizar mais a minha cultura, a gostar mais do meu continente. Antes eu não tinha uma visão do que realmente significava ser africano, o que significava ser angolana. Lá eu me via como mais uma, mas agora vejo que sou uma angolana especial, que sou africana, e tenho muito orgulho de ser africana e ser angolana ao mesmo tempo. Primeiro, pelo fato do meu continente ser o berço da humanidade. Segundo, consigo enxergar que cada província tem a sua própria cultura e vela-se, preserva-se essa cultura. Eu acho que os grupos não perderam sua identidade. Como africana eu vejo que o povo africano é um povo especial! Como negra me olho e me sinto mais negra do que outra coisa, eu gosto do meu tom de pele, gosto do meu cabelo crespo, gosto de tudo...!

Estando aqui, eu acho que tenho uma visão diferente com relação à visão que eu tinha quando estava em Angola. Eu acho que agora eu defendo mais, eu levanto mais a bandeira africana, levanto mais a bandeira como angolana, especialmente. Respeito mais, compreendo algumas coisas que acontecem e ao mesmo tempo acho que agora eu me preocupo mais com os angolanos, entendo mais algumas situações. Por exemplo: o que acontece na sociedade angolana, questões políticas, eu vejo que é fundamental as

peessoas lutarem pelos seus direitos, é fundamental as pessoas saírem às ruas, gritarem por liberdade de expressão, é fundamental as pessoas gritarem por aumento de salário, é fundamental as pessoas gritarem para terem uma educação melhor, uma saúde melhor. Eu acho que, às vezes, só com o grito consegue-se muita coisa. As pessoas que estão a sofrer e a passar dificuldades têm que entender que ficar simplesmente na acomodação e na tranquilidade não conquista-se nada. Acho que agora eu compreendo que isso é necessário.

Eu acho que a experiência brasileira me influenciou, mas também a Primavera Árabe, principalmente o Egito. Há uma enorme diferença entre o Egito do século XIX e o Egito do século XXI. Em alguns países africanos, as pessoas saem às ruas, discutem os seus direitos e vão à luta com o partido no poder e com os órgãos responsáveis, seja Ministério da Educação, Ministério da Agricultura... Aqui no Brasil é normal as pessoas lutarem por cota racial, reivindicarem por uma educação melhor, participarem de fóruns, como é o caso da cúpula social, na qual eu participei representando a UNEA a convite do CDHDIC. Vejo que é necessária essa briga, essa mobilização, porque só assim é que se consegue algo. Eu vi, afinal, que é bom velar pelos interesses, e o Brasil influenciou de uma forma direta para essa mudança no meu pensamento.

Aqui eu me sinto estrangeira! Já passei da fase de adaptação, mas ainda me sinto um pássaro fora do seu ninho... A maior dificuldade é quando você está a necessitar de alguma coisa e você sabe que enquanto não enviarem de lá você vai passar fome. Embora haja angolanos aqui, você sabe que enquanto o pessoal não disponibilizar lá, aqui você não tem. Vamos supor: no caso de pagar faculdade, se o dinheiro não vier, você não paga. Lá em Angola, nem que o dinheiro atrasasse, você haveria a probabilidade de ligar para um tio e dizer: “Tio eu preciso de um dinheiro para pagar a universidade, mas no dia tal eu vou te dar.”. O tio pode arranjar. Aqui não, aqui que tio vai fazer isso? Você não pode ir para outro angolano porque você sabe que ele está na mesma situação e nas mesmas condições que você. Então, essa é a dificuldade.

Às vezes quando bate mesmo a saudade... A tua casa, a tua terra, o teu povo, a tua língua é a tua língua... Como disse o nosso primeiro presidente da república: “Mas havemos de voltar...”. As nossas mulembas, as nossas comidas, a nossa cultura, o nosso povo, até o ar que você respira... Eu me sinto estrangeira aqui, o ar... tudo é diferente... a forma do sorrir do meu povo é diferente dos daqui. Então, eu sou estrangeira, eu me sinto estrangeira aqui no Brasil!

Paulina Hilária Alfredo

Fui a primeira mulher do meu esposo. Depois surgiu uma e depois outra e eu disse: “Não, chega”!

Meu nome é Paulina Hilária Alfredo. Nasci na província do Uíge, Angola, dia 19 de agosto de 1963. Fiz os estudos primários na antiga missão católica feminina de 1969 até 1974, já na véspera da independência de Angola. Minha mãe era doméstica e meu pai exercia a função de alfaiate, fazia roupas... Esse era o rendimento que sustentava a família. Somos oito filhos, três homens e cinco mulheres... Uma família numerosa.

Nessa altura, as principais atividades da província eram a agricultura e o cultivo de café. A agricultura era de subsistência, aquela que fazem os camponeses para sustentar as famílias. A escola pertencia à igreja católica do município. Naquela época, na missão tinham 63 meninas de diferentes idades. A maioria das professoras era portuguesa, mas tinham algumas angolanas também. Apesar de ser uma missão católica, as professoras não eram freiras. Ensinavam bem, mas era uma disciplina bastante rigorosa, às vezes tinha castigo corporal. Para estudar lá tinha uma exigência: os pais deveriam ser casados para os filhos terem acesso à escolaridade.

Nessa altura, frequentei o primeiro ciclo, o ensino primário como se chamava. Quando iniciaram os movimentos de libertação, tivemos que interromper as aulas. Todas as famílias foram para a mata se defender dos confrontos. Os portugueses foram embora e a partir dali as pessoas ficaram dispersas na mata... Foi muito sofrimento!

Os grupos que lideravam a luta pela independência eram o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), a FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) e a UNITA (União Nacional para Independência Total de Angola). Na minha província, as pessoas, a princípio, não sabiam do processo de libertação, só ouviam falar, mas quando os grupos chegaram pessoas de lá apoiaram a FNLA, uma vez que estávamos no Norte de Angola. Alguns depois apoiaram o MPLA, mas a maioria apoiava a FNLA. A princípio, os revolucionários tratavam bem as pessoas da província, porque não as conheciam. Depois do início dos confrontos, começaram matar as pessoas... A FNLA matou muita gente lá na província depois que os três movimentos entraram em confronto.

Quando os portugueses saíram, a situação piorou... As pessoas ficaram dispersas, cada um salvava-se como podia...! A situação ficou muito difícil! Alguns homens tiveram que entrar para a tropa para se defenderem... Até chefes de famílias receberam armas. Nessa altura, já era o MPLA que dava as armas e preparava as pessoas para o pior! A situação ficou um caos...

Quando os portugueses estavam na província, antes da guerra de independência, na sua maioria eram fazendeiros e cafeicultores. A província de Uíge produzia bastante café e as grandes fazendas pertenciam aos portugueses. A maior parte dos trabalhadores e dos camponeses que trabalhavam nas lavouras de café era proveniente do Sul de Angola. Os meus pais não foram cafeicultores, mas os meus avôs foram. Eu era muito pequenina na época e quase nem conheci os meus avôs. Nós morávamos numa pequena vila rural chamada Kangola. Na nossa casa, tinha uma horta que era um pouco distante, pelo menos um a dois quilómetros de casa...

Os meus pais perceberam os movimentos de libertação. Na altura, tinha uma rádio, A Voz de Angola, que dava as notícias para sensibilizar a população que a presença dos portugueses já não era conveniente e mobilizava todos para ajudarem a expulsá-los. Quando os portugueses foram embora, eu ainda era pequena. Ficamos sabendo que eles foram porque muitos jovens traziam as informações. Alguns portugueses saíram da vila e foram para a cidade do Uíge. Muitos nem chegaram, foram mortos no percurso porque essa foi uma região de guerrilha.

Quando voltamos da mata a escola, minha casa, tudo estava completamente destruído, não tinha sobrado nada!... Saímos da vila e fomos para uma aldeia próxima... O meu pai continuou com a mesma profissão, mas eu já não estava próxima dos meus pais, pois fui continuar os estudos numa outra cidade, na pequena cidade do Negage, que é a cidade do Moisés. Eu morava com o meu irmão mais velho, ele era da segurança do Estado e cuidou mim a partir dali. Ali continuei também na escola católica feminina... Fiquei dois anos, 1977 e 1978, e depois fui para cidade de Uíge, onde fiz o ensino médio.

Nessa época, Angola se tornou independente, Agostinho Neto tornou-se presidente de Angola e, como havia poucos quadros, começaram a vir os professores cubanos. No princípio, foi um bocadinho difícil aprender com professores de língua espanhola. Nessa altura, eu estava no terceiro nível, sétima e oitava classes. Depois passei para o INE, o Instituto Normal de Educação, na especialidade de Geografia e

História, sempre com professores cubanos. Eu sempre fui uma boa aluna e, como havia carência de professores para lecionar no primeiro ciclo fui selecionada e comecei a dar aulas. Ainda nem tinha completado 18 anos. Depois de terminar o ensino médio, eu me casei e desse casamento resultaram três filhos, seriam quatro, mas o primeiro faleceu três semanas após o nascimento.

Quando terminei o ensino médio, continuei a dar aulas e depois fui encaminhada para a província de Lubango. Na altura, não tinha ensino superior na cidade de Uíge. Então, fui para a cidade de Luanda – isso já em 1990, no período da guerra civil. Nessa época, a situação foi muito difícil, muito difícil...

No pós-independência, o governo angolano optou pela via socialista, aliando-se com Cuba, União Soviética e os países do Leste Europeu. Mas a situação do povo ficou difícil... A transformação de Angola num país socialista foi muito difícil, pois nessa época a guerra civil se intensificou...

Com a guerra civil, não havia produção nenhuma. Angola não produzia nada, nem comida! Havia muitas dificuldades no seio das famílias... A população não viveu a experiência socialista de forma nenhuma, não houve distribuição de terras, nada. Pelo contrário, o processo de industrialização parou. Nem o café, que era uma das nossas maiores produções, aguentou o impacto no mercado... Não havia produção, e os cafeicultores estavam completamente descapitalizados.

A guerra civil que se instalou em Angola, para mim –s que na época era estudante de História e Geografia –, foi muito difícil. Eu pensava que, com a revolução, as coisas iriam melhorar... Mas não, a guerra civil interrompeu o melhoramento das condições sociais de Angola e da sociedade no seu todo. E mesmo com o fim da guerra a situação não melhorou... E por que não melhorou? Porque os governantes angolanos não têm sido honestos. Eles dizem que Angola está em franco desenvolvimento, mas não é um desenvolvimento para as comunidades...

Eu fui militante estudantil. Fiz parte da associação de alunos do ensino médio e no ensino superior, pertenci ao núcleo dos estudantes. No ensino médio, os estudantes eram mais mobilizados, porque na época era um regime de partido único, não havia oposição, todos os estudantes eram obrigados praticamente a apoiar o partido no poder. E apoiavam por quê?... Por exemplo: para os jovens do sexo masculino, era obrigatório o cumprimento do serviço militar. Quando completavam 18 anos, tinham obrigatoriamente que ir para a tropa... A associação dos alunos do ensino médio

também fazia parte, de que forma? Mobilizavam os jovens para o cumprimento do serviço militar obrigatório. E aí os jovens iam para a guerra... Muitos morreram! Foram e nunca mais voltaram...

As forças armadas angolanas estavam mais do lado do governo. Do outro lado, na mata, havia a FNLA e as forças da UNITA. Depois houve um acordo entre a FNLA e a UNITA. As pessoas da mata estavam junto com a FNLA e a UNITA, e a população das cidades estava com o MPLA. Nesse tempo, o Agostinho Neto já tinha morrido. Depois da independência, ele ficou como presidente da república só uns quatro anos, até setembro 1979. Quem o substituiu foi o José Eduardo dos Santos, que está no poder até hoje.

A reivindicação da UNITA e da FNLA era que houvesse eleições. Havendo eleições, qualquer um deles poderia se tornar presidente da república. Proclamaram-se, então, três independências: Agostinho Neto proclamou a independência em Luanda, Holden Roberto proclamou a independência em Ambriz e Jonas Savimbi proclamou a independência em Huambo. Mas a reconhecida foi a do Agostinho Neto em Luanda... Talvez teria tido vantagem por estar na capital. Então, a partir dali teve o reconhecimento total dos outros países, e um dos primeiros países a reconhecer a independência de Angola foi o Brasil.

Os meus amigos e parentes que moravam na cidade eram favoráveis a Agostinho Neto, portanto ao MPLA. Não havia outra opção, pois a oposição estava na mata... Angola se tornou um regime de partido único. Também nós achávamos que os grupos que estavam na mata eram bandidos... Achávamos isso porque havia muita morte, havia muitos ataques. Os camponeses que iam para lá eram constantemente atacados e mortos. Nós tínhamos aquela convicção que só estavam na mata para matar e não para fazerem o bem às populações. Nós acreditávamos que o MPLA era a melhor solução. E tinha uma campanha para nos fazer acreditar que as pessoas da FNLA e da UNITA não prestavam e que só estavam ali para matar, que o MPLA era o melhor partido, que cuidava da população e das comunidades.

Em 1992, tiveram as eleições. Houve o Acordo de Lusaka que favoreceu a trégua e a paz para a concretização das eleições. Teve muita campanha eleitoral, cada um fez a sua campanha política. Eles falavam que a guerra acabou e que seriam novos tempos, que haveria mudanças. Cada um trazia o seu programa, diziam que melhorariam as condições de vida da população, que haveria água para todos, haveria

saúde, hospitais, escolas, melhoramentos das estradas, empregos... Todos faziam a mesma promessa.

O MPLA ganhou, mas a UNITA teve cerca de 70 assentos no parlamento, 70 deputados. Só que mesmo assim o Jonas Savimbi não aceitou o cargo de vice-presidente e voltou à guerra novamente... Esta foi pior, muito pior! A maior parte das pessoas ficou dividida... Essa guerra dividiu a maior parte das famílias angolanas, uns ficaram de um lado e outros ficaram do outro... Quem estava na cidade não podia voltar para o campo e quem esteve no campo não podia vir para a cidade. Houve desarmamento da população antes das eleições, mas nas tropas da UNITA esse desarmamento não aconteceu. Nessa altura, não encontrei com os meus pais, que ficaram no campo. A minha mãe morreu...

O desarmamento foi por uma campanha de convencimento porque houve até alguns países que vieram supervisionar: a União Soviética na altura, Portugal, Cuba, África do Sul... Tiveram lá os mediadores que assistiram tudo... Todos pensaram que as tropas da UNITA haviam entregado o armamento, mas eles esconderam. Se a situação foi difícil após a independência, a guerra pós-eleitoral foi muito pior... Esta que dividiu severamente as famílias...

Nessa altura, eu já fazia o curso de História. Nós discutíamos os processos internos de independência, mas o sistema, o governo não dava oportunidade para o debate, não dava ouvidos às reclamações dos estudantes. Os professores universitários, em sua maioria, são neutros... Acredito que estão mais do lado do governo do MPLA...

Depois de 1992, só foram realizadas eleições em 2008. Muito tempo depois... Alegava-se que não havia condições porque a guerra pós-eleitoral não permitiu realizar novas eleições. O Savimbi já estava morto, ele morreu em 2002 e as eleições só aconteceram em 2008.

O acordo de paz, chamado Acordo de Luena, foi assinado em abril de 2002, após a morte do Savimbi. Eugênio Manuvakola foi o representante da UNITA nas negociações. Nesse período, ele era o homem mais forte da UNITA, mas depois deu lugar ao Isaias Samakuva. A FNLA ainda existe, mas muito reduzida, não tem muita voz no parlamento, ou melhor, no seio dos partidos de oposição de Angola.

Hoje as manifestações estudantis não têm lugar porque o governo não permite. Nem deixa os movimentos irem para a rua. Reprimem os estudantes. Achem que os estudantes querem reclamar, falar da má governação... A polícia está ali e pronto!

A Universidade Agostinho Neto opta pela formação. O papel dela é a formação das novas gerações, tentam convencer os estudantes a lutarem para ver se a situação melhora.

Tem um partido novo, o PRS, que tem mais assentos no parlamento que a FNLA. O PRS tem oito assentos e a FNLA, só cinco. Os intelectuais estão praticamente em todos os partidos. Na UNITA, tem muitos, só que aqueles que estão do lado do governo são os que falam mais alto. No governo, praticamente a maioria é do MPLA. Logo depois da assinatura dos acordos em 2002, havia três províncias que os governadores eram da UNITA. Algumas pastas ministeriais também passaram para a UNITA. Agora não, de 70 passou para 16... Atualmente, a UNITA só tem 16 assentos no parlamento.

O conteúdo, no caso da disciplina de História nas escolas, tem uma carga ideológica do governo. Mas, entre os jovens, o desemprego é maior. Há um certo descontentamento da população, principalmente nas camadas mais jovens. No próximo ano, haverá eleições e o governo está a prometer emprego. Alguns dirigentes vão para as províncias e prometem emprego aos jovens, prometem casas, prometem muitas coisas para convencer os jovens a votarem novamente no MPLA.

Angola, de fato, é um país muito rico. Já os governantes que estão à frente são sempre os mesmos. Se for embaixador e amanhã deixa de ser, muito provável que será ministro. É um círculo vicioso! São sempre as mesmas pessoas, não deixam os jovens que têm outro pensamento liderarem certos ministérios. Não deixam, são sempre os mesmos. Enfim, essa situação, de fato, não está boa... E fica muito difícil porque ninguém pode se manifestar, eles manipulam tudo. Uma minoria de pessoas tem o poder econômico. As riquezas estão muito mal distribuídas no seio sociedade angolana...

O problema é que não dão chance das pessoas reivindicarem. Os movimentos sindicais praticamente não existem. O governo não deixa que as pessoas reivindiquem e que discutam os seus direitos. Os políticos só prometem e, das promessas, não passam. Não deixam as pessoas fazerem greve e não resolvem nada dessa situação. Os que estão no topo, naquele círculo vicioso, não deixam as pessoas expressar sua vontade. A tal liberdade de imprensa não existe. Mesmo os jornalistas não podem divulgar muita coisa que se passa. Até tem algumas emissoras de rádio que tentam dizer alguma coisa. Agora, a televisão e a rádio local trabalham mais para o governo e não deixam que as pessoas se expressem ou façam reivindicações.

Eu quero vir estudar no Brasil por vários motivos. Primeiro, quero continuar a minha formação superior e quem sabe um dia, quando voltar a Angola, a minha voz se faça sentir contra essa situação de desigualdade e injustiça. Quem sabe o nosso ponto de vista um dia possa ser levado em conta.

O meu principal objetivo é estudar a cultura banto, que está presente em vários grupos étnicos. Entretanto, pretendo estudar especificamente os kimbundos, levando em conta a situação, o grau de analfabetismo que é bastante elevado. Talvez essa seja uma das principais causas que faz com que as comunidades em Angola, principalmente as rurais, não se revoltam para reivindicar os seus direitos perante as autoridades. Pretendo estudar os bantos porque é o grupo que me identifica como angolana e me diferencia de outro angolano qualquer. Eu falo kimbundo!

Os kimbundos são assim: o poder é masculino, o chefe da família é o pai. Muitas vezes o filho está com algum problema e conta para a mãe. A mãe tem que transferir tudo para o pai, porque ele que é o chefe da família. Ele é o responsável e deve resolver todos os problemas. Se o pai não consegue resolver sozinho, ele une as duas famílias, tanto a família materna quanto a paterna, e tentam resolver o problema. No seio da comunidade, quando há algum problema – um crime, por exemplo –, a família tem que pagar alguma indenização. Os mais velhos da aldeia, os sobas, se reúnem, conversam e determinam a indenização que a família do criminoso irá pagar à pessoa ofendida. A partir dali, a família recebe uma repreensão da comunidade. Muitas vezes o filho não quer ver a família envergonhada, então ele se desloca, vai para outra área, fica lá certo tempo, até as pessoas esquecerem o crime, e depois volta. No caso de crimes que envolvem morte, as autoridades tradicionais não têm voz, quem soluciona e dá a punição é a justiça civil estatal. Nos pequenos casos, quem resolve são as autoridades tradicionais, os sobas, os mais velhos da aldeia. Os sobas, muitas vezes, têm ligações com o governo. Em ano de eleição, eles recebem dinheiro para influenciar a comunidade...

Os casamentos, por exemplo, são arranjados pelas famílias. Os pais dirigem a negociação: “Eu quero que a tua filha seja reservada para o meu filho porque você é de uma boa família, uma família de referência, uma família de respeito, não tem crimes no seio da comunidade...”. E o pai da outra parte normalmente aceita. Se a menina ainda

for muito jovem, espera-se um tempo, pode ser dois ou três anos. Quando ela ficar crescidinha e estiver preparada, os pais reúnem as duas famílias, ocasião em que se dá o tal *alambamento* e certa compensação da família do rapaz para a família da moça. Essa compensação pode ser em dinheiro, pode ser em bens, o que a família determinar.

Muitas famílias são poligâmicas, o homem pode ter várias mulheres. Geralmente, a primeira esposa aceita as outras e não há conflitos. Pelo contrário, às vezes quando o esposo faz compra, quem faz a divisão é a mais velha. Se comprar blusas, por exemplo, ela que vai distribuir para as outras. É assim, por exemplo, nas refeições: se o homem tiver duas ou três esposas, todas cozinham e põe comida na mesa, todos vão comer ali. As mães geralmente comem cada uma no seu cantinho, mas o pai e os filhos das três sentam-se à mesa.

Se acontecer da mulher ter um amante, aí é um problema! O amante vai pagar caro! É considerado crime! Os mais velhos da aldeia vêm e determinam a quantia monetária que ele deverá pagar ao esposo traído. Às vezes há briga, mas de qualquer forma ele tem que pagar a compensação. Às vezes tem morte, mas é muito raro acontecer.

Eu vivi essa realidade. Fui a primeira mulher do meu esposo. Depois surgiu uma e depois outra, e eu disse: “Não, chega! Você fica lá com elas, eu não posso aguentar!”. Eu o mandei embora. E ele foi... Avisei a mãe dele, eu disse a ela: “Avisa o teu filho que ele não me procure mais!”. Pensei: “Não posso aceitar essa situação!”. O homem angolano gosta de muitas mulheres e muitas vezes ele mente. Por exemplo: você o espera para o almoço em casa ou está com o filho doente e precisa da ajuda dele, e ele não aparece em casa, não vem dormir em casa! Ele diz que está no sítio tal, que o pneu do carro furou, que não pôde vir porque estava no engarrafamento, diz que dormiu no serviço... Enfim, mente e depois você descobre a verdade. O angolano tem muito disso...

As mulheres da cidade são mais resistentes a essas situações. Como já disse, eu vivi essa realidade! Hoje eu estou sozinha e não aceito ser segunda esposa, tenho que ser a única!

Por lei, a esposa tem que ser única, para melhor gerir o lar, educar os filhos, partilhar as despesas e fazer tudo o que for necessário. Então, você precisa de um marido que esteja sempre ao seu lado. Não sei explicar se isso é uma ruptura com a cultura tradicional, mas, para mim, na lógica o esposo só tem que ter uma mulher. Sei

que na lógica africana não é assim, mas não posso aceitar o homem ter mais que uma esposa!

A minha mãe também viveu essa condição. Depois da independência, o meu pai arranhou mais uma mulher, e ela veio morar junto com a gente. Quando o meu pai comprava alguma coisa, ele mesmo fazia a divisão: uma parte para minha mãe e para nós, e uma parte para ela e os filhos. Nós consideramos os filhos dela como irmãos. Somos irmãos! Nós não nos vemos muito porque eu moro em Luanda e eles estão em outra província.

Para terminar, eu gostaria que esta entrevista fosse útil. Espero que eu tenha a oportunidade de um dia vir estudar na USP para eu poder dar o contributo necessário para as mulheres do meu país... Tocar a vida e lutarmos pelos nossos direitos que são acometidos pelas injustiças de nossos governantes.

Bibliografia

- ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. *A Situação dos Refugiados no Mundo*. Cinquenta anos de ação humanitária. Genebra: ACNUR, 2000.
- ANDRADE, José H. Fischel de. *Direito Internacional dos Refugiados: evolução histórica (1921-1952)*. Rio de Janeiro: Renovar, 1996.
- APPIAH, Kwame Antony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- _____. “Cultura, comunidade e cidadania”. HELLER, Agnes. *A crise dos paradigmas em Ciências Sociais e os desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.
- ARAÚJO, Nádia de; ALMEIDA, Guilherme Assis de (coord.). *O Direito Internacional dos Refugiados: uma perspectiva brasileira*. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.
- ARAÚJO, Washington. “O desafio de ser refugiado”. MILESI, Rosita (org.) *Refugiados: realidades e perspectivas*. Brasília: CSEM/IMDH; Edições Loyola, 2003.
- BASSEGIO, Luiz. “Imigrantes: protagonistas de outra integração”. In: *Anais de Migrantes e Direitos Humanos*. São Paulo: CMDH, 2008.
- BOM MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de História Oral* 4º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- _____. *Brasil fora de si: experiências de brasileiros em Nova York*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- _____; HOLANDA, Fabíola. *História Oral. Como fazer, como pensar*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- _____; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. *Guia prático de História Oral – Para empresas, universidades, comunidades, famílias*. São Paulo: Contexto, 2011.
- BOM MEIHY, Murilo Sebe; MATTOS, Pablo de Oliveira de. *África contemporânea*. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.
- BRITO, Fausto. Ensaio sobre as imigrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo. In: *Revista Brasileira de Estudos de População*. Campinas, 12(1/2), 1995.
- CABAÇO, José Luis. “Violência atmosférica e violências subjectivas: uma experiência pessoal”. In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 26, nº 76, 2011, p. 214.

- CARDOSO, Maurício; MARKUNAS, Mônica; NERES, Júlio Maria. *Negro e negritude*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2006
- CARREIRA. *Cabo Verde: aspectos sociais, secas e fomes do século XX*. 2ª ed., Lisboa: Ulmeiro, 1984.
- CHAUVEAU, Agnes; TÉTART, Phillipe. “Questões para a história do presente”.
- CHAUVEAU, Agnes; TÉTART, Phillipe (orgs.). *Questões para o presente*. Bauru: EDUSC, 1999.
- CHAVES, Rita de Cássia Natal. *A formação do romance angolano*. São Paulo: Via Atlântica / Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa, 1999
- CONCEIÇÃO, José Maria Nunes Pereira. *Angola: uma política externa em contexto de crise (1975-1994)*. Tese de doutoramento em Sociologia apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, abril de 1999.
- DELGADO, Lucila A. Neves, et alii. *História Oral*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2007.
- FAVARETTO, Julia Spiguel. *Descolonizando saberes: história de bolivianos em São Paulo*. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em 2012.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. “História, tempo presente e história oral” in *Topoi*, Rio de Janeiro, dezembro de 2009.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro à sociedade de classes*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1964.
- _____. *O negro no mundo dos brancos*. 2ª ed. São Paulo: Global, 2007.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2003.
- FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas, 2006.
- FRANK, Robert. “Questões para as fontes do presente”. In CHAUVEAU, Agnes; TÉTART, Phillipe (orgs.). *Questões para o presente*. Bauru: EDUSC, 1999.
- KOLTAI, Caterina. *Política e Psicanálise. O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 2000.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. *Os Filhos da Terra do Sol: formação do Estado-Nação em Cabo Verde*. São Paulo: Selo Negro Editora, 2002

IANNI, Octavio. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

IOKOI, Zilda Márcia Gricoli. “Imigrantes invisíveis: a História Oral como paradigma da luta contra o colonialismo cultural”. In <http://diversitas.fflch.usp.br/files/imigrantes%20invisiveis.pdf>, 2008.

JUBILUT, Liliana Lyra. *O Direito Internacional dos Refugiados e sua Aplicação no Ordenamento Jurídico Brasileiro*. 2003. Dissertação (Mestrado em Direito Internacional). Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

LIBERATTI, Marco Antonio. *A Guerra Civil em Angola: dimensões históricas e contemporâneas*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, 2000.

MARQUES, Carla Cristina. “O Brasil e a Questão dos Refugiados”, In: *Migrações Internacionais: desafios para o século XXI*. São Paulo: Memorial do Imigrante, 2007.

MBEMBE, Achille. “As formas africanas de auto-inscrição”. In: *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 23, nº 1, 2001, pp. 171-2009.

MENESES, Solival. *Mama Angola: sociedade e economia de um país nascente*. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 2000.

MILESI, Rosita (org.). *Refugiados: realidade e perspectivas*, Brasília: CSEM; IMDH; Edições Loyola, 2003.

MIGNOLO, Walter D. “El potencial epistemológico de la historia oral: algunas contribuciones de Silvia Rivera Cusicanqui”. En: Daniel Mato (coord.): *Estudios y Otras Prácticas Intelectuales Latinoamericanas en Cultura y Poder*. Caracas: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO) y CEAP, FACES, Universidad Central de Venezuela.

MUNANGA, Kabengele. “Trinta anos de processo de independência”. In *Revista USP*, Dossiê Brasil/África, n. 18, jun.-ago./1993.

NGULUVE. Alberto Kapitango. *Política educacional angolana (1976-2005): organização, desenvolvimento e perspectivas*. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2006.

- NOBREGA, Ricardo. “Migraciones y modernidad brasileña: italianos, nordestinos y bolivianos em San Pablo” In NOVIK, Susana (org.) *Las migraciones en América Latina: políticas, culturas y estrategias*. Buenos Aires: Catálogos, 2008.
- ONDJAKI. *Avó dezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- ONDJAKI. *Os da minha rua*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.
- OLIVEIRA, Tânia Biazioli de. *O esquecimento do passado por refugiados africanos*. Dissertação de Mestrado apresentada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2011.
- PAIVA, Odair da Cruz. Refugiados de guerra e imigração para o Brasil nos anos 1940 e 1950: apontamentos. *Travessia - Revista do Migrante*. São Paulo, ano XIII, nº 37, pp.25-30, maio/ago. 2000.
- PATARRA, Neide Lopes (coord.). *Migrações internacionais: herança XX, agenda XXI*. Campinas: FNUAP; São Paulo: Oficina Editoria, 1996.
- PEPETELA. *Mayombe*. Luanda: Edições Maianga, 2004
- PETRUS, Maria Regina. *Emigrar de Angola e Imigrar no Brasil – jovens imigrantes angolanos: história(s), trajetórias e redes sociais*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.
- _____. Jovens migrantes no Rio de Janeiro: relatos e diálogos. *Travessia: Revista do Migrante*, nº 37, 2000
- POLLAK, Michael. “Memória e identidade social” In. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.
- RIBEIRO, José Teixeira Lopes. “Migração Internacional Brasil-África; Angola em destaque”. In: PATARRA, Neide Lopes (coord.). *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo*. São Paulo. FUNAP, 1995
- ROSSINI, Rosa Ester. “A Interculturalidade na metrópole: os velhos e os novos imigrantes internacionais”. In: CARLOS, Ana Fani A. e OLIVEIRA Ariovaldo Umbelino de (orgs.) *Geografias de São Paulo*. São Paulo: Contexto, 2004
- SANTOS, Antônia de Lourdes dos. *Angolanos em São Paulo: socialização, rede familiar e suas histórias de vida e de luta*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, 2005.
- SANTOS, Boaventura de Souza (org.) *Vozes do Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009

_____. “Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes” *In Novos Estudos*, nº 79, novembro de 2007, p. 80.

SANTOS, Daniel dos. “A formação do estado em Angola na época da globalização”. *In Revista Antropolítica*, Niterói, n. 22, 1º sem. 2007.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

SERRANO, Carlos. *Angola - Nascimento de uma nação: um estudo sobre a construção da identidade nacional*. Luanda: Kilombelombe, 2008.

_____. “O romance como documento social: o caso de Mayombe”. *In Via Atlântica*, nº 3, dez/1999, p. 136.

SIRINELLI, Jean-François, “Ideologia, tempo e história”. *In CHAUVEAU, Agnes; TÉTART, Phillipe (orgs.). Questões para o presente*. Bauru: EDUSC, 1999.

SPRANDEL, Márcia Anita; MILESI, Rosita. “O Acolhimento a Refugiados no Brasil: Histórico, Dados e Reflexos”. *In: MILESI, Rosita (org.) Refugiados: realidades e perspectivas*. Brasília: CSEM/IMDH; Edições Loyola, 2003.

TALI, Jean-Michel Mabeko. *Dissidências e poder de Estado: o MPLA perante si próprio (1962-1977)*. Vol. II: 1974-1977. Luanda: Editorial Nzila, 2001.

TATI, João Tiburcio. *Restos de guerra: trajetórias e modos de vida dos jovens no município do Cacuaco, Luanda – Angola, 2009*. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo em 2009

VIANA, Oliveira. *Ensaaios Inéditos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

Periódicos

Semanário Angolense, edição 453 – Ano VII, de 18 de janeiro de 2012

Semanário Angolense, edição 486 – Ano VII, de 13 de outubro de 2012

Sites

http://www.embaixadadeangola.com.br/v2/index.php?option=com_content&view=article&id=58&Itemid=69

<http://abemdanacao.blogs.sapo.pt/732503.html>

<http://www.unhcr.org/3e2d4d505.html>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_pa%C3%ADses_por_PIB_nominal

<http://www.eia.gov/countries/cab.cfm?fips=AO>

<http://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=65&c=ao&l=pt>

<http://www.sonangol.co.ao/wps/portal/epNew/atividades/concessions/mapaconcessoesl>

<http://www.pime.org.br/missaojovem/mjatualidafricadesas.htm>

<http://pissarro.home.sapo.pt/memorias21.htm>

<http://namibianoferreira.blogspot.com.br/2007/10/independncia-e-guerra-civil-1975-2002.html>

<http://www.taringa.net/posts/imagenes/15957048/Fotos-impactantes-que-hicieron-historia-de-1957-al-2003.html>

http://patriciaguinevere.blogspot.com.br/2010_06_01_archive.html

<http://www.miaf.org.br/noticias.asp?idnoticia=301&nome=angola-comemora-10-anos-de-paz-ap%C3%B3s-guerra-que-devastou-o-pa%C3%ADs>

http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados

http://www.odebrecht.com/sites/default/files/ra-2012-pt_3.pdf

<http://museuafrodigitalrio.org/v2/?p=1295>

<http://recordinternacional.r7.com/noticias/detalhes/conheca-a-empresa-20101026.html>

<http://www.revistaafro.com.br/destaques/o-roque-santeiro-da-africa/>

http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/120113_livropontesobreoatlanticopor2.pdf

<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/04/1269733-angola-proibe-operacao-de-igrejas-evangelicas-do-brasil.shtml>

<http://www.forbes.com/profile/isabel-dos-santos/>